

AS LIÇÕES DE SABEDORIA DAS FÁBULAS POPULARES

Um livro destinado a adultos, não perdendo um caráter infanto-juvenil, que se integra à fantasia natural e criatividade dos leitores, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, valores de família e espiritualidade. Livro destinado a leitores que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais e educativas, com temas úteis para a realidade social do momento.

LIVRO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro ressalta a importância das fábulas populares, que transmitem os conhecimentos dos fabulistas, filósofos e a experiência da cultura secular dos povos. Seu estudo proporciona um excelente recurso para o aumento de conhecimentos e antecipação de experiências, desenvolvendo a sabedoria para as mais variadas situações da vida. São mais de quatrocentas fábulas que tratam dos mais variados aspectos da personalidade, valores morais, caráter, emoções e comportamento humano. Enfim, sobre a vida! E são muitos os valores que podem ser trabalhados através das narrativas das fábulas, como o amor, a caridade, a prudência, a justiça, a honestidade, a paciência, o respeito, a responsabilidade, a persistência, o equilíbrio, entre outros. O livro ensina como interpretar o real significado das fábulas. Objetiva um resgate deste gênero literário, tão importante para o desenvolvimento pessoal, em especial para os jovens e crianças. Aborda, de forma resumida, biografia e dados curiosos de autores famosos de fábulas, além de ensinamentos e orientações sobre este importante gênero literário.

João José da Costa

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

Sejam bem-vindos à fabulosa escola das Lições de Sabedoria das Fábulas Populares!

A própria extensão do significado da palavra ‘fabuloso’, relativo à fábula, por si só expressa a grandeza deste gênero literário, ou seja, histórias pertencentes aos tempos mitológicos e não históricos. Histórias imaginárias, inventadas, fictícias. Histórias maravilhosas, admiráveis, grandiosas, incríveis.

E é neste mundo fabuloso que vamos entrar e nos aprofundar.

Nas páginas deste livro você terá a oportunidade de entrar em sintonia com o pensamento de autores, que eternizaram seus conhecimentos e sabedoria através de suas fábulas e que perpetuaram a cultura milenar dos povos. São fábulas que tratam dos mais variados aspectos do comportamento humano e da vida em sociedade!

A partir de agora, estas lições de vida das fábulas são colocadas ao seu alcance com interpretação e exemplificação. Aproveite esta fonte inesgotável de conhecimento e sabedoria. Isto será muito útil para os vários momentos de sua vida!

A fábula teve a sua origem no Oriente, mas foi particularmente desenvolvida por um escravo chamado Esopo, que viveu na Grécia Antiga no século 6º. A.C. Esopo foi, sem dúvida, o grande precursor das fábulas.

Embora Esopo não tenha deixado nenhuma fábula escrita, suas narrativas orais foram, posteriormente, registradas por alguns autores fabulistas, dentre os quais se destaca o romano Fedro. As fábulas de Esopo tiveram adaptações e atualizações por vários outros fabulistas. Mas, nunca perderam o mérito de sua originalidade. Esopo inventava histórias em que os animais eram os personagens. Por meio dos diálogos entre os bichos e das situações em que se envolviam, Esopo procurava transmitir lições de vida e sabedoria de caráter moral ao homem. Assim, os animais, nas fábulas, tornam-se exemplos para o ser humano a respeito do comportamento que devem ou não devem ter.

Nas fábulas de Esopo e de todas de outros autores que se seguiram inspiradas em suas fábulas, cada bicho simboliza algum aspecto ou qualidade do homem. Por exemplo: o lobo simboliza a traição, o leão representa a força, a raposa é um exemplo de astúcia, a formiga retrata o trabalho, o cordeiro a inocência e a bondade.

Apesar de gago, corcunda, de aparência rude e franzina, como dizem alguns historiadores, Esopo era inteligente, esperto e de muito bom senso. Por esse motivo, conquistou a liberdade como escravo e viajou por muitas terras dando conselhos através das fábulas. Ao ver as oferendas ao templo de Delfos e percebendo a cobiça dos sacerdotes, Esopo dirigiu sarcasmos aos religiosos. Enraivecidos, os sacerdotes decidiram vingar-se daquela atitude e armaram uma trama para acusá-lo de furto. Esopo foi

condenado à morte e jogado do alto de um abismo. Mas, as suas 600 fábulas continuaram a ser contadas, escritas e reescritas por outros fabulistas.

Esopo tornou-se famoso pelas suas histórias breves e objetivas de animais, cada uma delas com um sentido e um ensinamento. Seus personagens, apesar de selvagens e irracionais na vida real, falam, cometem erros, são sábios ou tolos, maus ou bons, exatamente como os homens. A intenção do fabulista era mostrar como o ser humano age ou deveria agir.

Ele nunca escreveu as suas fábulas criadas em sua imaginação. Apenas as contava para o povo, que gostava muito de ouvi-las, e as repetia em suas andanças. Apesar disso, somente duzentos anos após a sua morte é que elas foram transcritas para o papel e depois consolidadas com outras fábulas de vários outros fabulistas que, em várias épocas e civilizações, também inventaram contos de moralidade popular, mas cuja autoria permaneceu desconhecida.

Muitas fábulas de Esopo foram registradas por outros autores fabulistas, como Fedro, que viveu do ano 15 A.C. ao ano 50 D.C. Algumas fábulas de Fedro são extremamente conhecidas, como: ‘A rã e o boi’, ‘A raposa e as uvas’ e a conhecidíssima ‘O lobo e o cordeiro’. Coube a Fedro, quando se iniciou na literatura, enriquecer estilisticamente muitas fábulas de Esopo, todas não escritas, mas transmitidas oralmente. Assim, seus registros escritos serviam de aprendizagem, fixação e memorização dos valores morais do grupo social.

Deste modo, Fedro, como introdutor da fábula na literatura latina, redigia suas fábulas, normalmente sérias ou satíricas, tratando das injustiças, dos males sociais e políticos, expressando as atitudes dos fortes e oprimidos, mas de uma forma breve e divertida.

Na fábula ‘O lobo e o cordeiro’, Fedro deve ter se baseado nos acontecimentos de sua época para transmitir lição de moral e dizer que ‘esta fábula foi escrita por causa daqueles homens que oprimem os inocentes com pretextos falsos’.

Entre os anos de 1621 a 1695 viveu na França o mais importante fabulista da era moderna: Jean de La Fontaine. La Fontaine, além de reescrever muitas das fábulas antigas de Esopo e Fedro, criou suas próprias fábulas. É dele, por exemplo, a fábula mais conhecida de todo o ocidente – ‘A cigarra e a formiga’. La Fontaine usava a fábula para denunciar as misérias e as injustiças de sua época em versos e em prosa. Com La Fontaine, as fábulas ganharam um sentido mais moderno, pois, como participante da Corte Francesa, ele criticava a sociedade por meio de suas fábulas. Em sua obra prima ‘Fábulas Escolhidas’, ele mostra a vaidade e estupidez das pessoas, atribuindo tais características aos animais. A principal característica do seu

modo de escrever eram as rimas, o que facilitava a memorização das histórias.

No Brasil, Monteiro Lobato, célebre autor da prosa brasileira moderna que viveu de 1882 a 1948, interessou-se por este gênero tradicional, em seus planos de criar uma literatura brasileira voltada para as crianças e os jovens. O escritor brasileiro usou fábulas para criticar e denunciar as injustiças e as tiranias da sociedade, mostrando às crianças a vida como ela é. Em suas fábulas, Monteiro Lobato alerta que o melhor é esperto (inteligente), explica porque o forte sempre vence e afirma que o único meio de derrotar a força é a astúcia. Monteiro Lobato, publicou versões bem características de algumas fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine, além de apresentar algumas de sua própria autoria, apresentadas no cenário do Sítio do Pica-pau Amarelo.

O ser humano é um animal gregário, ou seja, um animal que vive em grupo com os seus semelhantes. Uma característica muito forte do ser humano é dividir com os demais membros do grupo os seus conhecimentos e experiências, bem ou malsucedidas. É a forma que todos encontram para ser útil, agradar, inspirar, impor, prevenir, advertir, ajudar, unir, proteger, demonstrar amizade, desenvolver o semelhante e outros sentimentos a outra pessoa.

Através da história, alguns autores com elevado grau de sapiência e perspicácia na observação dos mais variados comportamentos humanos, concluíram que muitos deles se repetiam, originando uma experiência de vida que determinava uma verdade para o comportamento certo e para o comportamento errado. Para repassar estas experiências para outras pessoas, criaram as fábulas.

Por que é importante conhecer as fábulas populares? Todos nós procuramos aprender com a experiência e sabedoria das outras pessoas, principalmente, com os mais velhos, mais experientes e mais sábios.

Assim, quando mais rapidamente aprendemos, mais nos preparamos para vencer os desafios da vida, aproveitar as oportunidades, entender melhor o mundo e as pessoas que nos rodeiam e até ser mais felizes e prevenir tristezas e frustrações.

As fábulas trazem séculos de experiência e sabedoria que você pode absorver, adquirindo cultura e antecipando experiências, mesmo não as tendo vivenciado. Como seres humanos, nós começamos a amadurecer quando tomamos consciência das próprias limitações.

O ser humano é limitado e as coisas que o cercam também! Uma das limitações humanas é a comunicação. E os problemas acontecem, queiramos ou não. Como já dissemos anteriormente, o ser humano é membro de um de uma sociedade. E existem certos princípios que valem para todos os homens nesta sociedade.

Estes princípios, que fazem parte da cultura, são valores transmitidos de geração em geração, de pais para filhos, dos mais velhos para os mais jovens, e correspondem ao mundo real e à verdade das coisas. Por este motivo são perenes e universais. As fábulas se voltam para a verdade da vida.

As fábulas têm a característica da perenidade, sobrevivem através dos tempos. E todas elas têm a finalidade de transmitir experiências e sabedoria. O que é mais importante é entender o profundo significado que as fábulas procuram transmitir, muitas trazendo experiências de vida e sabedoria constatadas através de muitos séculos.

Apesar de escritas de forma breve e objetiva, possuem geralmente um significado muito mais profundo e que precisa ser descoberto. Assim, a muitas delas não pode ser entendida ao pé da letra. Portanto, não é importante que você leia e conheça uma infinidade de fábulas, mas, sim, que você conheça o seu real significado e saiba avaliar como a aplicação de seus ensinamentos pode ser útil para a sua vida.

Portanto, não se esqueça: **MEDITE PROFUNDAMENTE SOBRE O SEU REAL SIGNIFICADO.**

Assim, você estará adquirindo uma valiosa experiência e sabedoria para vida, que o ajudará a vencer os obstáculos e se relacionar bem com as pessoas.

Uma última recomendação - não tenha pressa em ler este livro. Você tem uma vida toda. Avance na leitura à medida que conseguir avançar na correta interpretação das fábulas.

Eu me esforcei muito e me sentiria muito realizado se este meu modesto trabalho promovesse um maior uso e leitura das fábulas entre as crianças, fazendo reflorescer esta fabulosa escola das Lições de Sabedoria das Fábulas Populares!

Nós estaremos reproduzindo neste livro as fábulas mais conhecidas. Em alguns casos, vamos oferecer a interpretação, cuja história tem um sentido figurado, ou seja, transmite algo mais profundo do que o sentido mais simples das palavras com as quais foram elaboradas.

No passado, a leitura de fábulas era mais comum e não se tinha uma literatura tão vasta como se tem hoje. As fábulas não são mais difundidas como elas merecem e pode-se até encontrar pessoas que não conheçam o gênero literário representado pelas fábulas. Mas, o moral de muitas dessas histórias acabou se tornando provérbios ou expressões que, certamente, é de conhecimento de todos.

Frases como: ‘Quem ama o feio bonito lhe parece’, ‘Quem desdenha quer comprar’ ou ‘Mãe coruja’, são algumas expressões originárias de fábulas.

A fábula é uma narrativa fictícia e incrível de curta duração, sempre com o objetivo de transmitir um moral de comportamento. Os temas das fábulas

são variados e, geralmente, abordam histórias, como: a vitória da fraqueza sobre a força, da bondade sobre a astúcia, o fracasso dos preguiçosos, a perda pela ambição descontrolada, a injustiça contra os mais fracos.

As características de uma fábula se revelam através de personagens (geralmente animais) que, através de contos curtos, falam e transmitem sempre uma lição de vida, uma lição de moral. Estes personagens representam tipos humanos, como o egoísta, o ingênuo, o espertalhão, o vaidoso, o mentiroso, o cruel, o ambicioso, o avarento, a disputa entre fortes e fracos, a ganância, a gratidão, o bondoso, o tolo, entre muitos outros tipos.

A fábula se divide em duas partes: a narrativa da história, com os fatos que aconteceram, e o moral da história, a lição de vida.

A origem da fábula perde-se na antiguidade mais remota. As fábulas de Esopo já existiam antes de Cristo, como: ‘A Raposa e as Uvas’, ‘A Tartaruga e a Lebre’, ‘O Vento Norte e o Sol’, ‘O Menino que criava Lobo’, ‘O Lobo e o Cordeiro’. Estas fábulas são bem conhecidas pelo mundo afora.

As fábulas são tão antigas quanto as conversas dos homens. Às vezes, não se tem registro de sua autoria, pois elas eram transmitidas através da comunicação oral de um lado para outro. A própria palavra provém do latim FABULARE, que quer dizer: FALAR, CONVERSAR.

As fábulas introduzem valores humanos. E estes valores estão vivos e presentes no pensamento humano a todo o momento, determinando o comportamento e orientando a inteligência e a criatividade. E são muitos os valores que podem ser trabalhados através das narrativas das fábulas, como o amor, a caridade, a prudência, a justiça, a honestidade, a paciência, o respeito, a responsabilidade, a persistência, o equilíbrio, entre outros. E isto é particularmente importante para a formação de valores das crianças. Não se pode falar em educação infantil sem trabalhar os valores contidos nas narrativas das fábulas. E a transmissão desta experiência e lições de vida das fábulas aumentará substancialmente a possibilidade de uma melhor formação e relacionamento social.

Por serem narrativas curtas e bastante objetivas, as fábulas se apresentam como uma alternativa ideal para a educação em o mundo corrido em que vivemos hoje, rumo à humanização e espiritualidade.

Portanto, não podemos perder a oportunidade de nos aprofundar nesta escola das Lições de Sabedoria das Fábulas Populares! Nesta escola, vamos encontrar os subsídios valiosos para resgatar valores para as nossas vidas e para a educação de nossas crianças, de uma forma muito divertida.

Caro leitor, acrescente em sua rotina diária o hábito de contar fábulas para os seus filhos. Eles terão muito a ganhar com isto! E este livro poderá lhe

ser muito útil nesta missão de pai! Mas, lembre-se que muitas fábulas precisam ser atualizadas e adaptadas ao nível de compreensão da criança. Veja no exemplo abaixo, uma fábula no texto antigo e sua versão em um texto adaptado para crianças.

As árvores e machado (texto antigo editado em Portugal)

Um machado de aço bem forjado, faltando-lhe o cabo, via-se impedido de cortar. As árvores disseram então ao zambujeiro que lhe desse o cabo. E logo que o machado ficou encavado, um homem começou com ele a fazer madeira e a destruir o arvoredor.

Disse então o sobreiro ao freixo:

- *A culpa é nossa, que demos cabo ao machado para nosso mal, porque, se não lho déssemos, seguras poderíamos estar em relação a ele. Moral da história: Quem vir o seu contrário incapaz de lhe fazer mal, não o habilite nem lhe dê armas, se o vir desarmado. Virtude é perdoar ao inimigo, mas parvo é quem, além de lhe perdoar, o favorece tanto que depois possa com pouca ajuda matá-lo.*

As árvores e o machado (texto atualizado e adaptado pelo autor)

Um machado de aço bem afiado, faltando-lhe o cabo, via-se impedido de fazer o seu trabalho, que era o de cortar. As árvores disseram então à cerejeira que lhe desse o cabo. E logo que o machado ficou completo com o cabo, um homem começou a destruir as árvores para fazer madeira, usando o machado. Então, a cerejeira disse ao jequitibá:

- *A culpa é nossa, que demos cabo ao machado para nosso mal! Se não tivéssemos dado um de nossos galhos para fazer o seu cabo, nós estaríamos seguras e não precisaríamos ter medo do machado.*

Moral da história: Quem vir que o seu adversário está incapaz de lhe fazer mal, não lhe dê condições para que ele se torne capaz e nem lhe dê armas, se o vir desarmado. Virtude é perdoar ao inimigo, mas idiota é quem, além de lhe perdoar, o favorece tanto que depois ele possa prejudicá-lo.

Há fábulas, que para serem bem assimiladas e compreendidas pelas crianças, precisam ser debatidas, permitindo-se ao contador da fábula acrescentar textos com esta finalidade, estimulando a criança a participar e dar sua opinião.

Vejam um exemplo abaixo.

A formiga e a cigarra

A formiga e suas amigas trabalharam duramente durante o verão, colhendo sementes e folhas que armazenavam no formigueiro. As formigas sabiam que o inverno era rigoroso e elas não podiam sair para colher as sementes e folhas. Por isso, tinham que ter o formigueiro abastecido desta preciosa comida. Um pouco antes de começar o inverno, as formigas espalharam sementes de trigo para secar ao sol, antes de levá-las de volta ao formigueiro. Neste momento, uma cigarra esfomeada pediu às formigas que lhe dessem um pouco de sementes de trigo para comer. Mas, a líder das formigas respondeu sem precisar pensar muito:

- *Minha amiga! O que você fez durante o verão todo enquanto nós formigas trabalhávamos muito?*

- *Bem, eu andava cantando pelos bosques! Respondeu a cigarra. Por isso, a cigarra não encontrou tempo para armazenar sua comida para o rigoroso inverno. E a líder da formiga, então, respondeu:*

- *Pois se você cantava no verão, dança agora no inverno! As formigas recolheram outra vez o trigo ao formigueiro e riram da preguiça e imprevidência da cigarra.*

- *Cigarra! Aprenda a trabalhar a tempo para que, depois, não lhe falte o sustento! Disse a líder da formiga. E fechou o formigueiro. O frio já era sentido, principalmente ao entardecer. Com fome e frio, a cigarra não tinha esperanças de sobreviver.*

Moral da história: É importante que o homem se espelhe na formiga para ser trabalhador, cuidadoso e providente. Portanto, esta fábula mostra que devemos ser como a formiga e que não devemos confiar no que outras pessoas possam nos dar ou emprestar. Diz que uma pessoa tem razão em negar tudo a outra pessoa preguiçosa se ela, como fez a cigarra, só se dedicou aos prazeres da vida e aos passatempos. Ensina que trabalhar e guardar é o caminho certo para não depender de ninguém.

E uma situação possível de diálogo entre o pai e o filho.

- *Pai! Mas, eu fiquei com dó da cigarra! Eu acho que a formiga foi muito egoísta!*

- *Filho, eu tenho um complemento desta fábula, dando outro final. Talvez, você goste mais deste final!*

Entretanto, a abelha-rainha, que a tudo assistia, interferiu:

- *Querida cigarra! A lição das formigas deve ser seguida. Mas, acho que elas foram muito egoístas. Você pode se servir do mel da minha colmeia o quanto quiser durante o inverno!*

- *Posso mesmo? Quis confirmar a cigarra.*

- *Sim, como Rainha da Colmeia eu estou lhe autorizando!*

- *Mas, por que faz isto majestade? Indagou a cigarra.*
- *Por uma razão muito simples. Você foi criada desta forma pela Mãe Natureza. É a sua missão cantar para alegrar a todos durante o verão. Nós abelhas trabalhamos igual ou até mais do que as formigas. Mas, enquanto trabalhávamos, nós ouvíamos o seu canto. E o seu canto nos alegrava e nos dava ânimo para continuar com o nosso trabalho! Assim, nada mais justo que, agora, lhe retribuamos dando-lhe um pouco de mel que nenhuma falta nos fará!*

A cigarra beijou a mão da abelha-rainha em agradecimento e voou depressa para a colmeia para saborear um pouco do doce mel.

Se as formigas deixaram uma lição, a abelha-rainha deixou outra lição muito importante - respeitar todos os seres criados pela Mãe-Natureza como eles são, além da importância de saber reconhecer e retribuir um benefício recebido de outros.

- E agora, filho? Você fica mais do lado da formiga ou da abelha-rainha nesta fábula?
- Pai, eu fico mais do lado da abelha-rainha!
- E o senhor, pai? De que lado o senhor fica? Da formiga ou da cigarra?
- Eu ainda fico do lado da formiga!
- Da formiga, pai? Mas, coitada da cigarra!
- Filho, você se lembra de quando falamos que as fábulas são histórias muito curtas, onde os animais sentem, agem e pensam como seres humanos? Elas procuram expressar uma norma de conduta e de comportamento que nós humanos deveríamos seguir.
- Ah, pai. Eu não estou conseguindo entender muito bem isto. Continuo com dó da cigarra!
- Filho, vamos colocar desta forma: o que você acharia de um homem vagabundo, que não gosta de trabalhar e que vive com seu violão tocando de bar em bar e, quando este homem precisa de dinheiro para atender suas necessidades pessoais, bate na porta de sua casa e pede dinheiro para o seu pai, um dinheiro que seu pai ganhou com muito esforço?
- Ah, eu não acharia certo não! Eu vejo o sacrifício que o senhor faz todos os dias para trabalhar e ganhar dinheiro!
- Então, filho. Na fábula este homem é a cigarra! Entendeu agora? Esta foi o moral da história!
- Ah, agora entendi pai!

Este é o espírito das fábulas. Elas aproveitam a ficção alegórica para transmitir uma verdade ou provocar uma reflexão de ordem moral, com personagens que podem ser pessoas, animais e até entidades inanimadas.

Geralmente, os personagens não são descritos com muitos detalhes, pois o que eles representam nas fábulas, como suas qualidades e defeitos, já é o suficiente para um bom entendimento.

Muitas vezes, o moral da história não vem destacado, estando implícito na própria história. As fábulas têm um caráter educativo sempre. Mas, nem sempre, são divertidas. Muitas vezes, as fábulas se utilizam de tragédias para transmitir sua lição de vida e o moral da história, com mortes violentas e ferimentos graves nos personagens (animais ou pessoas). Assim, ao contar estas fábulas aos seus filhos, tenha em mente uma boa explicação antes! Mas, de qualquer forma, elas não são mais trágicas do que as tragédias que as crianças veem na televisão todos os dias. E o que é pior, histórias de tragédias exibidas na televisão, que não transmitem nenhuma lição ou não têm algum moral da história!

Vejam o exemplo abaixo:

O lobo e o cordeiro

Um lobo estava bebendo água num riacho, quando viu um cordeiro que, também, bebia da mesma água, um pouco mais abaixo de onde ele estava. Logo que viu o cordeiro, o lobo foi ao seu encontro muito bravo e arreganhando os dentes e falou:

- *Como você se atreve a sujar a água que eu estou bebendo?*

Assustado, o cordeiro respondeu humildemente:

- *Eu estou bebendo água mais abaixo de onde você está. Assim, não posso sujar a água que você está bebendo!*

- *E ainda por cima, você responde de uma forma insolente! Retrucou o lobo, ainda mais bravo, completando:*

- *Há seis anos o seu pai me fez o mesmo!*

E o cordeiro respondeu:

- *Nesse tempo, senhor, eu ainda não era nascido, não tenho culpa!*

- *Sim, você tem culpa sim! E você, também, estragou todo o pasto do meu campo! Replicou o Lobo.*

- *Mas, isto não é possível! Eu ainda não tenho dentes! Respondeu o cordeiro.*

O lobo, sem mais uma palavra, saltou sobre o cordeiro e logo o degolou e comeu.

Moral da história: Claramente se mostra nesta fábula que nenhuma justiça nem razões valem ao inocente para livrá-lo das mãos de um inimigo poderoso e cruel. Há poucas cidades ou lugares onde não haja estes lobos que, sem motivo nem razão, matam o pobre ou lhe exploram impiedosamente, apenas por ódio ou maldade. Fuja do mau, com ele não

argumente, pois as melhores razões não poderão livrá-lo da sua fúria. Evite-o fugindo

Até hoje esse gênero narrativo da fábula existe e, por ser curto, divertido e objetivo, tem o poder de prender a atenção, de entreter e deixar uma mensagem, um ensinamento.

Vamos criar uma fábula agora? Todos nós sabemos que quem estuda tem maiores possibilidades de vencer na vida. Esta lição de vida poderia ser contada assim:

A coruja estudiosa e o pássaro canoro

Havia na floresta um pássaro canoro muito vaidoso e que se vangloriava de cantar melodiosamente, chamando a atenção de todos. E quando o pássaro canoro via outras aves, que não sabiam cantar como ele, não perdia a oportunidade de se mostrar o melhor:

- *Coruja, você neste canto da floresta somente com livros nas mãos, estudando horas a fio! Por que você não vem cantar comigo?*

O pássaro canoro fazia isto para zombar da coruja, pois sabia que ela tinha um dos cantos mais feios da floresta.

- *Pássaro canoro, eu sei muito bem de minhas limitações no canto. Mas, tenho o objetivo maior de me formar uma grande sábia. Por isso, estudo muito. E prefiro estudar a cantar!*

- *É, amiga coruja! Quem não sabe cantar como eu sei, tem que se contentar em perder sua visão com tanta leitura e estudo dos livros!*

Um dia, um caçador entrou na floresta e se encantou com o canto do pássaro canoro. Ele armou uma armadilha e conseguiu prender o pássaro canoro em sua gaiola, dizendo:

- *Pássaro canoro, o seu canto é o mais lindo da floresta. Assim, quero que você cante para mim todos os dias em minha casa. Viverá para sempre nesta gaiola!*

A coruja, por sua vez, continuou seus estudos e se formou em Filosofia, passando a ser a ave mais sábia da floresta.

Moral da história: Quem estuda, sempre vence! Quem não estuda, fica à mercê da sorte do destino.

Pronto! Criamos uma nova fábula! Crie suas próprias fábulas para os seus filhos!

Alguns exemplos de fábulas bem conhecidas mundialmente:

A raposa e as uvas

Andando pelos campos, uma raposa se deparou com uma parreira carregada de uvas maduras e deliciosas. E ficou com muita vontade de saborear as uvas. Mas, como a parreira era alta, a raposa fez várias tentativas para alcançar os cachos de uvas. Ela pulava daqui e dali, dava a volta ao redor da parreira. Mas, por mais que tentasse, não conseguia alcançar as tão desejadas uvas. Então a raposa disse:

- Estas uvas estão verdes e muito azedas e podem manchar os meus dentes! Desta forma, eu não gosto e não quero mais colher estas uvas!

E, dito isto, a raposa foi-se embora.

Moral da história: Algo que não se pode alcançar deve-se não desejar! Muitas vezes, uma pessoa encobre sua falta e desgosto para não dar gosto a quem lhe quer mal, nem desgosto a quem lhes quer bem. Outra lição que fica é que uma pessoa pode mostrar desprezo por algo que desejava, mas que não conseguiu obter. Ou para encobrir a inveja que sente de alguém por um sucesso que ele próprio não conseguiu alcançar. É costume de muitos desfazerem daquilo que não podem possuir. A cobiça se consola, depreciando o que não pode alcançar.

A lebre e a tartaruga

A lebre costumava zombar da tartaruga por ela ser tão lenta.

- Você, alguma vez, consegue chegar ao seu destino? Perguntou a lebre, zombando da tartaruga.

- Sim! E chego mais depressa do que você imagina! Quer apostar uma corrida comigo para eu mostrar como sou mais veloz que você? Respondeu a tartaruga.

A lebre achou graça do desafio da tartaruga, e, para se divertir, resolveu aceitar. A raposa, escolhida para ser a juíza da corrida, estabeleceu a distância, alinhou os corredores e deu o sinal de partida.

Em pouco tempo, a lebre ficou longe da vista da tartaruga e, para demonstrar o ridículo do desafio, deitou-se para dormir um pouquinho até que a tartaruga a alcançasse. Entretanto, de forma lenta, mas persistentemente, a tartaruga ultrapassou o local onde a lebre dormia profundamente e foi-se aproximando da linha de chegada. Quando acordou, a lebre viu que a tartaruga estava já muito perto da linha de chegada e começou a correr o mais depressa que podia, tentando ainda ultrapassá-la, mas não conseguiu. Assim, a tartaruga ganhou a corrida.

Moral da história: Não raras vezes, uma pessoa pode superar sua falta de competência em algum aspecto através do esforço e da persistência. Outra lição, uma pessoa com grande capacidade, mas que se acomoda e se

coloca arrogantemente em uma posição superior e com excesso de confiança, pode ser superado por outra pessoa de menor capacidade, mas com grande disciplina e persistência em seus esforços. Nada vale correr. Cumpre partir em tempo e não se divertir pelo caminho.

O agricultor e os seus filhos

Um rico e idoso agricultor, que sabia não ter já muitos dias de vida pela frente, chamou os filhos à beira do seu leito de morte e disse-lhes:

- Meus filhos, prestem atenção ao que tenho para dizer a vocês. Quando eu morrer, não dividam a fazenda que, por muitas gerações, tem pertencido à nossa família. Em algum lugar nos campos da fazenda está enterrado um valioso tesouro. Não sei o local exato, mas o tesouro está lá e, com certeza, vocês o encontrarão. Façam todos os esforços na busca do tesouro e não deixem nenhum ponto do terreno sem escavar. Para vocês não cavarem nos mesmos lugares, marquem os buracos feitos com grãos de milho.

Pouco tempo depois, o velho homem morreu, e logo que ele foi sepultado, os filhos começaram o seu trabalho de busca do tesouro, cavando e revirando cada pedaço de terra da fazenda com as suas pás e os seus fortes braços, dando a volta ao terreno duas ou três vezes. Como havia recomendado seu pai, a cada buraco feito na fazenda eles marcaram com alguns grãos de milho.

Nenhum tesouro foi encontrado. Mas, quando chegou o tempo da colheita, se sentaram para ver quanto tinham ganhado e descobriram que haviam lucrado mais do que todos os seus vizinhos. Perceberam, então, que o tesouro de que o pai lhes falara era a abundante colheita de milho e que, com os seus esforços, haviam encontrado o verdadeiro tesouro.

Moral da história: Os verdadeiros tesouros se encontram através do trabalho árduo e esforços constantes e não se esperando pela sorte.

A galinha dos ovos de ouro

Era uma vez um agricultor que era dono da galinha mais extraordinária que se possa imaginar: todos os dias a ave punha um ovo de ouro. O agricultor levava os ovos ao mercado e começou a enriquecer. Mas, não demorou muito para que o agricultor se tornasse impaciente com a galinha, pois esta só punha um ovo por dia. Sentia que não estava a enriquecer com rapidez suficiente. Então, um dia, depois de ter acabado de contar o dinheiro, teve a ideia de que poderia obter os ovos de ouro todos de uma vez se matasse a galinha e tirasse os ovos de ouro de dentro dela. Mas, quando levou esta ideia adiante, descobriu que, por dentro, a

galinha era igual a qualquer outra e que, agora, a galinha já não poria mais ovos de ouro.

Moral da história: O ganancioso quase sempre é vítima de sua própria ganância. Quem tudo quer, tudo perde. Devemos nos contentar, agradecidos, com os presentes que Deus nos dá no tempo e no prazo que sua sabedoria entende convenientes.

O lobo em pele de cordeiro

Certo dia, um lobo decidiu alterar a sua aparência como estratégia para conseguir comida fácil e com fartura. O lobo vestiu uma pele de cordeiro e acompanhou o rebanho para o pasto, enganando o pastor com o seu disfarce. Ao fim da tarde, o pastor fechou o lobo no curral com o resto das ovelhas. Mas, por querer carne para a sua refeição do dia seguinte, à noite o pastor regressou ao curral e, confundindo o lobo com uma ovelha, apanhou-o e matou-o.

Moral da história: Quem usa de esperteza para enganar os outros e obter vantagens indevidas, acaba, mais tarde ou mais cedo, castigado e sendo vítima de suas próprias artimanhas.

O Conselho dos ratos

Os ratos resolveram se reunir para planejar uma forma de se livrarem do seu pior inimigo, o gato. Desejavam, pelo menos, descobrir uma forma de saberem, com antecedência, quando o gato estava por perto, a fim de terem tempo de fugir. Na verdade, algo teria de ser feito pelos ratos, pois viviam constantemente com medo de serem capturados nas garras do gato. Muitas ideias foram apresentadas, mas nenhuma delas parecia suficientemente boa. Por fim, o rato mais jovem levantou-se e disse:

- Tenho um plano muito simples, mas tenho a certeza que terá sucesso! Tudo o que teremos de fazer é pendurar um sininho no pescoço do gato. Assim, ao ouvirmos o tilintar do sino, saberemos que o nosso inimigo está se aproximando.

Todos os ratos ficaram surpreendidos por não terem pensado nisso antes. Mas, contrariando o entusiasmo reinante, um velho rato disse então:

- Meus amigos! Eu acho que o plano do jovem rato é realmente muito bom. Mas deixe-me fazer uma pergunta: quem entre nós prenderá o sininho no pescoço do gato?

O silêncio foi total e nenhum rato se apresentou para esta tarefa.

Moral da história: É muito mais fácil alguém dizer como os outros devem fazer do que ele próprio fazer! Há muitos que, nas circunstâncias de

apuro, têm a grande sagacidade de lembrar-se de remédios ótimos, mas com um defeitinho: serem absolutamente inexecutáveis.

O velho, o rapaz e o burro

Um dia, há muito tempo, um velho e o filho resolveram ir mercado vender o burro que tinham. Seguiam a pé, pois achavam que venderiam melhor o burro se ele chegasse descansado ao mercado. No caminho, cruzaram com alguns viajantes, que começaram a zombar deles:

- Olhem aqueles dois tolos! Eles têm um burro e vão a pé! O mais esperto dos três é o próprio burro!

O velho não gostou que zombassem dele e disse ao filho para montar no burro. Um pouco mais adiante passaram por três mercadores.

- Mas, vejam o que temos aqui! Respeita os mais velhos, meu jovem. Desmonta e deixa o teu pai ir montado no burro, que já é muito velho para ir a pé!

Embora ainda não estivesse cansado, o velho mandou o filho desmontar do burro e ele montou no burro. Andaram um pouco mais até que encontraram um grupo de mulheres, que também ia para o mercado com cestos de hortaliças para vender.

- Olhem para este velho! A pobre criança vai a pé e ele montado no burro!

O velho sentiu-se envergonhado, mas para se mostrar agradável pediu ao filho que montasse atrás dele no burro. O rapaz obedeceu e continuaram a viagem com os dois montados no burro.

Um pouco mais adiante, um grupo de pessoas interpelou-os com indignação:

- Mas que crime vocês dois estão fazendo? Será que estão querendo matar o burrinho? Parece que vocês são mais capazes de carregar o pobre burro do que ele carregar vocês dois!

O velho e rapaz não tardaram a desmontar do burro. E, após certo tempo, resolveram carregar o burro em suas costas. Quando estavam quase chegando ao mercado, gerou-se um enorme tumulto entre as pessoas ao verem os dois carregando o burro amarrado num pau que transportavam de ombro a ombro.

Juntou-se uma multidão para observar tão estranha cena.

- Olhem aqueles dois! Eles parecem mais burros do que o burro! Tendo um burro tão forte, ao invés de montarem no burro eles carregam o burro nas costas!

Moral da história: Muitas vezes temos os nossos planos fracassados por querer agradar a todos. Em tudo e por tudo consulta a sua consciência e a obediência. Se quiser tapar a boca do mundo nunca irá conseguir.

A coruja e seus filhos

A coruja e a águia resolveram fazer a paz e, reciprocamente, juraram não causar nenhum mal aos filhos de cada uma delas. E, assim fizeram o acordo. E a coruja perguntou à águia:

- Você conhece os meus filhos?

A águia respondeu:

- Não, mas se você me mostrá-los ou disser como eles são, eu saberei reconhecê-los e, assim, poderei poupá-los.

A coruja respondeu:

- Naturalmente! Mas, você não terá dificuldades em reconhecer meus filhos na floresta. Eles são lindos e engraçados. Oh! Como são perfeitos, os meus filhos, uma verdadeira obra prima!

A águia tomou nota e daí a alguns dias, estando caçando, encontrou um ninho. Nele estavam dois filhotes horríveis, tristonhos, feios e com um piado de arrepiar de medo. E a águia, então, disse:

- Com certeza este não são os filhos da minha amiga.

E começou a comê-los. Nisso acode a coruja:

- É assim que você respeita o nosso acordo jurado de fé? Você matou os meus filhos!

E a águia admirada respondeu:

- Seus filhos? Esses monstrinhos nada tinham de lindos, nem de bem feitos e menos, ainda, de engraçadinhos!

Moral da história: A ternura materna não vê as imperfeições dos filhos e vê neles somente belezas, graças e qualidades que a natureza lhes negou.

A seguir, você terá uma lista com quatrocentas fábulas.

Se você é um leitor infantil ou juvenil, sua professora, seus pais e seus avôs poderão ajudá-lo a entender o significado real que cada uma delas procura transmitir em sua lição de vida e no moral da história.

Apesar de escritos de forma breve e objetiva, as fábulas possuem um significado muito mais profundo e que precisa ser descoberto. Assim, muitas delas não podem ser entendidas ao pé da letra.

Vamos ver um exemplo:

A formiga e a mosca

Entre a mosca e a formiga houve grande discussão sobre pontos de honra. Dizia a mosca:

- *Eu sou nobre, vivo livre, ando por onde eu quiser, como refeições saborosas, sento-me à mesa com o Rei e beijo as mais formosas damas. Você, formiga, é desafortunada e está sempre a trabalhar.*

Respondeu a formiga:

- *Você é uma pretensiosa preguiçosa. Se você pousa uma vez em prato de boa comida, mil vezes você come sujeira e imundícies desprezadas por todos. Se você pousa no rosto da dama ou à mesa com o Rei, não é pela vontade deles, mas porque você é atrevida e importuna.*

Moral da história: Com esta fábula aprendemos o pouco que valem homens ociosos e importunos como moscas, que se gabam difamando mulheres e pessoas honradas e contam feitos que nunca lhes aconteceram, desprezando os que, como a formiga, vivem do seu trabalho. Mas, quando têm que enfrentar a dura realidade da vida e mostrar a sua capacidade, não fazem nada e ficam amedrontados e covardes.

Portanto, não se esqueça: **PENSE SOBRE O REAL SIGNIFICADO DA FÁBULA E COMO A LIÇÃO DE VIDA E DE MORAL TRANSMITIDAS SE ENQUADRAM PARA MELHORAR A SUA PRÓPRIA VIDA!**

Espero que este trabalho promova um maior uso das fábulas, especialmente entre as crianças, fazendo reflorescer esta fabulosa escola das Lições de Sabedoria das Fábulas Populares! Nós estamos reproduzindo neste livro algumas das mais conhecidas fábulas, outras nem tanto.

Eu procurei, igualmente, fazer uma atualização de textos antigos de algumas fábulas, visando sua melhor compreensão, em especial pelas crianças, e regionalizamos alguns termos. Além disto, fizemos várias traduções de versões de fábulas editadas nos idiomas inglês e espanhol.

Porém, não reinventamos a história ou alteramos sua lição de vida, obviamente!

Demos preferências para registrar aqui as fábulas com narrativas e diálogos entre animais e animais com homens ou deuses. E incluímos algumas poucas com narrativas e diálogos somente entre humanos. Fizemos isto porque, a meu ver, as narrativas fantasiosas e fantásticas, que caracterizam as fábulas com personagens animais, perdem esta força de expressão quando ocorrem com personagens humanos.

Vamos, então, entrar nesta fabulosa escola das Lições de Sabedoria das Fábulas Populares? Como disse anteriormente, ao ler cada fábula procure imaginar-se diante de velhos sábios conversando com você, alguns com mais de 2500 anos de vida e experiência, falando verdades consagradas e comprovadas por dezenas de séculos! Quanta sabedoria eles terão para

você conduzir melhor a sua vida, não? Você não pode desprezar tesouro tão grande!

E por que é importante desenvolver sabedoria para nossa vida? Acompanhe o diálogo abaixo entre o Mestre e seu discípulo.

- Mestre, como faço para me tornar um sábio? Perguntou o discípulo
- Boas escolhas! Respondeu o Mestre.
- Mas, como fazer boas escolhas? Insistiu o discípulo.
- Experiência! Disse o Mestre.
- E como adquirir experiência, Mestre? Indagou o discípulo.
- Más escolhas! Finalizou o Mestre.

Este simples diálogo, mas de grande profundidade e sabedoria, nos mostra o caminho que, talvez, a maioria prefere trilhar, consciente ou inconscientemente – adquirir sabedoria através da dor, das más escolhas que fizeram na vida, no sofrimento, prejuízos, fracassos e frustrações que não querem mais repetir. Mas, será que deve sempre ser assim? Naturalmente que não.

Desde criança nós ouvimos as orientações dos pais, dos professores, dos avôs. Depois, dos amigos, dos mais velhos, dos superiores. Acrescentamos leituras de ajuda, cursos de desenvolvimento. Desenvolvemos nosso senso analítico que identifica e racionaliza as experiências que deram certo, as que não deram.

E com isto e muito mais formamos a nossa sabedoria. O homem não tem tendência natural de aprender na dor, ao contrário. Mas, infelizmente, o aprendizado na dor e nas más experiências ocorre e não são poucos os que vão por este caminho. Muitas vezes, vivemos na ignorância, desconhecemos a nossa verdadeira realidade, as nossas melhores possibilidades, não acreditamos que podemos viver sem mágoas e ressentimentos, que podemos deixar de sentir raiva, ciúme, medo, angústia, que podemos deixar de sofrer.

O caminho está no desenvolvimento do autoconhecimento e a sabedoria de tomar sempre o melhor caminho, fazer as melhores escolhas. O autoconhecimento é o ponto básico, sem o qual não se consegue definir uma sabedoria própria e adequada para seguirmos com nossas ideias, entender e controlar nossos sentimentos, emoções e sensações, as nossas atividades do dia-a-dia, entender nossos gostos e desgostos, desejos e repulsas, nossas forças e fraquezas, nossas ações e reações, nossos hábitos e costumes, nossos defeitos e virtudes.

Com sabedoria, aprendemos a guiar o pensamento para um tema ou projeto de vida e mantê-lo, sem distrações. Reconhecemos e aprendemos a eliminar tudo aquilo que nos causa sofrimentos. Com sabedoria

aprendemos eliminar nossos defeitos, dúvidas, ideias confusas e podemos desenvolver a capacidade de reflexão, de escolha do melhor caminho. Enfim, comandar nossa família, educar nossos filhos. Sinais de tristeza, depressão, ausência de sonhos e projetos de vida, mostram que nossas compreensões estão incompletas, superficiais ou até mesmo equivocadas.

A sabedoria traz clareza, compreensão, desapego, tranquilidade. Somente a sabedoria possibilita a verdadeira transformação, despertando cada um para sua própria realidade interior, criar novas bases, eliminar velhas bases, a percepção das verdades que devem sustentar nosso comportamento. Ao alcançarmos sabedoria passamos a ter um bom entendimento sobre o que é um defeito em nós mesmos e não somos mais dominados com tanta facilidade, desenvolvemos o autocontrole.

E as fábulas e ditados populares, como dissemos, são lições de vida e orientações de comportamentos dados por sábios com séculos de existência! Com certeza, poderão ser acessórias e muito úteis na formação de sua sabedoria.

Quem sabe um dia o Mestre encerre o seu diálogo com o discípulo assim:

- E como adquirir experiência, Mestre? Perguntou o discípulo.
- Entre muitas outras ações, reflita sobre as lições de vida contidas nas fábulas e ditados populares! Isto ajuda e muito! Finalizou o Mestre.

Outra observação que podemos fazer com a leitura destas fábulas centenárias, é quanto aos valores morais e de caráter, o rigor de disciplina e educação, que vigoravam na época, entre outros aspectos sociais. Em alguns casos, eles chegam a se chocarem com a nossa atual cultura!

1. O ladrão e o cão de guarda fiel

Um ladrão, desejando entrar à noite numa casa para roubá-la, deparou-se com um cão de guarda. O cão parecia ser bravo e começou a latir sem parar, rosnando, mostrando os dentes para o ladrão. Com medo de ser atacado pelo cão, o ladrão não entrou na casa. Mas, não desistiu e pensou:

- Se eu jogar um pedaço de pão para este cão ele vai ficar quieto e me deixar entrar!

Pensando assim, o ladrão jogou um apetitoso pedaço de pão para o cachorro, dizendo:

- Coma, cãozinho lindo, este pedaço de pão. Eu quero ser o seu amigo!

O cachorro cheirou o pão e deu uma volta em torno dele. O ladrão teve a impressão que o cão iria comer o pão e ficar seu amigo. Mas, o cão surpreendeu o ladrão, dizendo:

- Eu sei muito bem que você está me dando este pedaço de pão para eu parar de latir e rosar e deixe você entrar na casa para roubar. Mas, eu sei que você não está fazendo isto porque gosta de mim. O dono da casa é quem me sustenta todos os dias e gosta de mim de verdade. Assim, não vou parar de latir e rosar enquanto você não for embora. E, se você pular o muro, eu vou mordê-lo e você vai ficar muito machucado. E meu dono já deve estar ouvindo os meus latidos e acordando. Quando vir você, ele vai chamar a polícia! Eu não vou trair o meu dono nunca. Muito menos por um pedaço de pão. Não quero que este pedaço de pão me custe morrer de fome o resto da vida nas ruas!

Moral da história: Não acredita nem um pouco na generosidade de quem mostra querer favorecê-lo e nunca, em situação alguma, atraí-lo aos que confiaram em você.

2. O rato do campo e o rato da cidade

Um rato do campo tinha como amigo a outro da cidade e o convidou para que fosse comer no campo. Mas, como somente podia lhe oferecer ervas, raízes, sementes e frutas que achava no campo, o rato da cidade lhe disse:

- Sabe, amigo, que você leva uma vida de formiga? Ao contrário eu possuo comida em abundância. Vem comigo e a terá toda comida à sua disposição.

Partiram ambos para a cidade. O rato da cidade mostrou ao seu amigo trigo e legumes, figos e queijos, frutas e mel. Maravilhado, o rato do campo bendizia ao seu amigo de todo o coração e lamentava sua má sorte. Disposto a se dar um banquete, um homem abriu de repente a porta.

Assustado com o ruído os dois ratos correram temerosos às tocas. Voltaram em seguida para buscar os figos secos, mas outra pessoa entrou no local e, ao vê-la, os dois amigos correram novamente para uma fresta para se esconder. Então, o rato do campo, esquecendo-se de sua fome, suspirou e disse ao rato da cidade:

- Adeus, amigo! Vejo que come até se faltar e que está muito satisfeito. Mas, é a preço de mil perigos e constantes temores. Eu não troco. Sou um pobre e vivo mordiscando a cevada e o trigo, mas sem angústias nem temores para ninguém.

Moral da história: É sua decisão escolher em dispor de certos luxos e vantagens, que sempre vão unidos a angústias e ansiedades, ou viver com um pouco mais de austeridade, mas, com maior serenidade. É como diz o ditado: mais vale um rato magro no mato do que um rato gordo na boca

do gato. O estado de pobreza é, muitas vezes, mais calmo e seguro. Os que trabalham procurando mais riquezas correm mais riscos. Sem sossego de espírito de que valem os outros bens?

3. O cavalo soberbo e o burro humilde

Um cavalo, pertencente a um rico senhor, vivia ricamente enfeitado de seda e ouro de muito valor. Um dia, o cavalo encontrou no caminho um burro carregado e disse-lhe cheio de arrogância:

- Oh, animal grosseiro! Por que não sai do caminho e abre espaço para eu poder passar?

O pobre burro calou-se e suportou a ofensa. Alguns dias depois, o cavalo torceu uma pata e começou a mancar. O seu rico dono, vendo que não poderia mais usá-lo para cavalgar, retirou-lhe por isso os ricos enfeites. Em seguida, colocou em seu lombo uma sela simples, feita de estopa e cheia de palha, para o cavalo servir como animal de carga.

Então, o burro encontrou o cavalo carregado de esterco e disse-lhe:

- Aonde vai, irmão? Onde está a tua soberba? Por que você não pede agora para que eu me afaste para você poder passar, como fez há algum tempo atrás?

Moral da história: Ninguém deve desprezar os humildes e pobres por estar em uma situação melhor porque, um dia, a sorte e a posição social podem mudar. E, quando isto acontece, a soberba e arrogância do passado dão lugar à vergonha e a humilhação no presente. Por mais que você esteja em uma posição elevada, não despreze seu semelhante. A roda da fortuna desanda fácil e imprevisível.

4. O galo e a pérola

Como fazia todos os dias, o galo andava pelo terreiro do sítio onde morava procurando por comida. O galo esgravatava no chão para achar migalhas de restos de comida, sementes, bichinhos e tudo o que pudesse servir de comida. Para sua surpresa, quando esgravatava perto de uma árvore, o galo achou uma linda pérola. Após bicar a pérola, o galo exclamou:

- Se um joalheiro tivesse achado esta pérola com certeza lhe daria um bom valor! Mas, para mim, para que ela serve? Eu não como pérolas! Eu teria tido mais sorte se encontrasse uma migalha de pão ou alguns grãos de milho!

Após dizer isto, o galo foi embora em busca do alimento que tanto precisava naquele dia.

Moral da história: As pessoas ignorantes, que desprezam os ensinamentos e a lição moral que se escondem nas fábulas, agem exatamente como agiu

o galo – buscam coisas sem valor para suas vidas, como se fossem migalhas inúteis. A riqueza só tem valor para quem sabe aproveitá-la.

5. O cão ganancioso e o pedaço de carne

Um cão encontrou um bom e delicioso pedaço de carne. Imediatamente, o cão abocanhou o pedaço de carne com firmeza para levá-lo para sua casa. Sua casa ficava do outro lado do rio. Assim, o cão teria que atravessar o rio a nado, algo que para ele era muito fácil. Cães nadam com muita facilidade. Ao atravessar o rio, o cão viu o reflexo da carne na água. E a carne que estava refletida na água como em um espelho, parecia maior do que a carne que ele levava preso em seus dentes. Então, o cão soltou a carne que levava presa em seus dentes para apanhar a carne que via dentro da água. Porém, com a correnteza do rio, a carne verdadeira foi embora rio abaixo e, com ela foi também o seu reflexo na água. Assim, o cão ficou sem uma e sem outra!

Moral da história: Este cão representa aquelas pessoas que, muitas vezes, cobiçam coisas maiores das que já têm, colocando em risco e perdendo o que já tinham. Como diz o ditado, mais vale um pássaro na mão do que dois voando. Nunca deixe o certo pelo duvidoso. De todas as fraquezas humanas, a cobiça é a mais comum e é, todavia, a mais castigada.

6. O galo alerta e a raposa astuta

No terreiro da fazenda, um grupo de galinhas, seguindo o galo, procurava por comida. Elas andavam de lá para cá no terreiro, ciscando o chão em busca de bichinhos, graminhas e sementinhas. De repente, o galo viu uma raposa que vinha em direção deles e ordenou:

- Fugam! Subam na árvore!

Em cima da árvore, as galinhas e o galo ficaram em uma posição segura e longe do alcance da faminta raposa. A raposa, porém, vendo que não podia alcançar as galinhas e o galo no alto da árvore, quis usar da astúcia e disse ao galo:

- Olá, minhas amigas! Vocês podem descer com segurança que acabou de ser proclamada a paz universal entre todas as aves e os outros animais! Portanto, venham! Desçam! Vamos festejar este dia!

O galo logo percebeu que era uma mentira, mas respondeu dissimulação:

- Que boa novidade, senhora raposa! Ficamos muito alegres com esta boa notícia! E, veja! Estão vindo três cães e vamos esperar por eles para festejarmos todos juntos!

A raposa, sem esperar mais, encolheu-se de medo e disse:

- Receio que os cães ainda não sabem desta novidade e me matem!

E depressa a raposa se pôs em fuga, deixando as galinhas e o galo em total segurança.

Moral da história: Como sendo este galo, pode se entender um homem ajuizado que, quando outro o quer enganar com falsas palavras, ele finge acreditar, dissimula e com palavras brandas se defende. A pessoa falsa, que se depara com um homem que reconhece a falsidade, quase sempre cai na própria armadilha que armou. Não crer na primeira impressão é o conselho da prudência. Reconhecendo a impostura, dissimular é o melhor meio de evitá-la.

7. A rã ambiciosa e o touro

Um grande touro pastava junto a um lago, caminhando de lá para cá à procura de grama verdinha e saborosa para comer. A rã observava o touro de dentro do lago e cheia de inveja disse:

- Que belo animal, grande e forte! Eu gostaria de ser tão grande como este touro!

Assim, a rã começou a comer muito e inchar-se de vento e perguntava às outras rãs:

- Eu já estou grande como o touro?

As outras rãs respondiam que não. A rã voltou a comer mais ainda e fazer mais força para inchar-se de vento.

- E agora, já estou do tamanho do touro?

As outras rãs disseram que, ainda, faltava muito para ela se igualar ao touro. Então, a rã fez um esforço tão grande para aumentar o seu tamanho que veio a explodir, vítima da cobiça de ser grande como o touro.

Moral da história: A rã mostra nesta fábula o homem ambicioso que quer se igualar com outro rico, quer na sua forma de vestir, como o seu nível de despesas. Assim, gasta o que tem e o que não tem e chega a consumir além de suas posses, até que se arrebenta em muitas dívidas, que o levam a ter grandes problemas e prejuízos. É um aviso a todos os homens que sendo 'rãs' nas posses, não queiram gastar como 'touro', caso contrário vão se arrebentar como a rã desta fábula. A inveja, vício tão comum, é a origem de todas as desgraças do homem. Como a rã, o invejoso quase sempre se arrebenta.

8. O rato medroso e a rã maldosa

Um rato desejava atravessar um rio, mas estava com medo, pois não sabia nadar. Pediu, então, ajuda a uma rã, que se ofereceu para levá-lo para o outro lado do rio, desde que ele se prendesse a uma das suas patas.

O rato concordou e, encontrando um pedaço de fio, prendeu uma das suas pernas à rã. Mas, mal entraram no rio, a rã mergulhou, tentando afogar o rato. Este, por sua vez, debatia-se com a rã para manter-se à superfície. Estavam os dois nesta luta e já estavam muito cansados, quando passou por cima um gavião. O gavião, vendo o Rato sobre a água, baixou sobre ele e levou-o nas garras juntamente com a rã. Ainda no ar, o gavião comeu o rato e a rã.

Moral da história: Na atitude da rã e em sua morte, se pode ver um exemplo do castigo que ganham os maus, quando atraíam aqueles que neles confiam. Os que agem com maldade quase sempre recebem o mal que desejou aos outros. E, se um inocente morre, não escapam os maus do castigo merecido. Mesmo que os maus se livram do castigo em vida, cairão depois da morte num castigo ainda mais temível. Raramente, os maus triunfam. Se conseguirem prejudicar os bons que neles confiaram, acham logo outro mau que os castiga.

9. A parceria entre o leão, a vaca, a cabra e a ovelha

Um leão, uma vaca, uma cabra e uma ovelha combinaram caçar juntos e repartirem o produto da caça. Acharam, então, um veado. Depois de correrem muito atrás do veado, conseguiram matá-lo. Chegaram todos cansados e, ambiciosos pela caça que tinham acabado de matar, dividiram a presa em quatro partes iguais. O leão tomou uma parte e disse:

- Esta parte é minha conforme o combinado.

A seguir pegou outra parte e acrescentou:

- Esta, também, me pertence por ser eu o mais valente de todos.

O leão pegou a terceira parte e disse:

- Esta, também, é para mim, pois sou o rei de todos os animais. Em seguida, advertiu:

- E quem mexer na quarta parte, considere-se por mim desafiado.

Assim, o leão levou todas as partes e os companheiros da caçada acharam-se enganados e afrontados. Entretanto, nenhum deles ousou em enfrentar o leão, com medo de serem devorados, também.

Moral da história: Parceria e amizade dão certo se forem entre iguais porque, quem faz parceria ou amizade com um mais poderoso, torna-se seu escravo e terá que lhe obedecer ou perderá, pelo menos, a amizade. O trabalho é sempre do mais fraco e a honra e proveito do mais poderoso. Em tudo, procure se relacionar com os seus iguais, pois você será o primeiro que pagará a superioridade de seu aliado.

10. A raposa esperta e o leão dissimulado

O leão, fingindo que estava doente, recebia a visita dos outros animais da floresta. E todos os animais que entravam no seu covil para visitá-lo, o leão não os deixava sair. Eles obedeciam ao leão por ser o rei dos animais. Mas, o leão comia todos eles, um a um. Por fim chegou a raposa à porta do covil e perguntou ao leão como ele estava de saúde. E o leão respondeu:

- Por que não a amiga raposa na entra para me ver.

Astuta e desconfiada, a raposa respondeu:

- Amigo leão, eu creio que isto não é necessário! Vejo que sua casa deve estar cheia de animais! Vejo muitas pegadas dos animais que entraram e nenhuma das que saíram.

Moral da história: Não devemos seguir os vícios dos outros para não ter os mesmos castigos e sofrimentos. Esta fábula nos serve de aviso, pois vemos, por experiência, os males que incorrem os homens imprudentes incautos, que perseveram em seus erros. Fugamos nós, como fez esta raposa, de seguir as pegadas destes homens imprudentes para que não nos aconteça os mesmos males. Quem olhar para as pegadas dos que o tiverem precedido, evitará muitas desgraças.

11. Os lobos e as ovelhas e o pacto de paz

Os lobos e as ovelhas estavam em guerra. As ovelhas eram as mais fracas, mas tinham um grande aliado – os cães. Assim, elas levavam sempre a melhor nas disputas. Os lobos, então, pediram paz, com a condição de que dariam como garantia os seus filhotes, se as ovelhas, também, lhes entregassem como garantia os cães. As ovelhas aceitaram estas condições propostas pelos lobos e foi feita a paz. Contudo, os filhos dos lobos, quando se viram na casa das ovelhas, começaram a uivar muito alto. Ao ouvir os uivos, as ovelhas acudiram logo seus próprios filhotes, pensando que isso significava que a paz com os lobos havia sido quebrada, e recommençaram a guerra. As ovelhas fizeram de tudo para se defender dos lobos. Mas, como a sua principal força consistia nos cães, que haviam entregado aos lobos, foram facilmente vencidas por eles e acabaram degoladas.

Moral da história: Ensina esta fábula que ninguém deve entregar as armas aos seus inimigos, diante de uma paz suspeita. Também nos alerta quanto ao perigo de abrigar em casa, inimigos ou filhos de inimigos, como fizeram as ovelhas que, sentindo-se mais seguras por terem os filhos dos lobos em sua casa, foram eles a causa da sua destruição. No mau que diz arrepender-se não se deve confiar antes de se ter uma boa prova.

12. Os macacos e os dois viajantes

Dois homens, um que sempre dizia a verdade e o outro que dizia somente mentiras, viajavam juntos e, por casualidade, vieram à terra dos macacos. Um dos macacos, que havia chegado a ser o rei, mandou que eles fossem agarrados e trazidos até ele para saber o que opinavam os homens a respeito dele. Ele pediu, ao mesmo tempo, que todos os macacos formassem uma longa fila à sua direita e à sua esquerda e que colocassem um trono para ele, como era costume entre os homens. Depois destes preparativos, ele deu o aviso de que os homens deveriam ser trazidos agora até ele e os saudou com esta frase:

Que tipo de rei eu lhes pareço ser, oh forasteiros?

O viajante mentiroso respondeu:

- Você me parece o rei mais poderoso que eu conheci!

E o rei dos macacos perguntou:

- E qual é sua avaliação daqueles que você vê ao meu redor?

E o viajante mentiroso respondeu:

- Estes, são companheiros dignos de você e servem para ser embaixadores e líderes de exércitos.

O rei dos macacos e todo o seu tribunal, satisfeito com a mentira, mandaram que um lindo presente fosse entregue ao adulator.

Então, o viajante que falava a verdade pensou para si:

- Se uma recompensa tão grande foi dada para uma mentira, com que presente eu posso ser recompensado se, segundo meu costume, digo a verdade?

E o rei dos macacos rapidamente lhe perguntou:

- E você, como lhe parecemos eu e meus amigos que estão ao meu redor?

Disse ele:

- Você me parece simplesmente um macaco e todos estes seus companheiros, como você, são igualmente macacos.

O rei dos macacos, enfurecido ao ouvir estas verdades, o entregou para os dentes e as garras de seus companheiros.

Moral da história: A quem gosta ser adulado, aborrece-lhe a verdade.

13. A andorinha prudente e as outras aves

Em uma fazenda, agricultores semeavam linho. Ao vê-los em ação nos campos, disse a andorinha aos outros pássaros:

- Estes agricultores estão fazendo uma plantação de linho para o nosso mal! Eles colherão linho e do linho farão redes e laços para nos prender. O melhor que temos a fazer é destruir as sementes de linhaça e os brotos que delas nascerem. Assim, poderemos estar seguras.

As outras aves riram-se muito deste conselho da andorinha e não quiseram segui-lo. Vendo isto, a andorinha fez as pazes com os homens e foi viver em sua casa. Algum tempo depois, os homens fizeram redes e instrumentos de caça com o linho colhido, com os quais apanharam e prenderam todas as outras aves, poupando apenas a andorinha.

Moral da história: A andorinha representa o homem prudente, que fica livre de dificuldades, conseguindo preveni-las e antecipá-las. Os que querem viver a seu gosto, sem ouvirem conselhos nem preverem o mal que está para vir, são caçados e castigados devido à sua ignorância e imprudência. Não zombe de quem lhe dá bons conselhos. Um dia no infortúnio dirás: Ah! Se tivesse pensado!

14. O cão falso e a ovelha inocente

O cão pediu à ovelha certa quantidade de pão, que dizia haver-lhe emprestado. A ovelha negou ter recebido tal coisa. O cão apresentou então três testemunhas a seu favor, as quais ele havia subornado: um lobo, um abutre e um gavião. Estes juraram ter visto a ovelha receber o pão que o cão reclamava. Diante disso, o Juiz condenou a ovelha a pagar. Mas, não tendo ela meios de fazer o pagamento, foi forçada a ser tosquiada antes de tempo para que a lã fosse vendida como pagamento ao cão. Pagou, então, a ovelha pelo que não comera e ainda ficou nua, padecendo as neves e frios do inverno.

Moral da história: Parece que, já no tempo em que Esopo escreveu esta fábula, se adivinhava o que hoje se passa em muitos lugares, onde roubam aos pobres e fracos as honras e os bens, com falsos testemunhos de homens desalmados, conjurados para roubarem o alheio. Em nenhum lugar, contra bons homens e ovelhas, faltam lobos, abutres e gaviões que os dispam e lhes explorem. Por mais razão que você tenha, procure sempre fugir de demandas judiciais. Ao rico contra o pobre nunca falta apoio de testemunhas capazes de tudo.

15. A mosca atrevida

Sobre uma carroça carregada puxada por uma mula pousou uma mosca. A mosca achou-se tão importante por ir no alto, que começou a falar com arrogância contra a mula, dizendo que andasse depressa senão a castigaria, picando-a onde lhe doesse. A mula virou a o rosto dizendo:

- Cala a boca sua sem-vergonha, que eu não tenho medo de você! Você não pode fazer nada contra mim. Eu só temo o carroceiro que leva na mão o açoite. Quanto a você, só com importunações você pode me cansar, sem me fazer outro mal.

Moral da história: Esta fábula mostra a natureza de alguns que só têm língua e com ela disputam e se contradizem, cansando e importunando toda a gente, querendo se mostrar muito importantes. Moscas destas não são raras de se encontrar em toda a casta de negócios.

16. O cão e a máscara

Procurando comida, um cão encontrou a máscara de um homem muito bem feita de papelão com cores vivas. Aproximou-se, então, dela e começou a cheirá-la para ver se era um homem que dormia. Depois a empurrou com o focinho e viu que balançava. E como a máscara não parava de balançar e ficava imóvel, disse o cão:

- Com certeza a cabeça é linda, mas não tem miolo.

Moral da história: A máscara representa o homem ou mulher que só se preocupa com o aspecto exterior e não procura cultivar a alma, que é muito mais preciosa. Identificam-se nesta fábula as pessoas que têm todo o cuidado com adornos e objetos supérfluos, formosas por fora, mas em cuja cabeça falta miolo. Sobram neste mundo cabeças bonitas, porém, desmioladas que só merecem desprezo.

17. O casamento do Sol

Júpiter: é o deus romano do dia, comumente identificado com o deus grego Zeus. Na mitologia romana, Júpiter é o pai do deus Marte.

Dizem que, em certo tempo, o Sol desejou casar-se e todas as pessoas, descontentes com isso, foram se queixar com o deus Júpiter, dizendo que no verão sofriam muito com um Sol, que os castigava com os seus raios. Assim, concluíram que, se o Sol se casasse e viesse a ter filhos, queimaria todas as plantas, secaria lagos, rios e oceanos, extinguiria a vida no mundo todo. Com apenas um Sol, temos o verão adequado para cada região do mundo. Tendo compreendido isso, o deus Júpiter ordenou que o Sol não se casasse.

Moral da história: Todos os homens têm a obrigação de evitar que se multiplique o número dos maus e desalmados e dos que, desafortadamente, fazem mal ao próximo, como nesta fábula se finge que era o Sol. E devem pedir a Deus que os emende ou os tire do mundo e favoreça a justiça para que possa castigá-los. É prudente evitar que se multipliquem os maus.

18. O homem e a doninha

Doninha: *é um pequeno mamífero carnívoro da família das lontras, do texugo, entre outros.*

Um homem que caçava ratos apanhou na armadilha uma doninha. Esta, vendo-se aprisionada pelo homem, pediu-lhe que a soltasse, dizendo em seu favor que ela nenhum mal lhe fizera, pelo contrário, limpava-lhe a casa de ratos e bichos. Respondeu o homem:

- Se você por acaso fizesse isso por bem, eu lhe deveria agradecimento. Mas, como o fez por ter fome, não lhe devo nada. Ao contrário, eu vou te matar porque, se os bichos que você come faltarem, você comerá o que é meu. E isto para mim é pior do que você comer os próprios ratos.

Moral da história: Do que os homens fazem em seu benefício nenhum agradecimento lhes é devido. A boa obra deve ser voluntária e não por acaso, de forma que quem a recebe deva agradecer. Esta doninha é como muitos homens que até as más obras que fazem querem vender com boas palavras e desejam que lhe fiquem devendo favores. Porém, é a intenção que dá o valor à obra. Quem me atingiu com uma lança para me matar e lancetou o abscesso que me matava não foi amigo, apesar de ter me dado saúde. Esta eu devo só a Deus que, por mão do inimigo, quis me dar. Muitos querem que aceitemos como favor o que só fazem por prazer ou interesse próprio.

19. A macaca necessitada e a raposa egoísta

Uma macaca sem rabo pediu a uma raposa que cortasse metade do seu rabo e lhe desse, dizendo:

- Amiga raposa, veja como o seu rabo é demasiadamente grande. Ele até se arrasta e varre a terra. Assim, o rabo que está sobrando você pode me dar para eu cobrir estas partes que, vergonhosamente, eu tenho descobertas.

Respondeu a raposa:

- Antes quero que meu rabo se arraste e varra o chão, mesmo sendo pesado, do que deixar que você se aproveite dele. Por isso não darei metade do meu rabo, nem quero que coisa minha seja de algum proveito para você!

E assim ficou a macaca sem a metade do rabo da raposa.

Moral da história: Semelhantes a esta raposa são todos os egoístas que deixarão até de comer se souberem que alguém aproveita suas sobras e todos os avaros que, apesar das sobras que têm em sua casa, não querem partilhar com o pobre, quando eles mostram a sua necessidade, como aqui a macaca mostra à raposa. Há muitos que antes querem

conservar coisas inúteis e até nocivas, só por serem suas, do que dá-las a quem possa aproveitá-las e retribuir-lhes com tesouros que nunca são excessivos - as bênçãos dos desvalidos.

20. Juno e o pavão descontente

Juno: Na mitologia romana, é a esposa de Júpiter e rainha dos deuses.

O pavão foi procurar a deusa Juno, muito queixoso, dizendo:

- Por que razão o Rouxinol cantava melhor que ele, além de ter muitas outras vantagens.

Disse a deusa Juno:

- Pavão, você não deve se irritar com isto. Você tem as penas formosas, cheias de desenhos de olhos coloridos, que parecem estrelas.

Replicou o pavão:

- Isso não vale nada! Eu preferia saber cantar.

A deusa Juno respondeu:

- Não pode ter tudo. O rouxinol tem voz, a águia tem a força, o gavião tem a ligeireza. Você deve se contentar com sua beleza.

Moral da história: Prova-se nesta fábula o que ficou dito no princípio da vida de Esopo, que não há ninguém completamente desamparado pela Natureza e sem uma graça particular. Deus, criador da mesma Natureza, criou os homens e repartiu com eles os seus dotes. De uns fez valentes e de outros ligeiros; um é bom pintor, outro músico hábil, outro tem o seu dote no entendimento. Ensina por isso esta fábula que ninguém deve ficar soberbo por uma graça particular de que é dotado, nem ter inveja dos bons dons do próximo, antes com tudo e por tudo deve louvar ao seu Deus e Criador. Poucos se contentam com o que têm, todos invejam o alheio e, assim, se fazem desgraçados.

21. O lobo ingrato e a garça

Um lobo estava comendo carne, quando um osso lhe atravessou na garganta e o sufocava. Estando nesta aflição, pediu à garça que lhe socorresse e que com o seu bico e pescoço comprido lhe tirasse o osso da garganta, prometendo uma recompensa. A garça assim o fez e tirou o osso da garganta do lobo. Estando o lobo livre do osso, a garça lhe pediu uma pequena parte da carne pela prometida recompensa. Porém, o lobo respondeu-lhe:

- Oh, ingrata! Eu já não te agradei o bastante quando deixei você meter a cabeça dentro na minha boca, quando facilmente eu poderia lhe apertar nos dentes e matá-la? Não me peça recompensa, pois você é que

me deve favor! E você é muito ingrata em não reconhecer tão grande benefício.

A garça calou-se e ficou muito arrependida do que fizera, dizendo:

- Nunca mais ajudarei gente ruim ou meterei a cabeça em semelhante perigo, arriscando minha vida!

Moral da história; Benefícios feitos a pessoas, que não merecem e são mal agradecidas, são benefícios perdidos. E podem até ser malefícios quando, puramente, não são feitos por amor de Deus. Quando você fizer um benefício a um homem mal agradecido, você pode perder tudo e, às vezes, ele pode lhe sobrecarregar com palavras, mostrando que você é o devedor, como fez este nosso lobo na fábula. Quantos na hora dos apuros tudo prometem aos homens, aos santos, a Deus e depois esquecem o prometido e zombam de quem neles se fiou.

22. A cadela benfeitora e a cadela mal agradecida

Estava uma cadela com as dores de parto e, não tendo lugar onde pudesse parir, suplicou a outra que lhe cedesse a sua cama, que era num palheiro, dizendo que, assim que parisse, iria embora com os seus filhotes.

Tendo pena dela, a outra cadela cedeu o seu lugar. Mas, depois do parto pediu-lhe que se fosse embora. Porém, a hóspede mostrou-lhe os dentes e não a deixou entrar, dizendo:

- Agora eu tenho a posse deste lugar e não vão me tirar daqui a não ser por luta e às dentadas.

Moral da história: Esta fábula mostra ser verdadeiro o ditado que diz: “Quer um inimigo? Dá o lhe pertence e peça-o de volta”. Porque, sem dúvida, há muitos homens que agem como esta cadela. Estes pedem humildemente, mostrando a sua necessidade, e depois de terem o bem de outra pessoa em seu poder, arreganham os dentes quando esta pessoa pede o bem de volta. E se são poderosos, ficam com ele. Há, assim, muitos humildes que, como a cadela mal agradecida, imploram a caridade e depois se levantam contra quem lhes valeu.

23. O homem piedoso e a cobra ingrata

Enfrentando um inverno chuvoso e frio, uma cobra andava fraca e encolhida. Um homem piedoso recolheu-a em sua casa, agasalhou-a e alimentou-a, enquanto durava o tempo frio. Chegado o verão, começou a cobra a estender-se e desenroscar-se. Assim, o homem entendeu que era chegada a hora de colocá-la para fora de sua casa. Mas, a cobra levantou o pescoço para mordê-lo. Vendo isso, o homem pegou num pau e começou

a lutar com a cobra. Nesta luta a cobra levou a pior e foi morta. O homem recebeu algumas mordidas.

Moral da história: Bem diz o provérbio: 'Pela mão leva o homem a desgraça à sua casa'. Assim aconteceu a este homem com a cobra. E isto acontece com muitos homens que, no inverno dos trabalhos e perseguições, querem ser bons aos seus próximos. Mas, estes de índole ruim, quando chega o verão da bonança, nem o dado agradecem nem os objetos ou valores emprestados devolvem. Assim, às vezes acontece de você acolher em casa um pobre que lhe rouba e foge ou, se você o manda ir embora, ele te molesta e injuria. Manda a humanidade que socorramos a todos, ainda mesmo aos maus. Porém, cumpre ver que não seja dando-lhes meios de continuar as suas maldades. Quantas vezes, movidos por grandes esperanças, não vê o homem o perigo que está aos seus pés?

24. A águia e a raposa

Uma águia, procurando alimento para os seus filhotes, cravou as unhas em dois filhotes da raposa. A raposa, vendo esta cena chocante, implorou à águia que lhe desse os filhos de volta. Mas, a águia, lá do alto, zombou das suas súplicas e disse que não deixaria de devorar os pobres filhotes. A raposa, magoada, começou logo a juntar ao pé da árvore, onde a águia tinha o ninho, muitas palhas, arbustos e ramos secos, e arranjou-os de tal maneira que, ateando fogo, fez uma fogueira muito grande. Viu-se a águia muito aflita com a fumaça e a labareda. E com receio de que queimasse a árvore toda, soltou os filhotes de raposa sem lhes tocar e quase ficou chamuscada pela astúcia da raposa.

Moral da história: Se alguém presumir ser águia na força e ter vantagem em relação aos outros, nem por isso afronte nem importune o fraco e pequeno que não possa vingar-se do maior. Deus ajuda os humildes e resiste aos soberbos. O forte e poderoso não deve ofender quem supõe fraco, pois há de ter um lado vulnerável e o fraco saberá descobri-lo.

25. O bezerro aprendiz e o lavrador

Um lavrador tinha um bezerro forte e gracioso e o colocou para arar a terra com outro boi manso. Como o bezerro resistia à dominação e ao trabalho, o lavrador tentava amansá-lo com pancadas e pedradas. E disse ao boi manso:

- Eu não estou lhe colocando com este bezerro para que ele lavre a terra, uma vez que ele ainda não está pronto para isso, mas para amansá-lo de pequeno porque, depois de se tornar touro, não haverá quem o amanse.

Moral da história: Ensina-nos esta fábula que é necessário educar e refrear os filhos de pequenos e acostumá-los à virtude, tirando-os de ociosidades, que dão sempre maus resultados na velhice. A doutrina cristã é que, quem tira o castigo dos moços, se lhes quer bem, mal lhes faz. Donde se prova que quem lhes quer bem acaba lhes fazendo mal. Donde se prova que quem lhes tem amor, deve domá-los e castigá-los de pequenos. Também pelo boi manso se vê que o homem quieto e pacífico é sempre mais querido e estimado por aqueles que lidam com ele.

26. O lobo e o cão

O lobo e o cão encontraram-se num caminho. E o lobo disse:

- Tenho inveja, companheiro, de te ver tão gordo, com o pescoço grosso e o pelo brilhante! Eu ando sempre magro e desganhado.

Respondeu o cão:

- Se você fizer o que eu faço, também engordará. Estou numa casa onde gostam muito de mim, dão-me de comer, tratam-me bem. Eu só tenho que latir quando sinto ladrões de noite. Por isso, se você quiser, venha comigo que terá o mesmo tratamento.

O lobo aceitou e lá foram os dois em direção à casa do cão. Mas no caminho disse o lobo:

- O que é isso, companheiro, que teu pescoço está esfolado?

Respondeu o cão:

- Para que durante o dia eu não morda os que entram em casa, prendem-me com uma corrente. De noite, me soltam até de manhã, quando tornam a me prender.

Então o lobo respondeu:

- Não quero a tua fartura por conta de ficar preso a uma corrente! Prefiro mil vezes trabalhar e passar fome, mas ser livre.

E dizendo isto, foi-se embora.

Moral da história: Não há prata nem ouro que valham mais do que a liberdade. Quem a estima faz o que fez este lobo, que escolhe antes trabalhos e fome que perdê-la. Comedores negligentes, sem valor e autoestima, não prezam ser livres, desde que comam o pão. Eles estão representados nesta fábula pelo cão. Não há confortos nem prazeres que compensem o sacrifício da perda da liberdade.

27. Os membros e o corpo

As mãos e os pés queixavam-se dos outros membros, dizendo que se cansavam de trabalhar e que eles mantinham e sustentavam o corpo. E tudo redundava em proveito do estômago, que comia sem trabalho.

Portanto, o estômago que tratasse da sua vida, que eles não haviam de dar-lhe de comer. Por muito que o estômago lhes pedisse, não quiseram voltar atrás no que tinham dito e começaram a negar-lhe a comida. O estômago enfraqueceu, mas, junto com ele enfraqueceram também os pés e as mãos, Então, as mãos e os pés tornaram a alimentar o estômago bem rápido. Contudo, a fraqueza do estômago já era muita e de nada lhes valeu alimentá-lo novamente, morrendo todos juntos.

Moral da história: Somos todos membros de uma mesma Nação e todos necessários uns aos outros. Soldados e trabalhadores são as mãos e os pés, o Presidente é a cabeça, os ricos são o estômago. Se o lavrador disser que não quer trabalhar para que o outro coma, ele há de ser o primeiro a padecer de fome. Se os soldados não defenderem a pátria, o Presidente não governar, os ricos não distribuírem o que juntaram antes e cada membro se separar, morrerão todos. E, igualmente, morrerá o corpo místico da Nação. Todos somos membros de um vasto corpo, que é a sociedade. Cada um exerce funções especiais, mais elevadas, mais humildes, porém, todas indispensáveis para a prosperidade e até para a existência de todos.

28. A águia e o grou

Grou: ave de grande porte, geralmente com plumagem em tons de cinzento, branco e castanho.

A águia apanhou uma tartaruga para comer e trazia-o pelo ar e dava-lhe picadas, mas não conseguia matá-lo porque estava muito recolhido na sua carapaça. A águia começava a ficar irritada com isto, mas, entretanto, chega o grou, que diz:

- A caça que você apanhou com certeza é muito boa, mas você não poderá saboreá-la senão com uma artimanha.

A águia propôs ao grou que lhe ensinasse a artimanha, prometendo repartir com ela o que caçara.

O grou disse, então:

- Sobe acima das nuvens e de lá deixa cair a tartaruga em cima de uma pedra, que quebrará a carapaça, deixando a carne descoberta.

A águia assim fez e conseguiram o que queriam. E ambas comeram a caça.

Moral da história: Na guerra e em qualquer negócio, vale mais a sabedoria do que a força. Há negócios muito árduos que apenas se concluirão por astúcia e sem ela a força pouco ou nada vale. Valentia sem astúcia, poucas ou nenhuma vez dá fruto proveitoso a seu dono. E um bom conselho vale mais que muitos maus. Em tudo, menos vale a força do que a experiência.

29. A raposa adulara e o corvo vaidoso

Um corvo apanhou um queijo, e, fugindo com ele, pousou em cima de uma árvore. Uma raposa, ao vê-lo, desejou pegar e comer o queijo do corvo. A raposa se posicionou ao pé da árvore e começou a dizer ao corvo:

- Pode-se ver que você é formoso e gentil! Há poucos pássaros que possam ganhar de você. Você é muito disposto e muito galante. Se, por acaso, soubesse cantar nenhuma ave se compararia contigo.

Envaidecido com estes elogios e desejando fazer boa figura, o corvo levantou o pescoço para cantar. Porém, abrindo o bico, deixou cair o queijo. A raposa apanhou o queijo e foi embora, ficando o corvo faminto e ciente da sua própria ignorância.

Moral da história: Para os que se deixam convencer com palavras lisonjeiras, como eram as desta raposa, não é de se admirar que cometam os maiores desatinos, como fez o corvo. Quem, sem ter qualidades, vê louvar-se, entenda que não são louvores, senão laços que lhe armam para o enganarem. Palavras dóceis são sempre suspeitas e, quanto melhor se aceitam, mais prejudiciais são. É engodo que o caçador faz para nos apanhar e, por meio desse ardil, vem a alcançar de nós o que desejava. Desconfia quando você se vir muito elogiado, uma vez que o adulator zomba de sua confiança e se prepara para cobrar um bom preço pelos seus elogios.

30. O leão velho e os outros animais

Um velho leão estava doente e fraco. Um javali, lembrando-se de ter sido maltratado pelo leão em outros tempos, aproveitando-se deste seu estado, veio e deu-lhe uma forte trombada. Em seguida, veio um touro e deu-lhe uma chifrada. Assim, muitos outros animais maltrataram o leão para se vingarem. Por fim, veio um asno e deu-lhe dois coices que jogaram o leão no chão. O leão chorava, dizendo:

- Já houve tempo em que todos estes animais tremiam só de ouvirem o meu bramido e não havia nenhum tão forte que não fugisse ao se encontrar comigo. Agora que estou velho e fraco, todos querem vingar-se e não há quem não me maltrate!

Moral da história: Os que desempenham cargos e posições elevadas não devem fazer mal aos outros e devem temer o que aconteceu a este leão. Quando o seu poder se enfraquecer e eles deixarem seus cargos e posições, também qualquer pobre poderá vingar-se deles e atacá-los com ações ou com palavras. Quando a desgraça acomete um homem, não falta quem venha com ele ajustar contas: o homem nobre e infeliz tudo sofre

resignado. Há, porém, burro tão burro e tão vil, que torna impossível a resignação.

31. As rãs e Júpiter

Há muito, as rãs pediram a Júpiter que lhes desse um rei, como tinham os outros animais. Júpiter riu do pedido ignorante das rãs, mas resolveu atendê-lo. Júpiter jogou um tronco de madeira no meio da lagoa. As rãs começaram, então, a adorar e ter respeito pelo tronco de madeira. Porém, logo que perceberam que não era coisa viva, as rãs foram de novo procurar Júpiter pedindo um rei vivo. Júpiter, farto de ser importunado, deu-lhes a cegonha, que começou a comer as rãs uma a uma. Quando as rãs viram esta crueldade, foram se queixar ao Júpiter pedindo uma solução, mas ele dispensou-as dizendo:

- Já que vocês não ficaram contentes com o primeiro rei, agora sofram com esse, que tanto vocês me pediram.

Moral da história: As pessoas amigas de novidades são como as rãs - cada dia elas querem mudar de senhor e desejam alterações e mudanças. Mas, bem se vê nesta fábula que Deus, muitas vezes, castiga os maus simplesmente concedendo-lhes o que pedem. E os que se queixam do bom governante, às vezes caem em poder de ditadores, que os exploram e destroem, como a cegonha aqui fazia. Contentemo-nos com o que temos e não queiramos novidades.

32. As pombas e o falcão

Vendo-se as pombas perseguidas pelo gavião que, de vez em quando, as maltratava, pediram ajuda ao falcão, pensando como poderiam livrar-se dele. O falcão aceitou o encargo de defender as pombas, mas, começou a tratá-las muito pior, matando-as e comendo-as sem piedade. Vendo-se sem remédio, diziam:

- Estamos sofremos e com razão, pois não nos contentando com o que tínhamos, decidimos mal num assunto que tanto nos importava.

Moral da história: Corretamente parece que esta fábula se dirige aos governantes e povos que, tendo rivalidades entre si, muitas vezes chamaram para ajudá-los outros governantes e povos e, depois, se arrependeram amargamente, como estas pombas, e ficaram à mercê de outros inimigos, como castigo pelos seus ódios, invejas, cismas, abominações e outros pecados, causas de discórdias e, por conseguinte, de total destruição. Fugamos de protetores de profissão, especialmente, quando são de conhecida avidez e perversidade. Caro nos custa tal proteção.

33. O parto da montanha

Em certo tempo, começou a montanha a dar urros e a inchar, dizendo que queria parir. As pessoas andavam muito surpresas e cheias de temor, receosas de que nascesse algum monstro que pudesse destruir o mundo todo. Chegando o tempo do parto, estando todos juntos em suspense, a montanha pariu um rato, transformando em riso o que antes era medo.

Moral da história: Esta fábula é sobre os que prometem de si coisas grandes e, depois, não fazem coisa alguma, como são certos fanfarrões, que se dizem valentes e, a poder de juramentos, o querem parecer. Outros que gabam as suas letras e os livros que hão de escrever, mas quando se peneira a valentia de uns e a ciência dos outros, tudo é erva daninha. Tem razão quem os conhece e ri, zombando deles, como diz na fábula fizeram os homens do parto da montanha. Os que prometem mundos e fundos nos espantam no final com o nada que dão de si.

34. O galgo velho e o seu dono

Galgo: é uma raça canina oriunda do Reino Unido, também conhecida por ser a mais rápida do mundo, chegando a atingir os 72 km/h.¹

Um velho cão galgo, que em tempos atrás havia sido muito bom caçador, deixou fugir uma lebre de sua boca porque não tinha mais dentes.

Vendo isso, o dono açoitou-o cruelmente e mandou-o embora, como uma coisa sem valor. Disse então o galgo:

- Senhor meu dono, você deveria lembrar-se do quanto eu lhe servi bem quando era um jovem cão. Quantas lebres eu cacei e quanto você me estimava. Agora que sou velho e estou pele e osso, por causa de uma lebre ter escapado de minha boca você me dá chicotadas e me joga na rua.

E o galgo fez seu último lamento:

- Você devia mais me perdoar e me pagar bem pelo muito que eu tenho lhe servido.

Moral da história: Aprenda com este velho galgo uma lição: quem serve senhor ingrato, receberá um amargo e injusto pagamento, principalmente se o serve em coisas contra a sua própria consciência. Depois de estar envolvido com este senhor de coração ingrato, na primeira vontade que deixar de lhe fazer perde tudo quanto lhe tem servido. E, muitas vezes, é o próprio senhor, que perdeu até o respeito por Deus, que se transforma em seu algoz e o castiga pelos pecados e erros que o obrigou a cometer. A lição deste galgo nos diz como seremos tratados por aqueles a quem já não pudermos servir.

35. As lebres e as rãs

Cansadas de fugirem dos cães galgos e de serem assustadas por todos os animais, as lebres combinaram se afogar num rio para não passarem mais sobressaltos. Correram, então, em direção à água. Mas, chegando à beira da água viram grande número de rãs saltarem com medo delas para a lagoa. Perante isso, as lebres pararam e, mudando a decisão, disseram:

- Considerando que estas rãs vivem tendo medo de nós e de todos os que nos atemorizam, vamos aguentar também a vida, já que há outros mais perseguidos e medrosos.

Moral da história: Ninguém é miserável se for comparado a outros mais miseráveis ainda. E a mais certa consolação que há nos males, ainda que cruel, é ver outros que padecem males maiores. Perguntando a um Filósofo de que modo se suportariam bem os sofrimentos, este respondeu: vendo o nosso inimigo em outros maiores. Não deve o homem maldizer sua sorte. Em posição nenhuma é ela tão má que outra pior que se encontram outros.

36. O lobo e o cabrito precavido

Uma cabra, indo pastar no campo, deixou o cabrito em casa e disse-lhe que não abrisse a porta nem ao urso nem ao lobo que ali viessem, porque morreria. Mal saiu, veio um lobo que, fingindo a voz de cabra, começou a falar carinhosamente ao cabrito, dizendo que lhe abrisse a porta, que era a sua mãe. Ouvindo isto, o cabrito chegou à porta e, olhando por uma fenda, viu o lobo. Sem outra resposta, virou as costas e recolheu-se em casa. O lobo foi-se embora e ele ficou salvo.

Moral da história: Aos filhos obedientes aos seus pais nada de mal lhes acontece. Esta fábula nos avisa que observemos sempre esta obediência e, também, que não confiemos em palavras meigas, porque quem não se atreve a usar a força bruta conosco, quanto mais veneno traz no coração mais mel mostra na língua. Não se dá veneno senão nos manjares mais saborosos. Nunca sobram precauções. Siga sempre as orientações de seus pais. Se o cabrito tivesse desobedecido e aberto a porta, pararia na boca do lobo.

37. O veado, o lobo e a ovelha

Um veado exigia da ovelha certa quantidade de trigo que, falsamente, dizia haver-lhe emprestado. A ovelha pensou em não atender ao pedido do

veado, mas receou, porque o veado estava acompanhado de um lobo. Assim, com dissimulação, respondeu a ovelha:

- Eu te peço, pela sua vida, que espere alguns dias e então faremos as nossas contas e eu lhe pagarei o quanto lhe dever.

O veado foi embora todo contente. Porém, quando ambos se encontraram sem o lobo estar presente, a ovelha o enganou, dizendo que não lhe devia trigo nenhum e que, portanto, nada lhe pagaria.

Moral da história: Contém esta fábula um aviso proveitoso que pode nos ser útil quando alguém disputa contra nós na presença dos nossos inimigos. É prudente ganhar tempo até nos vermos numa situação em que possamos livremente defender a nossa opinião, como fez aqui a ovelha, sem temor de lobos inimigos devoradores. Quando contra nós alguém se levanta em presença de nossos inimigos, manda a prudência calar, até que venha a oportunidade de nos defender.

38. A cegonha e a raposa zombeteira

Um dia a raposa convidou a sua amiga cegonha para jantar. Chegada a hora, a ardilosa raposa preparou para o jantar um mingau que estendeu numa bandeja e incentivava a cegonha para que comesse. Mas, como a cegonha machucava o bico na bandeja e nada conseguia apanhar do mingau, regressou faminta ao ninho. Para se vingar, a cegonha convidou, por sua vez, a raposa e serviu o manjar numa garrafa de onde comia com o bico e pescoço comprido. A raposa, não conseguindo meter o focinho na garrafa, regressou a casa morta de fome.

Moral da história: É agradável enganar quem nos enganou e zombar de quem quer zombar de nós. Os que zombam e escarnecem dos outros têm que assumir a responsabilidade de sofrerem bem as zombarias que fizeram com eles. Não zombe dos outros, porque poderá ser exposto a iguais zombarias.

39. A gralha e os pavões

***Gralha:** nome comum para vários pássaros de tamanho pequeno, geralmente coloridos e barulhentos, aparentados aos corvos.*

Uma gralha pediu emprestadas as penas de um pavão e, vestindo-se com elas, passou a andar com os pavões, desprezando as outras gralhas. Porém, passado algum tempo, o pavões pediram as penas de volta e começaram a depenar a gralha, arrancando-lhe penas com o bico, provocando muitos ferimentos na gralha. A gralha quis depois regressar para junto das suas

antigas companheiras, ainda que com temor e vergonha. E as outras gralhas disseram:

- Teria sido melhor você ter se contentado com o que a natureza lhe deu do que quer ser o que não é! Agora, veja o estado em que você está, pelada, ferida e envergonhada!

Moral da história: Quem faz casa e adota uma vida de luxo com rendas alheias ou emprestadas, tem o sucesso desta gralha. Chega o tempo da paga, vêm os credores, tomam-lhe os adornos e utensílios com que se honrava e, se não bastam, enfiam-no na cadeia, donde sai pelado e envergonhado. Nunca por ostentação ou interesse, dê como sua coisa do alheio, pois a fraude é logo descoberta e o castigo imediato.

40. O cavalo e o leão charlatão

Um leão viu um cavalo pastando em um campo e, pensando numa maneira de matá-lo para comê-lo, aproximou-se com palavras de amigo, dizendo que era médico e se queria que o curasse. O cavalo, que o conheceu e percebeu a sua intenção, disse com dissimulação:

- Na verdade, amigo, você vem em boa hora, uma vez que tenho muita dor nesta pata que me faz sofrer muito.

O leão aproximou-se para ver sua pata e o cavalo levantou-a e deu-lhe um coice no queixo, que o deixou atordoado. Voltando a si, o leão viu que o cavalo já estava longe bem longe e disse:

- O cavalo fez bem em me ferir e ir embora, pois eu queria comê-lo e não curá-lo.

Moral da história: Aos que querem roubar e enganar os outros, através do exercício de funções que nunca aprenderam, muitas vezes acontece de se darem mal como este leão. Os que agem assim, nunca escapam das afrontas e injúrias graves, porque querem vender o que não sabem, procurando lesar os outros de várias maneiras. Se todos os leões charlatões encontrassem cavalos como o desta fábula, não veríamos o triunfo de tanta hipocrisia.

41. Os pássaros, as feras e o morcego

As aves e as feras se encontravam em guerra e cada grupo era, em turnos, o vencedor. Um morcego, temendo os vaivens incertos da luta, sempre se aliava ao lado que ele sentia que era o mais forte a cada momento. Quando a paz foi proclamada, sua conduta hesitante foi notada por ambos os combatentes. Portanto, sendo condenado por cada grupo por sua traição, foi conduzido e marcado à luz do dia e, dali em diante, se ocultou em esconderijos escuros, voando sempre sozinho pela noite.

Moral da história: Quando outros estão em disputa, o melhor é se manter na neutralidade, ou aliar-se sinceramente com somente uma das partes, se compartilha seus pleitos.

42. O falcão e o rouxinol

Certa manhã, um falcão apoderou-se do ninho onde o rouxinol tinha os filhotes e quis matá-los. O rouxinol começou com muita brandura a suplicar-lhe que não os matasse e que ficaria ao seu serviço. O falcão disse que ficaria contente se o rouxinol cantasse de um modo que o satisfizesse. Principiou o triste rouxinol a cantar muito sentido e suave.

Porém, o falcão, mostrando-se descontente com a música, ameaçava comer-lhe os filhotes. Entretanto chega por trás um caçador e apanha o falcão com um laço, em que o prendeu e o levou arrastado pelo chão e o rouxinol e seus filhotes ficaram livres.

Moral da história: Este falcão representa os tiranos e desalmados que, sem motivos justificáveis, insistem em prejudicar os que podem pouco. Mais tarde ou mais cedo, chega a Justiça Divina que os caça no laço da morte e os lança no inferno e, muitas vezes, para consolação dos bons, a Justiça dos homens os castiga visivelmente nesta vida com pena temporal. O malvado que se aproveita do desgraçado, acha sempre castigo imediato.

43. O burro e o mercador

Um comerciante que ia para a feira, levava um burro carregado de mercadoria. Mas, como o animal estava muito fraco, andava devagar. O mercador, ambicioso e com desejo de chegar depressa, bateu tanto no burro que este caiu no caminho com a carga e morreu. Depois de morto, esfolaram o pobre burro e fizeram um tambor com sua pele, no qual andavam sempre a batucar.

Moral da história: Os que sabem aproveitar-se dos trabalhos da vida e se preparam para a morte, descansam nela. Porém, os que como burros morrem sem se lembrarem de que há outra vida, depois de padecerem nestas suas desventuras, são na outra vida desprezados e atormentados pelo demônio. E, acertadamente, são comparados nesta fábula a jumentos, cuja pele é maltratada tanto na morte como na vida. Há desgraçados que nem depois de mortos descansam.

44. O rato e a doninha

Uma doninha, como não pudesse já caçar de tão velha e cansada que estava, usava uma artimanha: polvilhava-se toda de farinha e punha-se

muito quieta em um canto da casa. Vinham alguns ratos que, pensando que a doninha fosse outra coisa, se aproximavam para comer e ela os apanhava e os comia. Por fim veio um rato velho, que tinha já escapado de muitas armadilhas e mantendo-se longe disse:

- Por mais artimanhas que você tente, não me apanhará. Você pode enganar à vontade esses pequenos e jovens ratos. Mas, eu lhe conheço bem e chegarei perto de você!

E, dizendo isto, foi embora.

Moral da história: Na doninha se pode ver que quem é criado com maus hábitos, nem na velhice os perde. Quem se acostuma a furtar, ou a corda o enforcará ou a morte lhe tirará. E quando já não podem usar da força, com disfarces, astúcias e traições usam para alcançar seus maus propósitos, como gente que perderam a vergonha e o temor a Deus.

45. O pastor cínico e o lobo

Um lobo fugia do caçador que vinha em sua perseguição. Chegando perto de um pastor, escondeu-se numa moita e pediu ao pastor que, se o caçador perguntasse por ele, lhe dissesse que fugira. O pastor concordou. Quando chegou o caçador, perguntou pelo lobo e o pastor disse-lhe que fugira, mas com a cabeça indicou ao caçador onde o lobo estava escondido. Contudo o caçador não percebeu os acenos e foi-se embora. O lobo saiu, então, do esconderijo e o pastor lhe disse:

- Então, amigo? Você me deve muito pelo bem que te fiz!

E o lobo respondeu:

- Valeu-me antes a minha sorte pelo caçador não entender os seus acenos de cabeça, mostrando onde eu estava escondido. Assim, eu nada lhe devo. E, se eu bendigo a sua língua, amaldiçoo a sua cabeça, que tanto fez para que o caçador me descobrisse.

Moral da história: Nota-se nesta fábula os que se planejaram para o mal, ainda que não tendo efeito, querem receber agradecimentos. E mostra-se o perigo que representa os homens quererem em seus trabalhos valer-se de seus inimigos que, quando são muito fiéis e primorosos, exigem que se tome cuidado quando se mostram neutros. Há homens nobres que prometem seus serviços a uns e depois os levam aos inimigos deles.

46. O burro invejoso e a cachorrinha

Um burro, viu que o seu dono brincava com uma cachorrinha, se alegrava com ela e a tinha à mesa, dando-lhe de comer. E percebeu que a cachorrinha se entusiasmava quando o dono chegava e saltava para o seu colo. Assim, o burro pensou com inveja que se fizesse o mesmo seria mais

estimado. Então, quando chegou o dono, o burro pôs as patas nos ombros e começou a querer lambê-lo o rosto com a língua. Espantado, o dono começou a gritar e foi acudido pelos criados que, a poder de muitas pancadas, colocaram o burro de volta na estrebaria.

Moral da história: Ninguém se atreva a mostrar habilidades que a natureza lhe negou. Cante o músico, escreva o letrado, trate de armas o soldado, o artista de sua arte. Quem quer meter-se nas especialidades alheias para obter benefícios ou contentar a outrem, ou sairá como este asno espancado, ou o mandarão para a estrebaria. Nada assenta bem senão quando pela própria índole é inspirado: um burro que quer fazer meiguices faz rir até as pedras. Cada qual para o que Deus o fez.

47. O leão misericordioso e o rato agradecido

Um leão estava dormindo, enquanto alguns ratos brincavam à sua volta e, saltando por cima dele, o acordaram. O leão prendeu um rato entre as patas e estava para matá-lo. Mas, devido às súplicas do rato, acabou por soltá-lo. Algum tempo depois, o leão caiu numa rede onde ficou preso, sem poder valer-se da sua força. O rato, sabendo o que acontecera, roeu com afinco os laços e cordéis da rede e soltou o leão, que se viu livre de perigo em troca da boa ação que praticara.

Moral da história: Duas coisas nós notamos aqui: primeiramente, o agradecimento que se deve a qualquer boa ação e, em especial, a quem perdoa alguma afronta, quando poderia se vingar como este leão podia ter feito. Em segundo lugar, quanto devem os poderosos estimar a amizade de qualquer homem, por muito fraco que seja. Uma boa ação nunca fica perdida. Não há quem, por mísero e insignificante que seja, não tenha sua hora de força e utilidade.

48. O falcão e a sua mãe

Estando o falcão doente e receando a morte que via já chegando, rogou a sua mãe que fizesse orações aos santos. Respondeu ela:

- Eu faria as orações de boa vontade, filho. Mas, mas temo que as orações não vão lhe valer para nada porque você passou a vida toda causando prejuízos e como com o seu esterco você sujou sempre os templos dos santos, receio que eles não vão querer ouvir minhas orações, ainda que eu lhes rogue pela tua saúde.

Moral da história: É fácil de entender que este falcão representa os homens que toda a vida são maus e guardam o arrependimento para a hora da morte. Esta fábula também ensina quanto risco correm os que ofendem os santos e bons e porque a Justiça Divina faz com que, às vezes,

não sejam ouvidos, quando querem obter proteção deles. Na hora da morte o malvado estremece e quanto mais zombou da Justiça Divina, mais a teme no momento de comparecer perante ela.

49. A porca e o lobo

Estava uma porca com dores de parir e um lobo faminto aproximou-se dela dizendo que era seu amigo, que tinha dó de vê-la desamparada e que queria lhe servir de parteira. A porca percebeu logo que o que ele queria era comer os seus filhotes e, dissimulando, disse que não pariria enquanto ele ali estivesse porque era muito envergonhada. Por isso, pediu que o lobo fosse embora e a deixasse parir sozinha e que depois ele podia voltar. O lobo assim fez, mas logo que saiu dali, a porca também se foi em busca de um lugar seguro onde poderia parir em segurança.

Moral da história: Temos que fugir dos que tem fama de lobo, quando se faz bondoso, porque nunca fazem bem por virtude, senão por seu interesse. E quem não puder se livrar destes pela força, deve se afastar com dissimulações, uma vez que estará mais seguro de não se queimar, quanto mais longe estiver do seu fogo. Há perversos tão conhecidos que, embora se apresentem mansos e meigos, a ninguém conseguem iludir.

50. O velho careca e a mosca impertinente

Um velho careca repousava sob o calor do sol com a cabeça descoberta e uma mosca não fazia outra coisa senão picar sua careca. O velho tentava pegá-la com a mão, mas como a mosca fugia muito depressa, o velho acabava aplicando em si mesmo grandes palmadas. A mosca gostava de ver o velho fazer isto e ria. Disse o velho:

- Você pode rir quanto quiser das palmadas que dou em mim. Isso não me mata. Mas, se uma só vez eu lhe acertar, você morrerá e pagará pelas afrontas de ontem e de hoje.

Moral da história: Há jovens que ao ludibriar e zombar dos homens sérios e sensatos são mais importunos que moscas, até que um dia os homens descobrem suas faltas e, para castigá-los, os deixa mortos de ofensas e desonras. Por esta mosca se entende alguns muito ciumentos, que trabalham por dar desgostos a senhores poderosos ou demonstram orgulho e altivez às justiças e escapam muitas vezes, até que alguma vez caem em suas mãos, e então são fustigados de tal maneira que ficam perdidos de todo. Os importunos riem quando veem malogrados os esforços das suas vítimas para se livrarem deles. Basta, porém, que um desses esforços seja bem sucedido para que paguem por suas amolações.

51. O cordeiro e o lobo

Um cordeiro andava entre as cabras e chegou um lobo que lhe disse:

- Não é este o seu rebanho! Venha comigo que eu vou levá-lo à sua mãe.

Respondeu o cordeiro:

- Não quero, porque estas cabras gostam muito de mim e me dão mais mimos do que aos seus próprios filhos.

E o lobo replicou:

- De qualquer forma, você estará melhor com a sua mãe.

Disse o cordeiro:

- Eu estou bem aqui e não quero me meter em aventuras que, por melhor que aconteçam, não deixará o pastor de me tirar a lã e ficarei morrendo de frio.

Moral da história: Esta fábula nos mostra que a companhia dos bons amigos é mais segura que qualquer parentesco no mundo. O parente sem amor, nem é amigo nem parente. O amigo verdadeiro é parente e amigo. Também o cordeiro nos mostra que, quem está bem, não deve se meter em aventuras. Quem está quieto, contente-se com a sua sorte e guarde-se para não torná-la pior. Se você está bem, tape os ouvidos às seduções de quem convidá-lo para mudanças. Pode haver cilada no convite.

52. O homem pobre e a cobra

Um homem pobre costumava acarinhar e dar de comer a uma cobra que tinha em casa. E, enquanto assim fez, tudo lhe corria bem e a vida melhorou. Depois, em virtude de um desentendimento com a cobra, causou-lhe um ferimento. E vendo que tornava a empobrecer, com muitas palavras e humildade pediu perdão à cobra. Respondeu a cobra:

- Como eu sou bondosa eu lhe perdoo. Mas, isso não vai servir para você deixar de ser pobre, uma vez que esta ferida sempre irá me doer e sempre me pedirá para me vingar de você.

Moral da história: Quis Esopo mostrar nesta fábula o que costumam dizer: a quem você ofender não confie mais nele, porque a memória das ofensas é eterna. Portanto, quem injuriou algum amigo e depois se reconciliaram, entenda que, por muito amigos que pareçam ser e que no exterior mostre não se lembrar de nada, lá no mais secreto do coração está guardada muitas vezes a memória da ofensa.

53. O macaco, o lobo e a raposa

O lobo discutiu com a raposa, dizendo que ela lhe furtara algo. O macaco era o juiz. A raposa negou firmemente e, discutindo diante do juiz, cada um revelou as maldades que sabia do outro. Depois do macaco ouvi-los, pronunciou a sentença, dizendo que o lobo não provara que fora furtado, mas que ele entendera que a raposa tinha furtado alguma coisa. Portanto, condenava ambos que ficassem para sempre entre si em desavenças e desconfiados.

Moral da história: É natural, maliciosos e mentirosos pensarem que não há homem que seja bom nem verdadeiro. E, por estas suspeitas, condenarem quantos conhecem e não conhecem. Também mostra esta fábula que os juízes, para condenar, se regem não pela prova, mas por suspeitas. Estes têm o saber de macaco, que tudo sabe para mal e não para bem. Em contendas entre perversos, tal como a raposa e o lobo, raramente há quem tenha ou quem deixe de ter razão.

54. O carvalho soberbo e o bambu

O carvalho, alto e reto, não queria dobrar-se ao vento e vendo como o bambu se mexia facilmente, o aconselhava para que não se dobrasse.

- Tenho dó de você. Mal sopra uma branda aragem e você tem que se inclinar, a tremer e se humilhar. Faça como eu! Por mais forte que sopra o vento, oponho-me altivo e obrigo o vento a quebrar-se de encontro a mim e desviar-se.

Respondeu o bambu:

- Você pode resistir, mas eu não, porque não tenho raízes compridas nem sou forte como você.

O carvalho sorriu em desprezo. Após dizer isto, levantou-se uma ventania tão forte que arrancou o carvalho com raízes e tudo. Porém, o bambu havia vergado e se inclinado até o chão e quando passou a ventania, reergueu-se sem ter sofrido nada. O bambu, que se dobrou, ficou em pé.

Moral da história: Mostra bem esta fábula quão sujeitos estão a desastres os soberbos e aqueles que a ninguém querem dobrar-se. E, por outra parte, que como é segura a humildade, porque os que sofrem com discricção e obedecem aos tempos, ainda que pareçam bambus fracos, permanecem mais que os soberbos. Quando sopra o vento da adversidade, os soberbos quebram-se, os humildes pouco sofrem.

55. O caminhante e a espada

Um caminhante achou uma espada muito bem ornamentada no meio da estrada e perguntou-lhe quem a perdera e a deixara ali. A espada calou-se e ficou quieta. Depois, sendo outra vez questionada, respondeu:

- Ninguém me perdeu! Ainda que você me veja jogada neste chão, antes eu causei danos a muita gente. Eu dei ocasiões a brigas, matei alguns homens, resultando que os matadores ficaram perdidos e os mortos mais perdidos ainda, se não estavam em graça, porque caminharam para o inferno.

Moral da história: Por esta espada entendam-se os homens desalmados que enganam a juventude com péssimos exemplos e ações, levando-a a casas de jogos e outras piores, desviando-a da obediência aos seus pais, porque estes matam mil vezes famas, honras, bens alheios e, também, vidas e almas daqueles que a eles se juntam.

56. O burro e o leão

Um burro e um leão encontraram-se em um caminho. E o burro disse:

- Vamos subir em uma colina que eu quero que você veja como os outros animais têm medo de mim.

O leão riu-se e foi com ele. O burro zurrou e fez fugir grande número de lebres, coelhos, raposas e outros animais parecidos. Então, o burro disse ao leão:

- O que você achou? Viu o medo com que fogem de mim?

O leão respondeu:

- Fogem de você os fracos, que são os que têm medo de ouvi-lo bradar. Mas, eu sem brados aniquilo os mais valentes com as minhas garras, uma vez que não tenho medo de nenhum deles e nem de você.

Moral da história: É certo que, os que querem se mostrar valentes, soltam brados e bravatas entre gente pacífica para com eles assustarem homens fracos e muito ordeiros. Mas, o verdadeiro valente não se mede pelos gritos e sim pelas suas obras. Não é pelas palavras que se conhece cada um. Não é na boca que está a valentia, mas sim no coração e, se estiver nos braços, o homem se parece com o burro ou com o leão. Há impostores assim que, ao berrarem, dizem-se capazes de engolir o mundo. Há insolências que partem de tão baixo e a tão alto se dirigem, que só desprezo merecem.

57. A gralha e a ovelha

Uma gralha ociosa pousou no pescoço de uma ovelha e ali a beliscava e lhe tirava a lã, picando-a por entre ela. A ovelha virou o rosto, dizendo:

- Você perderá este vício ruim e antigo no dia em que picar um cão no pescoço e ele matá-lo sem dificuldade.

Respondeu a gralha:

- Já sou muito velha e sábia, sei quem eu posso importunar e quem devo respeitar. Não tema que eu me ponha no pescoço do cão, mas somente no seu, que não pode me fazer mal.

Moral da história: Esta gralha significa alguns malandros, que andam sempre a molestar com ações e palavras os homens de bem e pacíficos. Mas, quando encontram algum mais forte que eles, encolhem os ombros e passam com cordiais cumprimentos, porque com ovelhas são gralhas e com cães, são ovelhas. Há homens que são humildes e até desprezíveis com quem pode se defender deles. Mas, são da mais insuportável arrogância com os que lhes parecem mais fracos.

58. O boi e o veado

Um veado, para escapar de um caçador, fugiu para a vila e, entrando cheio de medo numa estrebaria, encontrou um boi, a quem perguntou se podia esconder-se ali. Disse-lhe o boi que o mais certo seria ele correr e que melhor seria regressar à floresta. Mas, mesmo assim, escondeu-o e cobriu-o de palha. Quando chegou dono da estrebaria, viu no meio da palha a galhada do veado. Afastando a palha, acabou por descobri-lo. Mas, disse-lhe:

- Já que de sua vontade você veio à minha casa, não vou matá-lo. Ao contrário, vou defendê-lo e tratá-lo muito bem.

Moral da história: Muitos, na pressa de fugirem da frigideira, caem nas brasas. Mas, há alguns afortunados, como este veado. E afortunado é quem, sendo perseguido, tem a sorte de se acolher em casa de um homem digno e bondoso, porque esse, ainda que por um lado deseje se aproveitar daquele que se vale de sua casa, obrigado pelo seu decoro, o salva e favorece-o, deixando ódios à parte para manter pontos de honra.

59. O homem bondoso e o leão agradecido

Andando um leão à caça, espetou um espinho no pé que o não deixava andar. Encontrou um homem e mostrou-lhe o espinho para que ele o tirasse. O homem assim fez e o leão, como agradecimento, deixou de caçar nas suas terras. Há muito tempo depois, este leão foi convidado para certas cerimônias e nelas se lançavam homens para que os matasse. Entre estes lhe lançaram o homem que o curara e que estava preso por algumas culpas. Porém, o leão não só não o matou, como se pôs em sua guarda e o acompanhou toda a vida, caçando para ele.

Moral da história: Deste leão, podemos aprender a ser agradecidos a quem nos faz bem, pois vemos que até um bruto tão feroz pode mostrar tamanho agradecimento a alguém que lhe fez um bem.

60. O lobo e a raposa

Um lobo precavido abasteceu muito bem o seu covil de mantimentos. Passado um tempo, a raposa foi encontrá-lo e disse que muito o admirava e que estava ansiosa por vê-lo e servi-lo. E o lobo disse:

- Não quero o teu serviço, uma vez que a sua intenção não é outra senão me roubar e comer o que tenho.

A raposa, vendo-se descoberta, procurou por um caçador que procurava um lobo que comia suas ovelhas. O caçador matou o lobo e a raposa tomou posse do seu covil e de tudo quanto nele havia. Mas, vieram outros caçadores, que procuravam por ela por comer suas galinhas, e a raposa foi achada pelos cães e feita em pedaços.

Moral da história: Na morte desta raposa declara-se o fim que merecem os que desejam e procuram a morte de seus parentes para herdar deles. Esses, se chegam a alcançar o que pretendem por meios tão ilícitos, a maioria das vezes não o desfrutam e muitas o perdem com a vida e honra, porque o mal adquirido por entre as mãos escorrega. Velhos avaros, cuidado com os que lhes adulam! Mas, se consolem na certeza de que com o mal ganho nunca se aproveita.

61. O rei leão tirano e outros animais

Eleito rei de todos os animais, o leão prometeu não fazer mal algum aos outros animais. Mas, logo os mandou reunir e colocou-os em fila e pediu-lhes que cheirassem o seu bafo. Aos animais que diziam que seu bafo cheirava mal, o leão os matava. Aos que diziam que cheirava bem, o leão os feria. Procedendo assim, o leão chegou até a macaca e lhe fez a mesma pergunta. A macaca cheirou o seu bafo e disse que não cheirava mal, pensando que assim se salvaria. Porém, o leão, para matá-la, fingiu-se doente e disse que só se curaria se a comesse. E, com esta artimanha, arranjou maneira de matá-la.

Moral da história: Por mais prudente que o homem seja não consegue livrar-se de um governante tirano, porque, quer fale bem, quer fale mal, ele encontrará uma ocasião de destruí-lo, e como pode e quer, faz tudo a seu proveito. Para que ter pressa de dizer o que, não nos trazendo benefício algum, só traz comprometimento?

62. O veado vaidoso e o caçador

O veado estava bebendo água em um ribeirão e viu refletido no espelho de água os seus chifres, garras e as pernas delgadas. Ele achou que suas

pernas eram muito finas e não eram bonitas e ficou pesaroso de tê-las desta forma. Mas, por outro lado, ficou tão satisfeito com a formosura dos chifres e de sua galhada, que ficou contente e soberbo. O veado não tinha ainda saído da água, quando percebeu a presença de um caçador. Assim, se viu obrigado a se valer das pernas, que pouco antes desprezara e que agora o punha a salvo. Mas, entrando por um arvoredo denso, os chifres se embaraçaram nos ramos das árvores, o veado se atrapalhou e foi apanhado. Vendo-se preso e ferido, disse então:

- Que grande idiota eu fui. Desprezei o que me era útil, dando mais importância ao que me causou a morte.

Moral da história: Da cegueira deste veado sofrem todos os que têm prazer em possuir bens que, depois de conseguí-los, ainda que no princípio lhes deem alegria, são depois causa da sua destruição. Portanto, aprendamos a pedir a Deus que nos dê bens para nos servir e nos salvemos, porque Ele sabe o que para cada um é bom e nós não sabemos nada. Muitas vezes, valorizamos qualidades que nos fazem perder e desprezamos as que nos são realmente mais úteis.

63. A serpente e a lima

Uma serpente, procurando algo para comer na oficina de um ferreiro, encontrou uma lima e quis roê-la. Mas, como os dentes não entravam pelo aço, a serpente dava muitas voltas na lima, virando-a de todos os lados. Cansada de levar tombos, a lima disse-lhe:

- O que você está fazendo, sua idiota? Você não sabe que eu sou uma lima e que sou de ferro? Por mais que você tente me comer, mais desgastará os seus dentes. Eu, com os meus dentes de aço bem temperado, cortarei em pouco tempo seus dentes e qualquer arma de quem chegar.

Moral da história: Dois valentes fogem sempre da briga e um mau poderoso evita lutar com outro mau poderoso. Entre iguais, a briga é duvidosa. Com os menores, cada um quer ser lima e ser serpente. Nos grandes ninguém ousa meter dentes, porque estes também os têm para morder. Uma vida honesta e pura é como a lima: por mais que a serpente da calúnia lhe queira cravar os dentes, nada consegue.

64. Os carneiros imprudentes e o lobo

Estando juntos alguns carneiros, chegou o lobo. Mas, os carneiros não se alvoroçaram nem fizeram caso disso. O lobo pegou um deles e logo o matou. E nem ao ver sangue, os outros tiveram medo.

O lobo continuou e matou todos os carneiros um a um até ao último que, vendo-se encurralado, disse:

- Com razão padecemos, pois vendo o nosso mal não quisemos entendê-lo. No princípio, poderíamos ter-nos defendido dando cabeçadas, vendo que nos matava. Mas, não quisemos. Agora, eu sozinho nada posso fazer e assim morreremos todos.

Moral da história: Diz um que, quando arder a barba de seu vizinho, coloque a sua de molho. Quem não se alerta vendo os perigos alheios, não é prevenido. Os males alheios bem percebidos são uma lição proveitosa para o prudente. Mas, quem se deixa ir pelo caminho por onde vê que se perdem todos, este se perderá por sua culpa e morrerá como o carneiro.

65. O lobo e o burro doente

Sentindo-se o burro indisposto e doente, foi o lobo visitá-lo, fazendo-se muito seu amigo. O lobo tomou seu pulso, passou a mão pelo seu rosto e disse que queria curá-lo. O burro estava quieto, porém queria estar a cem quilômetros do lobo, o qual lhe apalpava os membros todos. O lobo perguntou onde lhe doía e o apertava e o beliscava tanto, que o burro disse:

- Onde quer que você me põe a mão, logo aí me dói. Mas, eu suplico a você que vá embora e que não me cure, porque quanto você for, logo ficarei bom.

Moral da história: Nunca são os maus tão venenosos como quando escondem o seu veneno debaixo de demonstrações de amor. Porque afinal o lobo é sempre mau. Mas, quando afaga é pior. Demonstrações de piedade do homem cruel são laços que ele arma para destruir o burro que confia nele. Basta a presença de charlatães, que só têm em mira os bens do doente, para agravar sua moléstia: quando se retiram, tem este meio caminho andado para a cura.

66. A pulga pretensiosa e o camelo

Uma pulga se colocou em cima de um camelo carregado e se deixou levar em cima da carga durante a jornada, no fim da qual saltou para baixo e, sacudindo-se, disse:

- Ainda bem que eu desço, porque estava com pena de vê-lo assim. Agora, você poderá seguir viagem mais leve com pouca carga.

O camelo riu desta gentileza e respondeu:

- Nunca senti que eu a levava em cima de mim! Você não pode me carregar nem me aliviar do peso da carga, uma vez que você não pesa nada. A carga que eu levo, esta sim, eu sinto o peso. Você não tem peso suficiente para que alguém possa lhe sentir.

Moral da história: Há homens leves como pulgas que, para se mostrarem de muita importância e íntimos de pessoas influentes, não fazem senão entrar e sair de suas casas. Eles dão a mão a outros, que vão como os camelos carregados de negócios, somente para meterem na cabeça de quem não os conhece bem, que são considerados por estas pessoas importantes ou que valham para alguma coisa. Há quem descabida vangloria até se gaba de relacionamentos que nunca teve e favores que nunca recebeu.

67. O caçador e as aves

Um caçador consertava as suas armadilhas. As aves, observando-o, cantavam à sombra das árvores elogiando-lhe a perícia. Um pássaro velho e experiente disse aos outros:

- Vamos todos fugir e logo! Este homem é um caçador e apenas quer nos apanhar e prender. Vamos ficar voando até ver o que acontece. Este caçador e todos iguais a ele, quantos de nós caçar, ele vai torcer nosso pescoço ou cortá-lo e, mortos ou presos, vai nos colocar em sua bolsa.

Moral da história: Semelhantes a estas aves são os que não conhecem o seu mal senão quando caem nele. Mas, o pássaro velho significa qualquer homem sensato e experiente, cujo conselho bem recebido muitas vezes livra a gente da morte e até cidades inteiras de total destruição.

68. O cervo e o cavalo interesseiro

O cervo e o cavalo lutaram algumas vezes para disputar o direito sobre o pasto. Como o cervo com os chifres fazia sempre o cavalo fugir, este foi ao encontro de um homem e disse-lhe:

- Coloque rédeas e uma sela e suba em mim e matará um cervo que anda por aqui.

O homem assim fez. Morto o cervo, quis o cavalo que ele apeasse. Mas, o homem, que já se habituara em tê-lo, não concordou. E o cavalo ficou sempre sujeito às rédeas e à sela, servindo como montaria ao homem.

Moral da história: Entende-se aqui como cavalo aquele que, para comer ou levar vantagem sobre outro, aceita servir alguém, ficando sempre como seu criado por não se contentar com que tinha e lhe bastava. Nunca se une a outro com perversa intenção, pois a dependência criada pela cumplicidade escraviza para sempre.

69. O abutre impiedoso e os pássaros

O abutre convidou para um banquete todas as outras aves, dizendo que queria festejar o seu Natal. Muitas aceitaram o convite e o abutre as

recolheu todas num aposento. Na hora do jantar, estando todas sentadas à espera, vem o abutre, fecha as portas e começa a matá-las uma a uma. Todas esvoaçavam com medo e nenhuma delas se atreveu a enfrentá-lo. E, por fim, o impiedoso abutre matou-as todas, porque para isso as tinha convidado. Ou, no mínimo, pretendia roubá-las.

Moral da história: Quando ricos e poderosos fazem aos pequenos mais honras do que habitual, ou os convidam com elogios e lhe oferecem uma grande recepção fora do costume, tenham a certeza ou saem mortos ou pelados. Porque esses normalmente não estimam os outros, senão para seu proveito e para se servirem ou das pessoas ou de seus bens. Desconfie dos favores dos poderosos. Eles podem ter segunda intenção.

70. O carneiro velho prudente e os carneiros jovens

Três carneiros jovens e um mais velho pastavam em um campo. O mais velho decidiu de repente fugir. Os outros ficaram espantados, sem saber a causa. Como não entendiam o perigo, riam do medo e da fuga do carneiro mais velho, o qual vendo a sua zombaria, disse:

- Vocês são loucos e ignorantes! Vocês não estão vendo que quando vem um animal carniceiro ele mata sempre os maiores? Por isso eu fujo. Mas, quando ele vier e matá-los, eu vou lamentar por vocês terem feito zombaria e esperado.

Moral da história: É habitual ignorantes e covardes zombarem de sensatos e valentes, e os menores dos maiores, porque como os grandes se arriscam mais nos perigos, procuram com sensatez proteger-se deles. Mas os ignorantes, como não consideram isso sensatez, mas covardia, nem entendem as coisas e, como carneiros jovens, zombam simplesmente dos homens sensatos.

71. O leão e o homem

O homem e o leão discutiam sobre qual era o mais valente. O homem, para provar o seu ponto de vista, levou o leão a um túmulo, onde estava uma estátua de um homem que estrangulava um leão, que tinha debaixo de si. O leão riu ao ver isto, dizendo:

- Se não fosse um homem que colocou esta estátua aqui, eu até poderia acreditar no que estou vendo. Mas, sendo homem você é suspeito. Portanto, vamos esquecer as esculturas e provar isto no braço.

E dito isto, o leão logo derrubou o homem no chão e o matou com muita facilidade.

Moral da história: É muito perigoso querer, com palavras ilusórias, contradizer a sólida verdade, uma vez que, na hora de provar, fica a

mentira manifesta. E, quem a defendia, fica morto e injuriado. Um homem que nega maliciosamente a verdade, é digno de injúria. Nunca por insana vaidade obrigue o seu superior a convencê-lo da sua superioridade.

72. A panela de barro e a de cobre

Uma correnteza arrastava duas panelas, uma de cobre e outra de barro, lado a lado. Disse a de cobre à panela de barro:

- Cada uma de nós, isoladamente, não tem força para resistir à água. Então, se aproxime de mim e ambas poderemos resistir melhor a esta correnteza.

Respondeu a panela de barro:

- Não quero, não vejo em sua proposta qualquer benefício para mim porque, se na água você me der uma pancada, ou eu der uma em você, de qualquer maneira você ficará inteira e eu ficarei em pedaços.

Moral da história: Quem se junta com homem mais poderoso corre grande risco, porque os poderosos são de cobre e os pobres de barro e a corda quebra sempre pelo mais fraco. E, se dois poderosos têm brigas e depois querem se acertar, eles fazem tão pouco caso da honra dos pobres que os ajudaram nelas e que muitas vezes fizeram pactos entre si. Quem se une aos mais poderosos, a muito se expõe, correndo por sua conta os perigos da união.

73. A cobra agradecida e o seu anfitrião

Uma cobra peçonhenta recolheu-se em casa de um homem, que a abrigou e alimentou durante alguns dias. A cobra teve filhotes e um dos filhotes mordeu um filho do homem, provocando-lhe a morte. A cobra, que viu o homem chorar à sua frente, matou todos os filhotes, saiu de casa e nunca mais regressou.

Moral da história: O exemplo da cobra repreende os que não são agradecidos aos benefícios que recebem, pois um animal irracional e de natureza feroz mostrou a quem lhe fez bem tão grande agradecimento.

74. O cão ingrato e o jardineiro

O cão de um jardineiro chegou a um poço e, como no fundo viu a sua imagem refletida, encantou-se com ela. Tantas voltas deu mirando-se na água, que caiu no poço. O cão já estava se afogando, quando chegou o jardineiro que, com pena dele, desceu ao fundo do poço para tirá-lo. Mas,

quando o homem o pegou, o cão meteu-lhe os dentes no braço e o mordeu. O jardineiro largou-o com a dor e o cão daí a pouco se afogou.

Moral da história: Por este cão se entende o pecador que, quando alguém com bons conselhos o quer tirar do poço dos pecados, vira-se e morde-o. Mas, o que o pecador ganha é o seu colaborador o abandonar e, se Deus não lhe acode, acaba se afogando em vícios, acabando por pagá-los no inferno. Há homens cães que até na hora do benefício mordem a mão do que lhe fez bem.

75. A raposa e a doninha

A raposa andava cheia de fome e por um buraco na parede conseguiu entrar numa despensa, onde já se encontrava uma doninha. Vendo tamanha abundância de alimentos, a raposa comeu quanto quis e engordou de tal maneira que já não conseguiu sair por onde entrara. Disse-lhe, então, a doninha:

- Se não gosta de se ver presa, volta a emagrecer e poderá sair.

Respondeu a raposa:

- Você tem razão! Antes quero passar fome do que estar presa.

Moral da história: O homem, quanto mais tem, mais preso está e mais dependente é. O pobre pode entrar e sair sem dificuldade e, se não come tanto, tem maior liberdade, a qual por nenhuma fartura deve trocar o homem sábio. Quem mais tem, mais preso está. A fortuna, em vez de dar independência, obriga a travar relações que são como correntes de ouro que amarram nossas mãos.

76. A nora e a sogra

Era uma vez uma mulher casada que se dava muito mal com a sogra. Um dia alguém ofereceu a esta mulher uns doces e, entre os doces, havia um que era uma mulher feita de açúcar. E a pessoa que trouxe os doces, disse que aquela era a figura da sua sogra. A mulher partiu um pedaço e colocou na boca, cuspidando-o em seguida, dizendo:

- Basta ser a sogra, que até de açúcar é amarga.

Moral da história: Esta fábula humana, além de mostrar coisa tão ordinária como é o ódio entre noras e sogras, também nos ensina quão o ódio é algo ruim, pois faz com que o açúcar pareça fel. Como se vê muitas vezes, quando um inimigo faz uma boa ação a outro, ele não a aceita, ao contrário, a despreza e a considera ruim.

77. O burro e a cobra

Como recompensa por um serviço prestado, os homens pediram a Júpiter a eterna juventude, o que ele concedeu. Júpiter pegou a juventude, colocou-a em cima de um burro e mandou que a levasse aos homens. Indo o burro no seu caminho, chega a um ribeirão com sede, onde estava uma cobra que disse que não o deixaria beber daquela água se não lhe desse o que levava nas costas. O burro, que não sabia o valor do que transportava, deu-lhe a juventude a troco da água. E assim os homens continuaram a envelhecer e as cobras renovando-se a cada ano.

Moral da história: Esta fábula mostra que as coisas de importância não se entregam a homens estúpidos, porque uma cobra manhosa com qualquer argumento os vence e faz com que descubra o segredo alheio ou desfaça os negócios que lhes são entregues, cujo peso e importância não entendem.

78. O corvo e o escorpião

Ao sair da sua toca, um escorpião foi visto por um corvo que, rapidamente, caiu sobre ele e o levou nas unhas. Depois de voar um pouco, pousou no chão para comer o que caçara. Mas, o escorpião picou o corvo matando-o e ele ficou livre e em paz.

Moral da história: Este corvo representa os que, como diz o ditado, vão buscar lã e regressam tosquiados. Assim acontece muitas vezes com quem arma a ratoeira e cai nela. O que ordena a traição morre em poder de traidores. Muitas vezes o perverso, quando pensa que triunfa, é vítima da própria iniquidade.

79. O ladrão e o anjo

Um ladrão, enquanto dormia encostado a uma parede, viu nos sonhos um anjo que o acordava, dizendo:

- Levanta e se vai daqui!

O ladrão acordou e, afastando-se da parede, viu a parede, de repente, cair no chão. Devido a este acontecimento, o ladrão ficou muito alegre e orgulhoso, crendo que Deus o protegera devido à sua virtude. Mas, na noite seguinte, ao adormecer, voltou a ver o anjo, que lhe dizia:

- Não fique vaidoso! Se ontem eu lhe protegi, foi porque não era aquela sua morte, mas a da força, para a qual você está reservado.

Moral da história: À força do inferno vão parar os que, das graças que Deus lhes faz, encontram motivos de ofendê-lo e serem mais soberbos. E esta fábula nos avisa e ensina que para muitos a fortuna dada é para o seu mal. Muitos vivem, mas que seria melhor para eles morrer. Pelo que um

filósofo, escapando de uma casa que se arruinou e matou muita gente, disse com humildade: “Oh, sorte! Para que ocasião está me guardando?”.

80. A serpente e a cabra

Uma cabra que andava a pastar com o cabrito pisou sem querer uma serpente com os pés. Esta, enfurecida, levantando-se um pouco, picou a cabra numa teta. Mas, como o cabrito veio logo mamar e chupou com o leite o veneno da serpente, salvou sua mãe e ele morreu.

Moral da história: Mostra-se nesta fábula como muitas vezes nesta vida acontece pagar o justo pelo pecador, como aqui pagou o filho pela mãe. E muitos filhos são temporalmente castigados pelos pecados dos pais. Por vezes, o mundo é tão contrário aos justos que, como diz o poeta, mata as pombas e cria os corvos, querendo dizer: sustenta aos maus e persegue os inocentes. Sacrificar tudo, até a vida, pelas nossas mães, é dever que não carece ser ensinado.

81. A raposa e o leão

A raposa procurava manter o seu covil muito bem fechado e estava lá dentro gemendo, porque estava doente. O leão aproximou-se da porta e lhe perguntou como estava, pedindo que o deixasse entrar. O leão se ofereceu para lambê-la, com a justificativa que tinha qualidades medicinais em sua língua e que logo ela sararia depois de suas lambidas. Respondeu a raposa de dentro do seu covil:

- Não posso abrir, nem quero. Creio que a sua língua tem virtudes. Porém, ela está muito próxima de seus dentes e eu tenho muito medo deles. Portanto, prefiro antes continuar sofrendo com o meu mal.

Moral da história: Avisa-nos esta raposa que quando nos oferecem alguma coisa boa, devemos verificar as circunstâncias dela que, às vezes, são de tal ordem que custam muito mais do que vale a caridosa obra.

82. Hércules e os pigmeus

***Hércules:** nome em latim dado pelos antigos romanos ao herói da mitologia grega Heracles.*

Hércules estava na terra dos pigmeus, que não chegavam a medir dois palmos, e dormia à sombra de uma árvore com uma maçã ao lado e a uma pele de leão na cabeceira. Muitos pigmeus se uniram disposto a matá-lo e foram pegar nele, acordando-o. Simplesmente enxotando-os com a pele

do leão, como quem enxota mosquitos, Hércules matou grande número deles e tornou a adormecer.

Moral da história: Entendem-se como os pigmeus as pessoas temerárias, que não avaliando bem suas forças, se propõem fazer coisas maiores do que conseguem, daí resultando que ou morrem estupidamente ou ficam para sempre prejudicadas. Sempre os pigmeus se juntam contra o homem esforçado. Este, porém, com um simples aceno os faz fugir e os esmaga.

83. O caçador de pássaros e a serpente

Um caçador de pássaro pegou suas armadilhas e partiu para a caça. No caminho, ele viu um rouxinol pousado em cima de uma árvore e se propôs caçá-lo, armando sua armadilha como estava acostumado e, olhando fixamente, concentrou sua atenção para o alto.

Quando levantava a cabeça, não percebeu que pisava em uma serpente adormecida que, revoltando-se, o mordeu. E o caçador, sentindo que iria morrer, disse para si mesmo:

- Infeliz! Eu quis pegar uma presa e não percebi que eu mesmo me convertia em presa da morte.

Moral da história: Quando pensamos em prejudicar o próximo, não nos damos conta de nossa própria desgraça.

84. A cigarra e a andorinha

A Andorinha criava os seus filhos e, buscando-lhes o que comer, apanhou uma cigarra com o bico. A cigarra lhe pediu que a soltasse, alegando que eram semelhantes, porque ambas eram músicas e ambas cantavam somente no verão. Disse a andorinha:

- Exatamente em razão disso eu já lhe mataria, porque você tenta me imitar, ainda que os meus filhos não tivessem necessidade de comer.

Moral da história: Prova-se nesta fábula que o competidor de sua profissão pode ser o seu inimigo. Na hora do perigo, quantas vezes buscamos razões que nos salvem, recorremos a álibis que nos comprometem?

85. O soldado e a corneta

Um velho soldado, aposentado e cansado da guerra, decidiu queimar todas as armas que tinha. E, entre elas, tinha uma corneta, que lhe suplicou que não a queimasse, dizendo que ela não era arma nem instrumento de matar ou ferir, pelo que não merecia castigo. Respondeu o soldado:

- Você merece o castigo maior e vou queimá-la primeiro. Você não prestava para lutar, mas atiçava os outros para que se matassem na guerra.

E logo o soldado queimou a corneta junto com as armas.

Moral da história: Na figura da corneta mostra-se o castigo que merecem alguns covardes, que tramam brigas com a língua e ocupam a profissão do diabo, tecendo intrigas e incitando ao mal pessoas maldosas, cujos delitos que praticarem devem ser castigados em dobro.

86. O homem e a burra

Um homem trabalhador cavava uma horta à noite para que de dia pudesse para plantar couves e outra hortaliça. E, mal estas cresciam, entrava na hora uma burra e comia toda a plantação que podia. Assim, apesar de todo o seu trabalho, o homem era cada vez mais pobre. Queixando-se disto a um vizinho, este lhe respondeu:

- Você é cego. Tudo o que você trabalha e planta, a burra come. Trabalha menos, guarda a sua hortaliça e verá o fruto do seu trabalho.

Moral da história: Nesta fábula se mostra o que acontece ao homem casado com mulher esbanjadora. Trabalha duramente e ela lhe consome tudo. Do que o vizinho lhe aconselhava, podemos aprender a fugir de más mulheres e a olhar pelos bens que elas cuidam bem e os que elas destroem, se queremos ver os frutos do nosso trabalho. Não basta trabalhar, é necessário ter prudência e saber conservar. Mais estraga o desleixo de um minuto do que edifica o cuidado de todo o dia.

87. O urso e as abelhas

Um urso procurava por entre as árvores pequenos frutos silvestres para comer quando encontrou, junto de uma árvore caída, uma colmeia de abelhas. O urso, com bastante cuidado, começou a farejar em volta da colmeia tentando descobrir se as abelhas estavam em casa e se poderia, em segurança, deliciar-se com o precioso favo de mel. Nesse preciso momento, uma das abelhas estava regressando do campo, onde fora colher néctar das flores. Adivinhando o que o urso pretendia, a abelha voou até ele e deu-lhe uma ferroadada, desaparecendo em seguida na colmeia. O urso, com a dor da ferroadada, ficou furioso e atacou a colmeia com unhas e dentes, disposto a destruir o ninho das abelhas. Mas, isso apenas fez enfurecer todas as abelhas da colmeia e o pobre urso teve de fugir o mais depressa que pode em direção a um pequeno lago, onde mergulhou para se pôr a salvo do ataque das abelhas.

Moral da História: Mais vale sofrer uma pequena injúria em silêncio que dar motivo a um milhar delas com um ataque de fúria.

88. As duas cabras

Duas cabras, brincando alegremente sobre as pedras na parte mais alta de um vale montanhoso, encontravam-se separadas por um abismo, em cujo fundo corria um caudaloso rio que descia das montanhas. O tronco de uma árvore caída era o único e estreito meio de atravessar de um lado para outro do despenhadeiro e nem mesmo dois pequenos esquilos seriam capazes de cruzá-lo ao mesmo tempo com segurança. Aquele estreito e precário caminho era capaz de amedrontar mesmo o mais valente dos que quisessem atravessar. Exceto aquelas duas cabras. Mas o orgulho de cada uma não permitia que se deixasse ficar atrás da outra. Uma resolveu então pôr um pé no estreito tronco e logo a outra lhe seguiu o exemplo. De passo em passo, acabaram se encontrando frente a frente no meio da travessia. Como nenhuma das duas mostrava disposição de ceder caminho à adversária, acabam lutando uma com a outra e, caindo ambas no abismo, foram arrastadas pela correnteza.

Moral da história: O orgulho e a teimosia entre competidores podem levar ambos ao fracasso e prejuízos, quando nenhum cede em suas aspirações.

89. A batalha dos ratos com os gatos

Os gatos e os ratos estavam sempre em guerra uns com os outros. Em cada batalha, os gatos saíam sempre vitoriosos, levando consigo um grande número de ratos, que lhes serviam de refeição para o dia seguinte. Desesperados, os ratos resolveram reunir-se para tratar do assunto. No decorrer da reunião, chegaram à conclusão de que os ratos eram sempre derrotados porque não tinham um líder. Escolheram por isso um grande número de generais e comandantes entre os ratos mais eminentes. Para se diferenciarem dos soldados comuns, os novos líderes ostentavam orgulhosamente nas cabeças ornamentos feitos de penas ou de palha. Então, depois de uma longa preparação do exército dos ratos nas artes da guerra, enviaram um desafio aos gatos. Os gatos aceitaram o desafio com entusiasmo, uma vez que estavam sempre prontos para a luta, sobretudo quando ela representava uma bela refeição. Assim, atacaram imediatamente e em grande número o exército dos ratos. Num instante, a linha da frente dos ratos sucumbiu ao ataque e o resto das tropas bateu em retirada numa fuga desesperada para se abrigarem nos seus buracos. Os soldados rasos entraram com facilidade nas suas estreitas tocas, mas os ratos líderes não tiveram a mesma sorte, uma vez que os exagerados adereços que lhes enfeitavam as cabeças os atrapalharam. Assim, nenhum deles conseguiu escapar do ataque dos esfomeados gatos.

Moral da história: Na hora de perigo, antes confundir-se como povo do que primar entre os chefes. Ali abrigam-se todos na comum obscuridade,

aqui pelo seu esplendor é cada um denunciado. Quando adquirir postos de alto nível, não se vanglorie, pois muito mais que a aparência do posto, é a responsabilidade de cumprir o mandato.

90. A formiga agradecida e a pomba bondosa

Uma pomba viu uma formiga cair num ribeirão e as tentativas vãs que ela fazia para alcançar a margem. Com pena dela, a pomba pegou numa palha e a deixou cair na correnteza perto da formiga. Esta subiu para a palha e conseguiu navegar em segurança até a margem. Pouco tempo depois, a formiga viu um homem que se preparava para matar a pomba com uma arma. No momento em que ele ia dar o tiro, a formiga deu-lhe uma ferroadinha no pé, que o fez errar o alvo e permitiu que a pomba voasse a salvo para longe.

Moral da história: Mesmo sem contar com a gratidão e reconhecimento, é sempre bom fazer o bem aos outros.

91. A águia, o corvo e o pastor

Pulando do alto de um penhasco, uma águia arrebatou um cordeiro. Um corvo observava a maestria da águia e a facilidade com que obteve a sua caça e pensou:

- Esta águia é uma grande mestra! Eu acredito que posso fazer o mesmo que ela fez e caçar um carneiro para mim!

E o corvo se lançou sobre um carneiro, tentando imitar a águia. Porém, a falta de habilidades naturais do corvo para esta façanha fez com que o corvo falhasse e ficasse com suas garras presas na lã do carneiro, batendo as asas desesperadamente tentando soltar-se. O pastor vendo o que estava acontecendo, pegou o corvo e cortou as pontas de suas asas, levando-o para os seus filhos. E seus filhos perguntaram que tipo de pássaro era aquele. E o pastor respondeu:

- Para mim, é apenas um corvo. Mas, ele acredita que é uma águia!

Moral da história: Coloque o seu esforço e dedicação em algo que você está realmente preparado e não em algo para o qual você não está habilitado ou não é o seu lugar. Assim, você evita o fracasso certo.

92. A águia, a lebre e o besouro

***Zeus:** na religião da Grécia, é o pai dos deuses e dos homens, que exercia autoridade sobre os deuses olímpicos, como um pai sobre sua família. É o deus dos céus e do trovão, na mitologia grega. Seus símbolos são o raio, a águia, o touro e o carvalho.*

Uma vez, uma lebre estava sendo perseguida por uma águia. Desesperada, ela viu ao longe um besouro e foi procurar por sua ajuda. O besouro condoído com o sofrimento da lebre, pediu à águia para poupar a sua amiga lebre, deixando-a ir em paz. Mas, a águia, desprezando a insignificância do besouro, devorou a pobre lebre em sua presença. Desde então, em busca de vingança, o besouro observa onde a águia faz o seu ninho para colocar seus ovos e voa em sua direção, rolando os ovos da águia e os jogando ao chão. E assim acontecia toda a vez que a águia fazia o seu ninho para colocar seus ovos. Então, a águia procurou por Zeus e pediu sua ajuda para encontrar um lugar seguro para colocar os seus ovos. Zeus lhe ofereceu lugar em seu colo. Mas, o besouro, percebendo as tentativas da águia de escapar de sua vingança, voou e deixou cair no colo de Zeus uma bola de esterco. Zeus, então, levantou-se para sacudir aquela sujeira e jogou na terra os ovos da águia, sem se dar conta. Assim, desde então, as águias não põem ovos no momento da erupção de besouros voadores.

Moral da história: Nunca menospreze o que lhe parece insignificante, pois não há ser tão débil que não possa alcançá-lo.

93. A mercadora de leite sonhadora

Uma jovem mercadora de leite, que acabara de tirar o leite das vacas, voltava do campo com um balde cheio à cabeça, balançando graciosamente. Enquanto caminhava, a sua cabeça não parava de imaginar planos que tinha para os dias seguintes. Pensava ela:

- Com este bom e rico leite farei uma boa manteiga que venderei no mercado. Com o dinheiro, comprarei uma dúzia de ovos para chocar. E como serão engraçados os pintinhos ao nascerem! Até já consigo vê-los a correr e bicar o chão do quintal em busca de comida. Quando chegar o mês de maio, vou vendê-los no mercado e com o dinheiro comprarei um adorável e belo vestido novo. Com ele, quando for à feira, decerto serei o centro das atenções. Todos os rapazes olharão para mim. Eles então virão e tentarão namorar comigo. Mas, eu imediatamente os mandarei todos cuidar de suas vidas.

Enquanto ela pensava como seria a sua nova vida, virou a cabeça descuidadamente para trás e, sem querer, deixou cair no chão o balde com o leite. E todo leite se derramou e foi absorvido pela terra. E com ele, se desfez a manteiga, e os ovos, e os pintinhos, e o vestido novo, e todo o seu orgulho de leiteira.

Moral da história: A esperança toda a vida nos embala. Basta-nos qualquer circunstância, por insignificante que seja, para que nela assentemos nossos

castelos, castelos que a imaginação reveste de ouro e que o menor sopro da realidade desfaz.

94. A águia de asa cortada e a raposa

Certo dia, um homem capturou uma águia, cortou suas asas e a soltou no quintal junta com todas as suas galinhas. Entristecida, a águia, que outrora fora poderosa, vivia de cabeça baixa e sem comer. Ela se sentia como uma rainha aprisionada. Um dia, outro homem, que passava pelo local, viu e gostou da águia e decidiu comprá-la. Levando-a para sua casa, o homem arrancou as penas que haviam sido cortadas e, assim, as fez crescer novamente. Reposta a águia de suas asas, ela caçou uma lebre para levá-la como gratidão a este homem por sua libertação. Uma raposa viu a águia e, maliciosamente, lhe deu um conselho errado, dizendo:

- Não leve a lebre ao homem que a libertou e sim ao que lhe capturou, porque quem lhe libertou já é um homem bom e não precisa de mais incentivo adicional. Procure, ao invés disto, abrandar o outro homem para que ele não a capture e arranque suas asas completamente.

Moral da história: Sempre corresponda generosamente aos seus benfeitores e, por prudência, mantenha-se longe dos malvados que insinuam estar você agindo de forma incorreta.

95. A águia e a flecha

Estava pousada uma águia no pico de um penhasco, aguardando a chegada das lebres. Mas, ela viu um caçador que, lançando-lhe uma flecha, atravessou o seu corpo. Vendo a águia que a flecha tinha sido feita com penas de sua própria espécie, exclamou:

- Como é triste terminar meus dias com uma arma feita das penas de minha própria espécie!

Moral da história: Mais profunda é a nossa dor quando nos vencem com nossas próprias armas.

96. A águia e os galos

Dois galos brigavam pela preferência das galinhas e, finalmente, um pôs em fuga o outro. Resignadamente, o galo derrotado se retirou em um matagal e escondeu-se lá. Mas, por outro lado, o orgulhoso vencedor subiu em um muro alto de onde começou a cantar com grande pompa. Mas, não tardou para uma águia cair sobre ele e raptá-lo. Desde então, o galo que havia perdido a luta ficou com todo o galinheiro.

Moral da história: Quem faz alarde de seus próprios sucessos, não tarda em aparecer quem o logo os arrebatou.

97. O velho e o feixe de varas

Um homem já velho tinha muitos filhos, que passavam o tempo a brigar uns com os outros. O velho pai tentava ensiná-los a evitar aquelas discussões, mas sem resultado. Um dia, chamou-os todos e pediu que lhe trouxessem um feixe de varas. Depois ordenou a cada um dos filhos que tentasse, com toda a sua força, partir o feixe de varas. Todos experimentaram, mas por mais força que fizessem, nenhum conseguiu quebrá-lo. Por fim, o pai desamarrou o feixe e partiu facilmente as varas, uma a uma. E disse-lhes:

- Meus filhos, desta forma vocês podem ver o poder da unidade. Se vocês se mantiverem unidos com a força da amizade, ninguém os vencerá. Se vocês se separarem, estarão perdidos.

Moral da história: Da união nasce a força, todos sabem disto. Não há verdade mais óbvia. Entretanto todos parecem ignorá-la.

98. Os dois viajantes e o urso

Dois homens viajavam juntos quando, de repente, à frente deles apareceu um enorme urso. Um dos viajantes não pensou duas vezes e apressou-se em subir em uma árvore, escondendo-se entre os ramos. O outro, sem tempo para fugir e incapaz de enfrentar sozinho aquela enorme fera, deitou-se no chão fingindo-se de morto. O urso aproximou-se dele, cheirou-o na cabeça e no corpo, e aparentemente convencido de que o homem estava morto, foi-se embora tranquilamente.

O homem que estava em cima árvore desceu então e, como se estivesse brincando, perguntou ao amigo:

- Pareceu que o urso sussurrou alguma coisa ao seu ouvido. Ele lhe disse alguma coisa?

Respondeu o outro:

- Sim, deu-me um conselho: Nunca ande na companhia de um amigo que no primeiro momento de aflição lhe abandona à sua sorte!

Moral da história: É na desgraça e dificuldades que se veem os verdadeiros amigos.

99. As raposas nas margens do rio São Luís

As raposas se reuniram um dia às margens do grande rio São Luís para saciar sua sede. Mas, o rio estava muito turbulento e, ainda que umas

encorajavam as outras, nenhuma se atrevia a entrar primeiro no rio. Finalmente, uma delas se manifestou e, querendo humilhar as outras zombando de sua covardia, se gabava em ser a mais corajosa. Assim, saltou na água de forma imprudente e atrevida. Mas, a forte correnteza arrastou-a para o centro do rio e seus colegas, seguindo-a pela margem do rio, lhe gritavam:

- Não nos deixe companheira! Volte e nos diga como devemos fazer para beber água sem perigo!

Mas a imprudente, arrastada sem socorro e tentando esconder sua morte próxima, respondeu:

- Agora eu tenho uma mensagem para São Luis. Quando voltar, vou ensiná-las como podem fazer isto.

Moral da história: Geralmente, os fanfarrões sempre se colocam ao alcance do perigo.

100. A raposa faminta que encheu sua barriga

Uma raposa faminta encontrou no tronco de um carvalho alguns pedaços de carne e pão que os pastores tinham deixado escondido em uma cavidade. E, entrando no buraco, comeu-os todos. Mas, a raposa tanto comeu e sua barriga cresceu tanto, que ela não conseguia mais sair. Ela começou a gemer e lamentar-se do problema que havia criado. Por acaso, passou por ali outra raposa que, ouvindo seus gemidos, se aproximou dela e perguntou-lhe o que tinha acontecido. Quando se inteirou do acontecido, ela disse:

- Você pode ficar tranquila irmã até que você volte a ter a mesma forma que estava! Então, com certeza, você poderá sair facilmente sem problema!

Moral da história: Com paciência se resolvem muitas dificuldades.

101. A raposa em perigo e o porco-espinho

Uma raposa saltava sobre pequenos montes de terra e, de repente, ela estava prestes a cair. E para evitar a queda, ela agarrou-se a um porco-espinho, mas seus espinhos farpados feriram suas pernas e, sentindo a dor que lhes causou, disse ao porco-espinho:

- Eu acudi a você por sua ajuda e você, ao contrário, me feriu!

Ao que respondeu o porco-espinho:

- A culpa é sua amiga por me agarrar. Você sabe como eu sou bom para me agarrar e ferir a todo o mundo. E você não era uma exceção!

Moral da história: Nunca peça ajuda a quem está acostumado a fazer o mal.

102. A raposa e a cabra no poço

Uma raposa caiu em um poço profundo, vendo-se obrigada a ficar lá dentro por não poder alcançar a borda do poço. Mais tarde, chegou ao mesmo poço uma cabra sedenta e vendo a raposa lá dentro lhe perguntou se a água era boa de beber. A raposa, ocultando o seu verdadeiro problema, fez os maiores elogios para a água, afirmando que era excelente e convidou a cabra para descer lá em baixo onde ela estava. Sem pensar muito, a cabra saltou no poço e depois de matar sua sede perguntou à raposa como fariam para sair dali. Então, disse-lhe a raposa:

- Há uma maneira que, sem dúvida, é nossa mútua salvação. Apoia suas patas dianteiras contra a parede e eleve bem em cima os seus chifres. Em seguida, eu subirei pelo seu corpo e, uma vez lá fora, eu lhe tirarei do poço.

A cabra acreditou e assim o fez de bom gosto. E a raposa subindo habilmente pelas costas e chifres de sua companheira, conseguiu sair do poço, alcançou a borda e saiu do poço em um instante, sem cumprir o prometido. Quando a cabra reclamou da violação do acordo, a raposa voltou e lhe disse:

- Olhe, parceira! Se você tivesse tanta inteligência tanto quanto tem pelos em sua barba, você não teria descido no poço sem antes pensar como sairia depois!

Moral da história: Antes de se comprometer com algo, pensa primeiro se poderia cumprir o acordo, sem levar em conta o que lhe ofereceram seus parceiros.

103. O burro e o cavalo

Um burro pediu a um cavalo que lhe desse uma pequena parte do que estava comendo. O cavalo disse:

- Sim, se algo cair do que estou comendo agora, eu lhe darei pela minha própria dignidade superior e se você vier quando eu estiver em meu pasto pela tarde, lhe darei um pequeno saco cheio de cevada.

O burro respondeu:

- Agradeço, mas não posso pensar que você, que me rejeitou um pouco de sua comida agora, me proporcionará mais tarde um benefício maior.

Moral da história: As promessas dos altivos e mentirosos nunca são confiáveis.

104. O bezerro e o boi velho

Um lavrador tinha um boi já velho, mestre no trabalho de puxar carros. E o lavrador lhe deu como companheiro um bezerro ainda mal domado e todo entusiasmado. O boi velho viu um insulto em semelhante parceria. E o lavrador disse:

- Olha, eu não estou emparelhando o bezerro com você no meu gosto. Coloco-o na canga junto com você para que, com o seu exemplo, aprenda e melhor aproveite as lições que lhe dará a minha vara com ferrão. Entretanto, como é ele robusto e forte, você próprio poderá deixá-lo carregar o maior peso e, assim, você se achará aliviado.

Moral da história: Compete aos jovens boa companhia de homens sisudos e circunspectos. Uns e outros com isso tiram proveito.

105. O lenhador e a morte

Um pobre lenhador, atirando no chão um grande feixe de lenha que vinha carregando, exclamou:

- Que lida diária insuportável é esta a que me sujeita a sorte! Desde que amanhece vou para o mato e, até que anoitece, meus pobres braços não largam o machado. E com tanto trabalho, mal tenho um pedaço de pão duro para matar a fome, ando com estas roupas velhas que não resguardam do frio. De que me serve a vida? Morte, venha me buscar!

Nesse momento apareceu-lhe a morte e perguntou:

- O que você quer? Aqui estou eu para atender o seu pedido.

O lenhador estremeceu e já arrependido do seu pedido, respondeu:

- Eu lhe chamei para me ajudar a carregar a minha lenha.

Moral da história: Os que, nas aflições da vida, invocam a morte, grande decepção teriam se fossem atendidos.

106. O carreiro em apuros

Carreiro: condutor de carro de bois.

Um carreiro descuidou-se e atolou o carro de boi em um terrível pântano. O homem gritava, reclamava, picava com ferrão os seus bois. Os bois se desdobravam em esforço, mas nada conseguiam, o pegajoso barro prendia as rodas. O carreiro pôs-se, então, a suplicar a Deus e aos santos, fazendo-lhes promessas de esmolas e oferendas, se lhe tirassem o carro do perigo. Então, o carreiro ouviu uma voz que dizia:

- O céu vai lhe ajudar. Vamos lá! Toma a enxada, desprende a lama da roda, examina onde mais firme está o chão. Muito bem, agora cava e

limpa esse maldito barro, empurra a roda. Agora, toca seus bois. Ótimo! Veja! O seu carro está andando. Cuidado com outros atoleiros!

Vendo o milagre feito, o carreiro ajoelhou-se agradecido. Então, ele ouviu novamente a voz, dizendo:

- Você está certo em agradecer, pois ficou sabendo que o céu sempre ajuda a quem se ajuda a si próprio.

Moral da história: Nos lances da vida, aproveitemos a força e a inteligência que Deus nos concedeu. Quem por indolente ou por desânimo cruzar os braços, não conte com milagres que o salvem.

107. O velho barqueiro e o moço imprudente

Um velho barqueiro ia remando, embora seguisse a correnteza das águas de um rio. Um moço, que à beira do rio estava brincando, começou a zombar dele, dizendo:

- Para que você está remando? A correnteza das águas basta para levar por diante o seu barco. Deixa eu lhe mostrar como se faz!

O barqueiro, que era velho e experiente, sorriu-se e respondeu:

- Se eu lhe de o meu barco e você fizer o que está dizendo, vai se perder!

E o moço respondeu:

- Bobão!

Então, o barqueiro saltando para a margem do rio, disse:

- Pois bem! Então toma o barco e me dá a sua lição. Sempre se está em idade de aprender.

O moço saltou no barco e, largando os remos e leme, começou a cantar. A água levou o barco com excessiva impetuosidade e o arremessou de encontro a uma pedra. Com o abalo, interrompeu o moço a sua cantoria. Vendo o perigo, lançou mãos dos remos e do leme. Atordoadado, não sabendo o que fazer, implorou o auxílio do velho barqueiro. Mas, já era tarde. De encontro às pedras, o barco quebrou-se e o moço morreu afogado.

Moral da história: O imprudente aventura-se a perigos ocultos que o homem prudente, desde principio, os evita.

108. O leão e o mosquito

- Ora esta! Por que faz tanto barulho com os seus rugidos? Você pensa que é grande coisa! Só porque você tem um corpo grande e uma cara feia, acredita que é o rei dos animais! Aqui estou eu! Eu sim, que não tenho medo de você.

Quem falava deste modo era um mosquito. E o mosquito falava a um leão! Exatamente! Um mosquitinho desafiando um leão! E esta história não ficou assim. E o mosquito prosseguiu:

- Ora, então se defende lá e vamos medir forças.

E rapidamente o mosquito agarra-se ao nariz do leão. O possante animal ruge ferozmente, que faz tremer até as montanhas, procura com a pata arrancar do nariz o miserável inseto. Este, porém, introduz-se pelo nariz e mais lá dentro o morde. O leão se revolta e precipita seus movimentos, batendo com a cauda nas costas, saltando, com as garras dilacera o próprio focinho. O mosquito, tranquilo e sereno, vai multiplicando suas picadas. Para se ver livre de tão fraco inimigo, o leão emprega força suficiente para domar tigres e, por fim, tendo em sua fúria mordido a si próprio e se dilacerado todo com as garras, cai morto. Sai então do nariz do leão o mosquito e zunindo celebra a sua vitória.

Moral da história: Não há inimigo fraco. Para dar fim a um leão basta um mosquito, quando com a perspicácia do ódio sabe dirigir seus golpes.

109. Esopo e o mal criado

Esopo ia passando por uma rua. Um rapaz mal criado quis provocá-lo e lhe deu uma pedrada. Sem lhe responder, Esopo mete a mão no bolso e, tirando uma moeda, lhe diz: "

- Camaradinha! Admiro a sua destreza com pedras e sua coragem. Você tem muito talento, que devia ser desenvolvido e incentivado. Eu sinto que a sorte não me favoreceu com seus dons, pois, assim, muito eu poderia fazer por você. Entretanto, toma esta moeda e me desculpa. Felizmente, ali vem um sujeito que é rico. Mostre-lhe a sua habilidade com a pedra e ele irá lhe retribuir mais generosamente.

O imprudente rapaz, confiando no conselho de Esopo, apanhou uma pedra e atirou-a nas pernas do homem poderoso e rico que vinha se aproximando. Este, porém, sentindo-se insultado, mandou seus seguranças dar uma boa surra no insolente.

Moral da história: Quando você sofrer uma insolência, não se aflijas por não poder castigá-la. Dia virá em que o insolente a outro se dirija e então tudo pagará.

110. O solitário e o seu urso

Um homem, que no limiar da vida muito tinha que se queixar dos outros homens, reconhecendo os falsos, egoístas, mal agradecidos, tornou-se um ermitão e, renunciando à sociedade, foi se embrenhar em um lugar ermo. Ai vivia solitário, tendo por companheiro um urso que domesticara. No

urso havia concentrado todas as suas afeições e que lhe eram retribuídas pelo urso. Quem os visse brincar juntos diria que era um par de ursos. Um dia de verão, o solitário homem, vencido pelo calor e pelo aborrecimento, adormeceu. O urso pôs-se a vigiar que nada viesse incomodar o seu amigo, que nada o acordasse. Uma mosca pousou na boca do homem e o urso procurou enxotá-la. Como, porém, nada conseguisse por bons modos, pois a mosca ia-se e logo voltava, agarrou o bruto animal uma pedra e a atirou quando estava pousada na cabeça do seu amigo. O urso conseguiu matar a mosca. Mas, também, o pobre ermitão foi-se desta para melhor, sem que lhe valesse o pranto do urso, arrependido da sua imprudência. Moral da história: Nada mais perigoso que um amigo imprudente. Antes mil vezes um discreto inimigo.

111. Afrodite e a gata

Afrodite: é a deusa do amor, da beleza e da sexualidade na mitologia grega. Sua equivalente romana é a deusa Vênus.

Uma gata havia se enamorado de um bonito jovem e pediu a Afrodite que a fizesse uma mulher. A deusa, compadecida de seu desejo, a transformou em uma bela donzela e, então, o jovem caído de amor por ela, a pediu em casamento. Estando o casal descansando no quarto nupcial, Afrodite quis saber se, ao transformá-la de uma gata, havia mudado também de caráter. Em razão disto, soltou um rato no centro do quarto.

Esquecendo-se a gata de sua condição atual, levantou-se do leito e perseguiu o rato para comê-lo. Então, a deusa, indignada, a devolveu ao seu estado original.

Moral da história: A mudança de estado social de uma pessoa não a faz mudar seus instintos. Por mais que procuremos vencer a nossa índole, sempre ela volta inesperada. Se você lhe fecha a porta, ela entra pela janela.

112. A peste dos animais

Um mal horrível, que a ira celeste inventou para punir os crimes na Terra, a peste, fazia mil estragos entre os animais. Nem todos morriam, mas todos, abatidos e entorpecidos, quer de pavor, quer já por efeito da moléstia, arrastavam-se moribundos. Para tanta calamidade, só valem grandes remédios. O leão convocou assembleia geral dos seus súditos e assim falou:

- Prestimosos e amados vassalos! Ouçam-me, você que o flagelo de Deus açoita, me deem o auxílio de suas luzes. Nunca tão necessário nos foi

a todos nós um bom conselho. Não é natural essa epidemia, que nos vai devastando. Cada dia morremos aos milhares. É, certamente, o castigo que algum crime de algum animal está merecendo. Cumpre, pois, aplacar a ira celeste. Lembrei-me a principio de decretar um jejum de alguns dias. Porém, jejuando já estamos todos pelo abatimento que a moléstia causa. Então, ocorreu-me a ideia de todos fazermos aqui uma confissão geral para se descobrir qual o miserável cujo pecado nos trouxe semelhante desastre.

O parecer do rei foi por todos aprovado. O leão prosseguiu:

- Não quero, nem para mim, injusto favor. Se eu for o criminoso, com muita satisfação morrerei pelo meu povo. Confesso pois que, às vezes, em horas de fome, não respeitei bastante a vida do veado, da vitela, da ovelha e nem mesmo a do pastor. Se vocês julgaram que são esses os crimes que o céu está punindo, podem me dizer francamente. A gosto, eu me imolarei ao bem de todos.

O javali, o tigre e outros muitos animais, em coro aplaudiram:

- Vossa Majestade está zombando! Crimes, isso que praticou? Não são sequer pecados perdoáveis. Comeu às vezes veados, ovelhas, pastores! Ora nisso muita honra Vossa Majestade lhes fazia!

Continuou à confissão geral e nas manifestações dos mais ferozes animais nada achou a assembleia que dizer. Não houve crueldade que todos à disputa não justificassem. Chega a vez do burro falar:

- Senhores, por mais que procure despertar minha consciência para ver se me lembro de algum crime que praticasse, nenhum me ocorre. Somente um dia, estando com muita fome, passei por um prado, propriedade de um convento. A erva estava tenra, molhada pelo orvalho, apetitosa e ninguém me via. Assim, tudo me incitava e passando então por lá, não pude resistir à tentação e apanhei na boca um pouco de erva que mais a jeito eu achei.

Os tigres, javalis da assembleia bradaram juntos:

- Malvado! Roubar a erva de um campo pertencente a convento! Sacrilégio! E por causa desse miserável todos estamos pagando!

E logo o pobre burro é imolado à divina justiça.

Moral da história: Para o poderoso, qualquer que seja seu crime, nunca falta indulgência. O pobre ou fraco, nem que viva como santo, pode se livrar. Entre os poderosos têm-se o descuido. Aos pobres e fracos, esses não têm desculpa.

113. Os ladrões e o burro

Dois ladrões tinham roubado um burro e disputavam acerca do que fariam com ele. Um dos ladrões queria vendê-lo, outro conservá-lo para seus passeios. De palavras, passam a ações. Choveu murros para todos os lados.

Entretanto, o burro roubado folgava e pastava livre. Chega sorrateiramente outro ladrão e vendo tão entretidos os companheiros, agarra o burro e foge com ele.

Moral da história: Enquanto alguns perdem o tempo em disputas, aparece um mais prevenido, que aproveita a ocorrência e os deixa a ver navios.

114. Os dois burros

Iam dois burros, um carregado de sal, outro de esponjas. Chegaram à beira de um rio, nenhum quis desviar-se para ir à ponte que ficava próxima e que lhe daria passagem sem se molharem. O burro que carregava sal entrou pela água adentro, o burro que carregava esponjas ficou parado para ver o que aconteceria ao seu companheiro. A água do rio infiltrou-se na carga de sal e a foi dissolvendo, de modo que, quando saiu do rio e surgiu na outra margem, o burro apenas conservava metade ou o terço do peso que lhe fora posto. E o burro atrevido, alegre se felicitava pela sua iniciativa. Vendo-o tão satisfeito, o outro burro salta na água, pensando que a mesma coisa lhe aconteceria. Coitado! As esponjas encheram de água, o peso tanto aumentou que, não podendo mais, o burro se afogou.

Moral da história: Antes de você resolver fazer como os outros e de pensar que acontecerá com você o que de bom aconteceu com eles, veja se entre você os quem quer imitar há perfeita igualdade e semelhança.

115. O rato ermitão

Cansado com sua vida neste mundo, um rato filósofo, um hipócrita beato, achou um dia um queijo flamengo e, abrindo um buraco nele, sepultou-se vivo. Ai, longe do burburinho dos negócios, em eterna penitência, tinha à mão todas as comodidades, bom abrigo e boa comilança. Entretanto, achando-se em apuros, o povo dos ratos resolveu fazer uma coleta geral de contribuições extraordinárias e de dons patrióticos. Foram os coletores à morada do nosso ermitão, contaram todos os desastres dos seus amigos e expuseram-lhe o motivo da sua visita. O rato ermitão lhes respondeu:

- Nestas lágrimas que me correm pela face vocês podem ver quanto me penaliza pelo que vocês me falaram. Mas, que um favor que poderá fazer um velho solitário? Rezar e só rezar para que o céu lhes assista. Contem, pois, com o auxílio de todas as minhas orações.

Tendo assim falado, o nosso hipócrita beato meteu-se novamente no buraco de seu queijo.

Moral da história: Há egoístas assim. A sua delicada sensibilidade põe-lhes sempre lágrimas nos olhos quando ouvem a narração dos sofrimentos do

próximo. Porém, dar algum auxílio ao desgraçado é o que não sabem fazer nem desejam saber.

116. A águia, a gata e a porca

Em uma árvore, como se trivessem combinados, foram se hospedar três mães. Uma águia fez seu ninho no mais alto dos ramos. Uma gata arranhou sua cama no meio, onde o tronco se divide em grossos galhos. Na parte inferior, ao pé das raízes, colocou-se uma porca. Todas tinham filhos e viviam tranquilas. Mas, a gata não gostou desta situação. Um dia, a gata trepa até o ninho da águia e lhe diz:

- Venho lhe dar uma triste notícia, vizinha. Os nossos filhos correm grande risco. A porca resolveu abrir buraco na terra ao redor das raízes desta árvore até fazê-la cair para que, depois de mortos os nossos filhos, sejam pelos filhos dela devorados.

E a águia disse:

- Que me diz, vizinha! Eu lhe fico muito agradecida e vou tomar cuidado.

Então, a gata desce e vai de encontro à porca:

- Minha amiga! Temos uma terrível vizinhança! Estou sabendo que a águia só aguarda uma ocasião para agarrar nos seus e meus filhos, que servirão de pasto à sua ninhada. Tome cuidado.

Feito esta bela intriga, a gata meteu-se em sua toca à espreita dos resultados. A porca já não se anima a sair e a águia julga que ela não sai por estar ocupadíssima em suas escavações. E não querendo mais esperar, voa do seu ninho e vai enfrentá-la. Trava-se um combate. As duas mães lutam como mães que defendem seus filhos. Mas, ambas caem mortas, abandonando à ardilosa gata comida de sobra para si e para seus gatinhos.

Moral da história: O que não pode um intrigante fazer para provocar discórdias, disputas, inimizade, desavenças, prejuízos e até a morte de outras pessoas!

117. O burro coberto com a pele do leão

Um burro, que se lastimava da sua má sorte, do fato que os outros não o tinham em boa conta e do descaso que dele faziam, achou uma pele de leão e com ela se cobriu, dizendo:.

- Agora, sim, todos terão medo de mim!

Mas, o coitado enganou-se. Querendo rugir, zurrou e o primeiro que o ouviu, reparando melhor, descobriu-lhe a ponta da orelha que a pele do leão não tinha podido ocultar e logo o agarrou e o castigou a pauladas.

Moral da história: Quantos se cobrem com a pele do leão para mostrar valentia e se esquecem da pontinha da orelha!

118. O galo, o gato e o ratinho

Um ratinho que, pela primeira vez, saíra a passeio, voltou para o buraco todo cansado, suando. Sua mãe que o viu, perguntou sobressaltada:

- O que você tem, meu filho?

E o ratinho respondeu:

- Ah, mamãe! Se a senhora tivesse visto!

Respondeu sua mãe:

- Então, o que foi?

E o ratinho disse:

- Ouça mãe! Eu ia passeando e tudo estava tão bonito, que não sabia para onde olhar. Mamãe, lá fora é mais divertido do que aqui na nossa casa. No meio de tudo, a pouca distância, eu vi um bicho grande, malhado, de pelos longos, de olhos brilhantes e doces, de ar meigo e alegre. Acho que ele é da nossa raça, mamãe. Talvez seja nosso parente. Eu ia me aproximar para travar conversa, quando um maldito animal que gritava muito me assustou. E logo a mim que não sou lá dos mais medrosos. Que bicho horrendo, mamãe, era esse! Agitado, inquieto, tem sobre a cabeça um pedaço de carne, seus braços são curtos e cheios de penas que para andar, certamente, não lhe servem muito. Mal me avistou, deu ele um grito que me fez estalar a cabeça e me obrigou a fugir praguejando-o, principalmente, porque não me deixou falar com o meu camarada, que não sei mais aonde poderei encontrar.

E a mãe disse:

- Pobre filho! Nunca procure encontrar-se com esse malvado. Ele é um hipócrita, inimigo jurado de nossa raça. Quantos dos nossos ele caça, ele mata e come! Ele é um gato. Se você escapou dele, deve a Deus e ao outro bicho. Esse, sim, pode-lhe ser útil e dele nós gostamos muito. E quando pilhamos algum alimento dele, ele nos dá doloridas bicadas. Ele é um galo!

Moral da história: Nunca confie na aparência. Assim a ratazana terminou suas explicações que deu ao filho e com ela repitamos: Nunca confie nas aparências.

119. As vespas e as abelhas

As vespas e as abelhas demandavam judicialmente sobre o direito à propriedade de um favo de mel. A formiga foi a Juíza da causa. Inquiridas as testemunhas, todas depuseram. Diziam umas que tinham visto em torno desse favo uns insetos escuros, compridos, com asas iguais as das vespas.

Outras testemunhas diziam asas iguais as das abelhas. Estava a Juíza perplexa e o pleito já durava mais de sei meses e prometia durar anos. Escrivães, procuradores, advogados, de parte a parte, já tinham devorado os custos do processo mais do que valia o favo, quando uma abelha prudente disse:

- Para que estamos com estas discussões? Se o favo é das nossas adversárias, façam elas outro e nós faremos outro da mesma forma. Assim, poderemos ver se elas ou nós fomos capazes de fabricar esse favo que dizemos nos pertencer.

As vespas não quiseram concordar e, assim, a Juíza pode sem escrúpulo condená-las.

Moral da história: Pela obra se conhece o autor.

120. Os touros briguentos e a rã prudente

Dois touros combatiam ferozmente. Uma rã que os via do charco em que estava escondida, se lamentava, amaldiçoando sua má sorte e fazia votos para que nenhum dos dois possantes rivais fosse vencedor e que ambos sucumbissem. As outras rãs lhe perguntaram:

- O que você tem a ver com essa batalha? O que importa para você que o touro malhado vença ou que vença o touro preto?

- O que me importa? Pois você não sabe que o perdedor será excluído do campo de pastagem e que, banido da terra, terá de vir refugiar-se em nosso charco? E quantas de nós não serão esmagadas pelas suas furiosas patas?

Moral da história: A rã prudente sabia que os pequenos são sempre vítimas das disputas dos grandes.

121. O cavalo e a sua vaidade

Um cavalo fidalgo não falava outra coisa senão de sua mãe. Repetia sempre: 'Que magnífica égua que havia sido! Só pertencera a príncipes!'. Um doutor, que para ver os seus doentes nele montava comodamente, era então dono do cavalo e o tratava com muito mimo. Por fim o doutor, obtendo uma posição mais elevada, desinteressou-se pelo cavalo e o vendeu a um carroceiro. Então, o cavalo não falou mais de sua mãe fidalga e, para consolar-se, unicamente se lembrava do garanhão que fora seu pai. Moral da história: Aos presunçosos, que só falam da sua linhagem de família, a desgraça traz recordações que estavam longe de sua memória, mas que a todos estavam sempre presentes.

122. Os perus e a raposa

Um bando de perus avistou uma raposa. Todos subiram, rapidamente, em uma árvore para se colocar a salvo. O astucioso animal disse logo consigo:

- Hei de jantar peru. Daqui não saio sem caçar algum.

E começou a fazer em torno da árvore, com fascinadora rapidez, mil evoluções. A raposa saltava, fingia querer subir, deitava-se, levantava o rabo como um penacho, fazia as mais medonhas caretas, virava as mais divertidas cambalhotas. Assustados e inquietos, os perus nem em um só momento desviavam os olhos da raposa. E iam, assim, ficando atordoados e caindo de cima da árvore. Aproveitando-se, a raposa os ia caçando.

Moral da história: Muitas vezes, por tentarmos ser demasiadamente concentrados nos perigos, neles caímos.

123. A avidez castigada

Nos tempos antigos, quando ainda se usava de arco e flecha, um caçador a quem a sorte favorecia matou uma corsa e logo após um gamo. Ambos estavam estendidos no chão e, ainda não satisfeito, o caçador não tratava de se retirar. Passa um javali e o caçador logo pensa: 'Como privar-se de tão bela presa!'. E lhe dispara uma flecha. O javali cai se estrebuchando, mas não morto. O caçador preparava nova flecha para matar o javali, quando vê ao longe uma perdiz. Nada farta a vasta fome de um fazedor de conquistas! Assim, vai em direção da perdiz e se descuida do javali semimorto. Este ergue-se vingativo e, em último esforço, investe contra o caçador e junto com ele sucumbe. A perdiz lhe agradece. Chega, entretanto, um lobo já com a pele em cima dos ossos e dentes de polegada e meia. Vendo os animais abatidos pelo caçador, o mísero lobo exclama alegremente:

- Oh fortuna, quanto lhe agradeço! Todavia, não vamos desperdiçar. Nem todos os dias são como este. Tenho aqui provisões para quatro semanas. Quanta fartura! Vou começar amanhã. Por hoje, vamos comendo a corda deste arco, que é feita de tripa e ainda está fresca. Como cheira bem!

Assim falando, o lobo atira-se ao arco e tão selvagememente, que a flecha, preparada para a perdiz, desprende-se e o mata.

Moral da história: A cobiça sempre ensurdece à voz da prudência. Evite, desfrute do que já tem. Mas, a cobiça lhe diz: 'Sim, farei isto amanhã'. Esse amanhã não chega, enquanto uma ação sua mal sucedida não lhe traz a ruína e a desgraça.

124. A torrente e o rio

Com grande estrondo, uma torrente de água precipitava-se das serras altas. Tudo era horrível em torno dela e ninguém se atrevia a transpô-la e afrontar sua ira. Perseguido por uns ladrões, um viajante não teve outro remédio. Ou era obrigado a se entregar aos ladrões ou se jogar na torrente. E decidiu atirar-se nela. A água era pouco profunda e, apesar do barulho de suas águas correntes, não aparentava o menor perigo.

O viajante atravessou a torrente e prosseguiu em sua viagem, quando se viu novamente impedido de passar por causa de um rio que, plácido e sereno, se deslizava sem o menor sussurro. Disse o viajante:

- Isto não é obstáculo para mim, que enfrentei a torrente!

E saltou no rio. Porém, ele se enganou. O rio era muito profundo e não dava pé e o pobre viajante se afogou.

Moral da história: Os tagarelas, gritando bravatas, são mais inofensivos do que os concentrados e silenciosos.

125. O cão fiel

Um trabalhador do campo, não querendo distrair a família, havia adestrado um cão para lhe fazer o serviço. Quando ia trabalhar longe de casa, ao invés de ser a mulher ou algum dos filhos quem lhe levava a sopa do jantar, eles a colocavam em uma vasilha e a atavam ao pescoço do cão. Este a levava fielmente ao senhor e os filhos e a mulher continuavam no trabalho da casa, não perdendo tempo. Um dia o fiel criado foi atacado por um cão da raça dog alemão. Ele procura defender o jantar do senhor contra ele. Mas, outros cães da mesma raça se juntaram ao ataque. Vendo então que era inútil a defesa, o fiel cão diz:

- Esperem lá, camaradas! Deixem-me tirar o meu quinhão e deixo o resto para vocês. E logo mete o focinho na sopa, tira dela o melhor toucinho e, enquanto come, os outros cães devoram o resto.

Moral da história: Há muitos que são fieis até a hora em que se veem provocados pela oportunidade e pelos maus exemplos.

126. O rato invejoso e o elefante

Um grande grupo de gente admirava em uma feira o monstruoso tamanho de um elefante. Um ratinho, indignando-se, exclamou:

- Grandes palermas! O que tem que a ver essa montanha monstruosa de carne? Sem raça, sem beleza, mal pode mover-se e o admiram! Nós, os ratinhos, corremos, pulamos, saltamos, somos cheios de graça e, ao invés de nos prestarem a admiração devida, nos declaram guerra e extermínio. Será por que somos nacionais e esse monstro é estrangeiro?

Enquanto, assim repreendia os palermas, o ratinho distraído é pego por um gato, que logo lhe mostra a diferença que vai de um elefante a um camundongo.

Moral da história: A vaidade e a inveja fazem muitas vítimas. Até os ratos querem que se lhes deem a importância dos elefantes.

127. Os dois galos

Pelo domínio o de um terreiro, povoado de galinhas e frangas, brigavam dois arrogantes galos. Um venceu e o vencido foi, envergonhado, esconder-se. E, para sua maior mágoa, ouvia sempre o estridente cantar do seu triunfante inimigo. Passa um gavião e o vencedor estava no mais alto do poleiro. O gavião lança-lhe as unhas e o leva como caça. Aparece, então, o galo vencido, vem consolar as viúvas e suas consolações são aceitas e o ex-rei do terreiro é esquecido.

Moral da história: São coisas da sorte. Desconfiemos sempre dela, especialmente depois das vitórias, no seio da prosperidade.

128. A raposa sem rabo

Uma das mais astutas raposas fez tantas que caiu numa armadilha. Uma vez que sempre sai vitoriosa, que mal seria se a raposa ela fosse uma vez mal sucedida? Ela perdeu somente o rabo e conseguiu safar-se da armadilha. Viver, porém, sem rabo, quando suas irmãs o têm tão robusto! Andar sempre exposta aos risos e zombarias! A nossa raposa não quis resignar-se a tamanha desgraça. Convocando, assim, assembleia geral das raposas, ela tomou a palavra e, mostrando a todas os inconvenientes do inútil peso do rabo, propôs que as raposas abolissem tão desajeitado enfeite. Disse uma delas, a mais experiente:

- A lembrança é ótima e o discurso eloquente! Mas, companheira, para que possamos melhor deliberar, vire-se e mostre-nos como seria ficar sem o nosso rabo.

A raposa sem rabo virou-se e vendo-a assim, as outras lhe deram uma vaia que a obrigou a fugir para sempre.

Moral da história: Em geral o amor próprio nos faz tomar como perfeições os nossos defeitos e propô-los à imitação dos demais.

129. A canoa boiando

Em uma cidade ameaçada, tinham distribuídos alguns vigias ao longo da costa para que dessem aviso no caso de avistarem ao longe algo que os pudesse prejudicar. Os habitantes queriam evitar surpresas e ter tempo de

preparar uma heroica resistência. Os vigias descobrem ao longe uma coisa. O que será? É uma poderosa esquadra que se aproxima! Bradaram, então:

- Alerta!

A coisa chega mais perto. Disseram:

- Não é esquadra. Pode ser alguma nau.

Por fim, a onda joga na praia o objeto de tão sérios cuidados. Era, simplesmente, uma velha canoa que vinha boiando.

Moral da história: Assim é tudo, perigo, desgraça, prosperidade, prazer. De longe é alguma coisa, de perto é nada.

130. O veado e a vinha

Fugindo de uns caçadores, um veado se escondeu numa vinha. Estava salvo do perigo, porque os caçadores, depois de muito o procurarem, já se retiravam. Mas, o ingrato vai e se põe a comer as folhas da vinha, que estremecia toda. Os caçadores voltaram e o descobriram.

Moral da história: A ingratidão é tão torpe, que as fábulas se multiplicam para mostrá-la sempre castigada. Mas, ficará alguém corrigido?

131. O pobre e o rico infeliz

Um sapateiro levava o dia inteiro a trabalhar e a cantar, sentado em um banquinho de três pés. Em frente à sua sapataria morava um rico banqueiro que estava sempre maldizendo a sua sorte, porque não tinha apetite e nem sono, coisas que ele não conseguia comprar. Assim, o infeliz homem rico dormia muito mal e, geralmente, não tinha apetite para comer. Ele não encontrava divertimentos em nada e vivia aborrecido o tempo todo. E o rico banqueiro lastimava entre bocejos:

- Que sina é esta em que vivo! Dinheiro eu tenho de sobra, gasto em tudo que quero à vontade, frequento todas as reuniões importantes e procuro me divertir. Mas, os dias me pesam. Ainda mais me pesam as noites! Como conseguirei acabar com estas importunas horas que me matam? O meu vizinho sapateiro é tão feliz! Desde que rompe o dia até que anoitece, eu o vejo rindo e cantando. À noite reina o maior sossego em sua casa, confirmando que ele está dormindo. Às vezes, até o ouço roncar! Quero saber qual é a sua receita para a felicidade.

Mandou, assim, chamar o sapateiro:

- Viva, mestre! Fico feliz ao vê-lo sempre alegre e bem disposto. Ora, me diga. Como você faz para se conservar assim? Quanto ganha por ano?

O sapateiro lhe respondeu:

- Por ano, meu senhor? Não zombe da gente, pois nós lá sabemos quanto ganhamos? Vamos vivendo cada dia com o lucro da véspera e

contanto que haja saúde e não falte o que fazer, não falta pão. O que mais podemos querer?

E o rico banqueiro disse:

- Se com tão pouco está feliz, quero vê-lo mais feliz ainda! Aqui tem este saco do dinheiro, ele é seu!

O sapateiro desfez-se em agradecimentos e, levando o dinheiro para casa, o contou, repartiu pelos anos que esperava viver. Era dinheiro de sobra. Procurou um esconderijo em que o guardasse e, sempre inquieto, ia vê-lo. Não o achava bem guardado, mudava-o de esconderijo. De tudo e de todos passou a ter medo que lhe roubassem o dinheiro. À noite, especialmente, todos eram ladrões para ele. Não dormia mais sossegado, nem cantava mais alegre! Ao final de um mês, já amarelo, magro e triste, teve uma boa ideia. Ele pegou o saco do dinheiro e foi à casa do rico vizinho, dizendo:

- Tome lá, meu senhor, o seu saco de dinheiro! Quero ver se recobro o meu sono e as minhas cantigas.

Moral da história: O homem confunde a riqueza coma felicidade. É o mais triste dos seus erros.

132. O avarento

Um avarento tinha enterrado o seu pote de ouro num lugar secreto do jardim. Todos os dias, ele ia ao local, desenterrava o pote e contava todas as moedas de ouro para ver se não faltava nenhuma. Tantas viagens fez ao local que um ladrão, que já o observava há bastante tempo, curioso para saber o que o avarento escondia, veio uma noite e, sorrateiramente, desenterrou o pote de ouro e levou-o consigo. Quando o avarento descobriu a sua grande perda, ficou muito aflito e desesperado. Gemia e chorava enquanto puxava os cabelos. Alguém que passava pelo local, ao ouvir seus lamentos, quis saber o que acontecera. Chorando inconsolável o avarento disse:

- O meu ouro! O meu ouro! Alguém roubou o meu pote de ouro!

- O seu ouro? E estava nesse buraco? Por que é que você o colocou aí? Por que é que não o guardou num lugar seguro dentro de casa, onde poderia mais facilmente pegá-lo para quando precisasse comprar alguma coisa?

O furioso avarento exclamou:

- Comprar? Eu jamais usaria aquele ouro para comprar fosse o que fosse. Nunca pensei em gastar uma única moeda!

Então, o estranho pegou uma grande pedra e a atirou para dentro do buraco vazio, dizendo:

- Nesse caso, enterra então essa pedra. Ela terá o mesmo valor que tinha para você o tesouro que perdeste!
(Exemplo de fábula com moral da história implícita no texto).

133. O pastor e o leão

Certo dia, ao contar as ovelhas, um pastor descobriu que faltavam algumas. Muito irritado, aos gritos, cheio de altivez e arrogância, disse que iria apanhar o responsável por aquilo e puni-lo com as suas próprias mãos. Suspeitava de um lobo que vira se afastando em direção às montanhas, onde existiam cavernas com muitos deles. Mas, antes de ir até lá, fez uma promessa a Júpiter, dizendo que se este o ajudasse a encontrar o ladrão, lhe daria em sacrifício a mais gorda e bela das suas ovelhas. Após procurar em vão sem encontrar qualquer lobo, quando passava diante de uma grande caverna na encosta da montanha, um enorme leão sai de lá de dentro e põe-se à sua frente, trazendo na boca uma das suas ovelhas. Cheio de medo, o pastor cai de joelhos e suplica aos deuses:

- Piedade, Júpiter! Os homens não sabem o que dizem! Para encontrar o ladrão ofereci em sacrifício a mais gorda das minhas ovelhas. Agora, lhe prometo o maior e mais belo touro, desde que faça com que o ladrão se vá embora para longe de mim!
(Exemplo de fábula com moral da história implícita no texto).

134. O lobo e o leão

Depois de roubar uma ovelha, um lobo a levava nos dentes para o covil para comê-la à vontade. Mas, os seus planos foram por água abaixo quando cruzou com um leão que, sem muita conversa, lhe tirou a ovelha. Contrariado, mas mantendo sempre uma distância segura, disse o lobo em tom ofendido:

- Não tem o direito de se apropriar daquilo que me pertence!
O leão, que já ia longe, olhou para trás. Mas, como o lobo estava distante e não valia a pena o inconveniente de persegui-lo, apenas para lhe dar uma merecida lição, respondeu:
 - Que lhe pertence? Por acaso você comprou a ovelha ou terá sido o pastor que lhe ofereceu? Por favor, diga como foi que a conseguiu?
(Exemplo de fábula com moral da história implícita no texto).

135. A águia e o falcão

Uma águia, profundamente triste, pousou sobre os galhos de uma árvore em companhia de um falcão. O falcão lhe disse:

- Por que você está com um olhar tão pesaroso?
Ela respondeu:
- Procuro um companheiro conveniente para mim e não tenho sido capaz de encontrá-lo.
O falcão respondeu:
- Aceite-me! Sou muito mais forte que você!
A águia respondeu:
- E como você será capaz de assegurar os meios de vida por meio de suas caçadas?
O falcão respondeu:
- Bem, eu sempre tenho capturado e levado um avestruz em minhas garras.
A águia, persuadida por estas palavras, o aceitou como seu companheiro. Pouco depois das núpcias, a águia disse:
- Voa e me traga o avestruz que me prometeu.
O falcão, elevando-se no alto, regressou com um rato em estado mais lamentável possível, empestado pelo tempo que havia estado nos campos.
A águia disse:
- É esta a realização fiel de sua promessa a mim?
O falcão respondeu:
- Para alcançar sua mão real, não havia nada que eu não tivera prometido, por mais que eu soubesse que poderia falhar na realização.
Moral da história: Para quem está decidido a alcançar um objetivo desonestamente, não lhe importa fazer falsas promessas.

136. O lobo em pele de cordeiro

Certo dia, um lobo decidiu alterar a sua aparência com astúcia para conseguir comida com fartura. Vestiu uma pele de cordeiro e acompanhou o rebanho para o pasto, enganando o pastor com o seu disfarce. Ao fim da tarde, o pastor fechou o lobo no curral com o resto das ovelhas. Mas, por querer carne para a sua refeição do dia seguinte, o pastor regressou à noite ao curral e, confundindo o lobo com uma ovelha, apanhou-o e matou-o. (Exemplo de fábula com moral da história implícita no texto).

137. O touro e o bode

Um touro, fugindo de um leão, escondeu-se numa caverna que os pastores costumavam usar para abrigar o rebanho. Mal entrou, um bode, que tinha ficado na caverna, atacou-o dando-lhe cabeçadas e chifradas. O Touro, em voz baixa para não atrair a atenção do leão, disse-lhe:

- Dê cabeçadas e chifradas à vontade! Eu não tenho medo de você, mas sim do leão. Deixa a fera ir embora e eu logo lhe mostrarei quem tem mais força, se o bode ou o touro.

(Exemplo de fábula com moral da história implícita no texto).

138. A raposa e a pantera

Certo dia, a raposa e a pantera discutiam a respeito de sua beleza. A pantera se vangloriava, muito especialmente, das pintas de sua pele. Em seguida, a raposa respondeu dizendo:

- Muito mais linda me considero eu, não pelas aparências do meu corpo, mas sim pelo meu espírito!

Moral da história: As qualidades do espírito são preferíveis às do corpo.

139. A raposa e o macaco coroado rei

Em uma reunião de animais, o macaco dançou tão lindamente, que ganhou a simpatia do público e foi eleito rei. A raposa, com ciúmes por não ter sido escolhida, viu um pedaço de comida dentro de uma armadilha e levou o macaco lá, dizendo que tinha encontrado um tesouro digno de um rei, mas, em vez de levá-lo para lhe entregar, o havia guardado para que ele fosse, pessoalmente, buscá-lo já que era uma prerrogativa real. O macaco se aproximou sem mais reflexão e ficou aprisionado na armadilha. Então, a raposa, a quem o macaco acusava de ter-lhe armado esta emboscada, respondeu:

- Você é muito tonto! Entretanto, pretende reinar entre todos os animais!

Moral da história: Não se lance em uma empreitada, sem antes refletir sobre seus possíveis êxitos ou perigos.

140. A raposa e o cão

Uma raposa entrou em um rebanho de ovelhas e, aproximando seu peito a um pequeno cordeiro, fingiu acariciá-lo. Chegou um cão que cuidava do rebanho e lhe perguntou:

- O que você está fazendo?

E a raposa respondeu com uma cara de inocência:

- Eu o acaricio e brinco com ele!

- Pois o solte imediatamente se não quiser conhecer minhas melhores carícias! Disse o cão.

Moral da história: Ao despreparado, lhe delatam os seus atos. Por suas ações, lhe trai desprevenido. Estudar e aprender com gosto e você terá sucesso em sua vida.

141. A raposa e o macaco discutem sobre sua nobreza

Viajavam juntos por estas terras uma raposa e um macaco, comentando, cada um deles, sobre a sua nobreza. Enquanto cada um detalhava extensivamente os seus títulos de nobreza, chegaram a um determinado lugar. O macaco voltou seu olhar para um cemitério e começou a chorar. A raposa lhe perguntou o que estava acontecendo e o macaco, mostrando-lhe alguns túmulos, lhe disse:

- Ah, como eu não vou chorar quando vejo as lápides fúnebres desses grandes heróis, meus antepassados?

Respondeu a raposa:

- Você pode mentir quanto quiser, pois nenhum deles se levantará para contradizê-lo!

Moral da história: Seja sempre honesto em sua vida. Você nunca sabe se o vizinho que lhe escuta sabe a verdade e confirmará ou negará suas palavras.

142. A raposa nunca tinha visto um leão

Havia uma raposa que nunca tinha visto um leão. Um dia, o destino a colocou diante da fera real. E, como era pela primeira vez que via um leão, a raposa sentiu um medo terrível e foi embora o mais rápido que pode. Ao encontrar o leão pela segunda vez, a raposa ainda sentiu medo, mas, menos do que antes e o observou com calma por um tempo. Por fim, ao ver o leão pela terceira vez, a raposa se encorajou o suficiente para chegar perto dele para entabular uma conversa.

Moral da história: À medida que você vai conhecendo algo, assim você irá perdendo o medo. Mas, mantenha-se sempre à distancia e com a prudência adequada.

143. A raposa e o homem agricultor

Havia um homem que odiava uma raposa porque lhe ocasionava alguns danos de vez em quando. Depois de muito tentar, finalmente conseguiu pegá-la e, procurando vingar-se, atou uma mecha molhado com querosene em seu rabo e tacou fogo. Mas, um deus levou a raposa aos campos que aquele homem cultivava. Era época em que os campos já estavam prontos para a colheita do produto e o lavrador, seguindo a raposa, olhou

chorando que a passagem da raposa pelos campos, queimava toda a sua produção.

Moral da história: Tente ser compreensivo e indulgente, pois sempre acontece que o mal que geramos, cedo ou tarde se volta contra nós.

144. A raposa e o caranguejo aventureiro

Querendo manter sua vida solitária, mas um pouco diferente à vida que já estava acostumado, um caranguejo saiu do mar e foi viver na praia. Uma raposa faminta o viu e, como não encontrava nada melhor para comer, correu até que o capturou. Então, o caranguejo, já pronto para ser devorado, exclamou:

- Eu mereço tudo isso, porque sendo eu um animal do mar, eu quis me comportar como se fosse um animal da terra.

Moral da história: Se você tenta entrar em território desconhecido, toma primeiro as devidas precauções. Não vá ser derrotado pelo o que você não conhece.

145. A raposa e o corvo faminto

Um corvo magro e faminto pousou em uma figueira e vendo que os figos ainda estavam verdes, permaneceu no lugar à espera que eles amadurecessem. Uma raposa viu o faminto corvo imobilizado na figueira e lhe perguntou o que ele fazia lá. Depois que ficou sabendo, a raposa lhe disse:

- Você faz muito mal perdendo tempo confiando em uma esperança distante. A esperança é cheia de belas ilusões, mas não é comida.

Moral da história: Se você tem uma necessidade imediata, de nada lhe servirá satisfazê-la com coisas inalcançáveis.

146. A oliveira e a figueira

A oliveira ridicularizava a figueira porque, enquanto ele era verde todo o ano, a figueira trocava suas folhas nas estações. Um dia, uma nevasca caiu sobre elas e, estando a oliveira cheia de folhas, a neve caiu sobre suas folhas e com seu peso quebraram-se seus galhos, despojando-a imediatamente de sua beleza e matando a árvore. Mas, ao estar a figueira desfolhada, a neve caiu diretamente na terra e não a prejudicou em absoluto.

Moral da história: Não devemos zombar das qualidades alheias, pois as nossas podem ser inferiores.

147. As raposas, as águias e as lebres

Certo dia, as águias declararam guerra contra as lebres. Então, as lebres foram pedir ajuda às raposas. Mas, as raposas lhes responderam:

- Nós as ajudaríamos se não soubéssemos quem são vocês e também não soubéssemos contra quem lutam!

Moral da história: Antes de você decidir participar de uma disputa, meça primeiro a capacidade dos possíveis adversários.

148. A raposa e a lebre

Disse um dia uma lebre a uma raposa:

- Você poderia me dizer se, realmente, é verdade que você tem muitas vitórias e, por isso, lhe chamam de vencedora?

A raposa respondeu:

- Se você quer saber, eu lhe convido para jantar comigo.

A lebre aceitou o convite, mas, ao chegar à casa da raposa, viu que não havia outro jantar que não a própria lebre. Então a lebre disse:

- Agora compreendo, para minha desgraça, de onde vem o seu nome, não é de seu trabalho, mas de sua astúcia.

Moral da história: Nunca peças lições aos trapaceiros, pois você mesmo será o tema da lição.

149. A raposa e a leoa

Debochava uma raposa de uma leoa pelo fato dela parir apenas um filhote. E leoa lhe respondeu:

- Sim, apenas um, você tem razão. Mas, um senhor leão!

Moral da história: Não meça o valor das coisas pela sua quantidade, mas pela sua virtude.

150. A raposa, o urso e o leão

Tendo encontrado um leão e um urso, ao mesmo tempo, um pequeno cervo, se envolverem em uma luta para ver qual dos dois ficaria com a presa. Uma raposa que por ali passava, vendo os dois extenuados pela luta e com o pequeno cervo no meio, se apoderou deste e correu passando tranquilamente entre eles. E tanto o urso como o leão, exaustos e sem forças para se levantar, murmuraram:

- Desgraçados nós! Tanto esforço e tanta luta fizemos para que tudo ficasse com a raposa!

Moral da história: Por competirmos por não querer repartir, podemos perder tudo.

151. Os sapos e pântano seco

Viviam dois sapos em um belo pântano. Porém, chegou o verão e o pântano secou. Em vista disto, os sapos abandonaram o local para encontrar outro com água. Eles encontraram em seu caminho um poço profundo e cheio de água. E, ao vê-lo, disse um sapo para o outro:

- Amigo, vamos descer os dois neste poço!

Respondeu o companheiro:

- Mas, e se a água secar também neste poço? Como acha, então, que subiremos?

Moral da história: Ao tratar de empreender uma ação, analisa primeiro suas consequências?

152. O sapo do pântano e o sapo do caminho

Vivia um sapo feliz em um pântano profundo, fora do caminho, enquanto seu vizinho vivia muito orgulhoso em um charco ao centro do caminho. O sapo do pântano insistia com seu amigo que, se fosse viver ali ao lado dele, longe do caminho, estaria melhor e mais seguro. Mas, o sapo que vivia no charco não se deixou convencer, dizendo que era muito difícil abandonar uma morada de onde já estava estabelecido e satisfeito. E aconteceu que, um dia, passou pelo caminho e sobre o charco um caminhão e esmagou o pobre sapo que não queria aceitar de se mudar.

Moral da história: Se você tem a oportunidade de melhorar a sua posição, não a rejeite.

153. O sapo que dizia ser médico e a raposa

Gritava um dia um sapo do seu pântano aos outros animais:

- Eu sou médico e conheço muito bem todos os remédios para todos os males!

Uma raposa o ouviu e perguntou:

- Como você se atreve a anunciar ajuda aos outros, quando você mesmo manca e não sabe se curar?

Moral da história: Nunca proclame ser o que você não pode demonstrar com o exemplo.

154. A rã gritona e o leão

Um leão ouviu uma vez o coaxar de um sapo e virou-se para onde vinha o som, pensando que era um animal muito importante. Ele esperou e

observou atentamente por algum tempo. E, quando ele viu o sapo que saía do pântano, aproximou-se dele e esmagou dizendo:

- Você, tão pequena e lançando esses gritos tremendos!

Moral da história: Quem fala muito, pouco é o que diz.

155. O leão e o boiadeiro

Um boiadeiro, que pastava uma manada de bois, perdeu um bezerro. Ele procurou, correndo pelos arredores, sem encontrá-lo. Então, prometeu a Zeus que sacrificaria um cabrito se descobrisse que o havia roubado. Ele entrou imediatamente na floresta e viu um leão comendo o bezerro. Ele ergueu as mãos para o céu aterrorizado gritando:

- Oh grande Zeus! Antes eu prometi de oferecer um cabrito em sacrifício se encontrasse o ladrão. Mas, agora lhe prometo oferecer um touro em sacrifício se eu conseguir não cair nas garras do ladrão!

Moral da história: Quando busca uma solução, tenha presente que ao encontrá-la que esta, por sua vez, não possa se converter no problema seguinte.

156. O leão e os três bois

Três bois pastavam sempre juntos. Um leão queria devorá-los. Mas, em razão dos três bois estarem juntos o impedia de fazer o ataque, pois a luta contra os três bois de uma vez o colocaria em desvantagem. Então, astutamente, recorreu a irritá-los entre si com falsidades e mentiras, conseguindo separá-los um dos outros. E, assim, por não estarem mais unidos, o leão os devorou tranquilamente, um a um.

Moral da história: Se você permitir que quebrem a sua unidade com os seus, mais fácil será que lhe causem danos.

157. O bom rei leão

Havia um leão que não era bravo, nem cruel, nem violento, mas tratável e justo, como uma boa criatura, que tornou um o rei. A tímida lebre então disse:

- Eu desejava ardentemente ver este dia chegar para que os mais fracos sejam respeitados com justiça pelos mais fortes!

E imediatamente correu o melhor que pode.

Moral da história: Quando em um Estado se pratica a justiça, os humildes podem viver em paz, mas não devem ficar sempre nesta tranquilidade.

158. O leão capturado pelo agricultor

Um leão entrou no sítio de um agricultor e este, querendo aprisioná-lo, fechou a porteira. O leão, ao ver que não podia sair, começou a devorar primeiro os carneiros e, logo depois, os bois. Então, o lavrador, temendo por sua própria vida, lhe abriu a porta. O leão foi embora e a esposa do lavrador, ao vê-lo se queixando, lhe disse:

- Você teve o que procurou! Pois, por que tratou de aprisionar uma fera a que você devia mais se manter afastado?

Moral da história: Se você se mete a competir com os mais poderosos, prepare-se antes muito bem. Caso contrário, sairá ferido da contenda.

159. O leão apaixonado pela filha do lavrador

Um leão se apaixonou pela filha de um lavrador e a pediu em casamento. E o lavrador não podia decidir dar sua filha em casamento a um animal tão feroz, nem negá-la pelo temor que ele lhe inspirava. Então, o lavrador pensou o seguinte: como o leão não deixava de lhe insistir, o lavrador lhe disse que ele lhe parecia digno para ser esposo de sua filha, mas que, ao menos, deveria atender a seguinte condição: que arrancasse os dentes e cortasse suas unhas, porque era isto o que atemorizava sua filha. O leão aceitou os sacrifícios porque, realmente, a amava muito. Uma vez que o leão cumpriu a condição solicitada, quando voltou a se apresentar sem os seus poderes, o lavrador cheio de desprezo por ele, o abateu sem piedade a golpes.

Moral da história: Nunca confie demasiadamente a ponto de se despojar de suas próprias defesas, pois facilmente será vencido pelos que antes lhe respeitavam.

160. O leão, a raposa e o cervo

Tendo adoecido o leão, ele se manteve em uma caverna dizendo à raposa, a quem estimava muito e com quem tinha muito boa amizade:

- Se você quer ajudar a me curar e que eu continue vivo, seduza com sua astúcia ao cervo e tragá-lo aqui, porque estou querendo comer sua carne.

E a raposa foi dizer ao cervo:

- Eu estou aqui para lhe dar uma boa notícia. Como sabe, o leão, nosso rei, é meu vizinho. Mas, acontece que ele está doente e seu estado é muito grave. E ele me perguntou que animal poderia substituí-lo como rei depois de sua morte. E ele me comentava: “O javali não, pois não é muito inteligente; o urso é muito desajeitado; a pantera é muito temperamental; o tigre é um fanfarrão. Eu acho que o cervo é o mais digno de reinar, pois é

esbelto, de longa vida e temido pelas serpentes pelos seus chifres”. Mas, lhe conto mais: você está determinado a ser o novo rei! Mas, o que você me dará por ter lhe anunciado isto de primeira? Responda-me, porque tenho pressa e temo que o leão me chame, pois eu sou sua conselheira. Mas, se quer ouvir uma veterana, lhe aconselho que me siga e acompanhe o leão fielmente até sua morte.

Assim que a raposa terminou de falar, o cervo, cheio de vaidade com suas palavras, caminhou decidido à caverna sem suspeitar o que lhe aconteceria. Ao vê-lo, o leão se apressou em atacá-lo, mas só conseguiu raspar em suas orelhas. O cervo, assustado, fugiu velozmente até o bosque. A raposa se batia com suas patas ao ver perdido seu jogo. E o leão lançava fortes gritos, estimulado por sua fome e dor. A raposa lhe suplicou para deixá-la tentar novamente. E a raposa disse:

- É algo penoso e difícil, mas tentarei!

A raposa deixou a caverna e seguiu as pegadas do cervo até encontrá-lo, repondo suas forças. Quando o cervo a viu, enfurecido e pronto para atacá-la, lhe disse:

- Raposa, miserável! Não venha me enganar novamente! Se você der um passo a mais, considere-se morta! Procura outros que não desconfiam de você, fala-lhes bonito e suba sua moral prometendo-lhes o trono, mas não mais a mim!

Mas, a astuta raposa lhe respondeu:

- Mas, senhor cervo! Não seja tão frouxo e covarde. Não desconfie de mim que sou sua amiga. O leão, ao raspar sua orelha, somente queria lhe dizer em segredo seus conselhos e instruções de como governar e você nem sequer teve paciência para um simples arranhão de um velho enfermo. Agora o leão está com raiva de você e está pensando em fazer o intrépido lobo o rei. Coitado! Tudo o que ele sofre por seu o senhor! Venha comigo, que não tem a temer. Mas, seja, sim humilde como um cordeiro. Eu lhe juro por todo este bosque que não deve temer nada do leão. E, quanto a mim, eu só penso em lhe servir.

E, enganado novamente, o cervo saiu até a caverna. Mal tinha entrado, quando o leão se viu plenamente saciado sua fome, procurando não deixar nenhum vestígio do cervo. Mas, o coração do cervo caiu no chão e a raposa o pegou como pagamento de suas gestões. E o leão, procurando o coração que faltava, perguntou à raposa por ele. E a raposa lhe respondeu:

- Este cervo ingênuo não tinha coração, não o procure. Que tipo de coração poderia ter um cervo que veio duas vezes à casa e às garras do leão?

Moral da história: Nunca permita que a ânsia por honras perturbe seu bom juízo, para que não seja pego pelo perigo.

161. O leão e a lebre

Um leão surpreendeu uma lebre, que dormia tranquilamente. Mas, quando estava a ponto de devorá-la, viu passar um cervo. Ele, então, deixou a lebre para perseguir o cervo. A lebre despertou ante aos ruídos da perseguição e, não esperando mais, empreendeu sua fuga. Enquanto isso, o leão, que não podia alcançar o cervo e já cansado, regressou para pegar a lebre e constatou que ela também havia tomado o seu caminho a salvo. Então, o leão disse:

- Bem que eu mereço! Pois, tendo já uma presa em minhas mãos, a deixei para ir atrás da esperança de obter uma maior.

Moral da história: Se você tem em suas mãos um pequeno benefício, quando buscar um maior não abandone o pequeno que já tem, até que tenha, realmente em suas mãos, o maior.

162. O leão e o javali

Durante o verão, quando o calor aumenta a sede, foram beber água na mesma fonte um leão e um javali. Eles discutiram sobre quem deveria ser o primeiro a beber a água. E da discussão passaram a uma feroz luta de morte. Mas, em um momento de descanso, viram um grupo de aves de rapina à espera de algum vencido para devorá-lo. Então, reconsiderando, eles disseram:

- É melhor ser amigos e não comida dos abutres e corvos!

Moral da história: Lutas inúteis só servem para enriquecer e alimentar os seus espectadores.

163. O leão e o golfinho

Um leão passeava por uma praia e viu um golfinho levantar sua cabeça fora da água. O leão lhe propôs uma aliança:

- Devemos nos unir os dois, você como o rei dos animais marinhos e eu o dos terrestres.

O golfinho aceitou de bom grado. E o leão, que há algum tempo estava em guerra contra um papagaio selvagem, chamou o golfinho para ajudá-lo. O golfinho tentou sair da água, mas não conseguiu e, por isso, o leão o acusou de traidor. E o golfinho lhe respondeu:

- Eu não sou o culpado, nem a quem você deve acusar e, sim, à natureza porque ela é que me fez aquático e não permite passar para a terra!

Moral da história: Ao procurar alianças, certifique-se que seus aliados estejam, verdadeiramente, capacitados a se unir a você no que foi pactuado.

164. O leão, a raposa e o lobo

Cansado e velho, o rei leão adoeceu em sua caverna e outros animais, exceto a raposa, foram visitá-lo. Aproveitando a oportunidade da visita, o lobo acusou a raposa, dizendo o seguinte:

- Ela não tem respeito nenhum por nossa majestade e, por isso, nem sequer se aproximou para saudá-lo e perguntar sobre sua saúde.

E, neste preciso instante, chegou a raposa bem a tempo para ouvir o que o lobo disse. Então, o leão, furioso ao vê-la, lançou um feroz grito contra a raposa. Porém, ela pediu a palavra para se justificar e disse:

- Diga-me, de todas as visitas que você recebeu, que lhe serviu tão especialmente como eu, que busquei por toda parte médicos que, com sua sabedoria, lhe receitaram um remédio ideal para curá-lo e, finalmente, o encontrando?

E o leão ordenou imediatamente:

- E qual é este remédio?

E a raposa respondeu:

- Você deve sacrificar um lobo e colocar sua pele como um abrigo!

Imediatamente, o lobo foi condenado à morte e a raposa, rindo, exclamou:

- Ao patrão você não tem que levá-lo ao rancor e sim à benevolência.

Moral da história: Quem arma armadilhas para os inocentes é o primeiro a cair nelas.

165. O leão e o asno ingênuo

Uniram-se o leão e o asno para caçar animais selvagens. O leão utilizava sua força e o asno os coices de seus pés. Uma vez que acumularam certo número de presas, o leão as dividiu em três partes e disse ao asno:

- A primeira me pertence por eu ser o rei dos animais. A segunda, também é minha por ser o seu sócio e a respeito da terceira é melhor você abandoná-la se não quiser acabar como as demais presas.

Moral da história: Para que você não passe como um asno, quando você associar-se, faça-o com sócios de igual poder como você, não com outros mais poderosos.

166. O leão e o asno presunçoso

Novamente fizeram amizade o ingênuo asno e o leão para sair a caçar. Chegaram a uma caverna onde haviam se refugiadas umas cabras montanhese e o leão ficou guardando a saída, enquanto o asno ingressava na caverna dando coices e relinchando para fazer as cabras saírem. Uma vez terminada a ação, o asno saiu da caverna e perguntou ao leão se ele não tinha achado excelente sua atuação ao ter lutado com tanta valentia para expulsar as cabras. E o leão respondeu:

- Ah, sim! Soberbo! Até eu mesmo ficaria assustado se não soubesse de quem se tratava!

Moral da história: Se você elogia a si próprio, será simplesmente objeto de chacota de todos que o conhecem melhor.

167. O leão, a raposa e o asno

O leão, a raposa e o sempre ingênuo asno associaram-se para ir à caça. Quando já tinham o suficiente, disse o leão ao asno para que repartisse as presas entre os três. O asno dividiu as presas em três partes iguais e pediu ao leão que escolhesse a sua parte. Indignado por ter feito três partes iguais, o leão saltou sobre o asno e o devorou. Então, o leão pediu à raposa para que ela fizesse a divisão das presas. A raposa fez um monte de quase tudo, deixando em outra parte apenas alguns pedaços. Ela chamou o leão para que escolhesse de novo a sua parte. Vendo aquilo, o leão lhe perguntou quem lhe havia ensinado a repartir tão bem.

- Foi o asno, senhor, o asno!

Moral da história: Sempre é bom não desprezar o erro alheio e, melhor ainda, aprender com ele.

168. O leão, Prometeu e o elefante

Prometeu: herói da mitologia grega.

Não deixava o leão de queixar-se diante de Prometeu, dizendo-lhe:

- Você me fez muito forte e bonito, dotado de mandíbulas com bons dentes e poderosas garras em minhas patas e eu sou o mais dominante dos animais. Mas, confesso que tenho um grande medo do galo.

Respondeu-lhe Prometeu:

- Por que você me acusa de forma tão leviana? Você não está satisfeito com todas as vantagens físicas que eu lhe dei? O que vacila é o seu espírito!

O leão continuou deplorando sua situação, julgando-se um covarde. Ele decidiu, então, acabar com sua vida. Ele estava nesta situação quando chegou o elefante, se cumprimentaram e começaram a conversar. O leão

observou que o elefante abanava constantemente suas orelhas e lhe perguntou qual era a razão. O elefante lhe respondeu:

- Vê este minúsculo inseto zumbindo ao meu redor? Pois, se ele conseguir entrar dentro do meu ouvido, estou perdido!

Então o leão disse:

- Não seria insensato me deixar morrer, sendo eu muito mais forte e poderoso do que o elefante, assim como muito mais forte e poderoso é o galo com o mosquito?

Moral da história: Muitas vezes, pequenos males nos fazem esquecer as grandezas que possuímos.

169. O leão e o touro

Pensando o leão em como capturar um touro muito grande, decidiu usar a astúcia. Ele disse ao touro que havia sacrificado um carneiro e que o convidava a compartilhá-lo com ele. Seu plano era atacá-lo quando ele estivesse se acomodado junto à mesa. O touro chegou ao local, mas vendo apenas fontes grandes travessas e churrasqueira e nada de carneiro, saiu sem dizer uma palavra. O leão reclamou por que ele se ia embora assim, uma vez que nada lhe havia feito. O touro lhe respondeu:

- Naturalmente que há um motivo! Pois todos os preparativos que você fez são não são para um corpo de um carneiro e sim para o de um touro!

Moral da história: Observe e analise sempre com cuidado ao seu redor e, assim, estará mais bem protegido dos perigos.

170. O leão e o cervo

Estava um leão muito furioso e rugindo e gritando sem nenhuma razão. Um cervo o viu a uma distância segura e exclamou:

- Infelizes somos nós, os outros animais da floresta! Se quando o leão estava sossegado ele já era para nós tão insuportável, de que ele não será capaz, estando do jeito que está agora?

Moral da história: Vamos ter o cuidado de nunca dar o poder aos irascíveis e danosos, pois, se já sem motivo nos prejudicam, mais farão se, por qualquer razão, se sentirem insatisfeitos.

171. O leão, a raposa e o rato

Um leão dormia tranquilamente, quando um ratinho se pôs a correr sobre o seu corpo. O leão despertou e se mexeu em todas as direções procurando ver quem era o intruso que o molestava. Uma raposa

observava e criticou o leão por acreditar que ele estava com medo de um simples ratinho, sendo ele o senhor leão. Disse-lhe o leão:

- Não é medo do ratinho, mas o que me surpreendeu é que havia um animal que tivera a coragem de pisar no corpo de um leão dormindo.

Moral da história: Nunca deixe de cuidar nem das pequenas coisas, por ínfimas que sejam.

172. Os lobos e os cães alistando-se para a guerra

Os lobos e os cães se alistaram para a guerra. Os cães elegeram como general um cão grego. Mas, este parecia não ter pressa em iniciar a batalha e contra ele reclamaram. Ele contestou:

- Vocês sabem por que estou dando um tempo? Porque antes de agir é sempre bom deliberar. Todos os lobos são da mesma raça, tamanho e cor. Mas, nós os cães somos de costumes muito diferentes e procedemos de diversas regiões das quais cada um está orgulhoso. Nossos uniformes não são parecidos como os deles. Temos cães loiros, negros, brancos e cinzentos. Como posso começar uma guerra com soldados tão desiguais? Primeiro devo descobrir como vou padronizar meus soldados.

Moral da história: Quando você se associar para um pacto, quanto mais equilibrada a unidade entre os membros, em vontade e pensamento, maior garantia terá de êxito.

173. Os lobos reconciliando-se com os cães

Os lobos chamaram os cães e lhes disseram:

- Ouçam! Sendo vocês e nós tão semelhantes, por que não nos entendemos como irmãos em vez de brigarmos? A única coisa que temos de diferente é como vivemos. Nós somos livres, ao contrário vocês são submissos e submetidos em tudo pelos homens: aguentam seus golpes, suportam coleiras e guardam-lhes os rebanhos. Quando seus donos comem, a vocês somente deixam os ossos. Nós lhe propomos o seguinte: deem-nos os rebanhos e colocaremos vocês no mesmo plano para reparti-los.

Os cães acreditaram nas palavras dos lobos, traíram aos seus donos. E os lobos, entrando nos currais, a primeira coisa que fizeram foi matar os cães.

Moral da história: Nunca vire as costas ou traia a quem, verdadeiramente, lhe dá ajuda e confia em você.

174. Os lobos e os carneiros

Os lobos planejavam surpreender um rebanho de carneiros. Mas, graças aos cães de guarda, não podiam conseguir. Então, decidiram empregar sua astúcia. Enviaram uns representantes aos carneiros para lhes pedir que lhes entregassem os seus cães, dizendo-lhes:

- Os cães são os causadores para que haja inimizade entre nós e vocês. Vocês somente têm de nos entregá-los e a paz reinará entre nós. E os ingênuos carneiros, sem suspeitar do que sucederia, lhes entregaram os cães. E os lobos, agora livres dos cães, se apoderaram sem problemas do rebanho.

Moral da história: Nunca entregue aos inimigos os que lhe dão apoio e proteção.

175. O lobo orgulhoso de sua sombra e o leão

Vagava certo dia um lobo por lugares solitários na hora em que o sol se punha no horizonte. E vendo sua sombra belamente projetava, exclamou:

- Como o leão vai me assustar com este tamanho que tenho? Com trinta metros de largura, será bem fácil para mim me tornar o rei dos animais!

E enquanto sonhava com o seu orgulho, um poderoso leão caiu sobre ele e começou a devorá-lo. O lobo, mudando sua opinião, disse:

- A presunção é a causa da minha desgraça.

Moral da história: Nunca valorize suas virtudes pela aparência que seus olhos veem, pois facilmente se enganará.

176. O lobo e o cordeiro no templo

Percebendo que estava sendo perseguido por um lobo, um cordeiro decidiu refugiar-se em um templo próximo. O lobo o chamou e lhe disse que um sacerdote, que fazia sacrifícios, estava lá e que o imolaria e ofereceria ao seu deus. O cordeiro lhe respondeu:

- Melhor assim! Eu prefiro ser uma vítima para um deus a ter que perecer em suas presas.

Moral da história: Se não há saída e vamos ser sacrificados, mais nos vale que seja com a maior honra.

177. O lobo e a cabra

Um lobo encontrou uma cabra que pastava na beira de um precipício. Como não podia chegar onde ela estava, ele lhe disse:

- Olhe, amiga! Melhor você vir para baixo, pois aí pode cair. Além do mais, olhe este prado onde estou, está bem verde e crescido.

Mas, a cabra lhe disse:

- Eu sei muito bem que não me convida para que eu coma e, sim, para que eu seja a sua comida!

Moral da história: Conheça sempre os malvados para que não o pegue com suas mentiras.

178. O lobo, a babá e a criança

Um lobo estava muito faminto e vagava em busca de sua comida. Ele chegou a uma cabana e olhou um menino que chorava e sua babá lhe dizia:

- Não chore, minha criança, senão o levo onde está o lobo!

Acreditando naquelas palavras, o lobo ficou esperando por um longo tempo. E, quando a noite chegou, a babá, quando embalava a criança, cantou:

- Se o lobo vier, vamos matá-lo.

Ao ouvir o lobo estas novas palavras, seguiu o seu caminho meditando:

- Nesta casa, as pessoas dizem primeiro uma coisa e depois querem fazer outra coisa muito diferente.

Moral da história: Mais importante que as palavras são os atos de amor verdadeiro.

179. O lobo e o cavalo

Passava um lobo por um campo de cevada, mas como não era comida de seu gosto, o deixou e seguiu seu caminho. Ele encontrou a tempo um cavalo e o levou para o campo, comentando-lhe sobre a grande quantidade de cevada que tinha encontrado, mas que, em vez dele comê-la, achou melhor deixá-la para ele, porque lhe agradava mais ouvir o ruído de seus dentes ao mastigá-la. Mas, o cavalo recusou, dizendo:

- Amigo, se os lobos comessem cevada, não teria preferido agradar os seus ouvidos e sim o seu estômago!

Moral da história: A todo malvado, mesmo que pareça agir como se fosse bom, não se deve confiar nele.

180. O lobo e o burro

Um lobo foi eleito rei entre os seus companheiros e decretou uma lei ordenando que, o que cada um capturasse na caçada, o colocasse em uso comum e o repartisse em partes iguais entre todos. Desta maneira, já não teriam os lobos que devorar uns aos outros em épocas de fome.

Mas, um burro, que estava ali por perto, escutou isto e movendo suas orelhas lhe disse:

Ótima ideia nasceu de seu coração. Mas, por que você escondeu toda a comida em sua caverna? Leve-a à sua comunidade e a reparta também, como você decretou!

O lobo, descoberto e confuso, revogou a sua lei.

Moral da história: Se alguma vez você chegar a ter poder de legislar, seja o primeiro a cumprir suas próprias leis.

181. O lobo farto de comida e a ovelha

Um lobo farto de comida e já sem fome, viu uma ovelha deitada no chão. Percebendo que ela simplesmente entrou em terror, aproximou-se dela e a tranquilizou, lhe prometendo deixá-la ir se lhe dissesse três verdades.

Então, a ovelha lhe disse que a primeira é que preferia não tê-lo encontrado. A segunda, uma vez que já o encontrara, preferiria encontrá-lo cego. E a terceira verdade lhe disse:

- Oxalá, todos os lobos malvados morressem de uma morte penosa, uma vez que, sem ter recebido mal algum de nossa parte, nos fazem uma guerra cruel.

O lobo reconheceu a realidade daquelas verdades e deixou a ovelha partir em paz.

Moral da história: Caminhe sempre suportado na verdade e ela lhe abrirá os caminhos do êxito, ainda que entre adversários.

182. O lobo ferido e a ovelha

Um lobo que tinha sido mordido por uns cães, estava no chão todo ferido. Vendo a impossibilidade de procurar por comida nessa situação, pediu a uma ovelha que passava por ali para levar-lhe um pouco de água do rio próximo. Disse o lobo:

- Se você me trazer água para beber, eu mesmo me encarrego de minha comida.

Respondeu a ovelha:

- Se eu lhe levar a água para beber, eu mesma vou participar de seu jantar.

Moral da história: Preveja sempre o verdadeiro fundamento das aparentemente inocentes propostas dos malfeitores.

183. O lobo e o lavrador

Um lavrador levou sua junta de bois para colocar na cangalha do arado. Caminhava por ali perto um lobo faminto em busca de comida. O lobo

encontrou o arado e começou a lamber as bordas da cangalha e, em seguida e sem se dar conta, acabou metendo sua cabeça dentro. Agitando-se o melhor que pode para se soltar, o lobo arrastava o arado ao longo do campo fazendo sulcos na terra.

Ao regressar o lavrador e vendo o lobo nesta atividade lhe disse:

Ah, lobo ladrão! Que felicidade seria se fosse verdade que você renunciou ao seu ofício de caçador e se uniu a trabalhar honestamente na terra.

Moral da história: Às vezes, por acaso ou não, os malvados parecem agir bem, mas a sua natureza sempre os delata.

184. O lobo e o cachorro adormecido

Um cachorro dormia placidamente na varanda de uma casa. Um lobo saltou sobre ele, disposto a se dar um banquete, quando nisto o cachorro lhe rogou que não o sacrificasse ainda. Disse o cachorro:

- Olha, agora eu estou nos ossos. Espera um pouco de tempo e como meus donos vão celebrar suas bodas e como me darão, também, muitos apetitosos agrados, eu engordarei e, seguramente, serei um manjar muito melhor para o seu gosto.

O lobo acreditou e foi embora. Ao término de algum tempo, voltou. Mas, esta vez, encontrou o cachorro dormindo em um móvel elevado da casa. O lobo se deteve à sua frente e lembrou ao cachorro o que haviam combinado. Então, o cachorro respondeu:

Ah lobo! Se outro dia você me vir novamente dormindo na varanda da casa, não se preocupe em esperar as bodas!

Moral da história: Se uma ação o leva a cair em um perigo e logo você consegue se salvar, lembre qual foi esta ação e evita repeti-la para não voltar a ser sua vítima.

185. O lobo e o cabrito trancado

Protegido pela segurança do curral de uma casa, um cabrito viu passar um lobo e começou a insultá-lo, zombando muito dele. O lobo, calmamente, lhe replicou:

- Infeliz! Eu sei que não é você que está me insultando e, sim, pelo lugar onde você se encontra.

Moral da história: Muitas vezes, não é o valor, mas a ocasião e o lugar que promovem um enfrentamento arrogante diante dos poderosos.

186. O lobo flautista e o cabrito

Um cabrito se desgarrou do rebanho e foi alcançado por um lobo que o perseguiu. E o cabrito disse ao lobo:

- Eu sei, senhor lobo, que estou condenado a ser o seu almoço. Mas, para eu não morrer sem honras, toca a flauta que eu dançarei pela última vez.

E, assim, o fizeram. Mas, os cachorros que estava longe ouviram o som da flauta e saíram em perseguição ao lobo. Vendo o truque em que caiu, o lobo disse:

- Com razão de sobra isto me aconteceu, porque, sendo eu um caçador, não devia me meter a flautista.

Moral da história: Quando você for realizar uma nova atividade, tenha em conta antes suas capacidades e as circunstâncias, para avaliar se pode seguir em frente.

187. Os dois cães

Um homem tinha dois cães. Um era para a caça e outro para guardar a casa. Quando saía para caçar, ia com o cão de caça e, se conseguisse alguma presa, ao regressar, o dono dava um pedaço ao cão de guarda. Descontente por isto, o cão de caça fez algumas reclamações ao seu companheiro: que somente ele era quem saía para caçar e sofria a todo o momento, enquanto o outro cão, o cão de guarda, sem fazer nada, desfrutava de seu trabalho de caça.

O cão de guarda respondeu:

- Não é a mim a quem você deve reclamar e, sim, ao nosso dono, já que ao invés de me ensinar a trabalhar como você, me ensinou a viver tranquilamente do trabalho alheio!

Moral da história: Peça sempre aos mais velhos que lhe ensinem uma capacitação e um trabalho digno para enfrentar seu futuro e esforce-se aprendendo corretamente.

188. Os cães famintos

Alguns cães famintos viram no fundo de um córrego peles que foram colocadas ali para limpá-las. Mas, como não podiam alcançá-las em razão da água que se interpunha, decidiram beber primeiro a água para, assim, chegar facilmente às peles. Porém, aconteceu que, de tanto beber e beber, eles arrebutaram antes de chegar às peles.

Moral da história: Tenha sempre cuidado com os caminhos mais rápidos, pois nem sempre são os mais seguros.

189. O homem mordido pelo cão

Um cão mordeu um homem e este corria por todos os lados buscando alguém que pudesse tratar os seus ferimentos. Um vizinho lhe disse para

molhar um pedaço de pão com o sangue de seu ferimento e o jogasse ao cão que o mordeu. Mas, o homem ferido respondeu:

- Se eu recompensar o cão, todos os cães do povoado virão me morder!

Moral da história: Grave erro é espalhar a maldade, pois a incita a fazer mais dano ainda.

190. O cachorro e o cozinheiro

Um homem preparava um jantar em homenagem a um de seus amigos e aos seus familiares. E seu cachorro convidou, também, um cachorro amigo, lhe dizendo:

- Venha jantar em minha casa comigo!

E o cachorro convidado aceitou o convite todo alegre. Ele se deteve contemplando o grande banquete, dizendo a si mesmo:

- Que sorte tão inesperada! Tem comida aqui para me fartar e não passar fome por vários dias!

Estando nesses pensamentos, abanando o rabo como um grande e velho amigo de confiança. Mas, o cozinheiro ao vê-lo movendo-se alegremente de lá para cá, agarrou-o pelas pernas e sem pensar muito o jogou pela janela. O cachorro foi embora fazendo um grande alarido. E, ao se encontrar no caminho com outros cachorros, estes lhe perguntaram:

- Quanto que você comeu na festa, amigo?

E ele respondeu:

- De tanto beber, tanto me embriagar, que já não sei sequer por onde eu sai!

Moral da história: Não confia na generosidade dos outros que procuraram aparecer com o que não lhes pertence.

191. O cão de briga e os cães simples

Um cão foi muito bem alimentado na casa e adestrado para lutar contras as feras. Um dia, vendo um grande número delas colocadas em fila, quebrou a coleira que o prendia e rapidamente se pôs a correr pelas ruas do povoado. Outros cachorros o viram passar e, vendo como era forte como um touro, lhe perguntaram:

- Por que você está correndo desta maneira?

O cão de briga respondeu:

- Eu sei que vivo na abundância, sem fome, com meu estômago sempre satisfeito. Mas, também sempre estou perto da morte combatendo estes ursos e leões.

Então, os outros cães comentaram:

- Nossa vida é, em verdade, pobre. Mas, mais bela, sem termos que pensar em combater com leões nem com ursos.

Moral da história: Os grandes ganhos, sempre vão acompanhados de grandes riscos.

192. O cachorro, o galo e a raposa

Uma vez, um cachorro e um galo se uniram em sociedade para percorrer o mundo. Chegada a noite, o galo subiu em um árvores e o cachorro se encostou ao pé do tronco. E como era seu costume, o galo cantou antes do amanhecer. Uma raposa ouviu o seu canto e correu até o lugar, parando ao pé da árvore. A raposa pediu ao galo para que descesse, pois desejava beijar um animal que tinha uma voz tão linda. O galo, então, respondeu:

- Por favor, primeiro acorda o porteiro que está dormindo ao pé da árvore.

E, então, o cachorro, quando a raposa pensava em como estabelecer uma conversa com o porteiro, saltou em cima dela, esquartejando-a.

Moral da história: É uma atitude inteligente, quando encontramos um inimigo poderoso, encaminhá-lo para que procure a outros mais fortes que nós.

193. O cão e o molusco

Um cão, daqueles acostumados a comer ovos, viu um molusco e, não pensando duas vezes e acreditando que se tratava de um ovo, o engoliu imediatamente. Logo ele sentiu sua garganta arranhar e, sentindo-se muito mal, disse:

- Bem que eu mereci isto por acreditar que tudo o que vejo redondo são ovos!

Moral da história: Nunca pegue um caso sem antes refletir, para logo não entrar em dificuldades desconhecidas.

194. O cão e a lebre

Um dia, um cão de caça pegou uma lebre e, às vezes, a mordida e, outras vezes, lambia o seu focinho. A lebre, cansada desta atitude instável, lhe disse:

- Pare de me morder e de me beijar para que eu possa saber se você é meu amigo ou meu inimigo!

Moral da história: Seja sempre consistente em seus princípios.

195. O cachorro e o açougueiro

Um cachorro entrou em um açougue e notando que o açougueiro estava muito ocupado com seus clientes, pegou um pedaço de carne e saiu correndo. O açougueiro voltou e vendo-o fugir e sem poder fazer mais nada, exclamou:

- Olhe, amigo! Aonde você se encontrar, eu não deixarei de por um olho em você!

Moral da história: Não espere que aconteça um acidente para pensar em como evitá-lo.

196. O cão com um sino

Havia um cão que costumava morder sem razão. Seu dono lhe colocou um sino para advertir as pessoas de sua presença próxima. E o cão, soando o sino, foi à praça pública para se mostrar. Mas, uma cadela sábia, avançada na idade, lhe disse:

- Por que se mostra tanto, amigo? Sei que não leva este sino por suas grandes virtudes, mas para anunciar suas maldades ocultas.

Moral da história: Os elogios que fazem a si mesmos os fanfarrões, somente delatam seus maiores defeitos.

197. O cão que perseguia o leão

Um cão de caça encontrou um leão e saiu em sua perseguição. Mas, o leão se voltou rugindo e o cão todo atemorizado, retrocedeu rapidamente para o mesmo caminho. Uma raposa o viu e lhe disse:

- Cão infeliz! Primeiro estava perseguindo o leão e agora nem sequer suporta os seus rugidos!

Moral da história: Quando você entrar em uma empreitada, mantenha-se sempre pronto a enfrentar imprevistos que não imaginava.

198. O cão e o corvo

Athena: na mitologia grega é a deusa da guerra, da civilização, da sabedoria, da estratégia, das artes, da justiça e da habilidade.

Um corvo que oferecia em sacrifício uma vítima à Atena, convidou o cão para o banquete. E o cão lhe disse:

- Por que dilapida os seus bens em inúteis sacrifícios? Pois, deveria saber que a deusa lhe despreza até a ponto de tirar todo crédito aos seus presságios.

Então, o corvo lhe respondeu:

- É por isto que lhe faço estes sacrifícios. Porque sei muito bem sua má vontade comiro e desejo sua reconciliação.

Moral da história: Se deseja que os mais afastados lhe escutem, deve chamá-los com maior intensidade.

199. A gralha e o corvo

Sentia uma gralha ciúmes dos corvos porque estes fazem presságios para os homens, lhe predizendo o futuro e, por esta razão, os tomam como testemunhas. Queria a gralha possuir as mesmas qualidades. Vendo passar alguns viajantes, a gralha pousou em uma árvore, dirigindo-lhes espantosos gritos. A ouvir aqueles ruídos, os viajantes voltaram espantados, exceto um deles, que disse aos demais:

- Ei, amigos! Fiquem tranquilos. Esta ave é somente uma gralha. Seus gritos não são presságios!

Moral da história: Quando vaidosamente e sem ter capacidade se quer competir com os mais preparados, não somente não nos igualamos, como também caímos no ridículo.

200. A gralha vaidosa e os corvos

Uma gralha, que por coisas do destino era maior que suas companheiras, desprezando e zombando de suas semelhantes, foi viver entre os corvos, pedindo-lhes que aceitassem compartilhar sua vida. Mas, os corvos, a quem sua figura e voz lhes eram desconhecidas, sem muito pensar a golpearam e a expulsaram de seu grupo. E a gralha, expulsa pelos corvos, voltou novamente onde estavam as demais gralhas. Mas, estas feridas pelo ultraje que lhes havia feito, se negaram a recebê-la outra vez. Assim, esta gralha ficou excluída da sociedade tanto de umas, como das outras.

Moral da história: Quando pensa em mudar de sociedade, domicílio ou amizades, não o faça nunca desprezando a anterior, uma vez que mais tarde pode ter que regressar a ela.

201. A gralha e as aves

Queria Zeus uma vez proclamar um rei entre as aves e lhes orientou para que comparecessem diante dele, pois iria eleger a que se encontrasse mais formosa para que reinasse entre elas. Todas as aves se dirigiram à beira de um rio para se limparem. Então, a gralha, achando-se mais feia que as demais, começou a recolher as penas que os outros pássaros abandonaram, ajustando-as ao seu corpo. Assim, vestida com roupas alheias, resultou em ser a mais formosa das aves. .

Chegou o momento da seleção e todos os pássaros se apresentaram perante Zeus, sem faltar obviamente, a gralha com a sua esplendorosa plumagem. E quando já estava Zeus a ponto de conceder-lhe a realeza, em razão de tanta formosura, os demais pássaros, indignados pelo engodo, lhe arrancaram cada um as penas que a eles pertenciam. Ao final, depenada das penas alheias, simplesmente ficou uma gralha.

Moral da história: Nunca se vanglorie de bens alheios como se fossem seus próprio, pois, tarde ou cedo, se descobre o engodo.

202. O corvo e os pombos

Um corvo conheceu um pombal onde moravam alguns pombos muito bem alimentados. E querendo desfrutar de tão boa comida, branqueou suas penas e se uniu a eles.

Enquanto o corvo permaneceu em silêncio, os pombos, acreditando que ele era um deles, o aceitaram sem reclamar. Mas, esquecendo-se de sua situação, em um descuido, o corvo começou a gritar. Então, os pombos, que não reconheceram sua voz, o expulsaram do ninho. O corvo, vendo que não conseguiria a comida dos pombos, voltou a procurar seus companheiros. Mas, por haver perdido sua cor original, os outros corvos tampouco o receberam em sua sociedade. Desta forma, por querer desfrutar da comida dos outros, ficou sem nenhuma.

Moral da história: Contentemo-nos com nossos bens, pois tentar tomar sem direito os bens alheios, só nos conduz a perder todos.

203. O corvo fugitivo

Um homem caçou um corvo, amarrou um fio a um pé e o entregou ao seu filho. Mas, o corvo, não podendo se resignar a viver prisioneiro naquele lugar, aproveitou um instante de liberdade em um descuido para fugir e tratar de voltar ao seu ninho. Entretanto, o fio se enroscou nas ramos de uma árvore e a ave não pode voltar, ficando presa. Vendo sua morte próxima, disse:

- Está feito! Por não saber suportar a escravidão entre os homens, agora me vejo privada da vida.

Moral da história: Quanto maior são os valores que buscamos, maiores são os riscos.

204. O corvo e a serpente

Andava um corvo com escassez de comida e viu em um campo uma cobra dormindo ao sol. Caiu veloz sobre ela e a levou. Mas, a cobra, despertando

de seu sono, se voltou e o mordeu. O corvo, vendo-se à beira da morte, disse:

- Desgraçado eu, que encontrei um tesouro mas a custo de minha vida!

Moral da história: Antes de querer possuir algum bem, primeiro tem que avaliar se o seu custo vale a pena.

205. O corvo e Hermes

***Apolo:** foi uma das divindades principais da mitologia greco-romana, um dos deuses olímpicos. Fazia os homens conscientes de seus pecados e era o agente de sua purificação, era o símbolo da inspiração profética e artística. Era o deus da morte súbita, das pragas e doenças, mas também o deus da cura e da proteção contra as forças malignas. Além disso, era o deus da beleza, da perfeição, da harmonia, do equilíbrio e da razão.*

***Hermes:** era, na mitologia grega, um dos deuses olímpicos, filho de Zeus e de Maia, e possuidor de vários atributos, como: deus da fertilidade, dos rebanhos, da magia, das estradas e viagens, entre outros.*

Um corvo, que tinha caído em uma armadilha, prometeu a Apolo que lhe queimaria incenso se ele o salvasse. Mas, uma vez libertado da armadilha, esqueceu-se de sua promessa. Capturado novamente em outra armadilha, deixou Apolo para procurar por Hermes, prometendo um sacrifício. Mas, o deus lhe disse:

- Como vou acreditar em você agora, miserável, se já enganaste e renegaste seu primeiro deus?

Moral da história: Se por nossa vontade faltamos com nossa primeira promessa, não teremos oportunidade de que nos confiem uma segunda.

206. O corvo doente

Um corvo se encontrava muito doente e disse à sua mãe:

- Mãe, roga aos deuses por mim e agora não chore mais.

Sua mãe respondeu:

- E qual deles, filho meu, terá piedade de você? Restará algum a quem você não lhe roubou a carne?

Moral da história: Não se encha de inimigos desnecessariamente, porque em tempos de necessidade não vai encontrar um único amigo.

207. O rouxinol e o gavião

Pousado em um carvalho alto, um rouxinol cantava como de costume. Um gavião faminto o viu e lançou-se imediatamente sobre ele e o prendeu em suas garras.

Certo de sua morte próxima, o rouxinol lhe suplicou para o soltasse, alegando que somente ele não seria o bastante para encher sua barriga e que, se estava com fome de verdade, deveria caçar outros animais maiores. O gavião lhe respondeu:

- Tolo eu seria se ouvisse você e deixasse escapar a presa que tenho para ir buscar a outras que sequer eu tenha visto.

Moral da história: Não deixemos os bens que já temos, por ilusões que nem sequer visualizamos.

208. O rouxinol e a andorinha

Uma andorinha convidou um rouxinol a construir seu ninho da mesma forma como ela fazia, abaixo do teto das casas dos homens, e a viver com eles como já o fazia ela. Mas, o rouxinol respondeu:

- Eu não quero reviver as memórias de meus males antigos e, por isso, prefiro me alojar em lugares separados.

Moral da história: Os bens e os males recebidos, sempre estão ligados às circunstâncias que os cercam.

209. O galo e a doninha

Uma doninha pegou um galo e queria ter uma razão plausível para comê-lo. A primeira acusação foi a de importunar os homens e de impedi-los de dormir com seus irritantes cantos durante a noite. O galo se defendeu dizendo que cantava para servi-los, pois os despertava e os lembrava que deviam começar os seus trabalhos diários.

Então, a doninha procurou uma segunda acusação: que maltratava a natureza por procurar noivas, incluindo sua mãe e suas irmãs. O galo respondeu que ele também favorecia os seus donos, porque, assim, as galinhas punham mais ovos.

Moral da história: Para o malvado decidido a agredir, não lhe falta nenhum tipo de razões.

210. Os galos e a perdiz

Um homem que tinha dois galos, comprou uma perdiz doméstica e a levou para o galinheiro para junto deles para alimentá-la. Mas, estes a atacavam e a perseguiram. E a perdiz, pensando no que fazer por ser diferente da espécie, sentia-se humilhada.

Mas, dias depois, viu como os galos brigavam entre eles e, cada vez que separavam, estavam cobertos de sangue. Então, ela disse a si mesma:

- Já não me queixo mais que os galos me maltratem, pois vi que nem entre eles mesmos estão em paz.

Moral da história: Se chega a uma comunidade onde os vizinhos não vivem em paz, tenha como certeza que, tampouco, deixarão viver em paz você mesmo.

211. O cervo e o leão na gruta

Um cervo, que fugia de caçadores, chegou a uma gruta onde não sabia que morava um leão. Entrando nela para se esconder, caiu nas garras do leão. Vendo-se irremediavelmente perdido, exclamou:

- Desafortunada eu sou! Fugindo dos homens cai nas garras de um animal feroz!

Moral da história: Se tenta sair de um problema, procure que a saída não seja cair em outro pior.

212. A corça caolha

Uma corça, faltando-lhe um olho, pastava à beira do mar e voltava seu olho intacto até a terra para observar a possível chegada de caçadores e dava ao mar o lado que carecia de um olho, pois ali não esperava nenhum perigo. Mas, acontece que algumas pessoas navegavam por aquele lugar e, ao ver a cervo, a abateram com suas flechas. E a cervo agonizando disse para si mesma:

- Pobre de mim! Eu vigiava a terra, que acreditava estar cheia de perigos, e o mar, que eu considerava um refúgio, me foi muito mais funesto.

Moral da história: Nunca exarcebe em sua valorização das coisas. Procure sempre ver suas vantagens e desvantagens de forma equilibrada.

213. O cervo e o filhote de cervo

Disse um dia o filhote de cervo ao cervo:

- Pai, você é maior e mais veloz do que os cachorros e tem, além disto, magníficos chifres para se defender. Por que foge diante deles?

O cervo respondeu rindo:

- É certo o que você me diz, meu filho. Mas, não sei o que acontece comigo quando ouço um latido de um cachorro. Imediatamente me coloco em fuga.

Moral da história: Quando se tem um ânimo temeroso, não há razão que possa mudá-lo.

214. O cavalo velho

Um cavalo velho foi vendido para dar voltas ao redor de uma pedra de moinho. Ao ver-se amarrado à pedra, exclamou soluçando:

- Depois das voltas nas carroças, eis aqui a que voltas me reduziram.

Moral da história: Não conte com a fortaleza da juventude. Para muitos, a velhice é um trabalho muito penoso.

215. O cavalo, o boi, o cão e o homem

Quando Zeus criou o homem, só lhe concedeu alguns poucos anos de vida. Mas, o homem, pondo a funcionar sua inteligência, ao chegar o inverno edificou uma casa e morou nela. Um dia, quando o frio era muito duro e a chuva começou a cair, não podendo o cavalo aguentar-se mais, foi correndo onde o homem estava e lhe pediu que lhe desse abrigo.

O homem lhe disse que somente o faria como uma condição: que cedesse a ele uma parte dos anos que lhe restavam. O cavalo aceitou. Pouco depois, se apresentou o boi que, tampouco, podia suportar o mal tempo. O homem lhe respondeu o mesmo: que o aceitava se ele lhe desse certo número de seus anos de vida. O boi cedeu uma parte e foi admitido na casa. Por fim, chegou o cão, também morrendo de frio, e cedendo uma parte de seu tempo de vida, obteve refúgio.

E eis aqui o resultado: quando os homens cumprem o tempo que Zeus lhes deu, são puros e bons. Quando chegam aos anos pedidos ao cavalo, são intérpidos e orgulhosos. Quando estão nos anos do boi, se dedicam a mandar. E, quando chegam a usar o tempo do cão, ao final de sua existência, transformam-se em irascíveis e maus humorados.

Moral da história: Esta fábula descreve as etapas da vida do homem: inocente infância, vigorosa juventude, poderosa maturidade e sensível velhice.

216. O cavalo e o cavaleiro

Havia um cavaleiro que roubava e levava para vender a cevada de seu cavalo. Mas, em troca, passava o dia inteiro limpando-o e penteando-o para deixá-lo brilhar o melhor possível. Um dia o cavalo lhe disse:

- Se, realmente, você quer me ver bonito, não roube a cevada que é o meu alimento.

Moral da história: Tenha cuidado de quem muito de bajula ou o louve, pois algo procura obter em troca.

217. O cavalo e o soldado

Um soldado, durante uma guerra, alimentou com cevada o seu cavalo, seu companheiro de esforços e perigos. Mas, terminada a guerra, o cavalo foi empregado em trabalhos servis e para transportar pesadas cargas, sendo alimentado unicamente com palha.

Com o anúncio de uma nova guerra e ao som da trombeta, o proprietário do cavalo o selou, o armou e o montou. Mas, o cavalo exausto caía a todo o momento. Por fim disse ao seu dono:

- Tente obter algo melhor dos soldados, uma vez que de cavalo que eu era você me converteu em asno. Como você quer agora fazer de um asno um cavalo?

Moral da história: Em tempos de bem estar, é quando devemos nos preparar para os tempos críticos.

218. A mula

Cheia de cevada, uma mula se pôs a saltar, dizendo a si mesma:

- Meu pai é um cavalo rápido na estrada e eu me pareço muito com ele!

Mas, chegou a ocasião em que a mula se viu obrigada a correr. Terminada a carreira, muito contrariada, lembrou-se de seu verdadeiro pai, o sereno asno.

Moral da história: Devemos sempre reconhecer as nossas raízes, respeitando nossas heranças e as alheias.

219. O camelo que jogou esterco no rio

Atravessava um camelo um rio de águas rápidas. Sentiu a necessidade de evacuar e, vendo em seguida que passava em frente dele seu esterco arrastado pelo rio, disse:

- Como isso acontece? O que estava atrás de mim, agora o vejo ir em frente?

Moral da história: É como alguns estados ou empresas, onde os incapazes e os corruptos passam a ocupar os primeiros postos, em lugar dos mais sensatos, honestos e capazes. Se chegar a ter posto de comando, promova sempre os melhores.

220. O camelo, o elefante e o macaco

Os animais votavam para eleger um rei. O camelo e o elefante se puseram na fila, disputando os votos, já que esperavam ser os preferidos sobre os

demais graças ao seu tamanho e sua força. Mas, chegou o macaco e lhes declarou que eram incapazes de reinar, dizendo:

- O camelo não serve, porque se enfurece com os mercadores e o elefante, tampouco não serve, porque temos que estar com medo dos ataques dos porcos, animal a quem teme o elefante.

Moral da história: A força maior sempre se mede a partir do ponto mais fraco.

221. O camelo visto pela primeira vez

Quando os seres humanos viram pela primeira vez o camelo, se assustaram e, atemorizados pelo seu grande tamanho, empreenderam fuga. Mas, passado o tempo e vendo que ele era inofensivo, se encorajaram e se aproximaram dele. Então, vendo aos poucos que o animal não conhecia a raiva, chegaram a domesticá-lo até ao ponto de colocar-lhe uma guia, deixando as crianças conduzi-lo.

Moral da história: É natural que tratemos sempre os desconhecidos com receio e prudência. Depois de várias observações, podemos fazer um juízo melhor.

222. O camelo bailarino

Obrigado pelo seu dono a bailar, um camelo disse:

- Que coisa! Não só eu careço de graça andando, sendo que bailando eu sou ainda bem pior.

Moral da história: Use sempre cada coisa para o propósito para o qual foi criado.

223. O camelo e Zeus

O camelo sentia inveja dos chifres do touro e queria ter os seus próprios chifres. Neste sentido, foi procurar Zeus, pedindo-lhe que lhe presenteasse com alguns chifres semelhantes. Mas, Zeus indignado pelo fato do camelo não se contentar com o seu grande tamanho e força, não somente lhe negou os chifres, como também lhe cortou parte das orelhas.

Moral da história: A inveja não é boa conselheira. Quando quiser melhorar algo, faça-o com o seu esforço e por seu desejo de progredir e não pelo o que o seu vizinho tenha.

224. A cabra e o pastor

Um pastor de cabras chamava suas cabras para levá-las para o estábulo. Uma delas, ao passar por um bom pasto, se deteve. E o pastor atirou-lhe uma pedra. Mas, com tanta falta de sorte que lhe quebrou um chifre.

Então, o pastor suplicou à cabra para que não contasse ao patrão, ao que a cabra respondeu:

- Quisera eu me manter calada, mas não poderei. Está bem claro à vista meu chifre quebrado!

Moral da história: Nunca negue o que bem se vê.

225. A cabra e o burro

Uma cabra e um burro comiam ao mesmo tempo no estábulo. A cabra começou a invejar o burro porque acreditava que ele estava mais bem alimentado e lhe disse:

- Entre a roda e a carga, sua vida sim é que é um tormento sem fim. Finja um ataque e se deixa cair em um buraco para que lhe deem umas férias.

O burro aceitou o conselho da cabra e, jogando-se no buraco, machucou todo o seu corpo. Vendo o assim, o seu dono chamou um veterinário e lhe pediu um remédio para o pobre burro. O veterinário prescrever que o burro precisava de uma infusão com um pulmão de uma cabra, pois era muito eficaz para lhe devolver o vigor. Então, degolaram a cabra para, assim, curar o burro.

Moral da história: Em todo plano de maldade, a vítima principal é sempre seu próprio criador.

226. As cabras montanhesas e o pastor

Um pastor de cabras levou suas cabras para pastar e logo viu que umas cabras montanhesas as acompanhavam. Chegada a noite, ele levou todas elas ao seu sítio. Na manhã seguinte, caiu uma forte tempestade e, não podendo levá-las ao pasto, as manteve lá dentro. Mas, enquanto para suas próprias cabras lhes dava um pouco de forragem, às cabras montanhesas lhes dava muito mais com o propósito de ficar com elas. Finalmente, o mal tempo terminou e todas saíram ao campo. Mas, as cabras montanhesas fugiram para as montanhas. O pastor as acusou de ingratas por abandoná-lo depois que ele as cuidou tão bem. Mas, elas lhe responderam:

- Maior razão para desconfiarmos de você, porque se nós recém-chegadas você nos tratou melhor que suas velhas e leais escravas, significa que, tão logo vierem outras cabras, nos desprezará por elas.

Moral da história: Nunca confie em quem quer sua nova amizade, mudando e abandonando as que já tinha.

227. O boi e a novilha

Vendo um boi trabalhando, uma novilha que só descansava e comia, se condeou de sua sorte, alegrando-se com a sua. Mas, chegou o dia de uma solenidade religiosa e, enquanto o boi ficava de um lado, tomaram a novilha para sacrificá-la. Vendo o que acontecia, o boi sorrindo disse:

- Veja, novilha, agora você sabe por que você não precisava trabalhar: é que estava reservada para o sacrifício!

Moral da história: Na se ufane da ociosidade, pois nunca sabe que mal ela traz oculto.

228. Os bois e o eixo da carroça

Alguns bois puxavam uma carroça cujo eixo rangia ruidosamente. Eles se voltaram para a carroça dizendo:

- Olhe, amiga. Somos nós quem levamos a carga e você é quem se queixa?

Moral da história: Na vida você encontrará muitos que fingem estar cansados de ver trabalhar os outros.

229. O boi e o mosquito

Um mosquito pousou no chifre de um boi. Depois de permanecer ali por um longo tempo, ao ir embora o mosquito perguntou ao boi se ele estava contente que, finalmente, ele partia. O boi lhe respondeu:

- Nem notei que você tinha chegado! Tampouco, notarei quando você partiu.

Moral da história: Passar pela vida sem dar nada à vida, é ser insignificante.

230. A cobra e a raposa

Uma cobra era arrastada pela correnteza de um rio, enroscada em um emaranhado de espinhos. Uma raposa que descansava a via passar e exclamou:

- Para tal classe de barco, tal piloto!

Moral da história: Pessoas perversas sempre estão ligadas às situações perversas.

231. A víbora e a cobra da água

Uma víbora costumava beber água em um manancial e uma cobra da água que vivia no rio tentava impedi-la, indignada porque a víbora, não se contentava em reinar em seu campo, também chegasse a invadir seu domínio. O tanto chegou a raiva que combinaram travar um combate: a

que conseguisse a vitória ficaria com a posse de tudo. Fixaram o dia e as rãs, que não queriam a cobra da água, foram onde estava a víbora, excitando-a e lhe prometendo que ficariam ao seu lado.

Começou o combate e as rãs, não podendo fazer outra coisa, somente gritavam. A víbora ganhou e encheu as rãs com reclamações, pois, em vez de ajudá-la na luta, não haviam feito outra coisa senão dar gritos. E as rãs responderam:

- Mas, companheira, nossa ajuda não estava em nossos braços, mas em nossos gritos!

Moral da história: Na luta diária tão importante como a ação é o estímulo.

232. O cisne confundido com ganso

Um homem muito rico alimentava um cisne e um ganso juntos, embora com diferente finalidade para cada um: um era para o canto e outro para a mesa. Quando chegou a hora para qual era alimentado o ganso, era de noite e a escuridão não permitia distinguir entre as duas aves.

Capturado o cisne no lugar do ganso, ele entoou seu belo canto de prelúdio de morte. Ao ouvir seu canto, o dono o reconheceu e o seu canto o salvou da morte.

Moral da história: Antes de tomar uma ação sobre alguém ou algo, seja a que beneficie ou prejudique, primeiro devemos nos assegurar de sua verdadeira identidade.

233. O cisne e seu dono

Diz-se que os cisnes cantam antes de morrer. Um homem viu um cisne à venda e tendo ouvido dizer que era um animal muito melodioso, o comprou. Um dia, o homem dava um jantar, trouxe o cisne e lhe pediu para que cantasse durante o jantar. Mas, o cisne se manteve em silêncio. Entretanto, um dia, pensando o cisne que já iria morrer, cantou forçadamente sua melodia. Ao ouvi-lo, o dono disse:

- Se você somente canta quando vai morrer, fui um tolo pedindo-lhe que cantasse ao invés de ameaçar sacrificá-lo.

Moral da história: Muitas vezes acontece que temos que fazer a força o que não queríamos fazer por vontade própria.

234. O gato e os ratos

Havia uma casa infestada de ratos. Um gato soube disto e foi até ela e, pouco a pouco, ia devorando os ratos. Mas, os ratos, vendo que

rapidamente eram caçadas, decidiram se proteger em suas tocas. Não podendo o gato alcançá-los, tramou uma farsa e, pendurado em uma viga, se fez de morto. Mas, um dos ratos se debruçou na viga, o viu e lhe disse:

- Ei, amigo! Ainda que você fosse um saco de farinha, eu não me aproximaria de você!

Moral da história: Os malvados, quando não podem causar danos às suas vítimas diretamente, procuram um atraente truque para enganá-las. Tome cuidado sempre com o que lhe oferecem como muito lindo e atraente.

235. As mulas e os ladrões

Duas mulas bem carregadas com pacotes andavam com dificuldade pelo caminho. Uma carregava saco de dinheiro e a outra levava grãos. A mula que levava o dinheiro andava de cabeça erguida, como se soubesse o valor de sua carga, e balançava de cima a baixo os sinos presos ao seu pescoço. Sua companheira seguia com um passo tranquilo e silencioso. De repente, uns ladrões se lançaram sobre elas de seus esconderijos e na briga com os seus donos, a mula que levava o dinheiro foi ferida com uma espada e os ladrões avidamente tomaram o dinheiro sem dar importância aos grãos. A mula que havia sido roubada e ferida lamentou-se de suas desgraças. E a outra respondeu:

- Com efeito, eu estou muito contente de que fui desvalorizada, pois não perdi nada e, tampouco, me fizeram dano com alguma ferida.

Moral da história: A ostentação espalhafatosa da riqueza somente traz desventuras.

236. A perdiz e o caçador

Um caçador de aves agarrou uma perdiz e estava prestes a matá-la. A perdiz pediu encarecidamente que poupasse sua vida, dizendo:

- Suplico-lhe, meu amo, que me permita viver e eu lhe trarei muitas outras perdizes como recompensa por sua piedade comigo.

O caçador respondeu:

- Pois agora, com muito menos escrúpulos, tirarei sua vida porque você quer salvar a sua à custa de enganar suas amigas e familiares.

Moral da história: Os traidores de sua própria natureza, cedo ou tarde, sempre são desvalorizados por quem os chegam a conhecer, sejam amigos ou inimigos.

237. O falcão que queria relinchar

Um falcão tinha outrora outra voz penetrante. Mas, ele ouviu um dia um cavalo relinchar admiravelmente e o quis imitar. Mas, apesar de todas as

tentativas, não logrou adotar exatamente a voz do cavalo e perdeu, além disto, sua própria voz. Assim, ficou sem a voz do cavalo e sem sua voz anterior.

Moral da história: Nunca se disponha a imitar as qualidades alheias se não tem a preparação e condições adequadas para fazê-lo, sob pena de ficar um invejoso vulgar e fracassado.

238. O falcão e a cobra

Um falcão capturou uma cobra e elevou-se ao ar. A cobra se voltou e o mordeu, caindo ambos lá do alto até um precipício. E o falcão morreu. Então, a cobra disse:

- Louco! Por que você quis fazer mal a quem não lhe fazia mal? Por justiça você foi castigado por ter-me raptado sem razão.

Moral da história: Nunca procure prejudicar ao seu próximo para que, mesmo que não o perceba, seja mais forte que você e lhe faça pagar suas injustiças.

239. O falcão e a gaivota

Uma gaivota engoliu um peixe muito grande e quebrou o pescoço, caindo morta na orla da praia. Um falcão a viu e disse:

- Você bem que mereceu! Porque, conhecendo sua capacidade, abusou do que lhe era permitido.

Moral da história: Sabendo quais são suas capacidades, nunca tente ultrapassá-la se não estiver preparado para isto.

240. O alcião

Alcião: ave cujo nome vulgar é maçarico, conhecida também entre a gente do mar pelo nome de alma-de-mestre. É um pássaro gosta de solidão e de viver sempre na orla e sobre o mar. Diz-se que para escapar dos homens que lhe caçam, faz seu ninho nas rochas da orla.

Um dia, um alcião que ia por ovos, se empoleirou em uma árvore no alto de uma montanha e descobrindo um penhasco rente ao mar, fez o seu ninho nele. No outro dia que saiu em busca de comida, o mar se elevou por causa de uma tempestade e ressaca, e alcançou o ninho e afogou os filhotes. Ao regressar o alcião, ao ver o que aconteceu, exclamou:

- Que azarado eu sou! Fugindo dos perigos conhecidos da terra, me refugiei dentro do mar e isto foi pior para mim!

Moral da história: Se você tem que adentrar no desconhecido, leve em conta a chegada de surpresas agradáveis e desagradáveis. Nunca confie

às cegas no que não conhece. Em terrenos novos, anda com passos lentos e olhos bem abertos.

241. O sabiá

Um sabiá bicava os grãos de uma plantação de milho e, satisfeito com o gosto de seus grãos, não se decidia abandoná-la. Um caçador de pássaros observou que o sabiá tinha se acostumado com o lugar e o caçou. Visualizando o sabiá o seu fim próximo, disse:

- Oh, que desgraça! Pelo prazer de comer, acabei me privando da vida!

Moral da história: Nunca se exceda quando encontrar algo prazeroso para que não acabe sendo a causa de sua desgraça.

242. A andorinha e o filho pródigo

Um filho pródigo, havendo desperdiçado seu patrimônio, tinha apenas um cobertor. De repente, ele viu uma andorinha que havia se antecipado à estação. Crendo que já chegara a primavera e que, portanto, não necessitaria mais o cobertor, foi e também o vendeu. Mas, o mal tempo voltou e o ar se pôs mais frio. Então, enquanto caminhava, encontrou a andorinha morta de frio e lhe disse:

- Desgraçadas somos! O frio tem feito sofrer a nós dois ao mesmo tempo!

Moral da história: Observe bem se é a hora certa antes de executar uma decisão. Uma ação fora do tempo pode ser desastrosa.

243. A gaivota, o porco-espinho e o morcego

Uma gaivota, um morcego e um porco-espinho se associaram para se dedicar juntos ao comércio. O morcego procurou por dinheiro, o porco-espinho por tecido e a gaivota por uma quantidade de cobre. Feito isto, aparelharam um barco. Mas, caiu uma tremenda tempestade, que afundou o barco e fez perder toda a carga. Só suas vidas se salvaram. Por isto, desde então, a gaivota paira sempre na orla do mar à espreita se o mar arremessou em alguma praia o seu cobre. O morcego, fugindo de seus credores, somente sai à noite para se alimentar. E o porco-espinho se agarra nas roupas dos viajantes tentando reconhecer seus tecidos.

Moral da história: Nós sempre voltamos ao que é o nosso verdadeiro interesse.

244. O morcego e as doninhas

Caiu um morcego na terra e foi pego por uma doninha. Vendo-se próximo da morte, o morcego implorou por sua vida. A doninha lhe disse que não podia soltá-lo porque, desde o seu nascimento, ela era inimiga dos pássaros. O morcego replicou que não era um pássaro e sim um rato, livrando-se com esta astúcia.

Algum tempo depois, ele voltou a cair nas garras de outra doninha e lhe suplicou para que não o devorasse. A doninha contestou, uma vez que odiava a todos os ratos. O morcego lhe afirmou que não era um rato e sim um pássaro. E se livrou da morte, assim, pela segunda vez.

Moral da história: Saibamos nós sempre nos adaptar às circunstâncias do momento, se desejamos sobreviver em qualquer ramo da vida que atuamos.

245. O morcego e o pintassilgo

Um pintassilgo, preso em uma gaiola pendurada em uma janela, cantava de noite. O morcego ouviu sua voz de longe e, se aproximando dele, lhe perguntou por que cantava somente à noite. E o pintassilgo respondeu:

- Não é sem razão, porque eu cantava de dia quando me aprisionaram. Desde então, aprendi a ser prudente.

E o morcego respondeu:

- Pois não é agora quando devia fazer isto, pois já está bem enjaulado e sim devia ter feito isto antes que lhe capturassem!

Moral da história: A prudência é para vivê-la antes de cair em um erro, não para depois de uma desgraça.

246. O corvo e a ovelha

Um corvo, acostumado a molestar aos outros, sentou nas costas de uma ovelha. A ovelha, muito contra sua vontade, o levou de um lado para o outro durante muito tempo. E por fim, disse:

- Se você tivesse tratado um cão desta maneira, teria sido sobremesa em seus dentes afiados.

Ao que o corvo contestou:

- Eu desvalorizo o fraco e cedo diante do forte. Sei a quem posso intimidar e a quem devo bajular. Assim, prolongo minha vida a uma velhice boa.

Moral da história: Quem não tem propósitos definidos para sua vida, somente pode viver abaixo das sombras alheias.

247. O urso e a raposa

Um urso se gabava de gostar dos homens vivos pelo fato de não gostar de cadáveres. A raposa replicou:

- Quisessem os deuses que destroçasse aos mortos e não aos vivos!
- Moral da história: Nunca pense em destruir o que é útil. Se quiser melhorar algo que funciona, considere-o em sua base inicial, sem causar-lhe dano, e não como objeto de desejo.

248. Os caracóis

O filho de um lavrador estava torrando alguns caracóis. Ouvindo-os estalar disse:

- Ah miseráveis criaturas pequenas, suas casas estão queimando e ainda vocês cantam!

Moral da história: Fazer as coisas fora do tempo ou lugar que lhes corresponda, não é nada inteligente.

249. O porco e ovelha

Um porco se meteu dentro de um rebanho de carneiro e pastava com eles. Mas, um dia, o pastor o capturou e o porco se pôs a grunhir e lutar. Os carneiros o repreendiam por estar gritando, dizendo-lhe:

- A nós também ele nos lança mão constantemente e nunca nos queixamos.

Respondeu o porco:

- Ah, sim, mas não é para a mesma finalidade. A vocês lhes lança mão por causa da lã, mas a mim é pela carne.

Moral da história: Perder o que se pode recuperar não nos deve preocupar, mas sim perder o que é irreparável.

250. O atum e o golfinho

Vendo-se um atum perseguido por um golfinho, fugia com um grande alarido. Prestes a ser capturado, a força de seu salto o arremessou, sem se dar conta, na orla da praia. Levado pelo mesmo impulso, o golfinho acabou no mesmo lugar. O atum voltou e viu o golfinho exalando o último suspiro. Disse o golfinho, então:

- Eu não me importo em morrer, porque vejo morrer comigo o causador de minha morte.

Moral da história: Sofremos com menos dor as desgraças que nos fazem padecer, quando as vemos compartilhadas com quem as causam.

251. A mosca

Caiu uma mosca em uma panela cheia de carne. Prestes de afogar-se no molho, exclamou para si mesma:

- Eu comi, bebi e me banhei. Agora pode vir a morte, não me importa.

Moral da história: Ao irresponsável não lhe importa o fracasso se, quando ele chegar, lhe oferecer bons momentos.

252. As moscas

De um favo derramou-se seu delicioso mel e as moscas voaram ansiosas para devorá-lo. E ele era tão doce que não podiam deixá-lo. Mas, suas patas foram grudando no mel e não podiam alçar voo de novo. Prestes a se afogarem em seu tesouro, exclamaram:

- Nós morremos, desgraçadas de nós, por que queríamos tomar tudo em um momento de prazer!

Moral da história: Leve sempre as coisas mais belas de sua vida com serenidade, pouco a pouco, para que as desfrute plenamente. Não vá se afogar dentro delas.

253. A formiga

Uma lenda diz que a formiga atual era, em outros tempos, um homem dedicado ao trabalho da lavoura e não se contentava com o produto de seus próprios esforços e, sim, olhava com inveja o produto alheio e roubava frutos de seus vizinhos. Indignado com a ganância do homem, Zeus o transformou em formiga.

Mas, ainda que mudasse de forma, não mudou o seu caráter, pois ainda hoje em dia percorre os campos, recolhe os grãos de trigo e a cevada alheias e os guarda para o seu uso.

Moral da história: Ainda que se castiguem os malvados, dificilmente mudam sua natureza transviada.

254. A formiga e besouro

Com a chegada do verão, uma formiga que rondava pelo campo recolhia os grãos de trigo e cevada, guardando-os para se alimentar durante o inverno. Um besouro a viu e se surpreendeu de vê-la tão ocupada em uma época em que todos os animais, descuidando-se de seus trabalhos, se entregam à boa vida. A formiga não respondeu nada no momento, mas, mais tarde, quando chegou o inverno e a chuva desfazia as bolas de

esterco, o besouro faminto foi pedir à formiga uma esmola de comida. Então, a formiga lhe respondeu:

- Olhe, besouro, se você tivesse trabalhado na época em que eu trabalhava e você zombava de mim, agora não lhe faltaria alimento.

Moral da história: Quando sobrar excedentes do que recebe com seu trabalho, guarda uma parte para quando vierem os tempos de escassez.

255. Os dois besouros

Pastava um touro em uma pequena ilha e dois besouros se alimentavam de suas bolas de esterco. Chegado o inverno, um deles disse ao outro que iria cruzar o mar para que seu companheiro tivesse alimento suficiente, enquanto ele passaria o inverno em terra firme. Ele acrescentou que, se encontrasse comida em abundância, lhe traria também.

Quando o besouro chegou ao continente, encontrou muitas e frescas bolas de esterco, tendo se estabelecido ali e se alimentado abundantemente. Passou o inverno e ele voltou à ilha. Ao ver o seu companheiro gordo e saudável, o outro besouro o repreendeu pelo fato de não lhe haver levado nada do que prometera. E este lhe respondeu:

- Não me culpe e sim culpe a natureza do lugar, porque se pode encontrar como viver lá, mas é impossível alçar voo com tanta carga.

Moral da história: Sempre encontrará supostos amigos muito bons para bajular e prometer, mas não passam daí, negando-se a fazer um favor na hora certa.

256. Os golfinhos, a baleia e a sardinha

Golfinhos e baleias travavam uma batalha entre si. Como a luta se prolongava de forma sangrenta, uma sardinha veio à superfície e quis reconciliá-los. Mas, um dos golfinhos tomou a palavra e lhe disse:

- Nos humilha menos combatermos e morrer uns pelos outros, que ter você como mediadora!

Moral da história: Há pessoas sem valor algum que, nos momentos de confusão, chegam a crer que são grandiosas.

257. A lagosta do mar e sua mãe

Dizia uma lagosta do mar à sua filha:

- Não ande atravessada e não roce suas costas contra a rocha molhada!

Respondeu sua filha:

- Mãe, você que quer me ensinar, caminha direito e eu vou lhe olhar e lhe imitar!

Moral da história: Antes de dar um conselho com suas palavras, primeiro dá-lo com seu exemplo.

258. O castor

O castor é um animal que vive nos pântanos. Certas partes suas servem, segundo dizem, para curar algumas enfermidades. Assim, quando se vê descoberto e perseguido, foge até certa distância, usando a rapidez de seus pés para se conservar ileso. Mas, quando se vê perdido, ele mesmo corta suas partes e as joga para o predador e salva, deste modo, sua vida.

Moral da história: Às vezes, livrar de alguns bens pode significar evitar uma tragédia.

259. O camelo e seu condutor

Um condutor de camelos, depois de completar o carregamento de seu camelo, lhe perguntou o que ele gostaria mais – subir ou descer a colina. O pobre animal respondeu com boa razão:

- Por que você me pergunta isto? Seria porque o caminho plano do deserto está fechado?

Moral da história: Tentar enganar um fraco, acreditando ser um ignorante, não é uma atitude nobre.

260. As árvores que queriam um rei

Determinadas um dia as árvores eleger um rei que as governasse, disseram à oliveira:

- Reine entre nós!

E a oliveira disse:

- Renunciar eu ao azeite líquido que tanto apreciam os deuses e os homens para ir reinar entre as árvores?

E as árvores procuram a figueira, pedindo-lhe:

- Venha reinar entre nós!

E a figueira respondeu, igualmente:

- Renunciar eu à doçura de meus frutos para ir reinar entre vocês?

Então, as árvores pediram ao espinheiro:

- Venha reinar entre nós!

E o espinheiro respondeu às árvores:

- Se vocês querem de verdade me levar para reinar entre vocês e colocá-los sob o meu amparo, acabem com os cedros do Líbano para que não aconteça fogo e devore os meus espinhos.

Moral da história: Quem não tem bons frutos para dar, o pouco que dá será para sofrimento dos que o rodeiam.

261. A noqueira

Uma noqueira que tinha crescido à beira de um caminho e que os viajantes a feriam a pedradas para tomar seus frutos, disse para si mesma suspirando:

- Infeliz eu sou por minha bondade! Todos os anos eu atraio maus tratos e dores!

Moral da história: Há quem paga com o mal até aos melhores benefícios recebidos. Sejam sempre agradecidos e não causemos danos aos outros.

262. O abeto e o cratego

***Abeto:** é o nome popular das diversas espécies da família dos pinheiros, nativas das florestas temperadas da Europa, Ásia e América do Norte.*

***Cratego:** arbusto e pequenas árvores, comumente espinhosos.*

Disputavam entre si o abeto e o cratego. O abeto se vangloriava dizendo:

- Sou formoso, esbelto e alto e sirvo para construir os navios e os tetos dos templos. Como você tem a ousadia de se comparar a mim?

O cratego replicou:

- Você vai se recordar disto quando os machados e as serras lhe cortarem! Então, preferirá a sorte do cratego!

Moral da história: Procure sempre a boa reputação, pois é uma grande honra, mas sem se vangloriar por isto. E, também, cuida dos que querem se aproveitar dela para seu próprio proveito.

263. A lamparina

Embebida com azeite, uma lamparina lançava sua luz poderosa, se vangloriando de ser mais brilhante que o sol. Mas, nisto soprou um forte vento e ela se apagou em seguida. Alguém voltou a acendê-la e lhe disse:

- Ilumina, lamparina, mas cale-se! O resplendor dos astros nunca se ofusca tão facilmente com o seu.

Moral da história: Nunca nos vangloriemos como se nos pertencesse aqueles que não dependem de nós.

264. A mulher e a galinha

Uma mulher viúva tinha uma galinha que punha um ovo todos os dias. Ele pensou que se lhe desse mais cevada poria dois ovos e aumentou sua ração. Mas, a galinha engordou e já não podia por nem uma vez ao dia. Moral da história: Se sem controle nem sabedoria força o que já está lhe servindo para que lhe dê mais, somente conseguirá perder o que já tem.

265. O apicultor

Um ladrão entrou na casa de um apicultor durante sua ausência, roubando mel e favos de mel. Ao retornar, o apicultor, vendo vazias as colmeias, deteve-se a examiná-las. Nisto, as abelhas voltando de beberem o néctar das flores e o encontrando ali, o picaram com seus ferrões e o maltrataram horivelmente. Então, o apicultor gritou:

- Malditos insetos! Deixaram partir sem castigo o que lhes havia roubado o mel e os favos de mel e a mim, que os cuido com carinho, me feriram.

Moral da história: Muitas vezes acontece que nós vemos com desconfiança os nossos amigos, mas por ignorância, estendemos a mão a quem é nosso inimigo.

266. O bandido e a amoreira

Um bandido que tinha matado um homem no caminho, ao ver-se perseguido pelos que se encontravam ali, abandonou sua vítima ensanguentada e fugiu. Mas, vendo-o alguns viajantes que vinham em sentido contrário, lhe perguntaram por que tinha suas mãos manchadas, de vermelho ao que lhes respondeu o bandido que acabara de descer de uma amoreira. Entretanto, chegaram seus perseguidores, o aprisionaram e o amarraram na amoreira. E a árvores lhes disse:

- Eu não me incomodo em servir para o seu castigo, pois foi você quem cometeu o crime, limpando em mim o sangue.

Moral da história: Com frequência ocorre que pessoas bondosas, ao se verem denegridas pelos malvados, não têm dúvida em mostrarem-se também malvadas contra eles.

267. O caçador medroso e o lenhador

Um caçador procurando a pista de um leão, perguntou ao um lenhador se havia visto os passos da fera e onde ela tinha o seu covil. E o lenhador lhe disse:

- Eu lhe mostrarei onde o leão está mesmo!

Respondeu o caçador pálido de medo e batendo os dentes:

- Não! Não procuro o leão, somente sua pista.

Moral da história: Se você quer ser atrevido nas palavras, com mais razão deve ser valente com seus atos.

268. O filho do rei e a pintura do leão

Um rei, cujo único filho era aficionado por exercícios marciais, teve um sonho no qual foi advertido que seu filho seria morto por um leão. Temeroso de que o sonho se fizesse realidade, construiu para o seu filho um agradável palácio e para sua diversão embelezou as paredes com desenhos de todos os tipos de animais em seu tamanho natural, entre eles estava o de um leão. Quando o jovem príncipe viu isto e ao ser confinado lá dentro, sua dor começou e, estando de pé próximo ao desenho do leão, disse:

- Oh! Você é o mais detestável dos animais! Por um sonho particular de meu pai e pelo que ele viu em seu sonho, eu fui fechado neste palácio como se fosse um malvado. Que farei agora?

Terminando estas palavras e sem pensar mais, esticou suas mãos até uma árvore com espinhos, tratando de cortar um galho de modo que pudesse golpear o leão. Mas, os espinhos da árvore perfuraram seu dedo e lhe causou uma grande dor e inflamação, de modo que o jovem príncipe caiu em um enfraquecimento. Uma febre violenta de repente se apoderou dele e ele morreu alguns dias depois.

Moral da história: Enfrentemos com paciência e bom conhecimento nossos problemas, buscando uma solução correta e não com despreparo e raiva. Obteremos, assim, melhores resultados.

279. O homem e o leão de ouro

Um avaro, que também era de espírito mesquinho, encontrou um leão de ouro e pôs-se a dizer:

- O que fazer neste instante? O espanto paralisa minha razão. A ânsia de riqueza por um lado e o medo por outro me destroem. Que azar que deus tenha feito um leão de ouro! O que está acontecendo enche minha alma de perturbação. Eu quero o outro e temo a obra feita com ouro. O desejo me empurra a pegá-lo e minha natureza a desistir! Oh, fortuna que é oferecida e que não permite pegá-la! Oh tesouro que não dá prazer! Oh favor de um deus que é um suplício! O que farei para que venha às minhas mãos? Voltarei com os meus escravos para pegar o leão com este grupo de amigos, enquanto isto eu o vejo de longe.

Moral da história: Não é certo acumular riquezas para nós, não usá-las e nem deixá-las usar os outros. Aproveitemo-las para colocá-las ao serviço de todos, incluídos nós mesmos.

280. O homem e o leão viajantes

Em certa ocasião, viajavam juntos um homem e um leão. Iam disputando quem era mais que o outro, quando à beira de um caminho encontraram uma estátua de pedra que representava um homem estrangulando um leão. Disse o homem mostrando-a ao leão:

- Aí você pode ver como somos mais fortes que vocês!
E o leão respondeu com um sorriso:
- Se nós os leões soubéssemos esculpir você veria muitos mais homens entre as garras do leão!

Moral da história: Não nos vangloriemos com palavras vãs que a experiência desmente com clareza.

281. Os bens e os males

Aproveitando-se da fraqueza dos bens, os males os expulsaram da Terra. E os bens, então, subiram ao céu. Uma vez lá, os bens perguntaram a Zeus qual devia ser a sua conduta com respeito aos homens. E Zeus lhes respondeu que não se apresentassem a todos mortais, em conjunto, somente um após o outro.

Esta é a razão porque os males, que vivem continuamente entre os homens, os assediam sem descanso, enquanto os bens, como lhe dissera Zeus, somente se aproximam de vez em quando.

Moral da história: Tenhamos sempre em mente que estamos continuamente cercados pelos males para sua ação imediata, enquanto para receber os bens, devemos ter paciência.

282. Os lenhadores e o pinheiro

Alguns lenhadores derrubavam um pinheiro e o faziam com grande facilidade graças às cunhas que haviam feito com sua própria madeira. E o pinheiro lhes disse:

- Não odeio tanto o machado que me corta como odeio as cunhas feitas de minha própria madeira!

Moral da história: É mais duro o sofrimento do dano que nasce de nós mesmo que o que provém de fora.

283. O pescador e o peixe pequeno

Um pescador, depois de lançar ao mar sua rede, somente pegou um peixinho. E o peixinho suplicou-lhe para o deixasse ir por um tempo devido à sua pequenez, dizendo-lhe:

- Quando eu for maior, poderá me pescar novamente e, então, serei para você de maior proveito.

E o pescador respondeu:

- Eu seria um homem bem tonto soltando a presa que tenho nas mãos para contar com uma presa futura, por maior que seja!

Moral da história: Mais vale uma moeda na mão, que um tesouro no fundo do mar.

284. A aurora boreal e o sol

A aurora boreal e o sol discutiam sobre os seus poderes e decidiram conceder o louro da vitória a quem conseguisse despojar um viajante de suas roupas. A aurora boreal começou primeira, soprando com violência e o homem apertou suas roupas contra si. A aurora boreal, então, soprou com mais força, mas o homem, incomodado pelo frio, colocou outra roupa. A aurora boreal, vencida, entregou o homem ao sol.

Este começou a iluminar suavemente e o homem se despojou de sua segunda roupa. Logo, lentamente, o sol enviou seus raios mais ardentes, até que o homem, não resistindo mais ao calor, se livrou de suas roupas para banhar-se em um rio próximo.

Moral da história: É muito mais poderosa uma suave persuasão que um ato de violência.

285. Os viajantes e o corvo

Viajavam algumas pessoas para certo lugar, quando encontraram um corvo que havia perdido um olho. Eles voltaram seus olhos até o corvo e um dos viajantes aconselhou que voltassem, pois, em sua opinião era o que aconselhava o presságio. Mas, outro viajante tomou a palavra e disse:

-- Como poderia este corvo predizer-nos o futuro se ele mesmo não pode prevê-lo para evitar perder seu olho?

Moral da história: Quem não pode cuidar de si mesmo, menos indicado é para aconselhar o próximo.

286. O caçador e o cavaleiro ladrão

Certo caçador, tendo pegado uma lebre com o seu laço, a colocou sobre os seus ombros e se dirigiu à sua casa. No caminho, encontrou um homem a cavalo que pediu para que lhe vendesse a lebre. Entretanto,

quando o cavaleiro tinha em suas mãos a lebre, correu com o cavalo tão longe e tão rápido como pode. O caçador o perseguiu, crente que o alcançaria, mas o cavaleiro aumentava cada vez mais a distância entre eles. O caçador, profundamente contra sua vontade, gritou lhe dizendo:

- Pode levá-la com você! Pois, agora, a lebre é meu presente para você!

Moral da história: Quando definitivamente não se pode remediar uma situação indesejada, aceitá-la com resignação é a melhor decisão.

287. O lavrador e a águia

Um lavrador encontrou uma águia presa em sua armadilha e, encantado por sua beleza, a soltou e lhe deu a liberdade. A águia que não foi ingrata com o seu benfeitor, vendo-o sentado ao pé de um muro que ameaçava cair, voou até ele e lhe tirou com suas garras a fita ao redor de sua cabeça. O homem se levantou para persegui-la. A águia deixou cair a fita e o homem a pegou. E ao voltar caminhando viu o muro desabado no lugar onde estava sentado, ficando muito surpreendido e agradecido de haver sido retribuído, assim, pela águia.

Moral da história: Sempre devemos ser agradecidos com nossos benfeitores e agradecer um favor com outro.

288. O lavrador e a árvore

No campo de um lavrador tinha uma árvore estéril, que só servia como um refúgio para os pardais e cigarras barulhentas. O lavrador, vendo sua esterilidade, decidiu cortá-la e descarregou contra ela o seu machado. Os pardais e as cigarras lhe suplicaram para que não derrubasse o seu abrigo, para que nele pudessem cantar e agradecer a ele mesmo. Mas, sem fazer caso delas, lhe assentou um segundo golpe de machado, logo um terceiro. Rachada a árvore, ele viu uma colmeia de abelha e provou e gostou de seu mel, jogando o machado, prometendo respeitar e cuidar da árvore desde então com esmero, como se fosse sagrada.

Moral da história: Muita gente há que faz um bem somente se dele reconhece um benefício, não por amor e respeito ao que é justo. Faça o bem pelo bem em si mesmo, não porque dele vai tirar algum proveito.

289. O lavrador e a sorte

Um lavrador, removendo o solo com sua enxada, encontrou um pote de ouro. Assim, todos os dias oferecia à terra um presente, crendo que era esta a quem devia tão grande favor. Mas, apareceu a sorte e lhe disse:

- Olhe, amigo! Por que agradece à terra os presentes que eu lhe dei para enriquecer? Se os tempos mudarem e o ouro passar a outras mãos, então você jogará a culpa na sorte!

Moral da história: Quando recebermos um benefício, vejamos bem de onde provém, antes de julgar indevidamente.

290. O lavrador e a cobra

Uma cobra se aproximou, arrastando-se onde estava o filho de um lavrador e o matou. O lavrador sentiu uma dor terrível e, pegando um machado, se pôs à espreita junto ao ninho da cobra, disposto a matá-la tão logo saísse de lá. Ele cutucou a cabeça da cobra e o lhe deu um golpe de machado. Mas, ele falhou, partindo em dois uma pedra próxima. Temendo depois a vingança da cobra, se dispôs a se reconciliar com ela. Mas, esta recusou, dizendo:

- Nem eu posso alimentar seus bons sentimentos, vendo a machadada na pedra, nem você pode alimentar os meus contemplando a tumba de seu filho.

Moral da história: Depois de implantado um grande ódio, não é fácil dele se desfazer.

291. O lavrador e os cães

O mal tempo reteve um lavrador em seu estábulo. Não podendo sair para buscar comida, começou a devorar as ovelhas. Uma vez que o mal tempo continuava, comeu também as cabras. Enfim, como não parava o temporal, acabou com seus próprios bois. Os cães, vendo o que se passava, disseram entre si:

- Vamos embora daqui, pois se o nosso dono sacrificou os bois que trabalham com ele, como nos pouparia?

Moral da história: Um cuidado muito especial com aqueles que não hesitam em maltratar os seus melhores amigos.

292. Hermes e o lenhador

Um lenhador, que na beira de um rio cortava lenha, perdeu o seu machado. Sem saber o que fazer, sentou-se chorando à beira do rio. Compadecido de sua tristeza, Hermes se jogou no rio e voltou com um machado de ouro, perguntando se era este o que havia perdido. O lenhador lhe respondeu que não. E Hermes voltou a mergulhar, regressando com um de prata. Outra vez, o lenhador disse que não era o seu, pelo que Hermes mergulhou de novo, voltando com o machado

perdido. Então, o homem lhe disse que sim, que era este o dele. Hermes, maravilhado por sua honradez, lhe deu os três machado.

Ao voltar com seus companheiros, o lenhador lhes contou sua aventura. Um deles pensou em conseguir o mesmo benefício. Dirigindo-se à beira do rio, lançou seu machado na correnteza, sentando-se e chorando em seguida. Então, Hermes apareceu para ele também e sabendo o motivo de seu pranto, jogou-se no rio e lhe apresentou igualmente um machado de ouro, perguntando-lhe se era o que tinha perdido. O safado, muito contente, exclamou:

- Sim, é este!

Mas, o deus horrorizado pela sua falta de vergonha, não somente ficou com o machado de ouro, como tampouco lhe devolveu o seu.

Moral da história: A divindade não somente ajuda a quem é honrado, como castiga os desonestos.

293. Hermes e Tirésias

Tirésias: foi um profeta cego de Tebas, na mitologia grega, famoso por ter passado sete anos transformado em uma mulher.

Hermes queria comprovar se a arte de adivinhação de Tirésias era verdadeira. Neste sentido, roubou-lhe seus bois no campo e, seguida, sob a figura de um mortal, foi à cidade e entrou na casa de Tirésias. Quando soube que sua manada se perdeu, Tirésias foi para fora com Hermes para observar algum presságio no voo das aves, rogando a Hermes para que eles aparecessem. Hermes viu uma águia que passava voando da esquerda para a direita e lhe avisou. Tirésias lhe respondeu que este pássaro não lhe importava. A segunda vez, viu o deus um corvo empoleirado em uma árvore que ora levava os olhos ao céu, ora se inclinava até a terra. E, assim, lhe disse. Então, o adivinho respondeu:

- Este corvo jura pelos céus e pela terra que depende de você para que eu volte a encontrar meus bois.

Moral da história: O ladrão gosta de voltar a visitar o lugar de seu roubo.

294. Zeus e a tartaruga

Para celebrar o seu casamento, Zeus convidou todos os animais. Só faltou a tartaruga. Intrigado por sua ausência, perguntou-lhe no dia seguinte:

- Por que somente você entre todos os animais não veio à minha festa de casamento?

Respondeu a tartaruga:

- Casa familiar, casa ideal!

Indignado com ela, Zeus a condenou a levar sua casa nas costas eternamente.

Moral da história: Não nos fechemos em nosso pequeno mundo. Ampliemos nosso horizonte, compartilhando-o saudavelmente com o nosso meio.

295. Zeus e a raposa

Admirado Zeus da inteligência e finura da raposa, lhe conferiu o reinado sobre os animais. Quis, entretanto, saber se ao mudar de sorte havia mudado também suas inclinações. E, achando o novo rei de passagem por sua cama, Zeus deixou cair um besouro em seus olhos. Então, a raposa, incapaz de conter-se, vendo o besouro esvoaçando ao redor de sua cama, saltou fora da cama e, desprezando as conveniências, tentou pegar o besouro. Irritado por sua conduta, Zeus voltou a raposa ao seu antigo estado.

Moral da história: A natureza ou modo de ser das pessoas, não mudam ao mudar-se o título.

296. Zeus e abelhas

As abelhas, invejosas por causa do mel que os homens lhes tiram, foram à procura de Zeus e lhe suplicaram que lhes desse força bastante para matar com as picadas de seus ferrões aos que se aproximarem de suas colmeias. Zeus, indignado ao vê-las invejosas, as condenou a perder seu ferrão quantas vezes ferirem alguém e a morrer elas mesmas depois.

Moral da história: A inveja não é boa conselheira, mas bem nos pode levar a perder o que já possuímos.

297. Zeus e os carvalhos

Queixavam-se os carvalhos a Zeus, nestes termos:

- Em vão vemos a luz, pois estamos expostos, mas que todas as demais árvores, aos golpes brutais dos machados.

Zeus lhes respondeu:

- Vocês mesmos são os responsáveis por sua desgraça. Se não dessem a madeira para fabricar os cabos das ferramentas, as vigas e os arados, os machados os respeitariam.

Moral da história: Antes de culpar os outros por nossos males, vejamos antes se nós mesmos não os causamos.

298. Zeus, Prometeu, Atena e o macaco

Prometeu: *na mitologia grega, Prometeu é um titã, defensor da humanidade, conhecido por sua astuta inteligência, responsável por roubar o fogo de Zeus e dá-lo aos mortais. Em algumas versões, teria criado os homens usando água e terra.*

Atena: *era a deusa grega da sabedoria e das artes. Os romanos a chamavam de Minerva.*

Zeus fez um touro, Prometeu um homem, Atena uma casa e eles chamaram o macaco como Juiz para escolher quem fizera a melhor obra. O macaco, ciumento de suas obras, começou a dizer que Zeus havia cometido um erro ao não colocar os olhos do touro nos chifres, a fim que pudesse ver aonde queria. E Prometeu, outro erro ao suspender a não colocar o coração do homem fora de seu peito para que a maldade não estivesse escondida e todos pudessem ver o que há no seu espírito. E quando à Atena, que devia ter colocado sua casa sobre rodas, com o objetivo de que, se um malvado se instalasse na vizinhança, seus moradores poderiam mudar-se com facilidade. Zeus, irritado com sua inveja, expulsou o macaco do Olimpo.

Moral da história: Qualquer obra que se faça, por mais perfeita que pareça, sempre alguém encontrará algum motivo para criticá-la. Sendo assim, nunca desanimemos pelo que julguem de nossas obras. Nunca falta quem encontre defeito.

299. O homem grisalho e suas duas pretendentes

Um homem já com os cabelos grisalhos tinha duas pretendentes, uma jovem e outra mais velha. Penalizado com a mais velha de tratar com um homem mais jovem que ele, cada vez que a visitava ele arrancava os cabelos negros. Quando visitava a mais jovem, ele arrancava os cabelos brancos. Com isto, aconteceu que o homem, despojado dos cabelos alternadamente por uma e por outra, ficou completamente calvo.

Moral da história: O que mal se distribui, mal se retribui.

300. O guerreiro e os corvos

Um homem partiu para a guerra, mas, no caminho, ouvindo grasnar os corvos, jogou suas armas no chão e se deteve. Após certo tempo, as pegou novamente e prosseguiu em sua marcha. Mas, outra vez os corvos grasnaram. De novo ele se deteve e, então, lhes disse:

- Podem gritar quando tiverem vontade. Mas, não terão um banquete com minha carne!

Moral da história: Quando não se tem determinação nas ações, estas nunca chegam a se concretizar.

301. As galinhas e a doninhas

Soube uma doninha que em um galinheiro havia algumas galinhas doentes. E, disfarçando-se de médico, pegou os instrumentos médicos e se aproximou do galinheiro. Já na porta, perguntou às galinhas como elas estavam de saúde. Elas lhe responderam:

- Muito melhor se você se for daqui!

Moral da história: Se formos precavidos, poderemos descobrir as falsas posições dos malvados.

302. O devedor ateniense

***Panateneias:** eram festas realizadas em homenagem à deusa grega Atena.*

***Dionisíacas:** festivais em homenagem a Dionísio, que se destinavam a solicitar favores, fertilidade das terras, casamentos.*

Um ateniense endividado, apertado pelo seu credor para que lhe pagasse a dívida, pediu que lhe concedesse um prazo maior com o pretexto que estava em apuros financeiros. Mas, não conseguindo lhe convencer, trouxe a única porca que possuía, disposto a vendê-la na presença de seu credor. Chegou um comprador perguntando se a porca era fértil. Respondeu-lhe o devedor:

- Tão fecunda ela é, que é até extraordinária – nos tempos da reza dos Mistérios do Terço pare fêmeas e nas Panateneias pare machos.

E o devedor completou:

- Não fique assombrado tanto ainda, porque esta porca, além do mais, lhe dará cabritos nas Dionisíacas!

Moral da história: O desespero é a causa de grandes mentiras.

303. O cego

Era uma vez um cego muito hábil para reconhecer com o tato qualquer animal ao alcance de sua mão, dizendo que espécie ele era. Um dia, lhe apresentaram um filhote de lobo, ele o apalpou e ficou indeciso, dizendo:

- Não tenho certeza se você é filho de uma loba, de uma raposa ou de outro animal da mesma qualidade. Mas, o que sei é que você não nasceu para viver no meio de um rebanho de cordeiros.

Moral da história: A natureza da maldade se pode notar em uma única de suas características.

304. O assassino

Um homem que havia cometido um homicídio era perseguido pelos familiares da vítima. E, não esperando mais, empreendeu sua fuga. Mas, chegando às margens de um rio, trombou com um lobo e escapando dele, subiu em uma árvore da margem. E quando estava ali no alto olhou uma serpente que trepava na árvore até ele. Então, ele optou em mergulhar no rio, onde terminou na boca de um crocodilo.

Moral da história: A natureza é inimiga dos malvados.

305. O mentiroso

Um homem enfermo e de poucos recursos prometeu aos deuses lhes sacrificar cem bois se o salvassem da morte. Querendo colocar à prova o enfermo, os deuses o ajudaram a recuperar rapidamente a saúde e o homem levantou-se do leito. Mas, como não possuía os cem bois comprometidos, os modelou com sebo e os levou ao sacrifício em um altar, dizendo:

- Aqui têm, oh deuses, minha oferenda!

Os deuses decidiram, também, por sua vez, zombar do mentiroso e lhe enviaram um sonho em que ele estava se dirigindo à orla do mar onde, imediatamente, encontraria mil moedas de prata.

Não podendo conter sua alegria, o homem correu à praia, mas ali caiu nas mãos de alguns piratas que logo o venderam. E foi, assim, como ele encontrou as mil moedas de prata.

Moral da história: Quem trata de enganar, ao final termina enganado.

306. O homem que pensava ser astuto

Delfos: é uma cidade grega. Em épocas antigas, era o local de um famoso oráculo, conhecido como o oráculo de Delfos, que ficava dentro de um templo dedicado ao deus Apolo.

Um astuto se comprometeu a demonstrar que o oráculo de Delfos mentia. Quando chegou o dia marcado, o astuto pegou um passarinho e o escondeu em baixo de seu manto e se dirigiu ao templo. Encontrando-se com o oráculo, lhe perguntou se o que tinha em sua mão era um ser vivo ou inanimado. Se o oráculo dissesse inanimado, o homem mostraria o passarinho vivo, se dissesse vivo, o mostraria morto depois de enforcá-lo.

Mas, o oráculo vendo do que se tratava com esta malvada intenção, respondeu:

- Deixa seu engodo, astuto! Pois bem sabe que só de você depende que, o que tem na mão, se mostre morto ou vivo.

Moral da história: O poder dado por deus não é para levá-lo a enganar.

307. O homem e a formiga

Um navio foi a pique um dia com tudo e com todos os seus passageiros. E um homem, testemunha do naufrágio, dizia que não eram corretas as decisões dos deuses, posto que, por castigar a um único malvado, havia condenado também a muitos outros inocentes. Enquanto continuava o seu discurso, sentado em um lugar cheio de formigas, uma delas o mordeu e, então, para vingar-se, as esmagou a todas. Neste momento, apareceu Hermes e, golpeando-o com o seu cajado, lhe disse:

- Aceitará agora que nós julgamos os homens do mesmo modo que você julga as formigas.

Moral da história: Antes de julgar o modo de agir alheio, julga primeiro o seu.

308. Zeus, os animais e os homens

Dizem que Zeus modelou os animais primeiro e que lhes concedeu a força a alguns, a outros a rapidez, aos demais lhes deu asas para voar. Mas, deixou o homem nu e este lhe disse:

- Somente a mim você me deixou sem nenhum benefício!

Respondeu-lhe Zeus:

- Você não se dá conta do presente que lhe dei. E é o mais importante, pois você recebeu a razão, poderosa entre os deuses e os homens, mais poderosa que os animais mais poderosos, mais veloz que as aves mais velozes.

Então o homem reconhecendo o presente recebido de Zeus se afastou, adorando e dando graças ao deus.

Moral da história: Que as grandezas que observamos nas criaturas da natureza, não nos façam esquecer que fomos favorecidos com a maior de todas elas.

309. O mercador de estátuas

Um homem fez uma estatueta de Hermes em madeira e a levou à praça para vendê-la. Como ninguém chegava para comprá-la, lhe ocorreu

chamar a atenção anunciando que vendia um deus que presenteava bondades e benefícios. Então, um dos curiosos lhe disse:

- Olhe, se é tão bom, por que a vende e não se aproveita de sua ajuda?

O mercador respondeu:

- Porque eu necessito de ajuda imediatamente e ele nunca se apressa em conceder seus benefícios.

Moral da história: Nunca deixe que um interesse material momentâneo predomine sobre o espírito.

310. O náufrago

Navegava um rico ateniense em um barco com outros passageiros. De repente, por causa de uma repentina e violenta tempestade, o navio começou a fazer água e afundar. E, enquanto os demais passageiros com seus esforços tratavam de se salvar, o rico ateniense, invocando a cada instante Atena, prometia-lhe efusivamente toda a classe de oferendas se, por seu intermédio, conseguisse se salvar. Um dos náufragos que o ouvia ao seu lado, lhe disse:

- Peça a Atena, mas também aos seus braços.

Moral da história: Quando pedir ajuda para os seus problemas, primeiro demonstre que já está trabalhando para solucioná-los.

311. Os pescadores e o atum

Saíram para pescar no mar alguns pescadores e, depois de um longo tempo sem conseguir pescar nada, sentaram-se em seu barco, entregando-se ao desespero. De repente, um atum perseguido e que fugia ruidosamente, saltou e caiu por erro em seu barco. Os pescadores então o pegaram e o venderam na praça da cidade.

Moral da história: Existem estranhos momentos em que, por circunstâncias do azar ou da sorte, obtemos o que não se pode obter com o nosso trabalho.

312. Prometer o impossível

Um homem pobre se achava gravemente enfermo. Vendo que os médicos não podiam lhe salvar, se dirigiu aos deuses prometendo ofertar-lhes cem bois e uma imagem de agradecimento no templo se lograsse restabelecer-se. Sua mulher, que o acompanhava ao seu lado, olhou-o e perguntou-lhe:

- E de onde conseguirá tanto dinheiro para cobrir tudo isto?

Respondeu o homem enfermo:

- E você acredita que os deuses os vão reclamar se me restabelecer?

Moral da história: Nunca faça promessa que de antemão já sabe que será impossível cumpri-las.

313. A maçã, a romã e o espinheiro

A romã e a maçã discutiam sobre quem delas era o máximo. Quando a discussão estava no ponto mais acalorado, um espinheiro do local elevou sua voz, dizendo severamente:

- Por favor, minhas amigas! Em minha presença, pelo menos, deixem destas vãs discussões.

Moral da história: Quem tem o poder de castigar, termina sendo o máximo.

314. O lavrador e a cegonha

Um lavrador colocou armadilhas em seu terreno recém semeado e capturou várias gralhas que vinham comer as sementes. Mas, entre elas, estava uma cegonha, a qual tinha fraturado uma pata na armadilha e que, insistentemente, pedia ao lavrador para que conservasse sua vida, dizendo:

- Suplico-lhe que me liberte, senhor. Somente por esta vez. Minha fratura exaltará sua piedade e, além disto, eu não sou gralha, sou uma cegonha, uma ave de excelente caráter. E eu sou muito boa filha. Olha também minhas plumas que não são como as das gralhas.

O lavrador indo, disse:

- Tudo que você disse está certo, mas eu só sei que lhe capturei junto com estas ladras, as gralhas, e portanto lhe corresponde morrer junto com elas.

Moral da história: Quem se associa com o malvado, com ele perece.

315. O jovem e o escorpião

Um jovem andava caçando grilos. Já havia capturado um bom número quando tratou de pegar um escorpião equivocadamente. E o escorpião, mostrando-lhe seu veneno lhe disse:

- Se você tivesse me tocado, me faria perdido. Mas, você também perderia todos os seus grilos.

Moral da história: Quando tenha feito um capital com seu trabalho, cuida de não perdê-lo por tratar de tomar o que não deve.

316. A plumagem da andorinha e do corvo

A andorinha e o corvo discutiam acerca de sua plumagem. O corvo terminou a discussão alegando:

- Suas penas serão muito bonitas no verão, mas as minhas me abrigarão contra o inverno.

Moral da história: O que somente serve para ser mostrado, não é valioso na realidade.

317. O asno e a raposa encontram o leão

O asno e a raposa, tendo-se unido para sua mútua proteção, saíram um dia de casa. Não andaram muito quando encontraram um leão. A raposa certa do imediato perigo se aproximou do leão e lhe prometeu ajudar a capturar o asno se lhe desse sua palavra de não lhe causar nenhum mal. Então, afirmando ao asno que não seria maltratado, o levou a um fosso profundo dizendo que ficaria protegido ali. O leão, vendo que o asno estava garantido, imediatamente agarrou a raposa e logo atacou o asno em seu esconderijo.

Moral da história: Nunca traia seu amigo por temor ao inimigo, pois ao final, você também sairá traído.

318. A tartaruga e a águia

Uma tartaruga que se recreava ao sol, se queixava às aves marinhas de seu triste destino e que ninguém a havia ensinado a voar. Uma águia que passava por acaso por ali, ouviu o sem lamento e lhe perguntou com o que ela lhe pagaria se ela a alçasse e a levasse pelos ares. Respondeu a tartaruga:

- Eu lhe darei todas as riquezas do mar vermelho.

Respondeu a águia:

- Então, lhe ensinarei a voar.

E tomando-a pelos pés a levou até quase as nuvens e a soltou de imediato, a deixou ir, caindo a pobre tartaruga em uma grande montanha, fazendo fraturas em sua couraça. Ao ver-se moribunda, a tartaruga exclamou:

- Reneguei minha sorte natural. Que tenho eu a ver com ventos e nuvens, quando com dificuldade apenas me movo sobre a terra?

Moral da história: Se facilmente adquiríssemos tudo o que desejamos, facilmente chegaríamos à desgraça.

319. O lavrador e as gralhas

***Lilliput:** é uma ilha fictícia do maravilhoso romance *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift.*

Algumas gralhas escavavam sobre os terrenos recém semeados com trigo. Durante algum tempo, o lavrador agitava um estilingue sem pedra afugentando-as pelo pânico que lhes produzia. Mas, quando as aves se deram conta do truque, já não afastavam de sua comida. O lavrador, vendo isto, carregou seu estilingue com pedras e matou muitas das gralhas. As sobreviventes, imediatamente, abandonaram o lugar, lamentando-se e dizendo umas as outras:

- O melhor é nós irmos a Lilliput, pois este homem, já não mais contente em nos assustar, começou a nos mostrar o que realmente pode fazer.

Moral da história: Quando as palavras não dão a entender, a ação sim o dará.

320. O cão no palheiro

Um cão dentro de um palheiro rosnava e latia, impedindo os bois de comer a palha que havia sido colocada para eles. Disse um boi ao seu companheiro:

- Que cão egoísta! Ele não come desta palha e, tampouco, pretende que os que dela comem, o façam.

Moral da história: Respeita sempre os direitos alheios para que, assim, possa exigir o respeito aos seus.

321. A pomba com sede

Uma pomba, aflita por uma incômoda sede, viu uma poça de água pintada em um anúncio. Mas, sem se dar conta de que era somente um desenho, voou até ela a toda velocidade e, inevitavelmente, se chocou contra o anúncio, ferindo-se de forma lamentável. Tendo quebrado as asas com a batida, caiu no chão onde foi capturada por um dos transeuntes.

Moral da história: Não deixa que o fervor, entusiasmo ou necessidade, obscureçam seu discernimento.

322. Os jovens e as rãs

Vários jovens, brincando perto de um reservatório, viram um grupo de rãs na água e começaram a apedrejá-las. Haviam matado várias, quando uma das rãs, tirando sua cabeça fora da água, gritou:

- Por favor, parem jovens! O que é diversão para vocês, é morte e tristeza para nós.

Moral da história: Antes de fazer uma ação que acredita benéfica para você, veja primeiro que não prejudique aos outros.

323. O cervo doente e seus companheiros

Jazia um cervo enfermo em um canto de sua área de pastagem. Chegaram, então, os seus amigos em grande número perguntando por sua saúde e, enquanto falavam, cada visitante mordiscava parte do pasto do cervo. Ao final, o pobre cervo morreu não por sua enfermidade, mas porque já não tinha onde comer.

Moral da história: Mais vale estar só do que mal acompanhado.

324. O mercador de sal e o burro

Um mercador de sal levou o seu burro ao litoral para comprar sal. No caminho de volta ao seu povoado, passaram por um rio onde, em um buraco, o burro escorregou molhando sua carga. Quando se levantou, sentiu-se consideravelmente aliviado de seu peso, pois muito sal havia se diluído na água. O mercador retornou novamente ao litoral e carregou mais sal do que a vez anterior. Quando chegaram outra vez ao rio, o burro se atirou de propósito na água, no mesmo lugar onde tinha caído antes e, levantando-se de novo com muito menos peso, se orgulhava triunfalmente de haver logrado o seu intento. O mercador notou o truque do burro e, pela terceira vez, regressou à costa, onde desta vez comprou uma carga de esponjas em vez de sal. E o burro, tratando de fazer o mesmo truque novamente, se atirou no buraco do rio. Mas, desta vez, as esponjas se encheram de água e aumentaram terrivelmente o seu peso. E, assim, o truque se voltou contra o burro, tendo que carregar agora em suas costas mais do dobro de peso.

Moral da história: Tratar de evitar o dever fazendo truques, somente nos causará danos a nós mesmos.

325. Os bois contra os açougueiros

Os bois decidiram um dia destruir os açougueiros, quem, diziam os bois, estavam acabando com o seu grupo. Reuniram-se, então, para levar a cabo seu objetivo e afiaram bem fino os seus chifres. Mas, um deles, o mais velho, um experimentado arador de terras, lhe disse:

- Estes açougueiros, por certo, nos matam e nos destroçam. Mas, o fazem com mãos habilitadas e sem nos causar dor. Se nos desfazermos deles, cairemos em mãos de operadores inexperientes e, então, certamente

sofreremos uma morte dupla. E lhes asseguro que, ainda que não haja um único açougueiro, os humanos seguirão buscando nossa carne.

Moral da história: Nunca trate de trocar um mal por outro pior.

326. O menino e o bicho da seda

Um menino foi ferido por um bicho da seda. Ele correu à sua casa e disse à sua mãe:

- Mãe! O bicho da seda me queimou fortemente, mas eu somente o toquei com suavidade!

E sua mãe responde:

- Por isto ele lhe queimou. A próxima vez que você ficar perto de um bicho da seda destes, agarre-o com firmeza, sem carinhos e, então, ele será tão suave como a seda e não de maltratará de novo.

Moral da história: Ao insolente, desrespeitoso ou delinquente você deve demonstrar-lhe sempre a autoridade sobre ele.

327. Zeus e a macaca mãe

Zeus fez um anúncio a todos os animais prometendo uma recompensa a quem seu filho seja julgado por ele como o mais bonito. Veio, então, a senhora macaca junto com os demais animais e apresentou, com toda ternura de mãe, um macaquinho com nariz chato, sem pelo e franzino como seu candidato para ganhar o prêmio. Uma risada geral foi a saudação para sua apresentação. E ela, orgulhosamente, disse:

- Eu não sei se Zeus dará o prêmio ao meu filho, mas com certeza sei muito bem que, ao menos aos meus olhos, os olhos de sua mãe, ele é o mais querido, o mais bonito e belo de todos.

Moral da história: Devemos estar sempre orgulhosos dos que amamos e não temer em tornar isto público.

328. O jovem pastor avisando da presença do lobo

Um jovem pastor, que cuidava de um rebanho de ovelhas próximo da vila, alarmou os habitantes três ou quatro vezes, gritando:

- O lobo! O lobo!

Mas, quando os vizinhos chegaram para ajudá-lo, ele ria vendo suas preocupações. Mas, o lobo, alguns dias depois, veio de verdade. O jovem pastor, agora alarmado ele mesmo, gritava cheio de medo:

- Por favor, venham ajudar-me, o lobo está matando as ovelhas!

Mas, agora ninguém deu atenção aos seus gritos e muito menos pensaram em auxiliá-lo. E o lobo, vendo que não havia razão para temer mal algum, feriu e destróçou ao seu gosto todo o rebanho.

Moral da história: Ao mentiroso nunca se dá crédito, mesmo quando diz a verdade.

329. Androcles e o leão

Androcles e o leão: é um conto popular comum antigo. A história reapareceu na Idade Média como "O Pastor e o Leão" e foi então atribuída a Esopo.

Um escravo chamado Androcles teve a oportunidade de escapar um dia e correu até a floresta. E, enquanto caminhava sem rumo, chegou aonde havia um leão que lhe suplicou:

- Por favor, rogo-lhe que me ajude, pois tropecei em um espinho e uma ponta me enterrou na garra e tem me sangrado e está dolorido.

Androcles o examinou e, gentilmente, extraiu o espinho, lavou e curou a ferida. O leão o convidou para ir até seu covil onde dividiria com ele o alimento. Mas, dias depois, Androcles e o leão foram encontrados por seus perseguidores. Levado Androcles ao imperador, foi condenado a lutar contra os leões. Uma vez na arena, foi solto um leão e este começou a rugir, preparando-se para dar um salto em sua vítima. Mas, à medida que o leão o cercou, reconheceu o seu benfeitor e se lançou sobre ele para lambê-lo carinhosamente e deitar em seu colo como um fiel mascote. Surpreendido o imperador pelo ocorrido, soube afinal a história e perdoou o escravo e o libertou na floresta o leão.

Moral da história: As boas ações são sempre recompensadas.

330. O pastor e o filhote de lobo

Um pastor encontrou um filhote de lobo e o levou. Em seguida, o ensinou como roubar ovelhas dos rebanhos vizinhos. E o lobo, já crescido e demonstrando-se como um excelente aluno, disse ao pastor:

- Uma vez que me ensinou muito bem a roubar, coloque uma boa atenção em sua vigilância ou perderá parte de seu rebanho também!

Moral da história: Quem ensina a fazer o mal, tem que se cuidar de seus próprios discípulos.

331. O pai e suas duas filhas

Um pai tinha duas filhas. Uma casou com um hortelão e a outra com fabricante de ladrilhos. Ao fim de um tempo ele foi visitar a casa com o hortelão e lhe perguntou sobre sua situação. Ela disse:

- Tudo está uma maravilha comigo, mas, tenho sim um desejo especial: que chova todos os dias com abundância para que, assim, as plantas tenham sempre água suficiente.

Poucos dias depois, ele visitou a outra filha, também lhe perguntando sobre seu estado. E ela lhe disse:

- Não tenho queixas, somente um desejo especial: que os dias se mantenham secos, sem chuva, com sol brilhante, para que, assim, os ladrinhos sequem e endureçam muito bem.

O pai meditou: se uma deseja chuva e a outra tempo seco, a qual das duas eu acrescento os meus desejos?

Moral da história: Não trate nunca de conciliar e ficar bem com todo mundo. Será impossível.

332. O ladrão e sua mãe

Um jovem adolescente roubou um livro de um de seus colegas de escola e o mostrou à sua mãe. Ela não somente se absteve de castigá-lo como, igualmente, o estimulou ainda mais. Na oportunidade seguinte, ele roubou uma capa e a levou para sua mãe que, novamente, o louvou. O jovem cresceu e já adulto foi roubando cada vez mais coisas de maior valor até que foi conduzido ao cadafalso para sua execução pública. Sua mãe o seguiu entre a multidão e o peso de sua culpa a golpeava violentamente. Ao vê-la, o ladrão disse:

- Desejo dizer algo à minha mãe em seu ouvido.

Ela aproximou seu ouvido a ele e este rapidamente mordeu sua orelha, cortando-lhe um pedaço. Sua mãe reclamou que ele era um filho desnaturado e ele lhe respondeu:

- Ah, se tivesse me repreendido em meu primeiro roubo daquele livro, nunca teria chegado a isto e ser condenado a uma ingrata morte.

Moral da história: A uma árvore nova se endireita cedo para que cresça direito.

333. O caçador e o pescador

Um caçador regressava com seus cachorros e seu produto da caçada, quando encontrou com um pescador que, também, regressava de sua pescaria, ambos com suas cestas cheias. O caçador desejou ter os peixes e o dono dos peixes, as carnes. Logo acertaram trocar as cestas. Os dois ficaram tão satisfeito de seu trato que, durante muito tempo, seguiram fazendo dia após dia. Finalmente, um vizinho os aconselhou:

- Se continuarem assim, chegará o momento em que, por este intercâmbio frequente, vocês estragarão o prazer disto e cada um desejará ficar somente com o que obteve.

Moral da história: Varia e alterna suas atividades para desfrutá-las melhor.

334. A anciã e o recipiente de vinho

Uma anciã encontrou um recipiente vazio que havia sido deixado com o melhor dos vinhos e que, ainda, retinha o cheiro de seu antigo conteúdo. Insaciavelmente, ela o levava ao seu nariz e chegando-o perto e afastando-o dizia:

- Que delicioso aroma. Que maravilha devia ter sido o vinho que deixou em sua vasilha tão adorável perfume!

Moral da história: A memória de tudo o que é bom é durável.

335. O cervo na manjedoura dos bois

Um cervo perseguido pela matilha e cego pelo terror do perigo em que se encontrava, chegou a um sítio e se escondeu entre algumas palhas no coberto para bois. Um boi amavelmente lhe disse:

- Oh, pobre criatura. Por que desta forma você decidiu se arruinar e vir confiar na casa de seu inimigo? E o cervo lhe respondeu:

- Permita-me amigo ficar onde estou e eu esperarei a melhor oportunidade para escapar. Ao final da tarde, chegou o tropeiro para alimentar o gado, mas não viu o cervo. E ainda o administrador da propriedade passou com vários de seus empregados sem notar a sua presença. O cervo congratulando-se a si mesmo por sua segurança começou a agradecer os bois pela gentileza de sua ajuda neste momento de necessidade. Um dos bois de novo lhe advertiu:

- Realmente, desejamos seu bem estar, mas o perigo não terminou. Todavia, falta outro homem revisar o estábulo, que parecia ter cem olhos, e até lá, não pode estar seguro.

Neste momento, entrou o dono e queixando-se que não haviam alimentado bem aos bois foi ao palheiro e exclamou:

- Por que está faltando palha aqui? Nem sequer tem mais para enchê-lo. E estes vazios nem sequer limpam as teias de aranha!

E enquanto seguia examinando tudo, viu sair do meio da palha as pontas de uma galhada. Então, chamando seus empregados, ordenou a captura do cervo e seu posterior sacrifício.

Moral da história: Nunca se refugie nos terrenos do inimigo.

336. As pombas, o gavião e o falcão

Algumas pombas, aterrorizadas com a presença de um gavião, chamaram o falcão para que as defendesse. Imediatamente, ele aceitou. Quando elas já o haviam abrigado dentro de seu pombal, se deram conta que havia muito mais estragos e matanças em um dia, que o faria um gavião em um ano.

Moral da história: Evita os remédios que são piores que a enfermidade.

337. A viúva e sua ovelha

Uma pobre viúva tinha uma única ovelha. No tempo de tosquiá-la e desejando tirar sua lã de forma econômica, ela mesma a tosquiou, mas usava a ferramenta em tão péssima forma que junto com a lã lhe cortava também a carne. A ovelha angustiada e com dor, lhe disse:

- Por que me maltratas assim, ama? Em que lhe posso beneficiar agregando meu sangue na lã? Se quiser minha carne, chama o açougueiro que saberá me matar em um instante sem sofrimento. Mas, se o que deseja é minha lã, ali está o tosquiador que me tosquiará sem me ferir.

Moral da história: Antes de exercer uma atividade, prepara-se e treina adequadamente para executá-la bem.

338. O burro, o galo e o leão

Estavam um galo e um burro em um pasto, quando chegou um leão faminto. E o leão já ia se atirar em cima do burro, quando o galo, cujo canto se dizia que aterrorizava os leões, gritou fortemente, fazendo sair correndo o leão tão rápido como pode. O burro ao ver o impacto que um simples canto do galo causava, se encheu de coragem para atacar o leão, e correu atrás dele com esse propósito. O burro não havia corrido uma grande distância quando o leão se voltou, o pegou e o cortou em pedaços.

Moral da história: Tenha sempre presente que as qualidades de seu próximo não são necessariamente as suas.

339. Os rios e o mar

Os rios se uniram para se queixaram perante o mar, dizendo-lhe:

- Por que se nós lhe entregamos água doce e potável, faz um trabalho tal que converte nossas águas em salgada e impossível de beber?

O mar, percebendo que queriam jogar-lhe a culpa disto, disse:

- Por favor, deixem de me dar água e, então, já não me verão salgar suas águas.

Moral da história: Antes de culpar aos outros, certifique-se primeiro se não é o verdadeiro culpado.

340. O burro brincalhão

Um burro subiu ao teto de uma casa e brincando lá em cima, quebrou o telhado. O dono correu atrás dele e o derrubou para baixo de imediato, castigando-o severamente com um pedaço de lenha. Disse então o burro:

- Por que me castiga se eu vi ontem o macaco fazer exatamente o mesmo e todos riam felizes, como se ele estivesse dando um grande espetáculo?

Moral da história: Trabalha sempre para o que você tem se preparado, não faça o que não está em seu campo de conhecimento.

341. Os três protetores

Uma grande cidade estava sendo sitiada e seus habitantes se reuniram para considerar o melhor meio de se proteger. Um fabricante de ladrilhos acaloradamente recomendava os ladrilhos como a melhor aquisição para uma resistência mais efetiva. Um carpinteiro, com igual entusiasmo, propunha a madeira como uma solução preferível para a defesa. Nisto, um curtidor de couros se levantou e disse:

- Eu divirjo de todos vocês e advirto que por nada mudarei de opinião. Eu lhes afirmo que estão muito equivocados. Para resistir, não existe nada melhor que se cobrir com peles e, para isto, nada melhor que os couros.

Moral da história: Os irresponsáveis, os ignorantes e os agitadores nunca aceitam que outros possam ter razão e defendem sempre, intransigentemente, somente o seu ponto de vista, ainda que não tenham o melhor conhecimento do assunto, sem lhes importar as consequências do momento ou do futuro.

342. O lobo e os pastores jantando

Um lobo que passava perto de um palanque, viu ali alguns pastores que jantavam carne de cordeiro. Aproximando-se, lhes disse:

- Que escândalo seria agora se fora eu quem estivesse fazendo o que vocês fazem!

Moral da história: Uma coisa é o que o dono, com todo direito, decide sobre sua propriedade e outra o que faz o ladrão com o que não lhe pertence.

343. O burro que carregava uma imagem

Uma vez, coube a um burro carregar uma imagem de um deus pelas ruas de uma cidade para levá-la a um templo. E por onde passava, a multidão se postava diante da imagem. E o burro, pensando que se postavam em respeito a ele, se erguia orgulhosamente, fazendo poses e se negando a dar outro passo. O condutor, vendo sua parada teimosa, lançou seu chicote sobre suas costas e lhe disse:

- Oh, cabeça oca! Ainda não chegou a hora em que os homens adorem aos burros!

Moral da história: Nunca toma como seu os méritos alheios.

344. O velho cachorro caçador

Um velho cachorro caçador, que em seus dias de juventude e força jamais se rendeu ante a nenhuma fera da floresta, encontrou em seus dias de ancião um javali em uma caçada. E o agarrou pela orelha, mas não conseguiu retê-lo pela debilidade de seus dentes, de forma que o javali escapou. Seu dono, chegando rapidamente, se mostrou muito descontente e, grosseiramente, repreendeu o cachorro. O cachorro o olhou lamentando e lhe disse:

- Meu dono, meu espírito está tão bom como sempre, mas não posso superar minhas fraquezas do corpo. Eu prefiro que se curve pelo que fui e não me maltrate pelo que sou agora.

Moral da história: Respeita sempre aos seus anciões, que ainda que não possam fazer de tudo, deram o melhor de sua vida para o seu benefício.

345. As lebres e os leões

As lebres se revoltaram na assembleia e argumentavam que todos deveriam ser iguais. Os leões, então, responderam:

- Suas palavras, senhoras lebres, são boas, mas carecem de garras e presas como as que nós temos.

Moral da história: Aceita que todos nós temos diferentes qualidades para diferentes circunstâncias.

346. O touro e o bode

Um touro, que fugia de um leão, se escondeu na caverna que alguns pastores haviam ocupado recentemente. Assim que ele entrou, um bode

que havia ficado abandonada na caverna, bruscamente o atacou com seus cornos. O touro, serenamente, se dirigiu a ele:

- Deixe de me por como seu alvo o mais rápido que possa. Não tenho medo nenhum de você, mas sim do leão. Espera que aquele monstro vai embora e lhe mostrarei o que é a força respectiva de um bode e um touro.

Moral da história: Nunca se aproveite da angústia do vizinho para pensar que é superior a ele.

347. O burro e os grilos

Um burro que tendo ouvido o cantarolar dos grilos, ficou muito encantando e, desejando possuir o mesmo encanto de sua melodia, lhes perguntou com que tipo de alimento eles viviam para dar-lhes uma voz tão maravilhosa. Os grilos responderam:

- Com o orvalho!

O burro resolveu que viveria somente com o orvalho e ao final de pouco tempo morreu de fome.

Moral da história: Não faça o que os outros fazem ou dizem, se não estiver dentro de suas capacidades de fazê-lo.

348. Os macacos dançarinos

Um príncipe tinha alguns macacos treinados para dançar. Sendo naturalmente grandes imitadores das ações dos homens, eles demonstraram ser uns alunos apropriados e, quando se vestiam com sua roupa e máscaras, eles dançavam tão bem como qualquer dos cortesãos. O espetáculo era repetido por muitas vezes com grandes aplausos, até que em uma ocasião ocorreu a um cortesão uma travessura e ele pegou de seu bolso um punhado de nozes e as lançou sobre eles. Os macacos, em vista das nozes, esqueceram sua dança e se puseram a atuar como efetivamente eles eram, macacos em vez de atores. Tirando suas máscaras e rasgando seus trajes, lutaram uns contra os outros pelas nozes. O espetáculo da dança chegou, assim, a um final entre a risada e a zombaria do auditório.

Moral da história: Se você quiser mudar a natureza de um ser, primeiro pense em todas as circunstâncias possíveis e diversas que poderá encontrar.

349. O cavalo de guerra

Um cavalo de guerra, ao qual se apresentavam as enfermidades próprias dos maiores de idade, foi enviado para trabalhar em uma fazenda

em vez de sair para lutar. Mas, quando obrigaram a transportar o capim em vez de servir para as guerras, ele lamentou sua mudança de sorte e trouxe à sua memória seu antigo estado, dizendo:

- Ai, agricultor! De fato, eu ia às campanhas antes e eu era mantido elegantemente e tinha um homem para me escovar e, agora, não posso entender o que se passou para me trazerem à fazenda em lugar de uma batalha!

E o agricultor lhe disse:

- Não continue sonhando com os tempos de outrora que se foram, já que é parte de todos os mortais suportar os altos e baixos da sorte.

Moral da história: O melhor é encarar o presente com serenidade, que sentir dor pela ausência do passado.

350. Os viajantes no litoral

Alguns viajantes, que trabalhavam ao longo da costa do mar, subiram ao cume de um penhasco alto e, dirigindo seu olhar até o mar, viram ao longe o que eles pensaram ser um barco grande. Eles esperaram com a esperança de que aquele barco entrasse na baía. Mas, à medida que o objeto se aproximava da costa, supuseram que se tratava de uma pequena embarcação. Entretanto, quando o objeto alcançou a praia, descobriram que era somente um tronco de madeira e um deles disse aos seus companheiros:

- Temos esperado inutilmente, pois, depois de tudo, não há nada para ver senão um pedaço de madeira.

Moral da história: Nossas meras ilusões e expectativas da vida, são maiores do que a realidade.

351. O ferreiro e seu cão

Um ferreiro tinha um pequeno cão, que era o grande favorito de seu dono e seu companheiro constante. Enquanto ele martelava seus metais, o cão permanecia dormindo. Mas, quando, por outro lado, o ferreiro se dirigia à comida e começava a comer, o cão despertava e abanava seu rabo, como pedindo uma parte da comida. Seu dono, um dia, fingindo estar com raiva e golpeando-o suavemente com sua cajado, lhe disse:

- Você, pequeno folgado! O que faria? Enquanto martelo na bigorna, você dorme na esteira e quando começo a comer, depois de meu trabalho duro, você desperta e abana o seu rabo pedindo o alimento. Não sabe você que o trabalho é a fonte de cada benção e que ninguém e somente aqueles que trabalham tem o direito de comer?

Moral da história: Quem não trabalha, não come.

352. O burro e sua sombra

Um viajante alugou um burro para levá-lo a um lugar distante. Estando o dia muito quente e o sol brilhando com força, o viajante parou para descansar e procurou abrigo do calor em baixo da sombra do burro. Com o ela somente permitia proteção para uma pessoa, tanto o viajante como o dono do burro reclamaram a referida sombra e uma disputa violenta começou entre eles, por conta de decidir qual dos dois tinha o direito. O dono mantinha que ele havia alugado somente o burro e não ele com sua sombra. O viajante afirmou que ele, com o aluguel do burro, havia alugado sua sombra também. A discussão progrediu das palavras aos golpes e, enquanto os homens lutavam, o burro galopou para longe.

Moral da história: O egoísta sempre termina sem nada.

353. O burro e seus donos

Um burro, pertencente a um vendedor de ervas que lhe dava muito pouco alimento e demasiadamente trabalho, fez um pedido a Zeus para ser liberado de seu serviço atual e ser passado a outro dono. Zeus, depois de adverti-lo que se arrependeria de seu pedido, fez com que fosse vendido a um fabricante de azulejos. Pouco depois, verificando que ele tinha as cargas mais pesadas para levar e um trabalho mais difícil neste novo campo, o burro solicitou outra mudança de dono. Zeus, dizendo-lhe que esta seria a última vez que poderia atender ao seu pedido, ordenou que fosse vendido a um curtidor. O burro constatou que havia caído nas piores mãos, depois de observar a ocupação de seu mestre, disse lamentando-se:

- Teria sido melhor eu ter sido privado de comida, ou ter sido explorado por outro de meus antigos donos, que ter sido comprado por meu atual dono que, depois de morto, secará minha pela e, assim, seguirei sendo útil ainda que não esteja presente.

Moral da história: As coisas boas se apreciam mais quando tiverem ido.

354. O javali e raposa

Um javali estava em pé debaixo de uma árvore, esfregando suas presas contra o tronco. Uma raposa que passava por ali lhe perguntou por que ele afiava seus dentes quando não havia nenhum perigo iminente de ameaça de caçador ou de predador. Ele respondeu-lhe:

- Eu faço isto deliberadamente, já que, assim, nunca terei que afiar minhas armas no momento que deveria usá-las.

Moral da história: É sempre necessário estar pronto para encarar os problemas e não esperar que eles se apresentem para somente começar a se preparar.

355. O passarinho, a perdiz e o galo

Um passarinho estava a ponto de sentar para uma refeição somente de folhas. A armadilha para aves estava completamente vazia, pois não havia agarrado nada e ele pensou em matar uma perdiz de várias cores, que ele havia dominado, para usá-la como isca. E a ave suplicava desesperadamente por sua vida:

- Que faria você sem mim quando estender sua rede? Quem lhe piaria para fazê-lo dormir ou quem o chamaria um grupo de aves para que se aproximem?

O passarinho salvou sua vida e determinou escolher um jovem galo magro que chegou de repente. Mas, o galo protestou em tom lastimoso:

- Se você me mata, quem lhe anunciará a chegada da alvorada? Quem lhe despertará para ir às suas tarefas diárias ou quem lhe dirá quando é o momento para visitar a armadilha de aves pela manhã?

Ele respondeu:

- O que você diz é certo. Você é uma ave de capital importância na narração do transcurso do tempo de cada dia. Mas, meu amigo e eu precisamos fazer nossas refeições.

Moral da história: A necessidade nem sempre aceita razões.

356. O macaco e os pescadores

Um macaco, sentado sobre o galho de uma árvore alta, viu alguns pescadores lançar suas redes em um rio e, atentamente, se concentrou em suas ações. Os pescadores, por um tempo, deixaram a pesca e foram à sua casa para a refeição, deixando suas redes no banco. O macaco, que é o mais imitador dos animais, desceu do galho e procurou fazer o que eles haviam feito. Pegou a rede e a lançou no rio, mas se enroscou entre as malhas, caiu na água e começou a afogar-se. Com o seu último suspiro ele disse:

- Eu tenho corretamente o que mereci. Com que finalidade tinha eu, que nunca havia manejado uma rede, de tentar pegar um peixe?

Moral da história: É sempre melhor aprender e praticar bem, antes de prosseguir em uma ação.

357. O lutador e a pulga

Uma pulga estava colocada sobre o pé descalço de um lutador e o mordida fazendo o homem chamar em voz alta por Hércules para que o ajudasse. Quando a pulga, pela segunda vez, saltou sobre seu pé e o mordeu, ele gemeu e disse:

- Oh, Hércules! Se você não me ajuda contra uma pulga, como posso esperar sua ajuda contra antagonistas maiores?

Moral da história: Se não recebermos a ajuda nas pequenas necessidades, não perdamos a esperança de recebê-la nas grandes necessidades.

358. A lebre e o cão corredores

Um cão perseguia tenazmente uma lebre, mas ao final de uma longa carreira se deu por vencido. Um pastor que o viu parar, zombava dele dizendo-lhe:

- Esta pequeninha é a melhor corredora dos dois!

Mas, o cão replicou:

- Você é que não vê a diferença! Eu somente corria pelo meu jantar, mas ela corria pela sua vida.

Moral da história: Um maior interesse dá motivo para um esforço maior.

359. O homem calvo

Um homem calvo, que usava uma peruca, saiu um dia para caçar. De repente, um vento fez voar seu chapéu e sua peruca, o que provocou uma explosão de risadas entre os seus companheiros. Mas, parando seu cavalo e com grande bom humor, ele se juntou à gozação dizendo:

- Que maravilha é que cabelos que não eram meus me abandonaram quando, eles também, já haviam feito o mesmo com o homem no qual cresceram!

Moral da história: Uma boa decisão é tomar com serenidade o que já aconteceu e que já não se pode evitar.

360. O touro, a leoa e o caçador

Um touro encontrou um pequeno leão dormindo e o feriu até a morte com seus chifres. A leoa soube e, amargamente, lamentou a morte de seu filhote. Um caçador de javalis, vendo sua angústia, manteve-se de pé a uma distância e lhe disse:

- Pense quantos homens e mulheres há que têm razão de lamentar a perda de seus filhos, cujas mortes foram causadas por você!

Moral da história: Não nos lamentemos quando nos tratam como nós mesmos tratamos aos demais.

361. O burro velho e o pastor

Um pastor, olhando seu burro velho que se alimentava em um campo, foi alarmado de repente pelos gritos de um bandido. Ele apelou ao burro para fugir rápido dali junto com ele, caso contrário ambos poderiam ser capturados. Mas, o animal pesarosamente contestou:

- Por que deveria eu correr? Pensa você que, provavelmente, o assaltante colocaria em cima de mim duas selas?

O pastor respondeu:

- Não!

Disse o burro:

- Então, enquanto sou eu que levo a sela, que me importa a quem levo em cima?

Moral da história: Na mudança de governo, uma mudança sem importância não vai mais além de uma mudança de nome do mandatário.

362. O arqueiro e o leão

Um arqueiro muito hábil foi para as montanhas em busca de caça. Mas, todas as feras do bosque escapavam quando ele se aproximava. No entanto, um leão, somente ele, o desafiou para um combate. O arqueiro imediatamente lhe lançou uma flecha e disse ao leão:

- Envio a você meu mensageiro que dele você deve aprender o que eu mesmo lhe farei quando lhe atacar finalmente.

O leão ferido foi embora apressado com grande medo e, quando uma raposa que havia visto tudo que se passou lhe disse que tivesse coragem e não se recuasse no primeiro ataque, ele respondeu:

- Você me aconselha sobre todos os que podem me golpear em vão. Uma vez que ele envia um mensageiro tão pequeno como amostra, como eu suportarei ao ataque final desse homem de forma completa?

Moral da história: Devemos estar sempre atentos e alertas contra tudo que possa nos atingir de longe.

363. A vespa e a cobra

Uma vespa pousou sobre a cabeça de uma cobra e, golpeando-a incessantemente com suas picadas, a feriu de morte. A serpente, estando em grande tormento e não sabendo como livrar-se de sua inimiga, viu um

carro vir pesadamente carregado de madeira e foi, deliberadamente, colocar sua cabeça debaixo das rodas, dizendo:

- Pelo menos, minha inimiga e eu morreremos juntas.

Moral da história: O suicídio, quando se usa para prejudicar os outros, é somente um demente consolo dos que se reconhecem em si mesmo como covardes e derrotados.

364. A rosa e o amaranto

***Amaranto:** planta cultivada por sua espiga densa vermelho-carmesim, que se assemelha a uma cauda de raposa, também chamada de crista-de-galo.*

Um amaranto plantado em um jardim perto de uma roseira, assim se dirigia a ela:

- Que flor tão encantadora é a rosa, favorita tanto pelos deuses como pelos homens. Eu invejo sua beleza e seu perfume!

E a rosa lhe respondeu:

- Com efeito, querido amaranto, dou flores, mas por uma breve temporada. E, se nenhuma mão cruel as tirar de meus talos, ainda assim morrerão muito cedo. Mas, você é imortal e nunca se descora e sempre se apresenta com renovada juventude.

Moral da história: Ao invés de invejar as virtudes alheias, vejamos primeiro as grandezas das nossas próprias virtudes.

365. O touro e o bezerro

Um touro se esforçava com toda sua força por se apertar para passar por um caminho estreito que conduzia ao seu pasto. Um bezerro jovem soube e se ofereceu para ir à frente e lhe mostrar o modo pelo qual ele poderia conseguir passar. E o touro lhe disse:

- Esqueça este problema! Eu já sabia como fazer isto muito antes de você nascer.

Moral da história: Quando as circunstâncias de um problema mudam, também deve de se mudar as soluções.

366. O veado, o lobo e a ovelha

Um veado pediu a uma ovelha que lhe emprestasse uma porção de trigo e disse que o lobo lhe daria sua garantia. A ovelha, temendo que havia fraude, se desculpou dizendo:

- O lobo está acostumado a pegar tudo o que ele quer e escapar. E você, também, pode me superar rapidamente com sua rápida corrida.

Como, então, serei capaz de lhe cobrar quando chegar o dia do pagamento?

Moral da história: O bom conhecimento e a experiência são os melhores conselheiros.

367. A raposa e o ouriço

Uma raposa que nadava por um rio com correnteza foi levada pela força da corrente a um buraco muito profundo, onde ficou durante muito tempo muito machucada, enferma e incapaz de se mover. Um enxame de moscas famintas que chupam sangue havia pousado sobre ela. Um ouriço, que passava por ali, viu sua angústia e perguntou se ele deveria afugentar as moscas que a atormentavam. A raposa lhe respondeu:

- De modo algum! Por favor, não as molestes.

Disse o ouriço:

- Como assim? Você não quer ficar livre delas?

A raposa respondeu:

- Não, porque estas moscas que você vê já estão cheias de sangue e me picam, mas muito pouco. Se você me livrar delas que já estão saciadas, outras mais famintas virão em seu lugar e terminarão bebendo todo o sangue que ainda me resta.

Moral da história: Tomar decisões com base ao correto conhecimento dos melhores benefícios.

368. O ladrão e o hospedeiro

Um ladrão alugou um quarto em uma hospedaria e lá ficou um tempo com a esperança de roubar algo que pudesse lhe permitir pagar sua conta. Quando já havia esperado alguns dias em vão, viu o hospedeiro vestido com um novo e belo abrigo, sentando junto à porta. O ladrão sentou-se ao seu lado e falou com ele. Quando a conversa começou a decair, o ladrão bocejou terrivelmente e ao mesmo tempo uivou com um lobo. O hospedeiro perguntou:

- Por que você está uivando tão terrivelmente?

Respondeu o ladrão:

- Eu lhe direi, mas primeiro me permita pedir-lhe que segure minha roupa ou a rasgarei toda. Não sei senhor quando foi que adquiri este hábito bocejar, nem se estes ataques de uivos foram infligidos a mim como uma condenação por meus delitos ou por outra causa. Mas, sei sim, realmente, que quando bocejo pela terceira vez me transformou em um lobo e ataco os homens.

Com este discurso, ele começou um segundo ataque de bocejos e, outra vez, uivou como um lobo, tal como fez no princípio. O hospedeiro, tendo ouvido sua história e acreditando em tudo o que ele disse, ficou muito alarmado e, levantando-se de seu assento, tentou escapar. O ladrão o segurou pelo seu luxuoso abrigo e lhe suplicou que ficasse, dizendo:

- Por favor, espere senhor e segure minha roupa ou a despedaçarei em minha fúria, quando me transformar em um lobo.

Ao mesmo tempo, ele bocejou pela terceira vez e produziu um uivo ainda mais terrível. O hospedeiro, realmente assustado e não querendo que fosse ele o atacado, deixou seu abrigo novo nas mãos do ladrão e correu o mais rápido que podia para dentro da hospedaria para sua segurança.

O ladrão, então, fugiu com o abrigo, não pagou a conta e nunca mais voltou à hospedaria.

Moral da história: A mentira é a ferramenta preferida pelos caloteiros e delinquentes.

369. A serpente e a águia agradecida

Uma serpente e uma águia lutavam entre si em um conflito mortal. A serpente levava a vantagem e esteve a ponto de estrangular a ave. Um camponês as viu e correndo desenrolou a serpente e deixou a águia sair livre. A serpente irritada pela fuga de sua presa, injetou veneno no cantil de água do camponês. O homem, ignorante de seu perigo, estava prestes a beber a água, mas nisto a águia baixou e golpeou sua mão com a asa e, agarrando o cantil de água com suas garras, o levou ao alto e o derramou, salvando, assim, sua vida.

Moral da história: Ser agradecido, além de um dever, é um grande ato de nobreza.

370. O corvo e o jarro

Um corvo que morria de sede viu uma jarra e, esperando encontrar nela água, voou até ela com satisfação. Quando a alcançou, descobriu com tristeza que o nível de seu conteúdo não estava ao seu alcance. Ele tentou de tudo que podia imaginar para poder chegar aonde se encontrava o nível da água. Mas, seus esforços foram em vão. Finalmente, ele descobriu que pegando tantas pedras quantas ele poderia levar e as deixando cair uma atrás da outra com seu bico dentro da jarra, a água subiria até chegar a se por em um nível dentro de seu alcance e, assim, pode salvar sua vida.

Moral da história: Os momentos de crises são fontes para a engenhosidade.

371. O lobo e a raposa

Uma vez um lobo muito grande e forte nasceu entre os lobos, que superou a todos os seus companheiros do mesmo tipo em força, tamanho e rapidez, de modo que eles, unanimemente, decidiram chamá-lo de leão. O lobo, com uma carência de sentido igual ao seu enorme tamanho, pensou que eles lhe deram este nome por ser de verdade como um leão e, desprezando sua própria raça, foi viver finalmente com os leões. Uma raposa, assistindo a tudo isto, lhe disse:

- É meu pensamento não chegar nunca a me fazer tão ridícula como você o faz com seu orgulho e vaidade, porque ainda que você tenha o tamanho de um leão entre os lobos, mas em um grupo de leões você é e continuará sendo definitivamente um lobo.

Moral da história: Nenhuma aparência pode tirar a essência.

372. O macaco e o golfinho

Um marinheiro, comprometido com uma viagem longe, levou com ele um macaco para diverti-lo enquanto estava a bordo. Quando estavam próximo da costa da Grécia, uma violenta tempestade se levantou e o barco foi danificado e o marinheiro, seu macaco e toda a tripulação foram obrigados a nadar para salvar suas vidas. Um golfinho viu o macaco se debater com as ondas e, supondo que ele era um homem, a quem sempre se diz que o golfinho lhe oferece amizade, veio e se colocou debaixo dele, levando-o em suas costas à segurança da orla da praia. Quando o golfinho chegou com sua carga já avistando a terra não longe de Atenas, perguntou ao macaco se ele era um ateniense. Este respondeu que sim, o era e que era descendente de uma das famílias mais nobres daquela cidade. O golfinho, então, perguntou se ele conhecia o Pireus, o famoso porto de Atenas. Pensando que se referia a um homem, o macaco respondeu que o conhecia muito bem e que ele era um amigo íntimo. O golfinho, indignado por estas falsidades, deu meia volta e retornou com o macaco em alto mar.

Moral da história: As próprias mentiras do fanfarrão são as que se encarregam de arrasá-lo.

373. O cavalo e o veado

Em uma época, o cavalo tinha todo o pasto de grama somente para ele. Aconteceu, então, que um veado se meteu em seu território e compartilhou seu pasto. O cavalo, desejando vingar-se do forasteiro, perguntou a um homem e ele queria ajudá-lo a castigar o veado. O homem

respondeu que se ele aceitasse receber um ferro em sua boca e concordasse em levá-lo sempre, ele conceberia armas eficazes contra o veado. O cavalo aceitou a proposta. E, a partir daquela hora, ele encontrou que em vez de obter vingança contra o veado tinha se escravizado a serviço do homem.

Moral da história: Antes de fazer um acordo, analisa muito bem as possíveis consequências dos termos contratuais.

374. As árvores escolhidas

***Murta:** é um gênero botânico que compreende uma ou duas espécies de plantas com flor, nativo do sudoeste da Europa e do Norte da África. Possui um cheiro geralmente considerado agradável quando esmagadas devido ao seu óleo essencial. O fruto é uma baga carnuda, que servem de alimento aos pássaros.*

***Cibele:** era uma deusa originária da Frígia (parte da atual Turquia), designada como "Mãe dos Deuses". Simbolizava a fertilidade da natureza. Cibele tornou-se uma divindade do ciclo de vida-morte-renascimento.*

Os deuses, segundo uma lenda antiga, escolheram certas árvores para tê-las abaixo de sua proteção especial. Zeus escolheu o carvalho. Afrodite, a murta. Apolo, o loureiro. Cibele, o pinho. E Heráclito o álamo. Atena, perguntando-se por que eles haviam preferido árvores que não se aproveitam os frutos, perguntou a razão de sua opção. Zeus respondeu:

- É que nós não queremos demonstrar fervorosamente a admiração pela fruta.

Mas, Atena respondeu:

- Eu digo a qualquer um que a azeitona é a minha árvore mais querida devido à sua fruta.

Então, Zeus disse:

- Minha filha, lhe chamam corretamente de sábia. A menos que o que já o que fizemos seja útil, a glória por eles seria vã.

Moral da história: A utilidade de toda ação ou ato, determina a bondade de seu produto.

375. A cotovia e seus filhotes

Uma cotovia havia feito seu ninho no começo da primavera em um trigo verde. Seus filhotes haviam alcançado quase todo o seu desenvolvimento e conheciam o uso de suas asas e seu corpo estava já cheio de penas, quando o dono do campo, verificando que sua colheita estava madura, disse:

- Chegou o momento que devo pedir a todos os meus vizinhos que me ajudem com a colheita.

Uma das jovens cotovias ouviu o que ele disse e o relatou à sua mãe, perguntando-lhe a que lugar deveriam se mudar para sua segurança. Ela respondeu: Não há nenhuma necessidade para nos mudarmos ainda, minha filha. O homem que busca seus amigos para lhe ajudar com sua colheita não está realmente preparado.

O dono do campo veio novamente alguns dias mais tarde e viu que o trigo começava a mostrar excesso de maturidade. Ele disse:

- Virei eu mesmo amanhã com meus trabalhadores e com tantas colhedeiras que puder alugar e começarei a colheita.

A cotovia mãe ao ouvir estas palavras disse às suas filhas:

- Agora é o momento para partir, minhas pequenas, já que o homem fará sim a colheita desta vez. Ele já não pedirá aos seus amigos proceder à sua colheita, sendo que fará a colheita no campo ele mesmo.

Moral da história: Se quiser o que planeja, faça como você quer e proceda você mesmo.

376. O jovem no rio

Um jovem que se banhava em um rio estava em perigo de afogar-se. Ele pediu ajuda a um viajante que passava por ali, mas em vez de lhe dar uma mão de ajuda, o homem ficou parado indiferente e repreendeu o jovem por sua imprudência. O jovem gritou:

- Ai, senhor! Por favor, ajude-me agora e me repreenda depois.

Moral da história: Dar conselhos sem dar a ajuda, de nada vale.

377. O pavão real e a Hera

Hera: na mitologia grega é a deusa do casamento e rege a fidelidade conjugal. Retratada como majestosa, solene, ciumenta e agressiva contra qualquer relação extraconjugal. Mostrava apenas seus olhos aos mortais, era muito vaidosa e sempre quis ser mais bonita que Afrodite sua maior inimiga.

O pavão real fez uma queixa a Hera que, enquanto o rouxinol agradava cada ouvido com seu cantar, o mesmo apenas abria sua boca e era motivo de riso de todos que o ouviam. A deusa, para consolá-lo disse:

- Mas, você é excelentemente beneficiado em beleza e tamanho. O esplendor da esmeralda brilha em seu pescoço e desprende uma cauda magnífica com uma plumagem colorida.

Disse-lhe a ave:

- Mas, que objetivo tenho eu com esta beleza muda, enquanto sou superado no canto?

Respondeu a deusa:

- A função de cada um foi dada pela vontade dos destinos. A você, beleza. À águia, a força. Ao rouxinol, o canto. À gralha, os presságios favoráveis. E ao corvo, os agouros desfavoráveis. E todos devem ficar contentes com os atributos designados.

Moral da história: Seja sempre consciente de quais são suas capacidades e habilidade para saber empregá-las no melhor possível, com plena satisfação.

378. O leão e a raposa em sociedade

Uma raposa entrou em sociedade com um leão com o pretexto de ser sua criada. Cada qual desempenhou o seu dever apropriado, de acordo com sua própria natureza e poderes. A raposa descobriu e indicou onde havia uma presa. O leão saltou sobre a presa e a agarrou. A raposa de imediato ficou com inveja do leão, pois ele levava a melhor parte, e disse a si mesma que já não mais buscaria e mostraria uma presa ao leão e, sim, a capturaria por sua própria conta. No dia seguinte, ela tentou arrebatá-lo um cordeiro de um rebanho, mas ela mesma caiu vítima dos caçadores e cães farejadores.

Moral da história: Antes de sair de uma sociedade, primeiro deve analisar se não estará pior fora dela.

379. Os gansos e os grouns

Gansos e grouns se alimentavam no mesmo pasto, quando um caçador de pássaros veio apanhá-los em suas redes. Os grouns, que por serem leves, eram ligeiros com suas asas e fugiram para longe rapidamente, enquanto os gansos, sendo mais pesados em seus corpos e, portanto, mais lentos para começar o voo, foram capturados.

Moral da história: Muitas vezes, possuir em excesso pode nos causar problemas.

380. As vespas, as perdizes e o agricultor

As vespas e as perdizes, vencidas pela sede, foram onde estava um agricultor e lhe suplicaram que lhes desse um pouco de água para beber. Elas prometeram amplamente retribuir o favor que solicitavam. As perdizes declararam que elas cavariam ao redor de suas vinhas e as fariam produzir uvas mais finas. As vespas disseram que elas fariam a guarda e afugentariam os ladrões com suas picadas. Mas, o agricultor as interrompeu, dizendo:

- Eu já tenho dois bois que, sem fazer qualquer promessa, fazem todas estas coisas. É seguramente melhor para mim dar a água a eles que a vocês.

Moral da história: Quando tiver a necessidade de pedir algum favor, peça-o humilde e diretamente, sem promessas de troca. Logo que recebê-lo, se lhe dão, então como agradecimento ofereça algum de seus serviços se, assim, desejam aceitá-los.

381. A casa de cão

No inverno, um cão enrolado em um espaço tão pequeno como lhe era possível devido ao frio, pensou em fazer uma pequena casa. Entretanto, quando o verão voltou outra vez, ele dormia estirado em seu máximo comprimento e acreditava ser de um grande tamanho. Então, ele considerou melhor que não seria um trabalho tão fácil nem tão necessário fazer tal casa que pudesse acomodá-lo.

Moral da história: Muitas vezes, são as circunstâncias do momento e não as verdadeiras necessidades, que determinam nossas atitudes.

382. A verdade e o viajante

Um caminhante, que viajava pelo deserto, encontrou uma mulher se estava sozinha e terrivelmente abatida. Ele lhe perguntou:

- Quem é você?

Ela respondeu:

- Meu nome é A Verdade!

Ele perguntou:

- E por qual razão abandona a cidade para morar sozinha aqui neste marasmo?

Ela respondeu:

- Nos velhos tempos, a falsidade era coisa de muito poucos, mas, agora, está presente em todos os homens e já não há lugar para mim.

Moral da história: Deixa entrar A Verdade em seu coração e conviva feliz com ela.

383. A coruja e as aves

Uma coruja, em sua sabedoria, aconselhou as aves que, quando as sementes do carvalho começassem a sair, que as afastasse da terra para que, assim, não pudessem crescer. Ela disse que os carvalhos produziram um fruto do qual um veneno irremediavelmente seria extraído e pelo qual elas seriam capturadas. A coruja depois as aconselhou que desenterrassem

as sementes do linho que os homens haviam semeados, pois era uma planta que não lhes dava um presságio nada bom. E, finalmente, a coruja, vendo se aproximar um arqueiro, previu que este homem, estando parado no mesmo lugar, lançaria flechas armadas com plumas que voariam mais rápido que as asas delas mesmas. As aves não deram crédito a estas palavras de advertência e pensaram mais que a coruja estava fora de si e disseram que estava louca. Mas, depois dos fatos confirmados, descobriram que suas palavras eram certas e elas se admiraram de seu conhecimento e a julgaram ser a mais sábia das aves. Daí em diante, elas passaram a admirá-la como a ave que sabe todas as coisas e, ainda que ela não lhes dá novos conselhos, no silêncio lamentam que não seguiram suas advertências anteriores.

Moral da história: Nunca se deve rechaçar, sem havê-las analisadas serenamente, as recomendações dos mais sábios.

384. O pardal e a lebre

Uma lebre capturada por uma águia soluçava muitíssimo e dava gritos desesperadamente. Um pardal a repreendeu e lhe disse:

- Onde está agora a rapidez notável de seus pés? Por que seus pés foram tão lentos?

Enquanto o pardal falava assim, um falcão de repente o agarrou e o matou. A lebre se sentiu consolada em sua morte e antes de expirar disse:

- Ah! Você que ultimamente acreditava estar bem seguro e fez pouco caso de minha calamidade, pois agora tem uma razão de lamentar uma desgraça similar.

Moral da história: Não se deve fazer pouco caso da desgraça alheia, pois a qualquer momento pode lhe acontecer uma também.

385. A pulga e o boi

Uma pulga perguntava a um boi:

- Que acontece contigo que, sendo tão enorme e forte, se rende aos maus tratos dos homens e é seu escravo dia a dia, enquanto eu, sendo uma criatura tão pequena, sem piedade me alimento de sua carne e bebo seu sangue a qualquer momento?

O boi respondeu:

- E não desejo ser mal agradecido, já que sou amado e bem cuidado com carinho pelos homens, eles sempre me acariciam coçando minha cabeça e ombros.

Disse a pulga:

- Que mal seria isto para mim! Esta carícia que você gosta, se me dessem a mim traria minha inevitável destruição.

Moral da história: O que pode ser bom para uns, pode ser mal para outros.

386. O asno e seu comprador

Um homem quis comprar um asno e acordou com o seu dono que ele deveria testar o animal antes de comprá-lo. Então, levou o asno para sua casa e o pôs onde guarda a palha junto com seus outros asnos. O novo animal se separou de todos os demais e, imediatamente, foi ficar junto ao que era mais ocioso e o maior comedor de todos eles. Vendo isto, o homem pôs um cabresto nele e o conduziu de volta ao seu dono. Quando perguntado como, em um tempo tão curto, ele poderia ter feito um processo de qualificação, ele respondeu:

- Não necessito de um tempo maior. Sei que ele é exatamente igual ao que escolheu como sua companhia.

Moral da história: De acordo com quem você se relaciona, assim o julgarão.

387. A cadela e seus filhotes

Uma cadela a ponto de ter sua cria, pediu encarecidamente a um pastor um lugar onde poderia pousar para dar a luz aos seus filhotes. Quando seu pedido foi atendido, novamente suplicou permissão para alimentar e criar seus filhos no mesmo lugar. O pastor outra vez aceitou. Mas, ao final de algum tempo, a cadela rodeada pelos seus filhotes já crescidos e capazes de se defender e atacar, afirmou a tomada do lugar para o seu direito exclusivo, não permitindo ao pastor se aproximar.

Moral da história: Antes de conceder um benefício, se deve sempre primeiro definir os limites da concessão.

388. Os gafanhotos e a coruja

Uma coruja, acostumada a se alimentar pela noite e dormir durante o dia, foi enormemente molestada pelo ruído de uns gafanhotos e encarecidamente lhes pediu que deixasse de gritar. Os gafanhotos recusaram-se a atender ao pedido e gritaram mais alto e, por sua vez, mais alto a coruja voltava a pedir. Quando viu que não podia conseguir nenhuma bondade e que suas palavras eram desconsideradas, a coruja atacou os tagarelas com um estratagema, dizendo:

- Já que não posso dormir devido ao seu canto que, acreditem, é doce como a lira de Apolo, e me satisfarei com a bebida de um néctar que Zeus me deu recentemente. Se vocês quiserem, venham comigo e a beberemos juntos.

Os gafanhotos, que estavam com sede e comovidos com o elogio para o seu canto, aceitaram ansiosamente. A coruja os esperou na frente de seu buraco, os agarrou e os usou em seu jantar.

Moral da história: Ser intolerante somente conduz à rejeição e ao fracasso.

389. O sapateiro convertido em médico

Um sapateiro incapaz de ganhar a vida com seu ofício e desesperado pela pobreza, começou a exercer a função de médico em uma cidade na qual ele era conhecido. Ali, vendia um remédio, dizendo que era um antídoto para todos os venenos e obteve um grande nome por meio de falsos louvores e publicidade. Quando o próprio sapateiro acabou caindo doente com uma enfermidade grave, o governante da cidade se determinou provar sua habilidade. Com esta finalidade, ele pediu uma taça e, enquanto a enchia com água, simulou mesclar veneno com o antídoto do sapateiro, mandando que ele tomasse e prometendo-lhe uma recompensa. O sapateiro, com medo de uma morte iminente, admitiu que ele não tivesse nenhum conhecimento da medicina e que somente se fez famoso pelos clamores estúpidos da multidão. O governante, então, convocou uma assembleia pública e se dirigiu aos cidadãos:

- Mas, que loucura que vocês foram os culpados! Vocês não vacilaram em confiar suas cabeças a um homem que a nada podia se dedicar, nem sequer para fazer os sapatos para os seus pés!

Moral da história: Os farsantes e impostores, sempre são vítimas de seus próprios atos.

390. A pantera e os pastores

Uma pantera, por alguma desgraça, caiu em um buraco. Vários pastores a descobriram e alguns jogaram sobre ela paus e pedras, enquanto outros, movidos pela compaixão a alguém que iria morrer e sabendo que não ela não poderia lhes causar nenhum dano, lançaram alguns alimentos para prolongar sua vida. Pela noite, todos voltaram para casa, sem pensar em qualquer perigo, mas supondo que pela manhã encontrariam morta a pantera.

A pantera, entretanto, tendo recuperado sua força, se libertou do buraco com um repentino salto e se apressou em ir para o seu covil com

passos rápidos. Depois de alguns dias, ela regressou e matou o gado, e matando também os pastores que a haviam atacado, rugiu com grande fúria. Então, aqueles pastores que haviam salvado sua vida, temendo por sua segurança, lhe ofereceram seus animais, pedindo somente que ela poupasse suas vidas. A pantera lhes deu esta resposta:

- Eu bem me lembro daqueles que procuram terminar com minha vida com paus e pedras, como daqueles que me deram o alimento com sua boa vontade. Portanto, deixem de lado seus temores. Volto como uma inimiga somente com os que me feriram!

Moral da história: O mal que se faz, tarde ou cedo, retorna ao seu autor.

391. As cabras e suas barbas

As cabras, que haviam obtido sua barba por um pedido a Zeus, fez com que os bodes ficassem profundamente desgostosos e se queixaram de que as fêmeas os igualaram em dignidade. Disse Zeus:

- Aceitem que elas desfrutem de uma honra vazia e de que assumam a insígnia de seu nobre sexo, uma vez que elas não se igualaram a vocês em força e coragem.

Moral da história: Não importa se os outros se parecem exteriormente a nós, se conhecemos muito bem as diferenças nas qualidades interiores.

392. O leão e a águia

Uma águia pousou de seu voo e pediu a um leão para fazer uma aliança com ela para sua mútua conveniência. O leão respondeu:

- Não tenho nenhuma outra objeção, exceto que você deve me perdoar por perguntar como encontrarei a segurança de sua boa fé e como posso confiar em alguém como amiga, se é capaz de ir embora voando e abandonar seu compromisso cada vez que lhe interessar?

393. O menino e os doces

Um menino meteu sua mão em um recipiente cheio de doces. E pegou o mais que pode. Mas, quando tratou de tirar a mão, o gargalo do recipiente não lhe permitir fazê-lo. Como, tampouco, queria perder aqueles doces, o menino chorava amargamente sua desilusão. Um amigo que estava perto, disse-lhe:

- Conforma-se somente com a metade e poderá tirar a mão com os doces!

Moral da história: Nunca trate de abarcar mais do que o devido, pois se bloqueará.

394. O pastor de as ovelhas

Um pastor, que conduzia suas ovelhas a um bosque, viu um carvalho de grande tamanho cheio de sementes e, estendendo sua capa em baixo dos galhos, subiu na árvore e, movimentando seus galhos, as derrubou. As ovelhas, comendo as frutas, por descuido destrincharam e rasgaram a sua capa. Quando o pastor desceu da árvore e viu o que tinha acontecido, lhes disse:

- Oh, você são criaturas muito mal agradecidas! Proporcionam a lã para fazer a roupa dos homens, mas destroem a roupa de quem as alimenta!

Moral da história: Nunca devemos maltratar a mão que, bondosamente, nos ajuda.

395. O boi e a rã

Um boi que chegou para beber água em um charco, onde havia um grupo de rãs jovens, pisou e amassou a uma delas, matando-a. Quando chegou a mãe e notou a ausência de uma de suas filhas, perguntou às suas irmãs o que havia acontecido com ela.

- Está morta, mãe querida. Agora mesmo uma besta muito grande com quatro grandes patas veio ao charco e a amassou de morte com seu casco rachado.

A mãe, inchando-se ao máximo, perguntou:

- A besta seria tão grande como este tamanho?

Respondeu uma das filhas:

- Mãe, pare de inchar. E não se irrite, já que não posso lhe assegurar que mais rapidamente você arrebentará que conseguir imitar com êxito o imenso tamanho daquele monstro.

Moral da história: Quando um é maltratado, é melhor escutar o conselho prudente que agir incorretamente pelo desejo de vingança.

396. A gaivota e o corvo

Uma gaivota presa em uma jaula se gloriava do grande número de filhotes que havia incubado. Um corvo que a ouviu, disse-lhe:

- Minha boa amiga, deixa esta arrogância fora do tempo. Quanto maior o número de membros de sua família, maior será sua pena, em vista de que mais dos seus permanecerão fechados na prisão desta jaula.

Moral da história: Se não previmos as consequências de nossos atos, não nos vangloriemos deles.

397. As duas bolsas

Cada homem, segundo uma lenda antiga, nasce ao mundo com duas bolsas amarradas em seu pescoço, uma na frente e outra nas costas. Toda a bolsa que leva à frente está cheia das faltas e defeitos de seus vizinhos e a bolsa grande que leva atrás das costas está cheia de suas próprias faltas e defeitos. Daí que os homens são rápidos para ver as faltas e defeitos dos outros, mas são, com muita frequência, cegos para ver suas próprias faltas e defeitos.

Moral da história: Antes de ver e julgar os defeitos alheios, primeiro vejamos nossos próprios defeitos.

398. Os cães e a raposa

Alguns cães, encontrando a pele de um leão, começaram a rasgá-la em pedaços com os seus dentes. Uma raposa os viu e lhes disse:

- Se este leão estivesse vivo, vocês veriam logo que as garras dele eram mais fortes que os dentes de vocês!

Moral da história: Não tem valor nenhum lutar contra o que já está destruído.

399. A raposa e o leão enjaulado

Uma raposa viu um leão preso e abatido em uma jaula e aproximando-se dele, amargamente o injuriou. O leão disse à raposa:

- Não é você quem me fere e sim os que me têm nesta desgraça que me aconteceu!

Moral da história: Não zombe de seu inimigo se não foi você quem o venceu.

400. O rato e o touro

Um touro foi mordido por um rato e irritado pela ferida, tentou capturá-lo. Mas, o rato alcançou sua segurança em seu buraco. Ainda que o touro cavasse nas paredes do buraco com seus chifres, se cansou ante que conseguisse alcançar o rato e, colocando-se de vigília, ficou dormindo fora perto do buraco do rato. O rato apareceu novamente, se arrastou furtivamente até seu pé, mordendo-o outra vez e se retirou de novo ao seu

buraco. O touro se levantou e, não sabendo o que fazer, ficou tristemente perplexo. Então, o rato disse:

- Os grandes nem sempre prevalecem. Há momentos em que os pequenos e humildes são os mais fortes para fazer suas ações.

Moral da história: Nunca deprecie o valor dos pequenos.

Bem, aqui estão as 400 fábulas prometidas!

Talvez, contagiado por este fantástico mundo das fábulas, eu escrevi cinco fábulas que registro abaixo. Espero que gostem!

A lagarta que queria fazer amigos

A lagarta se achava muito bonita e colorida quando se olhava no espelho formado por uma gota da água da chuva. Mas, a lagarta começou a sentir solidão e procurava por amigos. Ao encontrar um cervo, um coelho, um macaco e um esquilo ela se levantou, apoiando-se somente em quatro das suas várias pernas e disse:

- Ei, vocês! Não querem ser meus amigos?

Todos riram e zombaram da lagarta por a acharem um bicho feio, perigoso, inútil e até uma palhaça com aquela roupa esquisita cheia de farpas pontiagudas. Muito triste, a lagarta aprendeu suas primeiras lições de vida: com o cervo, o que era discriminação; com o coelho, o que era humilhação; com o esquilo, o que era desprezo e com o macaco, o que era zombaria. Assim, acometida de uma grande tristeza, a lagarta se retirou para um canto escuro de um galho na floresta. E lá construiu um casulo para se esconder de tudo e de todos, caindo em um sono profundo e longo.

Um dia, algo surpreendente aconteceu em sua vida e a lagarta gritava com muita alegria:

- Uma borboleta! Eu me transformei em uma linda borboleta!

Não demorou muito para a borboleta encontrar os animais da floresta que recusaram ser seus amigos. E todos se encantaram com a sua beleza, sua capacidade de voar, suas cores. E o cervo, o coelho, o esquilo e o macaco perguntaram-lhe:

- Você não gostaria de ser nossa amiga?

A borboleta, agora madura e com sabedoria, respondeu:

- Eu sou a lagarta, lembrem-se? Mas, eu era muito feia para vocês, esquisita e os assustava com as minhas farpas! Vocês não quiseram ser meus amigos. Não tenho mais tempo para brincar. Minha missão agora é voar pela floresta em busca de flores e beber seu mel, ajudando na polinização das plantas para que elas possam gerar frutos e sementes.

Aliás, é graças a este meu trabalho, juntamente com a abelha, o beija-flor e outros insetos e animais da floresta, que vocês podem saborear gostosos frutos e sementes!

Moral da história: Na vida acontecem muitas situações assim. Não raras vezes desprezamos a amizade de alguém por que ela é muito gorda ou muito magra, muito baixa ou muito alta, muito pobre ou muito rica, muito feia ou muito bonita, muito forte ou muito fraca. Ou mesmo, porque ela é portadora de alguma necessidade especial. Esquecemos-nos de ver que, em seu coração, está uma linda criação de Deus pronta para ser um amigo leal e verdadeiro.

O porquinho que não gostava de sujeira

Enquanto seus irmãos banhavam-se na lama do chiqueiro, o porquinho detestava a sujeira, procurando sempre o canto mais limpo. Quando o caseiro lavava o chiqueiro, o porquinho corria para ficar embaixo da mangueira de água e se lavar. Assim, quase sempre ele estava branquinho e limpinho. Certo dia, o porquinho andou pela fazenda e conheceu muitos outros primos e viu que todos gostavam muito de se esfregar e dormir na lama. E o porquinho desabafou:

- Porcaria! Como pode estes meus primos gostar tanto assim de sujeira? Parece que todos os porcos adoram viver na sujeira. Mas, eu não quero ser assim!

Toda vez que conseguia fugir do chiqueiro, o porquinho corria para perto da mulher do caseiro, quando ela lavava roupa, e ficava esperando que ela lhe desse um bom banho. E, assim, todos na fazenda se acostumaram com o porquinho que não gostava de sujeira e o fazendeiro o adotou como mascote da fazenda. E, enquanto seus primos seguiram para o abate, ele ficou na fazenda até a sua velhice.

Moral da história: Com perseverança, determinação, esforços, estudos, desenvolvimento de suas capacidades e manutenção de seus valores e caráter, você pode elevar-se socialmente, mesmo tendo nascido e se criado em uma sociedade porca.

O coelho e o arco-íris da felicidade

Havia na floresta um coelho que não escondia o seu descontentamento com a vida de coelho. Dizia ele que tinha que enfrentar muitos perigos. O coelho achava a vida dos outros animais da floresta mais divertida e segura. E ele pensava sempre:

- Se eu fosse um lobo não precisaria ficar escondido em minha toca! Os outros animais são, definitivamente, mais felizes do que eu!

Uma noite, uma Fada bateu à porta de sua toca e lhe deu um presente, dizendo:

- Eu sei que você não está feliz com sua condição de coelho. Com esta pedra mágica de cristal, você pode se transformar em qualquer animal e viajar para qualquer lugar! Quando você tiver acertado na escolha, aparecerá um lindo arco-íris!

Dizendo isto, a Fada girou sua varinha mágica, enchendo o ar com centenas de estrelinhas prateadas, e desapareceu!

E, após alguns dias, o coelho resolveu fazer uma experiência com sua pedra mágica de cristal e disse:

- O meu desejo é ser um urso bem forte! Ninguém vai conseguir me comer, nem fazer amuleto da sorte com minha pata!

Em poucos segundos, o coelho se transformou em um urso. Na imensidão dos campos cobertos de gelo e neve, o coelho procurava por comida. Mas, não encontrou as raízes e grama verde e fresca. Ele sentia muito frio e logo percebeu que o urso não fora uma boa escolha. E exclamou:

- Agora, já sei! Eu quero ser um elefante. Um elefante grande e forte, com grandes presas de marfim para eu poder enfrentar todos os meus inimigos!

Em segundos, ele caminhava na planície africana. Tudo ia bem até que, um dia, caçadores de marfim davam tiros para caçá-lo e retirar suas enormes presas. Depois, enfrentou uma terrível seca e o coelho chegou à conclusão que ser um elefante, também, não fora uma boa escolha.

E o coelho usou sua pedra mágica de cristal para se transformar em vários animais: em onça, mas não gostou quando teve que abater outros animais da floresta para comer; em tartaruga, mas não gostou quando teve que andar muito lentamente e carregar um casco pesado em suas costas; em borboleta, mas não gostou quando soube que as borboletas têm uma vida muito curta; em cachorro, mas não gostou quando acabou abandonado nas ruas; em cavalo, mas não gostou quando teve que puxar carroça; em peru, mas não gostou quando soube que viraria jantar de noite de Natal; em porco, mas não gostou quando viu que teria que viver sempre na sujeira; em lobo, mas não gostou quando quase foi morto por um pastor ao tentar comer uma de suas ovelhas.

Assim, vencido por sucessivas tentativas fracassadas e, nunca vendo o arco-íris da felicidade, o coelho resolveu voltar para sua toca, voltando aos campos da floresta, onde tinha passado sua infância junto aos seus pais e seus irmãos e onde podia encontrar lá raízes e grama verde e fresca. Quando avistou de longe sua toca, o coelho viu um lindo arco-íris e disse:

- Eis o meu arco-íris da felicidade. Ele sempre esteve aqui e eu nunca o tinha notado!

Moral da história: Não raras vezes, as pessoas saem de casa na esperança de encontrar a felicidade e, posteriormente descobrem, depois de muitas lutas e sofrimentos, que a felicidade estava bem ali próxima delas, no aconchego e proteção de seus lares e de sua família.

O cão pobre e o cão rico

Um cão gostava muito de morar na favela. Lá encontrava o que precisava para comer no lixo espalhado por todos os lados. Ele era um cão vira-latas. Do outro lado da cidade, longe da favela, um cão da raça Dálmata, também gostava muito de morar no canil e estava feliz e contente. Lá encontrava muito conforto e comida à vontade.

Uma tarde, o cão pobre encontrou-se na praça com o rico cão dálmata. Os dois se cheiravam, começaram a brincar pulando um no outro, fingiam que estavam brigando e se jogavam na grama. E fizeram uma grande amizade.

Aconteceu que o cão dálmata fugiu do rico apartamento e, pelo cheiro, procurou pelo cão pobre na favela. Ao saber disto, sua dona o prendeu e ele nunca mais pode ir para a praça brincar com o cão pobre. Nos dias que se seguiram, o cão pobre procurou pelo seu amigo rico dálmata na praça. Mas, não o viu mais. Do alto da varanda do rico apartamento, o cão rico dálmata olhava triste para a rua, na esperança de ver o cão pobre malhado passar. Mas, não o viu mais.

O cão pobre aprendeu o que era humilhação. O cão rico dálmata aprendeu o que era discriminação. Muitos anos se passaram. Um dia, por capricho do destino, se encontraram em um campo. O cão rico dálmata estava muito gordo, com problemas de coração por viver sempre preso em um apartamento. O cão pobre tinha sido atropelado, quebrando uma das pernas e tinha ficado cego de um olho.

Naquela tarde, os dois amigos se encontraram para comemorar o reencontro. Os dois cachorros estavam muito velhos. Eles já estavam com dificuldades de andar, enxergavam com deficiência e a audição estava fraca. Mas, isto não impediu que os dois ficassem muito alegres ao se verem. Eles tentavam pular um no outro, se lambiam, se cheiravam, abanavam o rabo mostrando grande entusiasmo e alegria. O cão pobre esqueceu o que era humilhação. O cão rico dálmata esqueceu o que era discriminação.

O cão pobre nem notou que o seu amigo estava gordo e respirava com muita dificuldade. O cão rico dálmata nem deu importância que o seu amigo estava cego de um olho e que mancava.

Moral da história: Amigos de verdade são assim mesmo! Eles não se importam com a idade, nível social, deficiências físicas, riqueza, grau de

cultura, entre tantas outras coisas. O que lhes importa é ver no amigo outro irmão e preservar a amizade por uma vida inteira.

O sapo que não queria voltar a ser príncipe

Um príncipe herdeiro sofria sua tristeza, sentado em uma pedra à beira do grande lago do castelo. Lá era o único lugar onde conseguia encontrar o refúgio e um pouco de paz para o drama que enfrentava em sua vida – um casamento forçado com uma princesa que não amava e liderar o exército do reino em uma guerra inútil ordenada por seu pai. E ele exclamou revoltado:

- Que vida maldita! Eu preferia virar um sapo e me perder nesta lagoa!

E a bruxa da maldição ouviu o pedido do príncipe resolveu atendê-lo, gritando:

- Se é isto que você quer é isto que você terá!

Um estrondo foi ouvido por todos os moradores do castelo e redondezas. Ao longe, escondida no clarão do raio, a bruxa da maldição se afastava dando uma risada arrepiante. Ela sabia que sua maldição somente poderia ser quebrada com um beijo de amor! E quem gostaria de dar um beijo de amor em um sapo?

E o príncipe descobriu seu novo destino quando veio à superfície do lago e exclamou:

- Meu Deus! Que lago imenso! E aquele castelo parece ser um castelo de gigantes!

Levou algumas horas para o príncipe descobrir sua nova realidade de sapo. Mas, ele não olhava para o castelo com saudades não! Ao contrário, ele estava se sentindo muito bem com sua nova vida. No lago ele estava livre do casamento com a princesa que não amava, tampouco, liderar uma guerra estúpida. Ele nadava, refrescava-se nas fontes, à noite admirava o céu estrelado, passeava no lago sob o luar. Ele se encanava com as belezas do lago: as plantas enormes que tinha em suas margens, as flores gigantes multicoloridas, a cascata de água próxima da nascente de águas cristalinas, o fundo com areias brancas e pedras que ofereciam esconderijos para os sapos e os peixes. O príncipe a tudo olhava com encantamento e dizia:

- Que vida maravilhosa eu vou poder ter aqui. É tudo tão lindo, tão simples, tão seguro! Eu nunca mais vou voltar a ser um príncipe! Nunca mais!

Um dia, o sapo-príncipe saiu da lagoa e ficou no caminho por uns tempos. Uma bela jovem o pegou e queria lhe dar um beijo de amor.

Imediatamente, ele saltou de sua mão e mergulhou novamente no lago. E lá ficou para sempre.

Moral da história: Em algumas situações muito especiais na vida de uma pessoa, a única solução para a felicidade é a coragem para uma mudança radical em toda a sua vida, buscando alternativa por mais incrível, absurda e impossível que possa parecer aos olhos alheios.

Gostaram destas fábulas de minha autoria? Sim? Que bom! Quem sabe eu tenho um potencial para ser um futuro fabulista!

Esopo foi um fabulista de âmbito internacional. Talvez, tenha sido ele o autor mais lido na história da humanidade! Isto considerando milhões de pessoas que leram suas fábulas, mas ignoram sua autoria.

Como curiosidade, reproduzimos a fábula ‘**A raposa e as uvas**’ em vários idiomas. Em latim, nossa língua mãe e que deu origem às cinco línguas neolatinas: português, espanhol, italiano, francês e romeno. E em inglês e alemão.

Vejam abaixo, as semelhanças de muitos termos!

(Em Latim) - **De vulpe et uva**

Fame coatca, vulpes alta in vinea uvam appetebat; summis saliens viribus, quam tangere ut non potuit, discendens ait: "Nondum matura est, nolo acerbam sumere." Qui, facere quæ non possunt, verbis elevat, adscribere hoc debebunt exemplum sibi.

Ainda não? Bem, recapitule a fábula no texto em português:

A raposa e as uvas

Andando pelos campos, uma raposa se deparou com uma parreira carregada de uvas maduras e deliciosas. E ficou com muita vontade de saborear as uvas. Mas, como a parreira era alta, a raposa fez várias tentativas para alcançar os cachos de uvas. Ela pulava daqui e dali, dava a volta ao redor da parreira. Mas, por mais que tentasse, não conseguia alcançar as tão desejadas uvas. Então a raposa disse:

- Estas uvas estão verdes e muito azedas! Não me agradam!

Veja a fábula nas nossas línguas irmãs, originárias do latim:

(Espanhol) - **La zorra y los racimos de uvas**

Estaba una zorra con mucha hambre, y al ver colgando de una parra unos deliciosos racimos de uvas, quiso atraparlos con su boca. Mas no pudiendo alcanzarlos, a pesar de sus esfuerzos, se alejó diciéndose:

- ¡Ni me agradan, están tan verdes!

Nunca traslades la culpa a los demás de lo que no eres capaz de alcanzar.

(Francês) - **Le renard et les raisins**

Certain renard gascon, d'autres disent normand, mourant presque de faim, vit au haut d'une treille des raisins mûrs apparemment et couverts d'une peau vermeille. Le galand en eut fait volontiers un repas. Mais comme il n'y pouvait point atteindre: "Ils sont trop verts, dit-il, et bons pour des goujats".

Fit-il pas mieux que de se plaindre?

(Italiano) – **La volpe e l'uva**

C'era una volta una volpe, furba e presuntuosa. Un giorno spinta dalla fame, gironzolando qua e là, trovò una vigna dagli alti tralicci. Ecco disse: "finalmente qualcosa di prelibato". Tentò allora di saltare spingendo sulle zampe con quanta forza aveva in corpo....ma nulla. Calma, si disse: "io così furba non posso arrendermi ma, devo escogitare qualcosa per raggiungere quell'uva". Dopo un breve riposo riprese a saltare ma dopo alcuni balzi, non potendo neppure toccarla, così disse mentre mestamente si allontanava: "Pazienza, non è ancora matura, non mi va di spendere troppe energie per un frutto ancora acerbo".

Morale: Svilire cio' che non si è in grado di fare è tipico del borioso... a volte una sana umiltà aiuta a vivere meglio.

(Em Romeno) - **Vulpea si strugurii**

O vulpe infometata a vazut intr-o zi niste ciorchini de struguri atarnand pe un spalier de vita de vie. Ea a incercat toate trucurile de care era in stare pentru a pune laba pe ei, dar eforturile i-au fost in zadar , caci nu putea ajunge la ei. In cele din urma, pleca, ascunzandu-si dezamagirea si spunand in sinea ei: "Strugurii sunt acri, si eu care credeam ca sunt copti".

E no idioma praticamente universal:

(Ingles) - **The fox and the grapes**

One hot summer's day a fox was strolling through an orchard till he came to a bunch of grapes just ripening on a vine which had been trained over a

lofty branch. "Just the thing to quench my thirst", quoth he. Drawing back a few paces, he took a run and a jump, and just missed the bunch. Turning round again with a one, two, three, he jumped up, but with no greater success. Again and again he tried after the tempting morsel, but at last had to give it up, and walked away with his nose in the air, saying: "I am sure the are sour".

Moral of fable: It is easy to despise what you cannot get.

E, finalizando, no idioma alemão:

(Alemão) - **Der fuchs und die trauben**

An einer hohen Mauer wuchs ein Weinstock empor. Daran hingen herrliche saftige Trauben. Das sah ein hungriger Fuchs. Er war gierig und wollte die Trauben haben. Immer wieder sprang er hoch und schnappte nach den Trauben, aber er konnte sie nicht erreichen. Er wollte die Mauer hochklettern, aber auch das schaffte er nicht. Alle Mühe war umsonst - die Trauben hingen zu hoch! Da sagte der Fuchs verächtlich: „Die Trauben sind mir viel zu sauer!“ Er machte ein hochmütiges Gesicht - und ging davon.

Após o conhecimento e leitura das fábulas de Esopo, não há quem não desperte um sentimento de admiração e carinho por este fabulista pioneiro da antiguidade. E conhecer um pouco mais da história de Esopo nos completa e nos permite entender melhor sua inspiração para as centenas de fábulas que criou. Assim, dedicamos um espaço a mais para transmitir um breve histórico e fatos curiosos da vida deste notável fabulista que, com suas fábulas, conquistou o respeito e o amor de todos até os dias de hoje, ainda que postumamente.

Mas, quem foi Esopo? Ele teria, realmente, existido?

O célebre fabulista grego teria nascido, provavelmente, por volta do ano de 620 a.C. Segundo o historiador Heródoto, Esopo teria nascido na Trácia, região da Ásia Menor, tornando-se escravo na Grécia. Outro historiador, Heráclites do Ponto, afirma ser o roubo de um objeto sagrado a causa da morte do fabulista. Como era costume no caso de sacrilégios, Esopo teria sido atirado do alto de um rochedo.

Mas, discute-se a sua existência real, da mesma forma que se discute a existência de Homero. Assim, há ainda alguns detalhes atribuídos à biografia de Esopo, cuja veracidade histórica não se pode comprovar: suas deficiências físicas, que seria um protegido do rei Cresos. Uma possibilidade cogitada é que a sua obra pode ser uma compilação de

fábulas ditadas pela sabedoria popular da antiga Grécia. De qualquer forma, o que importa realmente, é que as fábulas atribuídas a Esopo tornaram-se imortais. As primeiras versões escritas das fábulas de Esopo datam do século III D.C. Muitas traduções foram feitas para várias línguas. Porém, não existe uma versão que se possa assegurar ser a mais próxima da original. Destaca-se, entre os estudiosos da obra esopiana, Émile Chambry, profundo conhecedor da língua e da cultura gregas. Chambry publicou, em 1925, *Aesopi - Fabulae* em que trabalha com 358 fábulas.

Controvérsias históricas à parte, a verdade é que, escrevendo-se sobre fábulas, não se pode deixar de prestar um merecido tributo a este grande precursor, Esopo.

E de onde foi Esopo tirar sua extraordinária inspiração e ter a inédita imaginação para inventar suas fábulas, que sobrevivem até os dias de hoje desde sua criação há mais de 2.500 anos atrás? Do sofrimento! Um sofrimento com resignação, orgulho amor próprio e respeito a Deus!

Toda a sua inspiração e imaginação foram forjadas em sua vida de sofrimento. O sofrimento o levou a conhecer a alma humana nas suas entranhas mais profundas, tanto pelo seu lado do bem, como seu lado do mal. Para bem entender a alma das fábulas de Esopo, necessário se torna conhecer um pouco de sua vida e sua própria alma que, com certeza, foi retratada em suas fábulas.

Esopo é o mais famoso fabulista da antiguidade. Segundo muitos historiadores, Esopo era natural da Frigia, província da Ásia. Era escravo e não foi beneficiado pela natureza em sua aparência. As feições do seu corpo eram mais monstruosas que humanas. Além de ter o rosto feio e deformado, o corpo pequeno, a cabeça grande e desproporcional, era torto, corcovado e, sobretudo, gago, tendo muita dificuldade para se expressar.

Com esta condição é de se compreender que Esopo passou por todos os tipos de humilhações, zombarias, injustiças, desprezos e maus tratos. Mas, como a natureza a cada um deu um talento especial, Esopo foi dotado de extraordinária imaginação e genialidade que lhe asseguraram tamanha grandeza, grandeza esta que colocou em um plano inferior e de pouco valor suas deficiências físicas.

Sendo capturado como escravo por Gregos, veio para Atenas, onde esteve ao serviço de um cidadão rico chamado Aristes. Junto com outros escravos, passava os dias numa horta plantando, cavando e adubando.

Como todos o maltratassem e desprezassem, e o capataz dos trabalhadores lhe desse muitas pancadas, queixava-se Esopo, dizendo que denunciaria aquelas ofensas e maus tratos ao seu senhor Aristes, além de outros crimes que notara no capataz. Este, com medo, adiantou-se e persuadiu Aristes

para que tirasse Esopo do meio dos seus escravos e o vendesse, para sossego e para o bem de todos.

Aristes assim fez e vendeu Esopo a um mercador forasteiro, que ali mesmo residia, o qual o levou para uma casa onde tinha muitos outros escravos.

Quando os outros escravos viram Esopo, tiveram asco de andar em sua companhia. Um dizia que aquele escravo era bom para fazer calar meninos, assustando-os. Outros diziam que Esopo era bom para prestar serviços em casa de homem ciumento. E muitas outras zombarias faziam parte da rotina de Esopo.

Dizem que, um dia e por acaso, mandaram um cesto com figos maduros como presente ao mercador, que apreciou muito o presente pelo fato de serem figos fora do tempo. E o mercador ordenou à sua criada que servisse os figos no começo do jantar. Entretanto, três escravos, tentados pela gula, combinaram comer os figos e jogar a culpa em Esopo, acreditando que este não poderia se defender pelo fato de ser acusado por três testemunhas. Assim, os três escravos comeram os figos com muita satisfação, zombando do pobre e inocente Esopo, que arcaria com a culpa e seria castigado com açoites. Chegada a hora do jantar, o mercador pediu os figos e lhe responderam que Esopo comera todos eles.

Indignado, o senhor o chamou e lhe disse:

- Animal feio e bruto, como você se atreveu a comer os figos que mandei guardar para mim?

Em seguida, mandou Esopo se despir para ser açoitado. O pobre Esopo, não sabia o que fazer. Sua consciência não o deixava desculpar-se e a cólera do senhor não dava tréguas nem espaço. Então, Esopo agarrou uma panela de água, que por acaso estava ao fogo, e bebeu grande quantidade dela muito quente. Em seguida, meteu os dedos na boca, com que revolveu o estômago, e a lançou fora, mostrando estar em jejum. Com este gesto, Esopo desmascarou os seus acusadores. Surpreendido com esta ação, o senhor confirmou a inocência de Esopo e obrigou os outros escravos que fizessem o mesmo. Estes, confirmando a suspeita, vomitaram os figos com a água e por isso e pelo falso testemunho, foram castigados.

O mercador precisava partir dali a três dias, onde teria que embarcar para a ilha de Samos e, faltando-lhe mulas de carga, foi obrigado a repartir o fardo pelos escravos. Mas, como Esopo era pequeno e fraco, o mercador deixou que ele escolhesse a carga que se atrevesse a levar. O mais pesado de todos os fardos era uma cesta grande cheia de mantimentos, que Esopo escolheu. Isto provocou risos em todos os escravos, que achavam que ele não conseguiria levá-la. Puseram-se todos em marcha e, como no fim da primeira jornada fizeram parada para comerem, aliviaram o peso da cesta, que acabou ficando com o mesmo peso das demais cargas.

Mas, no segundo dia, comeram o restante dos mantimentos, deixando a cesta vazia. Assim, todos conheceram o seu erro e a astúcia discreta com que Esopo escolheu a carga.

O mercador embarcou e chegou a Samos, onde pôs à venda a sua fazenda juntamente com todos os seus escravos. Esopo com dois outros escravos estavam num grande coberto, onde se realizava a feira. Ninguém fazia caso dele para comprá-lo, embora muitos o olhassem por zombaria. Chegou um cidadão e perguntou a um dos escravos o que ele sabia fazer para convencê-lo a comprá-lo.

Respondeu-lhe o escravo:

- Senhor, tenho muitas habilidades. Sei tratar bem de cavalos e fazer todos os serviços de casa, sei fazer e cuidar horta e bom lavrador. E em tudo que se referir a trabalhos do campo, ninguém me leva vantagem. Igualmente, sou bom ferrador, sei tratar dos animais e entendo de ferreiro. Em seguida, o cidadão fez a mesma pergunta para outro escravo, ao que ele respondeu:

- Eu, senhor, sou destro em todas as coisas necessárias e não há tarefas que eu não saiba fazer e dar um bom expediente.

O cidadão, uma pouco mais adiante, perguntou a Esopo o que sabia ele fazer.

E Esopo respondeu:

- Eu nada sei, porque como os meus parceiros ficaram com o saber de tudo para eles, não me restou nenhum saber a mim.

Todos os presentes riram muito da resposta de Esopo e um Filósofo, de nome Xanto, que ali passeava, comprou-o e levou-o para sua casa.

Com o seu novo escravo, um dia Xanto foi passear por uma horta e o escravo que cuidava da hora fez-lhe esta pergunta:

- Dizei-me, senhor, que razão há para que cresçam e estejam sempre viçosas as ervas que esta terra cria, enquanto as que eu semeio, cavo, rego e adubo, murchem mais depressa e frutifiquem menos?

O Filósofo ficou atrapalhado e não soube responder. Ao ver isto, Esopo disse-lhe discretamente que ele conhecia a pergunta e sabia dar a resposta.

Então, o Filósofo disse ao escravo que cuidava da horta:

- Essa não é uma pergunta que se faça a um homem como eu. Este escravo que você está vendo aqui a responderá.

E o Filósofo logo mandou que Esopo desse a resposta. E Esopo disse:

- A razão da dúvida é esta: as ervas que a terra voluntariamente produz são suas filhas e, como tais, as cria e conserva. As que você semeia são enteadas, que a madrastra nunca as alimenta com o mesmo gosto. Portanto, não é de se espantar que nos próprios filhos se enxerga um maior carinho, mas nos enteados constatamos um tratamento diferente.

O lavrador que cuida da horta se satisfaz com a resposta e o Filósofo se espantou com o talento e esperteza do seu novo criado.

Xanto tinha muitos discípulos, homens importantes, que costumavam oferecer banquetes uns aos outros. Xanto quis lhes dar um banquete. Como Xanto tinha uma mulher áspera e que não gostava de lhe obedecer e nem de receber hóspedes, depois de comprar o necessário para o banquete, encarregou Esopo de preparar a casa e a mesa. Acontece que, chegando a hora da ceia, Esopo começou a preparar o espaço e, com muita limpeza, colocou a mesa em ordem e pôs nela algumas coisas, antes que os convidados e o seu amo viessem.

Era tempo frio e havia na casa uma lareira grande com o fogo aceso, do qual a mulher se aproximou para se aquecer. Carrancuda, ela se colocou de costas para a mesa. Esopo pediu-lhe que olhasse para a mesa e não o tratasse como um cão ou gato. Ela disse que não o faria. Mas, uma segunda vez Esopo lhe pediu para que virasse o rosto para vê-lo. Indignada, a mulher respondeu para não importuná-la, uma vez que também tinha olhos atrás. Esopo calou-se e se foi, regressando dali a um tempo. Como a encontrasse dormindo, pôs silenciosamente a descoberto o lugar onde ela disse que os olhos estavam. Não tardou muito, Xanto com os seus hóspedes entraram na sala e viram muito bem quanto mal comportada estava a mulher. O Filósofo sentiu-se afrontado e, perguntando a causa a Esopo, ele contou-lhe o que se passara, causando mais indignação no Filósofo. Quando acordou, a senhora foi-se embora muito envergonhada e com grande ódio contra Esopo.

Certo dia, o seu senhor Xanto o encarregou Esopo de buscar no mercado o que de melhor encontrasse para servir como refeição a alguns convidados. Esopo saiu e comprou um punhado de línguas bovinas, que mandou preparar de várias maneiras. Durante a festa, e na medida em que elas iam sendo servidas aos convidados, estes deixavam transparecer cada vez mais o seu desagrado e alguns deles, aborrecidos, passaram a reclamar. Questionado, Esopo justificou-se:

- Há coisa melhor do que a língua? Ela é o laço da vida, da razão e, por meio dela, as cidades são construídas e policiadas. Graças a ela as pessoas não só são instruídas, persuadidas e convencidas nas assembleias, mas, também, cumprem o primeiro de todos os deveres, que é o de louvar a Deus.

- Está bem! Replicou Xanto, que pretendia embaracá-lo.

- Pois amanhã eu quero que você compre o que houver de pior.

No dia seguinte, Esopo serviu novamente línguas, apenas ressaltando que a língua é a pior coisa que há no mundo:

- A língua é a mãe de todas as questões, a origem de todos os processos, a fonte das discórdias e das guerras. Se, por um lado, ela é o

órgão da verdade, de outro é também o do erro. E, pior ainda, o da calúnia e da infâmia, porque se em dado momento ela louva os deuses, em outro é usada para a blasfêmia e a impiedade.

Xanto costumava hospedar em sua casa os seus discípulos. E, durante o jantar, comeu e bebeu exageradamente, começando a falar demais. E entre suas conversas, afirmou que beberia toda a água do mar. Os discípulos duvidaram e ele os desafiou, até que apostaram uma grande soma de dinheiro e Xanto deu como sinal o seu anel. No dia seguinte, passada a ressaca e seu excesso de entusiasmo, Xanto deu por falta do anel e perguntou por ele.

Respondeu Esopo:

- Senhor, não se lembra de que o deste ontem de sinal sobre a aposta que fez de beber toda a água do mar?

Disse Xanto atônito:

- Como é possível que eu fizesse tal proposta, quem pode beber toda a água do mar?

Respondeu Esopo:

- Isso não sei, mas o senhor apostou.

Xanto ficou confuso com a aposta que fizera, sem poder achar uma saída, até que Esopo, vendo-o tão triste, lhe disse:

- Senhor, não se desgaste. Fique tranquilo que eu lhe tirarei dessa afronta e farei com que ganhe o dinheiro.

Xanto ficou alegre com isto e no dia combinado vieram os discípulos dizendo-lhe que cumprisse o que prometera ou, dando-se por vencido, pagasse o dinheiro. Xanto respondeu que estava contente e informado pelo seu escravo do que havia de fazer. Assim, foi com eles à beira do mar, onde pusera a mesa e copos, estando à volta toda a gente da ilha, que vieram para ver tão maravilhoso feito de um homem querer recolher o mar no seu estômago. Pronto tudo o necessário, começou Xanto a falar ao povo, dizendo:

- Homens de Samos! Eu apostei com estes discípulos que hoje eu beberia este mar todo. Confirmem com eles se é verdade e se, bebendo eu toda a água do mar, cumprirão o prometido e eles se darão por vencidos.

Todos responderam que sim. Disse, então, Xanto:

- Pois que seja assim. Eu fiquei de beber o mar e estou prestes a cumprir minha promessa. Mas, eles hão de fechar primeiro todos os rios que entram no mar e represar-lhes as desembocaduras, porque eu me obriguei a beber o mar, mas não todos os rios que deságuam nele. Portanto, se querem que eu cumpra o que fiquei de fazer, é obrigatório que eles primeiro impeçam a corrente de todos os rios que terminam aqui o seu curso.

Os discípulos não souberam responder a isto e o povo louvou muito a resposta do Filósofo e todos o consideraram livre da aposta e Xanto regressou à sua casa mais reconhecido que antes.

Outros muitos casos sucederam a Esopo com Xanto, até que veio a ser livre. Depois, como o rei Creso da Lídia, uma região da Ásia Menor, declarou guerra a Samos, os habitantes de Samos e seus vizinhos resistiram por muito tempo, devido aos conselhos e astúcia de Esopo. Porém, vendo-se encurralados e em vista de Creso oferecer a paz se lhe entregassem Esopo, concordaram. Creso não cumpriu sua palavra de paz, como Esopo tinha prevenido a todos e todos foram subjulgados. Não quis Creso matar Esopo. Ao contrário, o tinha em sua casa protegido, porque se valia muitas vezes dos seus conselhos e habilidades.

Esopo viveu muito favorecido na Lídia e depois correu toda a Grécia. Mas, em todas as partes, por sua fama e sabedoria, o veneraram, exceção feita em Delfos que não usaram com ele esta cortesia e primor. E para que Esopo não os afrontasse, divulgando na Grécia a sua descortesia, decidiram matá-lo. E, acrescentando um mal a outro, atribuíram-lhe certo falso testemunho pelo qual o condenaram a ser jogado de um penhasco. E com muita brevidade, sem que Esopo pudesse alegar a sua inocência, foi posto sobre o cume de uma alta rocha e lançado dali, morrendo. Todas as cidades gregas sentiram muito a sua morte e pouco tardou que Delfos fosse destruída em vingança, segundo dizem, desta injustiça e traição.

Se todos estes fatos e curiosidades sobre Esopo têm embasamento histórico ou não, ninguém poderá testemunhar. Porém, como todos eles têm coerência com as lições de vida e do moral da história das fábulas, eles foram incluídos neste livro, independentemente das controvérsias e dúvidas históricas.

Acumulando um vasto conhecimento do ser humano, adquirido, como dissemos, por experimentar um sofrimento físico e moral, passando por todos os tipos de humilhações, zombarias, injustiças, desprezos e maus tratos, Esopo formulou conceitos para o comportamento errado ou certo do homem. Através de suas fábulas, onde os animais eram os seus personagens preferidos, Esopo criou a mágica fantasia e ilustração para que estes conceitos tivessem maior credibilidade e facilidade para o seu entendimento, com o objetivo maior de transmitir as lições de vida e o moral da história, que a todos encantaram na antiguidade e a todos encantam até os dias de hoje.

Atenas, nos séculos VI e V a.C., por seu desenvolvimento, era um ponto de encontro de artistas e intelectuais de várias partes do mundo. O prestígio de Esopo foi tal que chegou a merecer uma estátua em praça pública, que o representava como um homem comum e não como alguém

com o rosto disforme de tão feio, conforme se passou a dizer dele por volta do século IV d.C.

O fato é que Esopo deixou uma obra riquíssima, que encerra uma visão crítica extraordinária da natureza humana, com observações impressionantemente atuais.

Os primeiros fabulistas, como Esopo, Fedro, na antiguidade, e La Fontaine, na idade moderna, e muitos outros fabulistas que vieram a seguir, merecem a justa homenagem de serem os precursores da literatura infanto-juvenil. Através de suas histórias com personagens, geralmente animais, e uma narrativa curta e objetiva, eles criaram a fantasia necessária para atrair a leitura de crianças e jovens. Os contistas ampliaram o escopo da fábula, criando contos mistos, que podiam ser lidos com interesse por crianças, jovens e adultos. Estes contos são uma fase intermediária entre a fábula e a atual literatura infanto-juvenil. Eles criaram histórias de fantasia, incluindo os personagens animais, além de pessoas, mas não se desviaram do objetivo de transmitir lições de vida e um moral da história.

Com o tempo, a literatura infanto-juvenil se especializou e criou suas próprias tendências. Umas, enfatizam muito as lições de vida e um moral da história. Outras, ao contrário, trabalham mais a fantasia, a ficção, sem a preocupação primordial de transmitir mensagens educativas. A linha editorial básica predominante, neste caso, é o lúdico e o exercício de leitura. Mensagens educativas, para os que adotam esta linha editorial, são de responsabilidade dos pais e dos professores!

Particularmente, eu acho que as crianças de hoje carecem de lições de vida e de um moral da história que poderiam constar com maior frequência na literatura infanto-juvenil. Isto, em muito, poderia ajudar no desenvolvimento de seu caráter e valores de vida, em complementação à educação de berço e escolar.

Assim, resta aos pais, avós e professores cobrirem esta lacuna incluindo em suas atividades com os filhos e alunos as lições de vida e o moral da história das centenárias fábulas!

Vejam um exemplo de um conto, cuja narrativa se parece como a de uma fábula ampliada, finalizando com lições de vida e um moral de história. O conto abaixo, ‘Os Três Grãos de Milho’ é de Coelho Neto.

Henrique Maximiano Coelho Neto nasceu em Caxias, Rio de Janeiro, viveu de 21 de fevereiro de 1864 a 28 de novembro de 1934. Foi um escritor (cronista, folclorista, romancista, crítico e teatrólogo), político, professor e membro da Academia Brasileira de Letras, onde foi o fundador da Cadeira Número 2.

OS TRÊS GRÃOS DE MILHO

Coelho Neto

Certo mancebo cuja infância venturosa fora o mimo dos pais, perdendo-os, achou-se só no mundo, sem amparo nem conselho, tendo, por haveres, as terras férteis dum sítio onde havia um paiol abarrotado de milho. Julgando que nunca mais se esgotaria tamanha provisão, deixou-se ficar em casa, a comer e a dormir, vendendo, a quem o buscava, o milho que herdara. As terras abandonadas foram perdendo o viço, e o mato, crescendo vigoroso, em pouco tempo sufocou as sementeiras.

Uma manhã, ainda nos dias fartos, estava o soberbo e preguiçoso herdeiro a balançar-se na rede, quando um pobre homem passou, pedindo esmolas. Era um desgraçado, que habitava na vizinhança e tinha apenas uma choça e alguns palmos de terra.

O herdeiro, ouvindo a voz do pobre, longe de compadecer-se, sorriu e, por esmola, atirou-lhe, com desprezo, três grãos de milho. Foi-se o pobre sem dizer palavra e o preguiçoso ficou-se a rir, balançando-se na rede.

Correram tempos. Já o mato bravo chegava à casa, e o rapaz, fiado sempre no paiol de milho, vivia descuidadamente, quando, recorrendo ao celeiro, achou-o vazio, porque toda a provisão havia passado às mãos dos compradores.

Só então, compreendendo a sua miséria e sem ânimo de atirar-se ao trabalho, descoroçoado, pôs-se a lamentar-se e chorava, quando viu chegar, em formoso cavalo, um homem forte e bem posto que, ao dar com ele em tão miserável condição, deteve o animal e perguntou:

- “Que tendes? Por que assim vos lamentais?”.
- “Morro à míngua!”, soluçou o infeliz. “Tinha um sítio fértil e as ervas más tomaram-no. Tinha um paiol abarrotado de milho e esgotou-se. Nada mais possuo”.
- “A culpa é vossa!”, disse o cavaleiro. “Julgando que nunca acabaria a herança que tivestes de vossos pais, abandonastes a terra que, dantes, não negava frutos. Se não vos sentis com ânimo para cuidar do gado, vendei-mo. A mim darão bom prêmio as terras que dizeis estéreis e, como pegam com o meu sítio, faze-me conta comprá-las, para dilatar a minha lavoura. Entremos em ajuste”.

E combinaram. Justamente no dia em que o rapaz recebia do homem o preço estipulado, perguntou-lhe o comprador:

- “Sabeis com que dinheiro vos pago? Com o que me deram os três grãos de milho que, desprezivelmente, me atirastes. Levei-os comigo e, como não tinha ferramenta, com as próprias mãos fiz uma cova na terra, e a terra devolveu-me o depósito, muitas vezes dobrado. Plantando os grãos

que vieram, consegui um canteiro, deu-me o canteiro uma roça, deu-me a roça um campo e fui sempre trocando os lucros por novos benefícios: primeiro em sementes, depois em gado, depois em máquinas e hoje com ele adquirei as terras donde saiu o capital modesto com que comecei a granjear fortuna. Vede agora o que fiz com três grãos de milho e perseverança no trabalho, e, comparai com o que acontece, não obstante haverdes possuído terras vastas e um p grande paiol atestado de cereal. Não soubestes aproveitar os bens que herdastes e, mais uma vez, com a vossa desgraça, fica confirmado que a fortuna, seja embora incontável, cede à miséria, quando é mal dirigida”.

O ouro foge por entre os dedos, como a água e a terra é um cofre seguro e maravilhoso que restitui centuplicado o benefício que se lhe faz.

Sem mais dizer, e dissera-o bastante, o lavrador deu de rédeas ao cavalo e foi-se.

Chegamos ao final deste trabalho. Esperamos que ele tenha lhe proporcionado a motivação e os elementos para alistá-lo ao grupo de resgate destas fabulosas fábulas junto aos seus filhos, narrando algumas delas que aqui foram incluídas. Isto poderá ser de fundamental importância para o futuro de seu filho! Futuro se faz com talento e capacidade, mais os valores e caráter que as lições de vida e o moral da história das fábulas podem somar.

Qual é a diferença entre as fábulas e os ditados? Na verdade, em muito se assemelham. Ambos nasceram da observação de homens sábios e filósofos, e mesmo da sabedoria popular, que eternizaram em fábulas e ditados os comportamentos dos homens e da vida em sociedade, que se provaram certos ou errados por sua contínua repetição e resultados constantes. Assim, passaram a ser expressões de uma verdade indiscutível, que foram transmitidas aos demais através das narrativas das fábulas ou das frases imperativas dos ditados, sugerindo lições de vida e de moral julgadas apropriadas e comuns a todos os homens.

O ponto em comum das fábulas e dos ditados é o prévio conhecimento pelos autores de experiências positivas ou negativas do comportamento humano e da sociedade. Na fábula, estas experiências eram ilustradas com histórias fantasiosas personalizadas por animais, geralmente. Nos ditados, eram simplesmente condensadas em uma frase de impacto, imperativa, alarmante.

Os ditados, como as fábulas, são fontes inesgotáveis de conhecimento e sabedoria, servindo de grande utilidade e orientação para os vários momentos de nossas vidas!

É natural do homem dividir com os seus semelhantes seus conhecimentos e experiências, sejam elas bem ou mal sucedidas.

Há centenas de anos que pessoas sábias observavam que certos comportamentos humanos ou fatos eram corretos e úteis e outros não. Para repassar estas observações para outras pessoas, ditavam frases, nascendo os ditados e os provérbios.

Alguns exemplos de ditados muito conhecidos e sua origem:

"SANTINHO DE PAU OCO".

Expressão que se refere à pessoa que se faz de boazinha, mas não é. Nos séculos XVIII e XIX os contrabandistas de ouro em pó, moedas e pedras preciosas utilizavam estátuas de santos ocas por dentro. O santo era 'recheado' com preciosidades roubadas e enviado para Portugal.

"NÉVOA BAIXA, SOL QUE RACHA".

Ditado muito falado no meio rural. A climatologia, ciência que estuda o clima e suas alterações, o confirma. Conhecida também como cerração, a névoa fica a baixa altitude pela manhã provocando um aumento rápido da temperatura para o período da tarde, geralmente seguida de um sol forte.

"SEM EIRA NEM BEIRA".

Significa pessoas sem bens, sem posses. Dizem que antigamente as casas das pessoas ricas tinham um telhado triplo: a eira, a beira e a tribeira como era chamada a parte mais alta do telhado. As pessoas mais pobres não tinham condições de fazer este telhado triplo, então construíam somente a tribeira ficando assim 'sem eira nem beira'.

Nós podemos aprender muito com as fábulas e com os ditados, antecipando experiências não vivenciadas, que podem ser positivas e negativas, melhor nos orientando para o melhor comportamento e para nossas decisões importantes na vida.

As fábulas e os ditados têm sobrevivido através dos tempos. Um exemplo, o ditado: "Antes só do que mal acompanhado" já era usado em 1335 na Espanha.

Apesar de escritos de forma breve e objetiva, os ditados possuem um significado muito mais profundo e que precisa ser descoberto.

Assim, a maioria deles não pode ser entendida ao pé da letra.

Vamos ver um exemplo pelo seguinte ditado africano:

“A UNIÃO DO REBANHO OBRIGA O LEÃO A IR DORMIR COM FOME”.

O significado deste ditado nos leva à conclusão que um povo ou um grupo de pessoas que se unir tem melhores condições de se defender contra um inimigo poderoso.

Portanto, não se esqueça: **PENSE SOBRE O SEU REAL SIGNIFICADO!**

O conhecimento dos ditados enriquece a sua comunicação com as outras pessoas e faz com que você dê maior força e expressão naquilo que quer dizer. A repetição dos ditados e provérbios era muito comum no passado. Eu me lembro, quando ainda criança, que meus avós, meus pais e meus amigos se utilizavam frequentemente dos ditados para dar um colorido e uma força nas comunicações.

Quando eu era tentado a fazer alguma coisa que pudesse ser considerada errada, um amigo aconselhava para que eu não fizesse e terminava com o ditado:

“Quem avisa, amigo é!”.

Como isto soava assustador para mim e, imediatamente, eu revia a minha ação ou decisão. Quando eu pegava em velas acesas ou fósforos, minha mãe pedia para eu parar e terminava:

“Quem mexe com fogo se queima!”.

Ao ouvir esta frase dita de forma tão convincente, eu imediatamente largava os fósforos ou a vela acesa.

Como complemento à série de fábulas, reproduzimos neste livro alguns dos mais conhecidos ditados, bem como frases de autores famosos.

Da mesma forma como na fábula, ao ler cada ditado, procure imaginar-se diante de velhos sábios conversando com você, alguns com séculos de vida e experiência, falando verdades consagradas e comprovadas por dezenas e centenas de anos!

Quanta sabedoria eles terão para você conduzir melhor a sua vida, não? Aproveite este tesouro de sabedoria!

1. “Não deixe para amanhã aquilo que você pode fazer hoje”.
2. “Cão que ladra não morde”.
3. “Deus ajuda a quem cedo madruga”.
4. “Deus dá o frio conforme o cobertor”.
5. “Devagar se vai ao longe”.

6. “Digas com quem andas que te direi quem és”.
7. “Esmola demais até santo desconfia”.
8. “Mais vale um pássaro na mão, do que dois voando”.
9. “Para baixo todo santo ajuda, para cima a coisa toda muda”.
10. “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”.
11. “Quem não tem cão, caça com gato”.
12. “Quem guarda tem”.
13. “Saco vazio não para em pé”.
14. “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”.
15. “Em casa de ferreiro, espeto de pau”.
16. “De grão em grão a galinha enche o papo”.
17. “Nem tudo que reluz é ouro”.
18. “Roupa suja se lava em casa”.
19. “Macaco velho não mete a mão em cumbuca”.
20. “Águas passadas não movem moinho”.
21. “Há males que vêm para bem”.
22. “Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém”.
23. “Quem tudo quer nada tem”.
24. “Quando um não quer o outro não briga”.
25. “Um homem prevenido vale por dois”.
26. “Devo não nego, pago quando puder”.
27. “O que os olhos não vêem o coração não sente”.
28. “Quem não arrisca não petisca”.
29. “Onde há fumaça há fogo”.
30. “Quem não deve não teme”.
31. “A pressa é inimiga da perfeição”.
32. “Quem o feio ama bonito lhe parece”.
33. “Para um bom entendedor meia palavra basta”.
34. “Mais vale um cachorro amigo do que um amigo cachorro”.
35. “Quem nunca comeu melado quando come se lambuza”.
36. “Quem ri por último, ri melhor”.
37. “A fé remove montanhas”.
38. “A primeira impressão é a que fica”.
39. “Um dia é da caça o outro do caçador”.
40. “A união faz a força”.
41. “O pior cego é aquele que não quer ver”.
42. “Prevenir é melhor que remediar”.
43. “Amigos, amigos negócios à parte”.
44. “As aparências enganam”.
45. “A cavalo dado não se olha os dentes”.
46. “Antes só do que mal acompanhado”.

47. “Aqui se faz, aqui se paga”.
48. “Antes que o mal cresça, corta-lhe a cabeça”.
49. “A noite é boa conselheira”.
50. “A ociosidade é a mãe de todos os vícios”.
51. “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”.
52. “Cada um sabe onde lhe aperta o sapato”.
53. “Depois da tempestade vem a bonança”.
54. “Em boca fechada não entra moscas”.
55. “Em casa onde não haja pão, todos ralham e ninguém tem razão”.
56. “É difícil agradar a Gregos e Troianos”.
57. “Filho de peixe, peixinho é”.
58. “Gostos não se discutem”.
59. “Quem diz o que quer, ouve o que não quer”.
60. “Lobo com pele de cordeiro”.
61. “Quanto o gato sai, os ratos fazem a festa”.
62. “Quem vê cara não vê coração”.
63. “Quem desdenha quer comprar”.
64. “Quem espera, sempre alcança”.
65. “Contra os fatos não há argumentos”.
66. “Cada louco com sua mania”.
67. “Com coisa séria não se brinca”.
68. “Com fogo não se brinca”.
69. “Desconfie de homem que não fale e de cão que não ladre”.
70. “Tristezas não pagam dívidas”.
71. “Quem é vivo sempre aparece”.
72. “Nem toda a verdade se diz”.
73. “Mate dois coelhos com uma cajadada só”.
74. “Está na hora da onça beber água”.
75. “Não há mal que sempre dure, não há dor que não se cure”.
76. “Desgraça pouca é bobagem”.
77. “De médico e louco, todo mundo tem um pouco”.
78. “Fia-te na virgem e não corras verás o tombo que levas”.
79. “Guarda hoje para teres amanhã”.
80. “Impossível é achar agulha no palheiro”.
81. “Amor com amor se paga”.
82. “Mais vale perder um minuto na vida do que a vida num minuto”.
83. “Nem tanto ao mar nem tanto à terra”.
84. “Nem só de pão vive o homem”.
85. “Nem tudo que vem na rede é peixe”.
86. “Não diga que desta água não beberei”.
87. “O saber não ocupa lugar”.
88. “O seguro morreu de velho”.

89. “O segredo é alma do negócio”.
90. “O bom filho à casa torna”.
91. “O que é barato sai caro”.
92. “O sol nasce para todos”.
93. “O trabalho não mata ninguém”.
94. “Pau que nasce torto morre torto”.
95. “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”.
96. “Paga o justo pelo pecador”.
97. “Palavra puxa palavra”.
98. “O peixe morre pela boca”.
99. “Perguntar não ofende”.
100. “Crie a fama e deite na cama”.
101. “Quem tem telhado de vidro não atira pedras no vizinho”.
102. “Quem semeia ventos colhe tempestades”.
103. “Cada macaco em seu galho”.
104. “Quem casa quer casa”.
105. “Quem mais tem mais quer”.
106. “Quem cala consente”.
107. “Quem não chora não mama”.
108. “Não cutuca a onça com vara curta”.
109. “Quem canta seus males espanta”.
110. “Quem quer faz, quem não quer manda”.
111. “Quem tem boca vai a Roma”.
112. “Quanto mais alto se sobe mais alto se cai”.
113. “Quem entra na chuva é para se molhar”.
114. “Quem comeu a carne que roa os ossos”.
115. “Quem não semeia não colhe”.

116. “Promessa é dívida”.
117. “Rir é o melhor remédio”.
118. “Recordar é viver”.
119. “Santo de casa não faz milagre”.
120. “Tempo é dinheiro”.
121. “Tudo o que não mata engorda”.
122. “Vaso ruim não quebra”.
123. “Comprar gato por lebre”.
124. “A voz do povo é a voz de Deus”.
125. “Onde canta o galo não canta a galinha”.
126. “Pôr o carro à frente dos bois”.
127. “Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo”.
128. “Casa roubada, trancas à porta”.
129. “Manda quem pode, obedece quem tem juízo”.

130. “Todo problema contém a semente da sua própria solução”.
131. “A simplicidade é o último degrau da sabedoria”.
132. “Muitos recebem conselhos. Só os sábios tiram proveito”.
133. “Se você pensar que vai fracassar, fracassará”.
134. “O rio atinge os seus objetivos porque aprendeu a contornar os obstáculos”.
135. “Vencedor é aquele que vence a si mesmo”.
136. “O orgulho é o terrível adversário da humildade”.
137. “Lembre-se que o mundo não foi feito apenas para você”.
138. “Você é o único responsável pelo mal ou pelo bem que acontece em sua vida”.
139. “Ninguém pode ser feliz trazendo infelicidade aos que o rodeiam”.
140. “O trabalho enriquece e dignifica a vida dos homens”.
141. “A ignorância é o primeiro degrau do saber”.
142. “O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano”.
143. “Repare os seus defeitos, antes de corrigir os alheios”.
144. “A dor e o sofrimento são as escolas das virtudes”.
145. “A esperança sustenta o homem, levantando-o em suas quedas”.
146. “O homem é aquilo em que acredita”.
147. “O mundo está cheio de pessoas que têm o sorriso nos lábios e o veneno no coração”.
148. “Nunca magoe uma pessoa por sua própria ignorância”.
149. “Há batalhas na vida que é melhor dá-las por vencidas do que vencê-las”.
150. “Muitos se queixam de não terem sapatos, enquanto, outros, não têm os pés”.
151. “Nem sempre o rico é sábio, mas o sábio é sempre rico”.
152. “Deseja o bem dos outros, tanto quanto deseja o seu próprio bem”.
153. “Não espere que as coisas aconteçam. Trabalhe, dando o melhor de você”.
154. “Olhemos sempre para a meta e não para o início da caminhada”.
155. “Paciência é uma árvore de raízes amargas, mas de frutos doces”.
156. “O sorriso e a felicidade abrem portas em que a tristeza não pode penetrar”.
157. “Um livro é o nosso melhor amigo”.
158. “A inveja é um sentimento que existe no coração dos inferiores de espírito”.
159. “O pior dos defeitos é imaginar-se isento deles”.
160. “Não converta seus ouvidos num paiol de boatos”.
161. “Há mais felicidade em dar do que em receber”.
162. “Não procures a felicidade fora de ti. Ela habita em ti desde a eternidade”.

163. “O sábio não satiriza o ignorante. Esclarece-o fraternalmente”.
164. “A árvore da vida deve ser regada pela fonte da bondade”.
165. “Os fatos não deixam de existir simplesmente por serem ignorados”.
166. “A língua mais silenciosa pode ser a amiga mais verdadeira”.
167. “Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam”.
168. “Entre o nascimento e a morte existe um pequeno intervalo. Aproveite-o!”.
169. “O segredo do sucesso está em trabalhar com satisfação”.
170. “O homem só é feliz de verdade, quando é capaz de sentir gratidão”.
171. “Somos responsáveis por nossa tragédia e por nossa glória”.
172. “Somente chega a entender a vida quem compreende a dor”.
173. “Só a consciência tranqüila dá sono calmo”.
174. “Um amigo é um presente que você dá a si mesmo”.
175. “Aprender sem pensar é inútil; pensar sem aprender, perigoso”.
176. “A felicidade gosta de entrar em lares nos quais reina o bom humor”.
177. “Aprendi ser feliz limitando meus desejos, ao invés de tentar satisfazê-los”.
178. “Em vão procurar a felicidade fora de nós, se não possuímos sua fonte dentro de nós”.
179. “Há duas fontes perenes de alegria: o bem realizado e o dever cumprido”.
180. “A amizade é como a saúde: só depois de perdida se aquilata o seu valor”.
181. “Só vemos nossos próprios erros através dos olhos dos outros”.
182. “A experiência e a roupa alheias nunca nos servem de todo”.
183. “Coragem é resistência ao medo, domínio do medo, e não ausência de medo”.
184. “Não tenha medo de errar, contanto que não cometa duas vezes o mesmo erro”.
185. “As crianças necessitam mais de exemplos que de censuras”.
186. “Quem abre uma escola fecha uma prisão”.
187. “A alma não pode ter segredos que a nossa conduta não revele”.
188. “A reputação é como fogo: se apaga é difícil acendê-lo”.
189. “É preferível saber poucas coisas muito bem, a saber muitas coisas muito mal”.
190. “O sábio procura o que está nele próprio; o tolo, o que está fora dele”.
191. “Só o conhecimento traz o poder”.
192. “A dúvida por hábito é defeito; a dúvida por princípio é qualidade”.
193. “A maior punição do homem é o remorso”.
194. “Alegramo-nos com os erros alheios como se eles justificassem os nossos”.

195. “As melhores pessoas são sempre, a nosso ver, aquelas que se parecem conosco”.
196. “Antes de começar a reformar o mundo, dá três voltas em torno de sua própria casa”.
197. “Aquele que não evita o vício fará dele o seu suplício”.
198. “Nada existe permanente a não ser a mudança”.
199. “O amor-próprio é o maior de todos os bajuladores”.
200. “Para o triunfo do mal basta que os bons fiquem de braços cruzados”.
201. “Em determinadas situações, o silêncio é a melhor resposta”.
202. “A única maneira de ter amigos é ser amigo”.
203. “Todo o homem é arquiteto de sua própria sorte”.
204. “A esperança é a arte de ser feliz sem a felicidade”.
205. “Difícil é ganhar um amigo em uma hora; fácil é ofendê-lo em um minuto”.
206. “A persistência é o caminho do êxito”.
207. “A verdade nunca é injusta; pode magoar, mas não deixa ferida”.
208. “Mais vale calar o que sentimos que manifestar a quem não possa compreender”.
209. “As pessoas são solitárias porque constroem paredes ao invés de pontes”.
210. “Censura teus amigos na intimidade; elogia-os em público”.
211. “Depois de consumido pelo fogo, o capim dos campos torna a brotar”.
212. “Deus não impõe ao homem nenhuma carga superior às suas forças”.
213. “Ensina cedo aos teus filhos que o pão dos homens é feito para ser dividido”.
214. “Nada agrava mais a pobreza do que a mania de parecer rico”.
215. “Não declares que as estrelas estão mortas só porque o céu está nublado”.
216. “Não te atormentes pelo que passou. Volta-te para as coisas vindouras”.
217. “Nenhum gesto de gentileza, por menor que seja, é perdido”.
218. “Nunca acendas um fogo que não possas apagar”.
219. “Nunca é tão fácil perder-se como quando se julga conhecer o caminho”.
220. “O espírito se enriquece com aquilo que recebe; o coração, com aquilo que dá”.
221. “O homem ocioso é como água parada: corrompe-se”.
222. “O orgulho é o caminho do erro”.
223. “O tempo, às vezes, tarda em dar razão a quem a tem; mas acaba por dá-la”.
224. “O único lugar aonde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário”.
225. “O verdadeiro amor nunca se desgasta. Quanto mais se dá, mais se tem”.

226. “Os primeiros passos são inúteis quando não se percorre o caminho até o fim”.
227. “O rosto é o espelho da alma”.
228. “Quem abre o coração à ambição, fecha-o à tranquilidade”.
229. “Só percebemos o valor da água depois que a fonte seca”.
230. “Um bom arrependimento é a melhor medicina para as enfermidades da alma”.
231. “Uma palavra amiga, muitas vezes, une um coração despedaçado”.
232. “Amar é regozijar-se com a felicidade do outro e dela fazer a sua própria felicidade”.
233. “Quando o amor quer falar, a razão deve calar-se”.
234. “Consciência é a capacidade de discernir o bem e o mal”.
235. “Deus não escuta a voz, mas o coração”.
236. “Esperança é a arte de ser feliz sem a felicidade”.
237. “Cada coisa tem sua hora e cada hora o seu caminho”.
238. “Não te atormentes pelo que passou. Volta-te para as coisas vindouras”.
239. “Quando Deus fecha uma porta, ele pode estar abrindo uma janela”.
240. “Quem não crê em si mesmo, nunca poderá crer em Deus”.
241. “Coisas impossíveis, é melhor esquecê-las do que desejá-las”.
242. “Encontrar defeitos é fácil, mas fazer melhor pode ser difícil”.
243. “Quem abre o coração à ambição, fecha-o à tranquilidade”.
244. “A satisfação está no esforço feito para alcançar o objetivo e não em alcançá-lo”.
245. “Amoldar-se à dor é vencê-la”.
246. “O homem não é velho enquanto está buscando alguma coisa”.
247. “Nas horas graves, os olhos ficam cegos; é preciso então enxergar com o coração”.
248. “O grande homem é aquele que não perdeu a candura de sua infância”.
249. “Quem não evita as faltas pequenas, pouco a pouco cai nas grandes”.
250. “A monotonia é a morte. A vida está na variedade”.
251. “Cada um precisa caminhar com seus próprios pés para aprender a viver”.
252. “Tudo amadurece ao seu tempo e dá frutos na hora certa”.
253. “Nossos fracassos são, às vezes, mais frutíferos que os êxitos”.
254. “O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza dos seus sonhos”.
255. “Quanto maior for a crença em seus objetivos, mais depressa você os conquistará”.
256. “Não acrescente dias à sua vida, mas vida aos seus dias”.
257. “A morte do homem começa no instante em que ele desiste de aprender”.
258. “O único homem que não erra é aquele que não faz nada”.

259. "Se a sorte está contigo, para que pressa? Se a sorte está contra ti, para que pressa?"
260. "Ninguém experimenta a profundidade de um rio com os dois pés".
261. "A união do rebanho obriga o leão a ir dormir com fome".
262. "A inveja só consegue roer seu próprio coração".
263. "Pagamos caro pela experiência que podíamos ter obtido de graça dos outros".
264. "A pessoa que busca vingança deveria cavar duas sepulturas".
265. "Ama o teu vizinho... mas não derrubes a cerca que separa as vossas casas."
266. "Deus ajuda aqueles que se ajudam a si mesmos".
267. "Onde há uma vontade, há um caminho".
268. "Quem estuda e não pratica o que aprendeu é como o homem que lava e não semeia".
269. "Podemos escolher o que semear, mas somos obrigados a colher aquilo que plantamos".
270. "Ser pedra é fácil, difícil é ser vidraça".
271. "É difícil fazer um amigo num ano; mas é fácil perdê-lo numa hora".
272. "Aquele que não gosta de ler é igual ao que não sabe ler".
273. "A adversidade é um espelho que reflete o verdadeiro eu".
274. "Seja lento na promessa e rápido no desempenho".
275. "Não compense na ira o que lhe falta na razão".
276. "As bênçãos chegam uma de cada vez, a desgraça vem em grupo".
277. "Dar a um filho mil potes de ouro não é o mesmo que lhe ensinar um ofício".
278. "Antes de começar o trabalho de mudar o mundo, dê três voltas dentro de sua casa".
279. "O segredo para se andar sobre as águas e saber onde estão as pedras".
280. "Uma grande fortuna se faz com sorte, uma pequena, com esforço".
281. "Os ausentes estão sempre errados".
282. "Aquele que acumula muitos tesouros tem muito a perder".
283. "Aquele que tem medo de perguntar envergonha-se de aprender".
284. "O melhor espelho é o olhar de um amigo".
285. "Começar já é a metade de toda a ação".
286. "Se o camelo não se ajoelhasse, ninguém lhe punha carga em cima".
287. "Meia-verdade é mentira inteira".
288. "O homem que planta árvores ama outras pessoas além de si mesmo".
289. "Não merece o doce quem não provou o amargo".
290. "A ira é má conselheira".
291. "Só o tolo cai no mesmo buraco duas vezes".
292. "Nenhum caminho de rosas conduz à glória".
293. "Desconfiança é a mãe da segurança".

294. "Quem deixa de ser amigo, nunca o foi".
295. "A paciência é uma árvore de raiz amarga, mas de frutos muito doces".
296. "Voltar atrás é melhor que se perder no caminho".
297. "As palavras, como as abelhas, têm mel e ferrão".
298. "A gente tropeça sempre nas pedras pequenas. As grandes, a gente logo enxerga".
299. "A alma não tem segredo que o comportamento não revele".
300. "Reaja inteligentemente mesmo a um tratamento não inteligente".

Lembre-se sempre:

As fábulas e os ditados foram consagrados após a constatação da experiência vivida e comprovada através de centenas de anos.

Assim, não podemos desprezar este tesouro de sabedoria. Ao contrário, as fábulas e os ditados são como uma fonte de juventude para o nosso cérebro e para o nosso aprimoramento pessoal e profissional.

Eles podem nos poupar de muitos sofrimentos e frustrações, alavancar nosso progresso, antecipar nosso futuro, melhorar nossas relações, ajudar a resolver nossos problemas e assegurar maior felicidade.

Existem milhares de fábulas e ditados.

Adquira o hábito de lê-los e interpretá-los. Mas, principalmente, procure incorporar em seus hábitos de vida e em seu comportamento esta riqueza de sabedoria.

FIM